

Como seria se soubéssemos o que
o amanhã nos reserva?
Nós o consertaríamos?
Será que conseguiríamos?

Da autora best-seller #1 de P.S. Eu Te Amo
com mais de 20 milhões de livros vendidos

Cecelia Ahern

O Livro do Amanhã



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Sumário

Capa

Sumário

Folha de Rosto

Créditos

Agradecimento

Dedicatória

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Notas

Como seria se soubéssemos o que o amanhã nos reserva?
Nós o consertaríamos?
Será que conseguiríamos?

Cecelia Ahern

O Livro do Amanhã

Tradução
Alda Porto

Editora Novo Conceito

Copyright © Cecelia Ahern 2010
Copyright © 2013 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2013

Edição: Edgar Costa Silva
Produção Editorial: Lívia Fernandes, Tamires Cianci
Preparação de Texto: Ana Issa
Revisão de Texto: Sylmara Beletti, Helô Beraldo (coletivo pomar), Alline Salles
Diagramação: Futura, Vanúcia Santos
Diagramação ePub: Lucas Borges

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ahern,Cecelia
O livro do amanhã / Cecelia Ahern; tradução Alda Porto Santos. -- Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito Editora, 2013.

Título original: The book of tomorrow.
ISBN 978-85-8163-034-2
eISBN: 978-85-8163-212-4

1. Ficção irlandesa I. Título.
12-15140 | CDD-ir823.9

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura irlandesa ir823.9



Rua Dr. Hugo Fortes, 1.885 — Parque Industrial Lagoinha
14095-260 – Ribeirão Preto – SP
www.editoranovoconceito.com.br

David, Mimmie, Pai, Georgina, Nicky, Rocco e Jay (e Star, Doggy e Sniff), sinto como se não pudesse acordar de manhã sem vocês, muito menos escrever um livro. Obrigada por me segurarem as mãos durante este longo, emocionante e intrigante caminho. “Sigamos em frente?!”

Aos dias de ontem, hoje e aos de amanhã, que mal consigo esperar... Obrigada!

Aos Kelly (alguém ainda escreverá um livro sobre vocês), Ahern, Keoghan, meus queridos amigos de tempo integral e terapeutas de tempo parcial. Obrigada!

Marianne Gunn O’Connor, obrigada!

Vicki Satlow, Pat Lynch, Liam Murphy, Anita Kissane, Gerard O’Herlihy, Doo Services, obrigada!

Lynne Drew, Claire Bord, meus livros não seriam o que são sem seus comentários, conselhos e orientação. Obrigada, obrigada!

Amanda Ridout, há uma cadeira vazia, na mesa onde “tudo é possível” e você fará falta. Por seu incentivo e sua crença em mim, obrigada!

Ao exército inteiro da HarperCollins, por trabalhar tão duro em tantas ideias excitantes e fantasticamente inéditas. Tenho extraordinária sorte por fazer parte da equipe. Obrigada!

Fiona McIntosh, Moira Reilly e Tony Purdue, gosto demais de nossas longas viagens de carro! Obrigada!

Quero homenagear Killeen Castle. Apesar de meu livro não tratar de Killeen, eu procurava um cenário para a história e, de repente, encontrei esse lugar extraordinário. Algo surgiu de repente em minha mente e começou a se formar um mundo inteiro para Tamara e sua família. Obrigada àqueles em Killeen Castle por, embora sem o saber, destrancarem o mundo para *O Livro do Amanhã*.

Aos livreiros, pelo incrível apoio. Em *O Livro do Amanhã*, partilho minha crença na magia dos livros, pois creio que eles devam conter algum tipo de recurso subliminar que lhes permita atrair os leitores, e não o contrário. Acredito que os livreiros sejam os casamenteiros. Obrigada!

Para Marianne,
que se move tão silenciosamente, mas causa o ruído certo.
Para meus leitores,
obrigada por confiarem em mim.

Capítulo 1

Campo de Botões

Dizem que uma história perde algo cada vez que é contada. Se assim for, esta nada perdeu, pois a contarei pela primeira vez.

Trata-se de uma história que, para lê-la, algumas pessoas terão de afastar a descrença. Se isso não estivesse acontecendo comigo, eu me incluiria entre elas.

Muitas não precisarão se esforçar para acreditar, pois já tiveram as mentes abertas, destrancadas por qualquer tipo de chave que as faz acreditar. Estas nasceram assim ou, ainda bebês, quando as mentes assemelham-se a pequenos botões, nutriram-nas até se abrirem, aos poucos, as pétalas e as prepararam para que a própria natureza da vida as alimentasse. Com o cair da chuva e o brilho do sol, elas se mantêm em contínuo desabrochar; com as mentes assim abertas, passam pelas circunstâncias da vida decididas e tolerantes, veem luz na escuridão, possibilidades em becos sem saída, experimentam vitória quando outras expressam fracasso, questionam quando outras aceitam. Apenas menos embotadas, menos cínicas. Com menos probabilidade de entregarem os pontos. Em outras pessoas, as mentes se abrem mais tarde na vida, pela tragédia ou pelo triunfo. Ambos funcionam como a chave que abre e ergue a tampa daquela caixa que sabe-tudo e aceitam o desconhecido, dizem adeus ao pragmatismo e às linhas retas.

Por outro lado, existem aquelas cujas mentes não passam de um buquê de talos, dos quais brotam botões quando elas apreendem uma nova informação — um novo botão para cada novo fato —, mas nunca se abrem, jamais florescem. Trata-se das pessoas de letras maiúsculas e pontos finais, mas nunca de pontos de interrogação e elipses...

Meus pais são dessa espécie de pessoas. O tipo sabe-tudo. O tipo “se não consta de um livro ou não se ouviu falar a respeito em lugar algum antes: não

seja ridículo!”. São pensadores lineares com as cabeças cheias de botões das mais belas cores, tão bem cuidados e tão deliciosamente perfumados, mas que nunca se abriram, nem se mostraram leves ou delicados o suficiente para dançar com a maré; corretos e rígidos, tão prosaicos que permaneceram botões até o dia da morte.

Bem, minha mãe não morreu.

Ainda não. Não em termos médicos, mas, embora ela não esteja morta, com certeza não está viva. Parece um defunto ambulante que murmura com os lábios fechados de vez em quando, como se para testar se continua viva. De muito distante, você consideraria que ela está muito bem. Mas, de perto, nota-se que o batom rosa-shocking revela-se um pouquinho irregular e que tem os olhos cansados e sem vida, como uma daquelas casas de estúdio dos programas de TV — tudo fachada, nada de substância. Circula pela casa, desloca-se de um cômodo a outro de penhoar com mangas em forma de sino pendendo ondulantes, como se ela fosse uma jovem beldade do sul norte-americano em *E o Vento Levou...*, com todas as incessantes preocupações adiadas para o dia seguinte. Apesar de seu gracioso deslizar de cisne ao se deslocar entre um quarto e outro, ela esperneia furiosa sob a superfície, em violenta agitação, na tentativa de manter a cabeça erguida, e nos lança um ou outro sorriso de pânico, para sabermos que ela continua ali, embora isso não nos convença.

Ah, não a culpo! Que luxo deve ser desaparecer, como ela fez, e deixar a todos os demais a tarefa de arrumar a bagunça e recuperar quaisquer fragmentos de vida que restaram.

Eu ainda não lhe disse uma coisa, você deve estar muito confuso.

Meu nome é Tamara Goodwin[1]. Uma dessas terríveis locuções, que desprezo. Ou é ou não é uma vitória. Como “triste perda”, “sol quente” ou “muito morto”. Duas palavras que aparecem juntas desnecessariamente, quando bastaria uma. Às vezes, quando dou meu nome, elimino uma sílaba: Tamara Good, o que constitui uma ironia, pois nunca fui nada boazinha, ou Tamara Win, o que sugere, em tom de brincadeira, uma sorte que simplesmente não existe.

Tenho 16 anos, é o que me dizem. Questiono minha idade agora porque me sinto com o dobro. Aos 14, sentia-me com 14. Agia como se tivesse 11 e queria ter 18. Mas, nos últimos meses, envelheci alguns anos. É possível isso? Botões fechados diriam que não, com um meneio da cabeça; mentes abertas responderiam “talvez”. “Tudo é possível”, acrescentariam. Bem, não é. Nem tudo é.

Não é possível trazer meu pai de volta à vida. Tentei, quando o encontrei estendido, morto, no chão de seu escritório — muito morto, de fato —, o rosto arroxeado, com um frasco de pílulas ao lado e uma garrafa vazia de uísque na escrivaninha. Embora eu não soubesse o que fazia, colei os lábios nos dele e pressionei seu peito várias vezes, furiosamente. Não funcionou.

Nem funcionou quando minha mãe se atirou sobre o caixão, no cemitério, durante o enterro e pôs-se a uivar e arranhar a madeira envernizada, enquanto o baixavam à terra — a qual, aliás, cobriu-se de um modo um tanto condescendente, com grama verde artificial, como se tentassem nos enganar de que não se tratava de solo bichado o lugar onde ele ficaria para o resto da eternidade. Embora eu admirasse mamãe por tentar, aquele colapso nervoso não o trouxe de volta.

Tampouco contaram as infindáveis histórias a respeito de papai, partilhadas na reunião em casa, durante a competição depois do enterro, em que amigos e família apertavam a campainha, prontos a mostrar quem o conhecia melhor: “Se acham engraçado, esperem até ouvir isso...”; “Uma vez, George e eu...”; “Jamais esquecerei quando George disse...”. Todos terminaram conversando entre si e derramaram lágrimas e vinho tinto no tapete persa novo de mamãe. Via-se que se esforçavam e, em certo aspecto, ele quase se encontrava na sala, mas não trouxeram papai de volta com aquelas histórias.

Nem funcionou quando mamãe descobriu que as finanças de papai gozavam de tanta saúde quanto o marido; o banco já decretara a ordem de retomada da posse de nossa casa e de todos os outros bens da família, o que obrigava mamãe a vender tudo — tudo — o que tínhamos para pagar as dívidas. Ele também não retornou nesse momento para nos ajudar. Então, eu soube que ele se fora de vez.

Partira mesmo. Quando percebi que papai ia nos deixar passar por tudo aquilo sozinhas — soprar o ar em seu corpo morto, deixar mamãe arranhar o caixão diante de todo mundo e, depois, nos observar destituídas de tudo o que já havíamos possuído —, tive absoluta certeza de que ele se fora para todo o sempre.

Que boa ideia da parte dele não permanecer a nosso lado por causa de tudo isso! Era tão horrível e humilhante que eu tenho certeza que ele temeria!

Se meus pais tivessem botões em flores, talvez, apenas talvez, pudessem ter evitado essa situação. Mas não tinham. Não se via luz no fim daquele túnel e, se algum dia se viu, foi a luz de um trem que se aproximava. Não imaginavam outras possibilidades nem outros meios de empreenderem as ações. Eram práticos e, na ocasião, não foi oferecida nenhuma solução prática a eles. Apenas fé, esperança ou alguma crença poderiam ter ajudado meu pai. Porém, ele não as tinha e, quando fez o que fez, nos levou consigo para aquela sepultura.

Fico intrigada em como a morte, tão sombria e final, faz brilhar uma luz no caráter de uma pessoa. As encantadoras histórias que ouvi a respeito de papai naquelas semanas eram infindáveis e comoventes, além de reconfortantes, e eu gostava de me envolver nelas; mas, para falar com toda sinceridade, duvidava de que fossem verídicas. Papai não era um homem virtuoso. Eu o amava, claro, mas sei que não era um homem bom. Raras vezes nos falávamos e, quando o fazíamos, a conversa consistia numa discussão sobre alguma coisa ou sobre o dinheiro que ele dava para se livrar de mim. Irascível, nos repreendia com frequência, tinha um temperamento inflamável, impunha suas opiniões aos demais e tinha uma atitude muito arrogante. Fazia as pessoas se sentirem sem graça, inferiores, e gostava disso. Devolvia o filé três ou quatro vezes num restaurante, sem dó, só para ver o garçom suar. Pedia a garrafa de vinho mais cara e depois alegava que tinha gosto de rolha apenas para aborrecer o dono do estabelecimento. Fazia queixas à polícia por causa do barulho em festas particulares em nossa rua que nem sequer ouvíamos e mandava encerrá-las só porque não nos convidavam.

Eu não disse nada disso no enterro, nem na reunião que teve em casa depois.

A verdade é que nem sequer abri a boca. Tomei uma garrafa inteira de vinho tinto e acabei vomitando no chão, perto da escrivaninha onde papai morrera. Mamãe me encontrou e me deu um tapa no rosto. Declarou que eu o arruinara. Não entendi se ela se referia ao tapete ou à memória de meu pai, mas, de qualquer maneira, tenho absoluta certeza de que ele mesmo estragou ambos.

Não estou amontoando aqui todo o ódio que sinto por meu pai. Eu era uma pessoa horrível, a pior filha possível. Eles me davam tudo e eu raras vezes agradecia. Ou, se o fazia, não tinha a intenção de agradecer. Na verdade, acho que não sabia o que significava ser grata. "Obrigada" constitui um sinal de agradecimento. Papai e mamãe me falavam continuamente dos bebês que morriam de fome na África, como se fosse uma forma de me fazer apreciar alguma coisa. Ao relembrar isso, acho que a melhor maneira de me fazerem apreciar algo, talvez, fosse não terem me dado nada.

Morávamos numa mansão contemporânea de 650 metros quadrados, seis quartos, com piscina, quadra de tênis e uma praia particular em Killiney, na região de Dublin, Irlanda. Meu quarto ficava no lado oposto ao do aposento de meus pais e tinha uma varanda com vista panorâmica para a praia, a qual eu acho que nunca apreciei. Tinha um banheiro completo com chuveiro, banheira Jacuzzi, uma TV de plasma — *TileVision*, para ser precisa — na parede acima da banheira; um armário cheio de bolsas de grife, um computador, um *video game* e uma cama com dossel. Sorte a minha.

Agora, outra verdade: eu era um pesadelo de filha, grosseira, respondona, esperava que me dessem tudo e, pior ainda, achava que merecia tudo, apenas porque todos que eu conhecia mereciam. Não me ocorria, nem por um momento, que eles também não mereciam ter todas aquelas coisas.

Descobri um jeito de escapar do quarto, à noite, para me encontrar com os amigos: uma subida pela varanda do quarto e uma descida pela tubulação em direção ao telhado da piscina e, depois, alguns passos até o terreno. Havia uma área em nossa praia particular em que íamos beber. As meninas quase sempre tomavam Dolly Mixtures, um coquetel feito com um pouquinho do conteúdo de cada garrafa do armário de bebidas alcoólicas dos pais, para que eles de nada

desconfiassem. Os meninos bebiam qualquer cidra em que conseguissem pôr as mãos. Também ficavam com qualquer menina em que conseguissem pôr as mãos. Na maioria das vezes, essa menina era eu. Tinha um menino, Fiachrá, que roubei de minha melhor amiga, Zoey, cujo pai era um ator famoso. E — serei sincera —, só por causa disso, eu o deixava pôr a mão debaixo de minha saia por meia hora todas as noites. Imaginava que um dia chegaria a conhecer o pai dele, mas jamais o conheci.

Meus pais julgavam importante que eu conhecesse o mundo e outras culturas. Repetiam sem parar a afortunada condição de vida de que eu desfrutava por morar naquela enorme casa à beira-mar, e, para me ajudar a apreciar o mundo, passávamos os verões em nossa mansão em Marbella, Espanha, o Natal em nosso chalé de Verbier, nos Alpes suíços, e a Páscoa no Ritz de Nova York, numa viagem de compras. Um Mini Cooper conversível pink, com meu nome, me esperava em meu décimo sétimo aniversário, e um amigo de meu pai, que tinha uma gravadora, também me esperava para me ouvir cantar e talvez me contratar. Ainda que, depois que ele apalpou minha bunda, jamais quisesse passar sequer um instante a sós com ele num aposento. Nem se fosse para ser famosa.

Mamãe e papai participavam de eventos beneficentes o ano inteiro. Mamãe gastava mais nos vestidos do que nas doações às obras de caridade e, duas vezes por ano, passava as compras impulsivas, que nunca usava, para a cunhada, Rosaleen, que morava no campo — caso algum dia Rosaleen viesse a sentir a necessidade de ordenhar vacas num vestido de verão Pucci.

Sei agora — agora que não fazemos mais parte do mundo em que antes vivíamos — que não éramos pessoas muito boas. Acho que, em algum lugar sob a impassível superfície de minha mãe, ela também sabe. Não éramos pessoas más, apenas não éramos boas. Nada oferecíamos a qualquer pessoa no mundo, mas recebíamos um tremendo quinhão.

Não merecíamos isso, contudo.

Antes, eu nunca pensava no amanhã. Vivia no aqui e agora. Queria isso já, queria aquilo agora. Na última vez em que vi meu pai, gritei com ele, disse que o

detestava e depois bati a porta em sua cara. Nunca recuei um passo, nem dei um passo fora do meu mundinho, para pensar por que cargas-d'água eu dizia ou fazia tais coisas, e o que era magoar outra pessoa. Disse a papai que jamais queria vê-lo de novo e jamais o vi. Nunca pensei no dia seguinte, nem na possibilidade de que aquelas seriam as últimas palavras que dirigia a ele, nem que aquele seria meu último momento com ele. É demais da conta isso tudo com que tenho de lidar. Tenho montes de ações pelas quais preciso me perdoar. Vou levar tempo para conseguir.

Mas hoje, por causa da morte de papai e por causa do que ainda tenho de partilhar com você, não me resta outra opção senão pensar no amanhã e em todas as pessoas que o influenciam. Agora, me alegro quando acordo e vejo que existe um amanhã.

Perdi meu pai. Ele perdeu seus amanhãs e eu perdi todos os nossos amanhãs juntos. Agora, pode-se dizer que os aprecio quando chegam. Agora, quero torná-los o melhor que puderem ser.

Capítulo 2

Duas Varejeiras Azuis

Para as formigas encontrarem a rota mais segura em busca de alimento, uma se retira do bando e continua sozinha à frente. Assim que encontra o caminho, esta formiga solitária deixa uma trilha química para as outras seguirem. Quando pisoteamos uma fileira de formigas ou, em termos menos psicóticos, interferimos de algum modo na trilha química, as deixamos enlouquecidas. As que ficam para trás rastejam, frenéticas de pânico, em círculos, e tentam voltar à trilha. Gosto de vê-las totalmente desorientadas, pois dão voltas em torno de si mesmas, trombam umas nas outras enquanto tentam descobrir para que lado seguir, e acabam por atravessar o caminho em linha reta, como se nada tivesse acontecido.

O pânico me faz lembrar de mamãe e de mim. Alguém interrompeu nossa linha, levou embora nosso líder, desfez a trilha e nossa vida mergulhou em completo caos. Penso — espero — que, com o tempo, encontraremos o caminho certo a tomar de novo. É preciso que uma formiga lidere as restantes. Acho, quando vejo que mamãe não quer participar, que cabe a mim tomar à frente.

Eu observava uma varejeira azul, ontem. No esforço de escapar da sala, não parava de voar de encontro à janela e batia a cabeça na vidraça repetidas vezes. Então, parou de se lançar e empacou numa pequena vidraça, zumbindo em círculos, como se tomada por um ataque de pânico. Era frustrante olhá-la, sobretudo porque, se houvesse voado uns centímetros mais para cima, teria se libertado. Mas continuava fazendo a mesma coisa inúmeras vezes. Eu imaginava sua frustração em ver as árvores, as flores, o céu e não conseguir alcançá-los. Tentei ajudá-la algumas vezes, guiá-la em direção ao vão da janela, mas ela fugia de mim e voava ao redor da sala. Acabou retornando à mesma janela e eu quase a ouvia dizer: “Bem, foi assim que entrei...”.

Pergunto-me se minha observação, ali da poltrona, assemelha-se à de Deus,

se é que existe Deus. Ele se recosta e vê a realidade mais ampla e clara, assim como eu via que se a varejeira azul apenas se deslocasse um pouco mais para cima, ficaria livre. Pergunto-me se Deus pode ver uma saída para mim e mamãe. Se eu vejo a janela aberta para a mosca, Deus vê os amanhãs para mim e mamãe. Essa ideia me consola. Bem, me consolou até eu sair da sala, retornar algumas horas depois e ver uma varejeira azul morta no parapeito. Talvez não fosse ela, mas, ainda assim... Então, para mostrar meu estado de espírito nesse momento, desatei a chorar... Depois, me enfureci com Deus porque, em minha mente, a morte da varejeira azul significava que mamãe e eu talvez nunca encontrássemos o caminho para sair dessa confusão. Que bem faz esse ser superior existente há tanto tempo, que tudo vê e, no entanto, nada faz para ajudar?

De repente, me dei conta de que eu era o deus nessa ocasião. Tentara ajudar a varejeira azul, mas ela não quis. Aí senti pena de Deus porque entendi sua frustração. Às vezes, quando as pessoas oferecem ajuda, esta é repelida. As pessoas querem ajudar a si mesmas sozinhas, primeiro.

Nunca pensara nessas coisas antes: Deus, varejeiras azuis, formigas. Preferia ser encontrada morta a ser vista sentada numa poltrona com um livro na mão e olhar fixo numa mosca suja que não para de se chocar contra a vidraça, em pleno sábado. Talvez tenha sido o que papai pensara nos momentos finais: prefiro ser encontrado morto no escritório a passar pela humilhação de tirarem tudo de mim.

Eu costumava passar os sábados na Topshop com minhas amigas. Experimentávamos absolutamente tudo e ríamos nervosas enquanto Zoey recheava a calcinha com o máximo de acessórios que conseguia pegar antes de sair da loja. Se não íamos à Topshop, passávamos o dia na Starbucks, tomávamos um copão de leite batido com gengibre e bolinhos de mel com banana. Tenho certeza de que estão fazendo isso agora.

Não tive notícias de ninguém desde a primeira semana em que cheguei aqui, com exceção de uma mensagem de Laura, antes de cortarem meu telefone, que me pôs a par de todas as fofocas. A maior era que Zoey e Fiachrá reataram o namoro e que tinham ficado juntos na casa dela, quando os pais foram passar o

fim de semana em Monte Carlo. O pai tinha um problema com jogo, coisa que a filha e o restante de nós adorávamos porque, quando passávamos a noite lá, os pais dela chegavam muito mais tarde do que os nossos. Em todo caso, parece que Zoey dissera que o sexo com Fiachrá doera mais do que quando a lésbica do time de hóquei batera entre suas pernas com o bastão, o que fora doloroso mesmo, acredite em mim — eu vi —, e ela não tinha a menor pressa de repetir a experiência. Enquanto isso, Laura me pediu que não contasse a ninguém, mas ia se encontrar com Fiachrá no fim de semana para fazer o mesmo. Esperava que eu não me importasse e, por favor, não contasse para a Zoey. Como se eu pudesse contar a alguém mesmo se quisesse, de onde estou.

Onde estou. Ainda não lhe contei isso, contei? Já falei da cunhada de mamãe, Rosaleen. Aquela a quem mamãe enchia o guarda-roupa de todas as compras impulsivas não usadas e com as etiquetas ainda penduradas em sacolas pretas. Rosaleen se casou com meu tio Arthur, irmão de mamãe. Eles moram numa antiga guarita reformada, anexa a um antigo castelo no campo, num lugar chamado Meath, no meio do nada e sem quase ninguém por perto. Nós os visitamos poucas vezes e eu sempre ficava morta de tédio. Levávamos uma hora e quinze minutos para chegar lá e o prédio sempre precisava de reparos. Eu os considerava os caipiras no fim do mundo. Chamava-os de Duo do Cafundó. Foi a única vez em que me lembro de papai rir de um de meus gracejos. Ele nunca nos acompanhava quando visitávamos Rosaleen e Arthur. Acho que jamais brigaram nem coisa que o valha, mas, como pinguins e ursos-polares, viviam em mundos distantes e diferentes demais para conseguir passar algum tempo juntos.

É uma graça de moradia, mede um quarto do tamanho de nossa antiga casa, mas é de um tamanho razoável e me lembra a da história de João e Maria. Construída de pedra calcária, a madeira ao redor das janelas e o telhado são pintados de verde-oliva. São três quartos no andar de cima, e uma sala de estar e a cozinha no térreo. Mamãe tem um banheiro, mas Rosaleen, Arthur e eu dividimos outro no segundo andar. Habituada a usar meu próprio banheiro, isso não me agrada muito, sobretudo quando tenho de ir depois de tio Arthur e sua sessão de leitura do jornal. Rosaleen é maníaca por limpeza e obcecada por arrumação; nunca para quieta, sempre está arrastando e limpando coisas,

borrifando produtos químicos no ar, citando palavras a respeito de Deus e seu legado. Eu disse para ela, uma vez, esperar que o legado de Deus fosse melhor do que o que nos deixara papai. Ela me olhou horrorizada e se afastou rápido para tirar a poeira de outro lugar.

Rosaleen tem a profundidade de uma taça de licor. Tudo sobre o que conversa é totalmente sem importância e desnecessário: o tempo; a triste notícia de uma pessoa infeliz no outro lado do mundo; a amiga, mais adiante na rua, que quebrou o braço; aquela outra amiga cujo pai só tem dois meses de vida ou a filha de alguém que se casou com um sujeito que vai deixá-la, mesmo estando grávida do segundo filho. Tudo não passa de desgraça, tristeza, seguida de algum tipo de declaração sobre Deus, como “Deus os ama”, “Deus é generoso” ou “Que Deus seja bom para eles”. Não que eu fale apenas coisas importantes, mas se tento conversar a respeito disso com mais detalhes, como chegar à raiz do problema, ela se vê sem quaisquer condições de continuar a conversa. Quer apenas falar do problema, não lhe interessa falar de como aconteceu, nem da solução. Ela me lança aquelas frases sobre Deus, me faz sentir como se eu houvesse dito algo que não devia ou como se fosse tão jovem que não entendo a realidade. Acho que ela traz essas coisas à tona só para não sentir que as evita e, uma vez proferidas, nunca mais as comenta de novo.

Acho que, em toda a vida, ouvi tio Arthur falar cinco palavras. Tenho a impressão de que mamãe passou a vida falando por ambos — não que ele partilhasse das opiniões nem de nada que a irmã dissesse. Hoje em dia, Arthur fala mais que mamãe. Tem uma linguagem toda sua, a qual, aos poucos, mas com certeza, aprendi a decifrar; ele se expressa por meio de grunhidos, meneios da cabeça e bufos nasais; uma espécie de inalação mucosa, algo que faz quando discorda de alguma coisa. Um simples “Ah!” e uma lançada da cabeça para trás significam que não se sentiu contrariado, por exemplo.

Assim transcorre um café da manhã típico. Arthur e eu nos sentamos à mesa da cozinha, e Rosaleen, como sempre, se move para lá e para cá, apressada, com uma travessa cheia de torradas, pratinhos de compota caseira, presunto e geleia de laranja. O rádio, como sempre, ligado num volume tão alto que ouço do meu quarto cada palavra dita pelo apresentador: algum locutor infeliz e irritante, de

fala monótona, anunciando as coisas terríveis que acontecem no mundo. Então, Rosaleen chega à mesa com o bule de chá.

— Chá, Arthur?

Ele joga a cabeça para trás como um cavalo ao tentar livrar a crina de uma mosca: quer chá.

E o sujeito no rádio comenta que se fechou mais uma fábrica na Irlanda e cem pessoas perderam os empregos.

Arthur inala e suga uma carga de muco pelo nariz, e, depois, garganta abaixo. Não gosta da notícia.

Rosaleen aparece à mesa e serve outro prato com uma pilha de torradas.

— Ah, mas não é terrível? Deus ama suas famílias. E os pequeninos, agora, com os papais desempregados.

— As mães também, você sabe — digo e pego uma torrada.

Ela me encara enquanto a mordo e arregala os olhos enquanto mastigo, o que me angustia. Parece a bruxa de João e Maria me observando ficar rechonchuda o bastante para poder me enfiar no forno, com as mãos atadas nas costas e uma maçã na boca. Bem que eu gostaria de uma maçã. Seria o alimento menos calórico que ela já me oferecera.

Engulo o que tenho na boca e largo o resto da torrada no prato.

Rosaleen sai novamente, decepcionada.

No noticiário, falam de algum novo aumento de imposto federal e Arthur inala mais muco. Se ouvir mais notícias ruins, não terá espaço para o café da manhã, com toda aquela secreção nasal. Embora tenha apenas 40 anos, parece e age como alguém muito mais velho. Dos ombros para cima, me faz lembrar de um camarão VG, sempre curvado sobre alguma coisa, seja comida, seja trabalho.

Rosaleen retorna com uma travessa com pratos típicos de um café da manhã irlandês: cereais, pão de soda, salmão, batata com cebola, entre outros, o suficiente para alimentar todos os filhos dos cem operários da fábrica que

perderam os empregos.

Arthur joga mais uma vez a cabeça para trás e, assim, expressa a satisfação que sente.

Rosaleen fica atrás de mim e me serve chá. Nada me daria mais prazer que um café com leite com uma pitada de gengibre; contudo, despejo o leite no chá forte e o tomo. Ela me vigia e não desvia os olhos até eu engolir tudo.

Não sei sua idade exata, mas a imagino no início dos 40, e faz sentido, mas tem a aparência de dez anos mais velha, qualquer que seja a idade. Parece uma mulher da década de 1940, naqueles vestidos florais em tons pastéis, abotoados até o meio, com anágua embaixo. Mamãe nunca usou anágua; raras vezes usava roupa íntima. Rosaleen tem cabelos castanhos no tom de rato pardo, sempre penteados para baixo, repartidos numa linha bem definida, no centro da cabeça, que revela as raízes grisalhas, curtos, na altura do queixo. Enfiava-os sempre atrás das orelhas róseas, como as de um camundongo à espreita. Nunca usa brincos nem maquiagem, mas sempre tem, pendurada no pescoço, uma fina corrente com um crucifixo, ambos de ouro. O tipo de mulher que minha amiga Zoey dizia dar a impressão de que jamais tivera um orgasmo na vida e me pergunto, ao cortar a gordura do bacon e enquanto Rosaleen arregala os olhos ao me ver em ação, se Zoey tivera algum orgasmo quando fez aquilo com Fiachrá. Então, visualizei o dano que lhe causara o bastão de hóquei e, no mesmo instante, duvidei.

Em frente à ex-guarita, do outro lado da estrada, há um bangalô. Não faço a menor ideia de quem mora ali, mas Rosaleen atravessa de lá para cá, todo dia, com pequenos embrulhos de comida. Pouco mais de três quilômetros adiante, na estrada, há uma agência de correio, que funciona na casa de alguém, e, na frente, no outro lado da estrada, localiza-se a menor escola que já vi na vida e que, ao contrário da minha, em Killeen, que tem atividades durante todas as horas o ano inteiro, fica inteiramente vazia durante o verão. Perguntei se oferecia aulas de ioga ou alguma outra e Rosaleen respondeu que ia me mostrar como fazer iogurte. Parecia tão satisfeita que não pude corrigi-la quanto a que me referia. Na primeira semana, observei-a fazer iogurte de morango. Na segunda, eu

continuava a comê-lo.

A antiga guarita, hoje a casa de Arthur e Rosaleen, protegia a entrada lateral do castelo de Kilsaney, nos anos 1700. O acesso principal ao castelo tem uma desusada entrada gótica de aspecto assustador, na qual imagino pendentes cabeças decepadas todas as vezes que passamos por ali. Construiu-se o castelo numa fortificação muito elevada de Norman Pale — a área sob controle normando e inglês, no leste da Irlanda, estabelecida após a invasão de Strongbow — em algum período entre 1100 e 1200, o qual, quando se pensa a respeito, parece meio vago. Trata-se da diferença entre mim e os tetranetos dos tetranetos dos tetranetos de meu ser, meio humanos, meio robôs, construindo alguma coisa. Em todo caso, um comandante militar normando o construiu, daí o motivo de eu pensar nas cabeças decepadas, porque faziam isso, não?

A área não se chama County Meath. Antes era East Meath e junto com Westmeath — surpresa, surpresa — formava uma província separada e a quinta da Irlanda, que era o território do Rei dos Reis, título com significado parecido com o de um imperador, antes do surgimento deste. A antiga sede do Rei dos Reis, a colina de Tara, fica a poucos quilômetros de distância. Aparece no noticiário o tempo todo agora, pois estão construindo uma rodovia perto. Tivemos de debater essa obra na escola há alguns meses. Eu fui “a favor” da construção da estrada porque pensei que o rei teria gostado de percorrer uma, em seu tempo, visto que facilitaria sua chegada ao gabinete sem que precisasse atravessar campos de estrume. Imagine a imundície nas nossas sandálias! Também disse que seria mais acessível aos turistas. Poderiam ir de carro até lá ou bater fotografias de ônibus com teto solar que se deslocavam a 120 quilômetros na via expressa. Embora minha intenção não passasse de ridicularizar o debate, nossa professora substituta se enfureceu, pois achou que eu, de fato, falava sério e ela fazia parte de um comitê formado para tentar impedir a construção da rodovia. É tão fácil provocar colapsos nervosos em professoras substitutas! Sobretudo nas que acreditam poder fazer algum bem aos alunos. Eu disse a você que eu era detestável!

Após o psicótico normando, vários lordes e damas moraram no castelo. Construíram estábulos e anexos ao redor do terreno. Apesar de objeto de

controvérsia, dizem que um lorde chegou a se converter ao catolicismo, depois de se casar com uma católica, e construiu uma capela como presente oferecido à família. Eu e mamãe ganhamos uma piscina de presente, mas cada uma a via como um prazer individual. Circunda a propriedade um muro da fome, projeto destinado a proporcionar trabalho aos que morriam de fome durante a fome da batata. Estende-se ao longo do jardim e da casa do casal, Arthur e Rosaleen, e me dá calafrios todas as vezes que o vejo. Se Rosaleen houvesse, algum dia, nos visitado para jantar, ela na certa teria iniciado a construção de um muro ao redor de nossa mansão, pois nenhuma de nós come carboidratos. Pelo menos, nunca comíamos carboidratos, agora comemos tanto que poderíamos abastecer com energia todas as fábricas que têm encerrado suas atividades.

Os descendentes dos Kilsaney continuaram a viver no castelo até a década de 1920, quando alguns conspiradores incendiários não se deram conta de que os habitantes eram católicos e nos rechaçaram com fogo. Depois disso, como moradia restou apenas uma pequena seção do prédio, pois não tinham recursos para reerguê-lo nem aquecê-lo, e então acabaram se mudando, na década de 1990. Não sei quem é o proprietário atual, mas o castelo encontra-se em péssimo estado de conservação: sem telhado nem escada, com paredes desmoronadas... dá para você ter uma ideia. Grande quantidade de matéria brota de seu interior e o que se locomove prolifera em volta. Aprendi tudo isso enquanto fazia um projeto sobre o lugar, na escola. Mamãe sugeriu que me hospedasse com Rosaleen e Arthur no fim de semana para pesquisar. Ela e papai tiveram, naquele dia, o maior arranca-rabo que já vi ou ouvi, e papai se enfureceu ainda mais quando mamãe pediu que eu me retirasse. A atmosfera ficou tão ruim que me alegrei por deixá-los a sós. Além disso, como mamãe tentou me fazer sair de casa, e isso realmente irritou papai, senti que era meu dever como filha tornar sua vida um inferno e apenas obedeci. Mas, na verdade, assim que cheguei na casa da minha tia, não me interessei em bisbilhotar ao redor e descobrir a história do lugar. O máximo que aguentei foi ficar com os dois para almoçar e, depois, fui ao toalete a fim de telefonar para minha babá filipina, Mae, que, desde então, tivemos de mandar embora, e fazê-la vir me buscar e me levar de volta para casa. Disse para Rosaleen que fiquei com dor de barriga e tentei não

rir quando ela me perguntou se eu achava que tinha sido por causa da torta de maçã.

Acabei copiando um ensaio sobre o castelo que tirei da internet. Fui chamada ao gabinete da diretora e ela me reprovou por plágio, atitude que considerei ridícula porque Zoey, num outro projeto que fizemos sobre o castelo de Malahide, roubou tudo da internet, mudou algumas palavras e datas, escreveu outras erradas, para parecer que não o copiara, e ainda tirou uma nota maior que a minha. Cadê a justiça?

Quarenta hectares de terra circundam o castelo. Arthur é o administrador desse terreno e, com 40 hectares para cuidar, sai de manhã bem cedo e volta às 17h30 em ponto, sujo como um mineiro de carvão. Nunca se queixa, nunca resmunga sobre o tempo, apenas se levanta, toma o café da manhã, enquanto se ensurdece com o rádio, e vai trabalhar. Rosaleen lhe dá uma garrafa de chá e alguns sanduíches para ele aguentar seguir em frente e ele raras vezes volta, exceto para pegar algo de que se esqueceu na garagem ou ir ao banheiro. É um homem simples, mas acho que nem tanto. Ninguém que fala tão pouco é tão simples quanto pensamos. Não dizer quase nada exige muito porque, quando você não está falando, está pensando, e ele pensa muito. Papai e mamãe falavam o tempo todo. Falastrões não pensam muito; suas palavras excluem qualquer possibilidade de ouvir as perguntas inconscientes como: “Por que você disse isso?”. “O que realmente acha?”

Eu ficava deitada o máximo de tempo possível, nas manhãs dos dias letivos e nos fins de semana, até Mae me arrastar da cama e eu espernear e gritar. Mas, aqui, acordo cedo. Cercada por tantas árvores gigantescas, o lugar enxameia-se de pássaros. Cantam muito alto e eu acordo sem me sentir cansada. Estou sempre de pé às 7 horas. Mae ficaria muito orgulhosa. As noites aqui também não são longas demais e, por isso, há uma pressão para eu me manter ocupada durante a luz do dia. Trata-se de uma enorme quantidade de horas para uma enorme quantidade de nada a fazer.

Papai decidiu em maio que, para ele, já bastava. Isso aconteceu pouco antes de minhas provas finais do Ensino Fundamental, o que me pareceu um tanto

injusto, pois, até então, se acreditava que era eu quem queria me matar. De qualquer modo, fiz as provas. Na certa, me saí mal, mas não dou a mínima e creio que ninguém se importe também. Ficarei sabendo dos resultados em setembro. Minha turma inteira compareceu ao enterro de papai o que, tenho certeza, eles adoraram, por ter um dia livre da escola. Com tudo isso acontecendo, você acredita que me senti bastante sem graça por chorar diante deles? Chorei mesmo assim, o que levou Zoey e Laura a irromperem em prantos. Uma menina da minha classe, chamada Fiona, com quem ninguém jamais conversava, me abraçou muito apertado e me deu um cartão da família, no qual dizia que todos sentiam muito pela minha perda. Fiona me deu também o número de seu celular e seu livro preferido, além de dizer que podia contar com ela sempre que eu precisasse de alguém para desabafar. Na ocasião, considerei meio inadequado ela querer se relacionar comigo no enterro de meu pai, mas, ao pensar a respeito — hábito que agora adquiri —, foi a coisa mais amável que alguém fez ou disse naquele dia.

Comecei a ler o livro na primeira semana em que me mudei para Meath. Era um tipo de história de fantasma sobre uma menina invisível a todos no mundo, inclusive à família e aos amigos, embora soubessem que ela existia. Apenas nascera invisível. Não vou revelar o resto, mas a personagem acaba por se tornar amiga de alguém que, de fato, a vê. Gostei da ideia e imaginei que Fiona tentava me dizer algo, porém, quando fui dormir na casa de Zoey e contei o que aconteceu para ela e Laura, ambas declararam se tratar da coisa mais estranha de que haviam ouvido falar e Fiona era mais esquisitona do que pensavam. Quer saber? Tenho achado cada vez mais difícil entendê-las.

Na primeira semana depois que nos mudamos para cá, Arthur me levou a Dublin de carro para eu poder passar a noite na casa de Zoey. A viagem durou mais de uma hora e não falamos sequer uma palavra. A única coisa que ele expressou foi:

— Rádio?

E quando assenti com a cabeça, ligou numa daquelas estações que apenas discorrem sobre os problemas do país e não tocam música alguma, e bufou

desdenhoso até o fim. Mas isso, pelo menos, era melhor que silêncio. Após passar a noite com Zoey e Laura — e criticá-lo a noite toda —, sentia-me confiante. De volta a meu antigo eu. Concordamos, as três, que ele e Rosaleen levavam uma vida que os tornava à altura do apelido Duo do Cafundó e que eu não devia deixá-los me arrastarem para aquela excêntrica existência. Significava que deveriam me permitir ouvir o que eu quisesse no carro. Mas, no dia seguinte, quando ele me pegou naquele imundo Land Rover, do qual Zoey e Laura com tanta obviedade não conseguiram parar de rir, me senti mal por Arthur. Eu me senti realmente mal.

Ter de voltar para uma casa que não era minha, dormir num quarto que não era meu, tentar falar com uma mãe que não parecia a minha me fizeram desejar agarrar-me a algo que, pelo menos, fosse conhecido. Fiz um estardalhaço no carro e disse a Arthur que queria ouvir outra coisa. Ele sintonizou na minha estação preferida durante apenas uma música e então se sentiu tão frustrado ao ouvir as Pussycat Dolls cantarem sobre a falta de tetas, que grunhiu e voltou ao programa de entrevistas. Por meia hora ouvimos uma mulher contar ao apresentador, aos prantos, pelo telefone, que o marido perdera o emprego numa fábrica de computadores, não conseguia arranjar outro e eles tinham quatro filhos para criar. Deixei os cabelos escorridos diante do rosto e só o que me restou fazer foi torcer para que Arthur não me visse chorar. Relatos tristes me incomodam mesmo agora. Ouvia-os antes, mas era meio insensível a eles. Simplesmente esse tipo de coisa não acontecia comigo.

Não sei por quanto tempo vamos morar aqui. Ninguém me respondeu. Arthur apenas não fala, minha mãe se fechou em copas e Rosaleen não tem capacidade de lidar com uma pergunta dessa magnitude.

Minha vida não tem seguido como planejei. Tenho 16 anos e, a essa altura, já devia ter feito sexo com Fiachrá, devia estar em nossa mansão de Marbella, devia nadar todos os dias, comer churrasco no jantar, confraternizar toda noite no clube noturno Angels & Demons e encontrar o cara número dois de quem eu gostasse e com quem quisesse dormir. (Se a primeira pessoa com quem eu dormir acabar sendo a que vai se casar comigo, acho que morro.) Em vez disso, moro na roça, numa antiga guarita reformada, com três pessoas loucas e as

quatro coisas mais próximas de nós são: um bangalô ocupado por gente que nunca vi, uma agência de correio instalada de fato na sala de estar de alguém, uma escola vazia e um castelo em ruínas. Não tem nada a ver com meu estilo de vida.

Ou assim eu pensava.

Prefiro começar a história a partir de quando cheguei aqui.

Capítulo 3

O Início Começou

A melhor amiga de mamãe, Barbara, nos levou de carro para nossa nova vida em Meath. Mamãe não disse uma única palavra durante todo o trajeto. Nem sequer uma palavra. Mesmo quando lhe faziam uma pergunta. Ora, que coisa insuportável! Fiquei tão frustrada que gritei com ela no carro; isso enquanto eu ainda tentava conseguir arrancar uma reação dela.

Tudo aconteceu porque Barbara se perdeu. O kit de navegação por satélite instalado em seu BMW X5 não reconheceu o endereço e nos dirigimos à cidade mais próxima que o sistema localizou. Ao chegarmos lá, um lugar chamado Ratoath, a motorista teve de recorrer ao próprio cérebro e não ao equipamento do SUV, ela preferia chamá-lo pelo acrônimo em inglês de Veículo Utilitário Esportivo. Ao que parece, Barbara não é uma grande intelectual. Após dez minutos ao volante e depois de percorrer estradas rurais com poucas casas e sem sinalização, vi que ela começava a ficar nervosa. Seguíamos por estrada, que, segundo o navegador, não existiam. Eu devia ter tomado isso como um sinal. Habituada a ir a algum lugar e não a percorrer estradas invisíveis, a amiga de mamãe começou a cometer erros: atravessava cruzamentos às cegas e guinava perigosamente para o outro lado da pista. Eu estivera lá apenas algumas vezes, por isso não pude ajudá-la, mas se traçou o seguinte plano: eu prestaria atenção à esquerda, à procura de antigas guaritas, e Barbara, à direita. Ela se irritou comigo, a certa altura, por não me concentrar, mas, na verdade, eu via que não se avistavam guaritas a, no mínimo, um quilômetro e meio, portanto não havia a menor necessidade de olhar. Ambas partilhávamos dessa situação. No ponto de ruptura, Barbara vociferou “foda-se tudo” ao ver que já rodávamos por “estradas fodidas que não existem”, logo, ela não entendia por que não podia ser “uma casa fodida sem um portão fodido”. Ouvir a palavra “foda” sair de sua boca revelou-se algo muito importante, levando em conta que “chatice” era sua

expressão habitual de irritação.

Mamãe poderia ter nos ajudado, mas apenas continuava ali sentada, sorria e olhava pela janela. Então, na tentativa de resolver o problema, curvei-me para frente e — tudo bem, não foi a coisa certa nem brilhante a fazer, mas, apesar disso, foi o que fiz — berrei em seu ouvido o mais alto que pude. Mamãe saltou de susto, tapou os ouvidos e, depois que o choque diminuiu, bateu repetidas vezes, com as duas mãos, na minha cabeça, com pancadas pesadas, como se eu fosse um enxame de abelhas. E também para me fazer sentir dor de verdade. Puxava meus cabelos, me arranhava, me estapeava e eu não conseguia me livrar dela. Barbara ficou tão transtornada que parou o carro e tentou arrancar suas mãos de mim. Depois saltou e começou a andar de um lado para o outro no acostamento, aos prantos. Eu também chorava e minha cabeça martelava nos lugares onde mamãe puxara os cabelos e arranhara. A última moda de onde venho é usar um penteado semelhante a um monte de feno, mas mamãe simplesmente o arruinou; fez com que eu parecesse alguém saído de um manicômio. Nós a deixamos no carro, sentada ereta, o olhar para frente e furiosa.

— Venha para cá, querida — disse Barbara, entre lágrimas, e me estendeu os braços.

Não precisava que me pedissem duas vezes por um abraço, desejava-o muito. Mesmo quando estava bem, mamãe não era do tipo abraçadora. Esquelética, sempre de dieta, tinha o mesmo relacionamento com comida que tinha com papai: adorava, mas não queria, na maioria das vezes, pois sentia que lhe fazia mal. Sei disso porque ouvi, sem querer, a conversa que teve com uma amiga às 14 horas, ao retornar de um almoço só de senhoras. Quanto a abraçar, porém, acho que apenas a deixa constrangida ter alguém fisicamente muito perto. Não era uma pessoa afetuosa e, por isso, não recebia afeto de mais ninguém. É parecido com os conselhos: você só pode dá-los se os tiver vivido. Não penso que isso significasse que ela não se importava. Nunca senti que não se importava. Bem, certo, talvez eu tenha sentido isso algumas vezes.

Barbara e eu ficamos ali, no acostamento, abraçadas, e chorávamos, enquanto ela não parava de se desculpar comigo dizendo como tudo isso era

injusto para mim. Quando saltara, deixara a traseira do carro enviesada em direção à estrada, por isso todos os carros que chegavam, após contornar a curva, buzinavam, mas nós os ignorávamos.

Relaxou-se, de algum modo, a tensão após o incidente. Sabe como as nuvens de tempestade acumulam-se quando vai chover? Isso é o que estivera ocorrendo conosco desde a partida de Killiney. Tudo continuou a aumentar de intensidade e, por fim, explodiu. Assim, ao sentirmos que todas haviam tido a chance de aliviar, ao menos em parte, as angústias, nos preparamos para o que nos aguardava. Só que não tivemos tempo, pois, assim que contornamos a curva seguinte, chegamos em nosso destino. Lar, doce lar. À direita, erguia-se um portão e, logo depois da estrada, à esquerda, ficava a casa. Avistamos Rosaleen e Arthur parados junto ao portão verde da casinha de *João e Maria*; esperavam ali sabe Deus há quanto tempo. Chegamos com quase uma hora de atraso. Se ambos pretendiam não parecer preocupados com a situação toda, deve ter sido quase impossível quando viram nossos rostos. Sem saber que nos achávamos tão próximas do lugar, não nos restou tempo suficiente para nos recompor. Barbara e eu tínhamos olhos inchados de tanto chorar; mamãe, sentada no banco da frente, exibia um olhar de trovão no semblante; e meus cabelos estavam para cima, bem mais desgrenhados que de hábito.

Nunca pensei em como deve ter sido difícil aquele momento para Arthur e Rosaleen. Estava tão ocupada pensando em mim mesma e em como eu não queria ficar lá, que nem uma vez me ocorreu que ambos abriam seu lar a duas pessoas com as quais não tinham o menor relacionamento. Deve ter sido incrivelmente exasperador para eles e eu nem os agradeci.

Barbara e eu descemos do carro. Ela foi até o porta-malas retirar a bagagem e, suponho, nos dar um momento a sós para cumprimentá-los. Fiquei ali parada olhando Arthur e Rosaleen, que continuavam em pé atrás do portãozinho giratório, e logo desejei que houvesse jogado migalhas de pão por todo o caminho até Killiney para poder voltar para minha casa.

Rosaleen passava o olhar de uma à outra, semelhante a um radiotelescópio tentando captar ao mesmo tempo o carro, mamãe, eu e Barbara. Cruzou as mãos

na frente do corpo, mas não parava de descruzá-las para alisar o vestido, como se participássemos do concurso de Bela Moça num *feis*, aquele tradicional festival de arte e cultura gaélicas. Mamãe abriu a porta, afinal, e saiu do carro. Parou no cascalho e ergueu os olhos para a casa. Então a raiva desapareceu, ela sorriu e mostrou a mancha de batom castanho-avermelhada nos dentes da frente.

— Arthur.

Estendeu os braços; parecia que tinha acabado de abrir a porta de casa e o recebia para um jantar.

Ele pigarreou e inalou o muco, a primeira vez que eu o ouvia, e me levou a fazer uma careta de nojo. Adiantou-se em direção à mamãe, que pegou suas mãos e o olhou, aquele sorriso estranho repuxou-lhe os lábios como uma plástica facial malfeita. Num movimento desajeitado, se curvou e apoiou a testa na dele. Arthur permaneceu ali um milésimo de segundo a mais que imaginei que ficaria; em seguida, lhe deu uma pancadinha na nuca e se desprendeu da irmã. Deu pancadinhas mais fortes na minha cabeça, como se eu fosse uma cadela *collie*, o que me bagunçou ainda mais os cabelos, e depois se dirigiu ao bagageiro para ajudar Barbara com as malas. Então me deixou, a mim e a mamãe, encarando Rosaleen, só que mamãe não a encarava. Inalava fundo o ar fresco, com os olhos fechados, e sorria. Apesar da situação depressiva, tive um pressentimento de que isso talvez lhe fizesse bem.

Na ocasião, não me preocupava tanto com ela quanto agora. Fazia apenas um mês desde o enterro de papai e ambas nos sentíamos entorpecidas e sem condições, na verdade, para dizer muita coisa uma para outra ou para mais alguém, a propósito. As pessoas se atarefavam tanto em falar conosco, em dizer coisas amáveis, quaisquer coisas que lhes passavam pela cabeça — quase como se buscassem nosso consolo e não o contrário —, que o comportamento de mamãe não se destacava muito. Ela apenas suspirava junto com todos os demais, vez por outra, e expressava breves palavras aqui e ali. Na verdade, enterro se parece um pouco com um jogo. Nós precisamos apenas participar, dizer a coisa certa e nos portar da maneira correta até terminar a cerimônia. Ser agradável, mas não sorrir demais; ficar triste sem exagero, senão a família se sentirá pior do

que está; ter esperança, mas não deixar que o otimismo seja interpretado como falta de empatia ou incapacidade de lidar com a realidade. Porque, se qualquer um fosse verdadeiramente sincero, haveria uma infinidade de discussões, dedos em riste, lágrimas, muco nasal e gritaria.

Acho que deveriam instituir prêmios Oscar da Vida Real. E o de Melhor Atriz vai para Alison Flanagan! Por percorrer o corredor principal do supermercado, segunda-feira passada, com o rosto coberto de maquiagem e os cabelos recém-escovados com secador de mão, apesar de ter vontade de morrer, e sorrir radiante a Sarah e Deirdre, da Associação de Pais, agindo como se o marido dela não tivesse acabado de deixá-la, e aos três filhos. Suba aqui e receba seu prêmio, Alison! O de Melhor Atriz Coadjuvante vai para a mulher por quem ele a deixou, a apenas dois corredores adiante, e que logo em seguida, e muito rápido, saiu do supermercado, esquecendo-se de dois itens para o preparo da lasanha preferida do novo namorado. O de Melhor Ator vai para Gregory Thomas, pelo desempenho no enterro do pai, com quem ele não falava há dois anos. O de Melhor Ator Coadjuvante vai para Leo Mulcahy, por fazer o papel de padrinho na celebração do casamento do melhor amigo, Simon, com a única mulher pela qual sentira, e sempre sentiria, amor verdadeiro. Suba e pegue a estatueta, Leo!

Era isso que eu imaginava que mamãe fazia: apenas participava do jogo, agindo como boa viúva, mas, depois, quando esse comportamento não mudou, quando parecia que ela de fato não sabia o que acontecia e usava as mesmas breves palavras, suspiros, em toda conversa, me perguntei se aquela atitude não passava de um blefe. Ainda me pergunto quanto dela continua de fato conosco e quanto mamãe apenas finge continuar, para não ter de lidar com isso. Percebia-se uma fissura nela, bastante compreensível, logo após a morte de papai, mas quando as pessoas pararam de olhá-la e retomaram as próprias vidas, a fissura não parou de aumentar, e parecia que eu era o único ser humano que conseguia vê-la.

Não somente porque o banco se revelara excepcionalmente injusto por nos chutar para fora de casa e encher nossos ouvidos, pois já informara a papai a data da retomada das propriedades, o que, junto com um “Adeus!”, era apenas outro

recado que ele se esquecera de nos dar. Portanto, ainda que nos tenha deixado ficar por muito mais tempo do que havia ameaçado, tivemos de sair em determinado momento. Mamãe e eu nos hospedamos numa antiga cavalariça nos fundos da casa de Barbara, transformada numa espaçosa moradia ocupada pela babá filipina, durante uma semana. Por fim, precisamos sair de lá também, pois Barbara tinha de passar o verão na casa deles em Saint-Tropez e temia, obviamente, que lhe roubássemos a prataria.

Embora eu dissesse que não estava tão preocupada com mamãe quando chegamos a essa antiga guarita, não significa que não estivesse preocupada. Minha sugestão, antes de chegarmos aqui, foi a de que ela procurasse um médico, mas agora começo a achar que deveria se internar num daqueles lugares onde as pessoas usam aventais o dia inteiro e balançam de um lado para outro nos corredores. Foi Barbara que sugeriu que mamãe deveria procurar o médico. Com uma atitude condescendente, ela me sentou na cozinha e disse que se chamava "luto" o que fazia mamãe agir daquele jeito. Aos 16 anos, dá para imaginar como fiquei maravilhada por aprender o significado da palavra pela primeira vez. Então, me acomodei para uma conversa sobre afagos íntimos, mas Barbara não se sentou. Em vez disso, me perguntou se eu faria o favor de sentar em sua mala enquanto ela fechava o zíper porque Lulu, a argamassa que lhe mantém a vida estruturada, levara as crianças para as aulas de equitação. Sentada na bojuda mala Louis Vuitton enquanto ela fechava o zíper sobre biquínis com estampas de zebra, sandálias de tiras douradas e ridículos chapéus, fiz um pedido para que a mala se rompesse de repente na esteira rolante no aeroporto de Saint-Tropez, e que seu vibrador caísse e rodasse zumbindo para todo mundo ver.

Assim, lá estávamos, no primeiro dia do resto de minha vida, diante da ex-guarita: mamãe de olhos fechados; Rosaleen me encarando com os excitados e enormes olhos verdes, lambendo, de vez em quando, os lábios com a pequena língua rosada; Arthur bufando cheio de muco, o que significava que não queria que ela carregasse malas; e Barbara o observando desnorteada, decerto tentava não vomitar ao ouvir aquele pigarro molhado de Arthur, vestida com um training largo, sandálias de dedo e exibia um rosto laranja como o dos pigmeus Oompa-Loompas, de *A Fantástica Fábrica de Chocolate*. Tinha aplicado um bronzeado

de aerossol naquela manhã.

— Jennifer! — Rosaleen afinal quebrou o silêncio.

Mamãe abriu os olhos e sorriu radiante, me pareceu que reconhecia a cunhada e sabia exatamente o que fazia. Se você não tivesse passado cada segundo do último mês com ela, como eu, acharia que ela estava ótima. Blefava muito bem.

— Seja bem-vinda! — Sorriu Rosaleen.

— Sim, obrigada! — Mamãe escolheu a resposta correta de seu arquivo de poucas palavras.

— Entrem, entrem, vou servir um chá — disse Rosaleen, com urgência na voz, como se todos fôssemos morrer se não tomássemos chá.

Eu não queria acompanhá-las. Não queria entrar, pois isso significaria que tudo começara. Isto é, a realidade. Nada mais de situações intermediárias, preparativos de enterro e edícula de Barbara.

Arthur, o camarão VG, passou apressado por mim e seguiu o atalho do jardim, carregado de malas. Era mais forte do que parecia.

A porta do bagageiro bateu e logo me virei. Nervosa, Barbara manuseava as chaves do carro e deslocava o peso do corpo de um pé calçado na sandália Louis para o outro. Ela me olhou, sem graça, enquanto resolvia como dizer que ia me deixar.

— Não notei que você também fez os pés — comentei, para encher o silêncio.

— É. — Ela baixou os olhos e mexeu os dedos dos pés como se para confirmar. Joias resplandeciam dos grandes dedos. Então, acrescentou: — Danielle nos convidou para um coquetel em seu iate, amanhã à noite.

A maioria das pessoas pensaria que essas duas frases não se associavam, mas entendi. Não se pode usar sapatos no iate de Danielle, por isso era feroz a competição das joias e unhas brancas. Aquelas mulheres encontrariam meios de pôr acessórios até nas rótulas, se fossem as únicas partes do corpo expostas.

Encaramos uma a outra em silêncio. Ela morria de vontade de ir embora. Eu queria ir embora com ela. Também queria ficar descalça na costa mediterrânea, enquanto Danielle flutuava em volta dos convidados, bebia uma taça de martíni com toda elegância e a segurava entre as pontas dos dedos franceses, um decotado vestido Cavalli, que lhe revelava seios tão espevitados quanto a azeitona recheada de pimentão boiando na taça, e, na cabeça, um chapéu de capitão enviesado, que a fazia parecer o Capitão Birdseye[2] travestido. Queria fazer parte daquilo.

— Você vai ficar bem, querida — ela disse, e eu senti sinceridade. — Com a família.

Olhei hesitante para trás, a casa de *João e Maria*, e tive vontade de chorar de novo.

— Ah, querida! — Barbara percebeu meu desespero e veio mais uma vez a meu encontro com os braços estendidos. Era boa mesmo em abraços, via-se que se sentia bem ao fazê-lo. Isso e seus implantes ajudavam, de forma perfeita, a acolchoar minha cabeça. Apertei-a de novo com força e fechei os olhos, mas ela se desprendeu um pouco antes do que eu desejava e mergulhei de volta na realidade.

— Muito bem. — Avançou devagar em direção ao carro e pôs a mão na maçaneta. — Não quero incomodá-los lá dentro, por isso diga...

— Entre, entre. — Saiu cantarolada a voz de Rosaleen da escuridão do corredor e ela impediu Barbara de entrar no carro. — Olá, você aí — apareceu a anfitriã na porta —, não quer entrar para uma xícara de chá? Me desculpe por não saber seu nome, Jennifer não me disse.

Ela teria que se habituar a isso. Jennifer não iria dizer muitas coisas.

— Barbara — respondeu nossa motorista, e notei que apertou com força a maçaneta da porta.

— Barbara. — Os olhos de Rosaleen brilhavam como os de um gato. — Uma xícara de chá antes de você tomar a estrada, Barbara? Também tenho uns pãezinhos quentes e geleia de morango, tudo feito em casa.

O rosto de Barbara se imobilizou num sorriso enquanto ela quebrava a cabeça para encontrar uma desculpa.

— Ela não pode entrar — respondi por ela.

Barbara olhou-me com gratidão e, em seguida, com culpa.

— Ah... — A animada expressão de Rosaleen se desfez, como se eu tivesse arruinado sua reunião de chá.

— Ela precisa voltar para casa e retirar, no banho, o bronzeado artificial — acrescentei. Eu lhe falei, sou uma pessoa horrível (ponha horrível nisso), e, para mim, embora eu não fosse responsabilidade de Barbara e ela tivesse vida própria, ainda assim ela estava me deixando para trás. — E seus pés ainda não secaram.

Encolhi os ombros.

— Ah! — Rosaleen parecia confusa, como se eu tivesse falado alguma língua estranha do período econômico Tigre Celta da Irlanda. — Café, então?

Desatei a rir e Rosaleen me olhou magoada. Ouvi Barbara estalar os saltos altos e passar por mim sem me olhar. Eu facilitaria sua saída. Ao lado de Rosaleen, Barbara, mesmo de *training* aveludado, com sandálias de salto alto e pescoço manchado de falso bronzeado, parecia uma espécie de deusa exótica. Então, se viu sugada pela casa, como quando uma planta carnívora acaba de agarrar uma borboleta.

Apesar de Rosaleen me lançar um olhar esperançoso, eu não conseguia entrar lá.

— Vou dar uma olhada em volta — disse.

Ela pareceu decepcionada, como se eu lhe tivesse negado algo precioso. Esperei que voltasse a entrar em casa e desaparecesse na escuridão do corredor, o que se assemelhava a outra dimensão, mas Rosaleen não se mexeu. Permaneceu na varanda, me observando, e me dei conta de que tinha de me afastar primeiro. Com seus olhos me queimando, desviei o olhar. Para que lado ir? À esquerda, ficava a casa; atrás, o portão que levava à estrada principal; à

direita, uma pequena trilha que conduzia à escuridão das árvores. Encaminhei-me para a estrada principal e segui em frente. Não me virei sequer uma vez, não queria saber se ela continuava ali. Quanto mais eu andava, porém, não sentia apenas Rosaleen me observando, mas também me sentia revelada, como se além das majestosas árvores alguém mais me vigiasse. A exata sensação que se tem quando nos intrometemos no mundo da natureza, a sensação de que não deveria estar ali, não sem um convite. Todas as árvores que ladeavam a estrada viraram a cabeça para me encarar.

Se homens vestidos de armadura aparecessem, a galope, em minha direção, não estariam deslocados. A propriedade impregnava-se de história abarrotada de fantasmas do passado e, agora, ali estava eu, apenas outra pessoa pronta para contar a sua. As árvores haviam visto tudo isso, no entanto, mantinham-se interessadas e, quando soprou a leve brisa de verão, as folhas sussurraram umas com as outras e emitiram os sons de lábios que cochichavam, sem jamais se entediar com a jornada de outra geração.

Segui pela estrada principal e, por fim, as árvores, distribuídas segundo um hábil plano paisagístico para ocultar o castelo, desapareceram. Embora fosse eu quem avançava em sua direção, o castelo, de repente, apareceu, como se houvesse se aproximado furtivamente de mim sem que eu o notasse; uma enorme pilha de pedras sorrateiras e argamassa nas pontas dos pés, com um dedo nos lábios para pedir silêncio, que parecia declarar que não desfrutara nem um pouco de diversão nos últimos cem anos. Interrompi a caminhada quando ele surgiu no campo visual. Como sou pequena diante desse enorme castelo! Parecia mais uma dominadora e autoritária ruína que um castelo, pois ali se erguia, na minha frente, com as cicatrizes expostas, todo ferido e coberto do sangue das batalhas. E também ali, parada, me senti uma sombra de quem eu era antes, com minhas cicatrizes expostas. Nos unimos no mesmo instante.

Examinamos um ao outro e me dirigi até ele, sem piscar uma única vez.

Embora pudesse ter entrado pelo buraco na parede lateral, achei que seria mais respeitoso entrar pela outra parte que a vida lhe arrancara, a que constituíra a entrada da frente. Respeitosa a quem, não sei muito bem, mas acho que eu

tentava atrair o lado mais suave do castelo. Parei na porta, uma respeitosa pausa, e entrei. No interior, havia muito verde e grande quantidade de escombros. Pairava, dentro das paredes, um misterioso silêncio e me senti como se entrasse sem permissão na casa de alguém. As ervas daninhas, os dentes-de-leão, as urtigas, todos pararam o que faziam para erguer os olhos. Não sei por que, mas desatei a chorar.

Assim como me sentira triste pela varejeira azul, me sentia triste pelo castelo, porém, em termos realistas, creio que me sentia, acima de tudo, triste por mim mesma. Pareceu que o castelo gemera e se lamentara quando o deixaram ficar ali, desintegrando-se, enquanto as árvores ao redor continuavam a crescer. Me aproximei de uma das paredes, as pedras eram ásperas e tão grandes que imaginei a força das mãos que as haviam carregado. Me agachei no canto, colei a orelha na pedra e fechei os olhos. Não sei o que pretendia ouvir, nem sei de fato o que fazia ao tentar reconfortar uma parede, mas, em todo caso, foi o que fiz.

Se eu contasse a Zoey e Laura o que fizera, elas com certeza me levariam à loja de vestidos para meninas desbundadas, mas me senti, de algum modo, ligada ao castelo. Não sei, talvez porque houvesse perdido minha casa e achasse que nada mais que tinha era verdadeiramente meu. Ou talvez significasse que, quando solitárias, as pessoas se agarram a qualquer coisa para deixarem de se sentir assim. Para mim, essa qualquer coisa foi o castelo.

Não sei quanto tempo permaneci ali, mas, com o passar do tempo, o sol começou a baixar atrás das árvores e projetava um chuvisco de luz cintilante na ruína todas as vezes que as árvores farfalhavam de um lado para o outro. Eu o contemplei por uns momentos e então me dei conta de que a noite se aproximava. Eram quase 10 horas da noite.

Tinha as pernas rígidas por ficar sentada na mesma posição durante tanto tempo e me levantei devagar. Do canto do olho, achei ter visto algo se mover. Uma sombra. Um vulto. Não era um animal, passou como um raio. Não sei ao certo. Sem querer saber o que era ou quem era, mantive as costas para a entrada do castelo e recuei rápido. Ouvi outro ruído, uma coruja ou alguma coisa

guinchou, e eu me desesperei e me preparei para sair correndo dali. Sem conseguir ver o chão sob a vegetação rasteira, tropecei numa pedra e caí de costas. Bati a cabeça, choraminguei e ouvi o pânico em minha voz ao cair no repugnante mato alto com, sabe Deus, quem vivia ali. Fiquei com a visão meio turva, pontinhos pretos surgiam no lugar da linha do telhado arruinado diante do céu anil. Me levantei com dificuldade, com a ajuda das mãos, me arranhei nos seixos, que cortaram minha pele, e não olhei para trás ao correr o mais rápido que me permitiam as botas Uggs. Pareceu uma eternidade até surgir a casa, como se a estrada e as árvores conspirassem para me manter correndo numa esteira mecânica.

Por fim, a casa despontou no campo visual. O SUV de Barbara não estava mais do lado de fora e eu soube, então, que fora totalmente excluída. Haviam erguido a ponte levadiça. Quase tão logo a casa surgiu diante de mim, a porta se abriu e Rosaleen ficou ali me observando, como se estivesse parada no mesmo lugar à minha espera desde o momento em que eu saíra.

— Entre, entre — disse, com urgência na voz.

Transpus, afinal, o limiar, entrei em minha nova vida, e o início começou. Minhas antes limpas botas Uggs cor-de-rosa exibiam a imundície do passeio ao castelo quando entrei no corredor revestido de lajotas. A casa mergulhava em silêncio mortal.

— Mas me deixe dar uma olhada em você! — disse Rosaleen, e segurou meus pulsos com força, recuando um passo para fazer um exame rápido de cima a baixo.

Contudo, repetiu o exame rápido duas e, depois, três vezes. Fiz força para me livrar dela, que, por instinto, intensificou o aperto nos pulsos, mas então, como se compreendesse o que fizera, ou visse como meu rosto mudara, acabou me soltando.

Falou com mais delicadeza.

— Vou cerzi-las para você. Deixe-as na cesta perto do sofá na sala de estar.

— Cerzir o quê?

— Sua calça.

— Jeans. É assim que se espera que a gente o use. — Baixei os olhos para meu jeans rasgado, tão despedaçado que quase não conservava algum brim visível. Sob o jeans, revelava-se minha calcinha estampada de onça, a ideia era essa. — Mas não se espera que seja sujo.

— Ah. Bem, deixe-a na cesta da cozinha.

— Você tem um monte de cestas.

— Só duas.

Não sei se o que eu disse fora uma piada ou um comentário ferino, mas o sentido escapou-lhe das duas maneiras.

— Certo. Bem, vou para meu quarto... — Esperei que ela me conduzisse, porém, apenas me encarou. — Onde fica?

— Que tal uma xícara de chá? Fiz uma torta de maçã. — O tom quase implorava.

— Ah, não, obrigada, não estou com muita fome!

Senti o estômago roncar em reação e torci para que ela não o ouvisse.

— Claro. Claro que não! — Repreendeu-se em silêncio.

— Para que lado fica meu quarto?

— Escada acima, segunda porta à esquerda. O da mamãe é o último à direita.

— Falou, vou até lá vê-la. — Comecei a me dirigir à escada.

— Não, criança! — apressou-se a dizer Rosaleen. — Deixe-a. Está descansando.

— Eu só gostaria de lhe dar boa-noite. — Sorri, rígida.

— Não, não, deve deixá-la — ela respondeu com firmeza.

Engoli em seco.

— Tudo bem.

Me afastei devagar e subi a escada, cada degrau rangendo sob o pé. Do patamar, continuei a ver o corredor e Rosaleen ali, parada, me observando. Tornei a dar um sorriso rígido, entrei no quarto, fechei a porta bem firme e me encostei nela, o coração martelando.

Permaneci assim cinco minutos, mal absorvi o quarto, pois sabia que teria tempo suficiente dali em diante para me reconciliar com meu novo espaço, mas primeiro precisava ver mamãe. Quando abri, devagar, a porta, espichei a cabeça e olhei, da sacada do patamar, o corredor embaixo. Rosaleen se fora. Abri mais a porta e saí. Me assustei. Lá estava ela, diante da porta do quarto de mamãe, como um cão de guarda.

— Só vim ver como ela estava — sussurrou, e os olhos verdes brilhavam. — Adormeceu. É melhor você também se deitar e descansar um pouco.

Detesto que me digam o que fazer. Jamais fazia o que me mandavam, mas algo na voz de Rosaleen, na expressão do olhar, na atmosfera da casa e em sua atitude ali parada, me mostrou que o comando não mais me pertencia. Voltei para meu quarto e fechei a porta, sem dizer uma única palavra.

Mais tarde, naquela noite, quando tanto o interior quanto o exterior da casa pareciam meias-calças opacas de lã — tão espessas de escuridão que eu não distinguia quaisquer formas —, acordei com a impressão de que tinha alguém no quarto. Ouvi uma respiração acima da cama e senti aquele conhecido cheiro de sabonete de lavanda; então, espremi os olhos e fingi que continuava adormecida. Não sei quanto tempo Rosaleen permaneceu ali me observando, mas me pareceu uma eternidade. Mesmo depois de ouvir o estalo baixinho da porta ao se fechar, continuei com os olhos bem fechados, o coração martelava tão alto que receei que ela o ouvisse, até que, afinal, caí no sono.

Capítulo 4

O Elefante no Quarto

Acordei na manhã seguinte às 6 horas, com o som dos pássaros chamando uns aos outros. Aquele constante chilreio e bate-papo me fizeram sentir como se houvessem içado a casa no meio da noite e a transportado para o mundo das aves. A ruidosa e egoísta brincadeira deles me lembrou dos operários que vieram trabalhar em nossa piscina, pois empreendiam, barulhentos e desdenhosos, as tarefas, como se não morássemos na casa. Um cara, Steve, não parava de tentar me lançar uma olhada no quarto enquanto eu me vestia. Então, numa manhã, eu dei de fato algo para ele olhar. Não tenham a impressão errada; peguei três tranças postiças e as prendi no meu biquíni — você imagina onde —, tirei o roupão e desfilei pelo quarto como Chewbacca, fingindo que não sabia que ele olhava. Steve nunca mais voltou a me olhar depois disso, mas alguns dos outros sempre me encaravam quando eu passava, por isso suponho que o ínfimo e nojento sodomita contara a eles. Bem, não acontecerá esse tipo de jogos aqui, a não ser que eu queria fazer um esquilo vermelho despencar, chocado, do galho.

As cortinas em tecido xadrez, azul e branco pouco contribuíam para tapar a luz do sol. O quarto ficava totalmente iluminado, como um bar na hora de fechar: as imperfeições, os bêbados e os trapaceiros todos se revelavam. Bem desperta na cama, eu fitava o quarto que agora era meu. Não parecia muito meu; será que algum dia eu o sentiria como meu? Era um quarto simples que desprendia surpreendente calor. Não apenas do sol matinal que o inundava, mas um calor aconchegante, em autêntico estilo Laura Ashley, e, embora, em geral, eu detestasse todo esse material engraçadinho, aqui funcionava. Mas não funcionava no quarto de Zoey, que a mãe decorara para combinar com uma menina de 10 anos, numa óbvia tentativa de se convencer de que a filha era meiga e inocente. Aquele quarto equivalia à mãe inserir a filha num vidro de picles. Nunca iria funcionar. Não tanto porque a tampa se soltava quando a mãe

não olhava, mas por Zoey gostar um pouco demais de picles.

Os quartos aqui ficavam nos beirais da casa, os telhados inclinados em direção às janelas. Havia uma cadeira rachada, de madeira pintada de branco, num canto, com uma almofada xadrez azul e branca no assento. As paredes eram azul-claras, mas não transmitiam uma sensação fria. Um armário solto, encostado na parede, era grande o bastante apenas para guardar minha roupa de baixo. A cama tinha uma armação de metal, o colchão forrado com lençóis brancos, uma colcha floral em tons de azul com uma manta de cashmere azul-esverdeada dobrada na ponta. Acima da porta, pendia uma cruz de Santa Brígida. No parapeito da janela, via-se um vaso de flores do campo frescas — alfazema, jacinto e outras que eu não soube reconhecer. Rosaleen trabalhara à beça.

Um ruído chegou do térreo. Pratos tiniam, uma chaleira apitava, o chiado de comida numa frigideira e, por fim, um cheiro forte de fritura entrando no quarto. Me dei conta de que não comera desde o almoço da véspera, na casa de Barbara, quando Lulu nos preparou um divino sashimi. Também ainda não fora ao banheiro, por isso a bexiga e o estômago conspiraram para me fazer sair da cama. Assim que pensei nisso, ouvi a porta ao lado do meu quarto se fechar e trancar; em seguida, ouvi a tampa do vaso se levantar e o fluxo de urina se derramar no fundo. Caía de certa altura, portanto, e, a não ser que Rosaleen fizesse xixi em pernas de pau, era Arthur.

A julgar pelos ruídos que vinham da cozinha e do banheiro, imaginei que mamãe não se encontrava em nenhum dos dois cômodos. Era minha chance de vê-la. Enfiei os pés nas botas Uggs, enrolei a manta nos ombros e me esgueirei pelo corredor até o quarto dela.

Apesar da leveza dos pés, as ripas de madeira rangiam a cada passo. Ao ouvir a descarga do vaso, atravessei às pressas o corredor e entrei no quarto de mamãe sem bater. Não sei o que esperava, mas suponho que algo mais semelhante à visão que me saudara todas as manhãs, nas duas semanas anteriores. A visão consistia de um quarto tipo caverna e, enterrada em algum lugar sob o edredom, estaria mamãe. Mas tive uma agradável surpresa naquela

manhã. O quarto era ainda mais iluminado que o meu — um tom de amarelo amanteigado. O vaso no parapeito proliferava de ranúnculos amarelos e dentes-de-leão, longas folhas verdes, tudo cingido numa fita amarela. O quarto devia ficar bem em cima da sala de estar, pois se via uma lareira aberta numa das paredes, com o retrato do papa acima, que me fez estremecer. Não o papa — embora eu preferisse Zac Efron em minha parede —, mas o fogo, que me causava certo mal-estar; jamais gostei de fogo dentro de casa. A lareira tinha moldura branca, com revestimento preto no interior, e parecia muito usada, o que achei estranho para um quarto vago. Deviam receber inúmeros hóspedes, embora não me parecesse o tipo de gente que dava muitas festas. Então, reparei no banheiro e compreendi que Rosaleen e Arthur deviam ter dado o quarto deles à mamãe.

Sentada numa cadeira de balanço, sem se balançar, ela olhava pela janela que dava para o quintal. Tinha os cabelos presos para trás, pusera um penhoar de seda ondulante cor de damasco e passara o mesmo batom *pink* que usava desde o enterro de papai. Exibia um pequeno sorriso, minúsculo, ainda assim um sorriso, e parecia que meditara intensamente na véspera. Quando me aproximei, ergueu os olhos e o sorriso alargou-se.

— Bom dia, mãe! — Dei-lhe um beijo na testa e me sentei perto dela, na borda da cama já feita. — Dormiu bem?

— Sim, obrigada — ela respondeu satisfeita e animou meu coração.

— Eu também — me dei conta ao dizer. — É tão tranquilo aqui, não?

Decidi não falar nada sobre a ida de Rosaleen a meu quarto, na noite passada, na hipótese de eu haver sonhado. Seria tão constrangedor acusar alguém disso, pelo menos até ter provas!

— Sim, é — repetiu mamãe.

Ficamos ali, sentadas, olhando o quintal. No meio de um jardim de uns cinco metros quadrados, erguia-se um carvalho, os galhos virados para todos os lados imploravam que se trepasse neles. Uma bela árvore que se elevava majestosa para o céu, repleta de verdor. Firme e sólida, me fez entender por que mamãe

não lhe despregava os olhos, também protegida e segura, e se o carvalho se mantivera enraizado ali uma centena de anos, podíamos confiar que ia permanecer ali por mais algum tempo. Estabilidade em nossas vidas agora instáveis. Um pintarroxo saltava de um galho a outro, parecia excitado por ter a árvore só para si, como uma criança brincando sozinha de dança das cadeiras. Ali estava algo que eu nunca observara antes: uma árvore com um pássaro. E se nunca vira, nunca a comparara a uma criança brincando sozinha de dança das cadeiras. Zoey e Laura teriam um sério problema comigo. Pensar nelas me causou dolorosas pontadas de saudade de casa.

— Não gosto daqui, mãe — acabei por dizer, a voz trêmula, prestes a me debulhar em lágrimas. — Não podemos ficar em Dublin? Com nossos amigos?

Mamãe me olhou e sorriu, afetuosa.

— Ah, vamos ficar bem aqui. Tudo ficará bem.

Me senti muito aliviada ao ouvi-la dizer isso, ouvir a força, a confiança, a liderança de que eu necessitava.

— Mas por quanto tempo vamos ficar aqui? Qual o nosso plano? A que escola irei em setembro? Posso continuar frequentando o St Mary’s?

Mamãe desviou o olhar; mantinha o sorriso, mas contemplava o lado de fora pela janela.

— Vamos ficar bem aqui. Tudo ficará bem — ela repetiu.

— Eu sei, mãe — disse, frustrada, mas tentando manter o tom amável. — Você acabou de dizer isso, mas por quanto tempo?

Ela se calou.

— Mãe? — Endureci o tom.

— Vamos ficar bem aqui — ela tornou a repetir. — Tudo ficará bem.

Sou uma boa pessoa às vezes, mas só quando quero, por isso me curvei para perto do ouvido dela e já ia dizer algo verdadeiramente horrível quando ouvi uma leve batida na porta, que logo depois foi aberta por Rosaleen.

— Aqui estão as duas — disse, como se nos houvesse procurado em todos os cantos.

Rápido, afastei a boca do ouvido de mamãe e fiquei ereta na cama. Rosaleen me encarou e pareceu que conseguia ler minha mente. Então, suavizou-se e entrou no quarto com uma bandeja de prata nas mãos, com um vestido leve que lhe expunha a anágua cor de pele à altura dos joelhos.

— Muito bem, Jennifer, espero que tenha desfrutado uma agradável noite de descanso.

— Sim, muito agradável.

Mamãe olhou-a e sorriu. Fiquei furiosa com ela por enganar a todos, mas a mim não enganava.

— Que maravilha! Preparei um café da manhã, apenas umas mordiscadas para mantê-la seguindo em frente...

Rosaleen continuou a jogar conversa fora enquanto circulava pelo quarto, ajeitava os móveis, arrastava cadeiras, afofava almofadas, e eu a observava.

Umas mordiscadas, dissera. Mordiscadas para uma centena de pessoas. A bandeja transbordava de comida. Fatias de fruta, cereais, um prato de torradas empilhadas, dois ovos quentes, um potinho com o que parecia mel, outra tigelinha com geleia de morango e outra com geleia de laranja, além de um bule de chá, um jarro de leite, um açucareiro, talheres e guardanapos. Para alguém que só se alimentava no café da manhã com uma barra de cereais e um espresso, e apenas porque julgava obrigatório fazê-lo, mamãe tinha uma tarefa e tanto pela frente.

— Adorável — ela disse ao se dirigir à bandeja diante de si numa mesinha de madeira, sem olhar para Rosaleen. — Obrigada!

Me perguntei, então, se mamãe sabia que devia comer o que lhe fora servido ali e que não se tratava apenas de uma obra de arte.

— Por nada. Falta algo que você queira?

— A casa e o amor da vida dela de volta... — respondi, com sarcasmo, para

Rosaleen, embora, de modo algum, a intenção fosse fazê-la o alvo desse comentário específico. Eu apenas desabafava, em geral. Mas acho que ela tomou minha resposta como pessoal. Mostrou-se abalada e... não sei se ficou magoada, sem graça ou furiosa. Olhou para mamãe para se certificar de que ela não se sentira arrasada com minhas palavras. — Não se preocupe, ela não me ouve — acrescentei, aborrecida, e examinei as pontas espetadas de meus cabelos castanho-escuros.

Fingia não estar perturbada, mas, na verdade, esses comentários faziam meu coração martelar violento no peito.

— Claro que ela a ouve, criança — Rosaleen repreendeu-me um pouco, enquanto continuava a remexer no quarto sem parar de arrumar, limpar e ajeitar coisas.

— Acha mesmo? — Ergui uma sobrancelha. — O que você acha, mãe? Ficaremos bem aqui?

Mamãe ergueu os olhos e sorriu.

— Claro que ficaremos.

Juntei-me a ela na segunda frase, numa imitação de sua voz agora com frequência animada, de modo que falamos em perfeito uníssono, o que penso ter desanimado Rosaleen. Com toda certeza, deprimiu-me quando dissemos:

— Tudo ficará bem.

Rosaleen parou de tirar o pó para me observar.

— Tem razão, mamãe. Tudo ficará bem. — Minha voz tremeu. Decidi avançar mais um passo. — E veja o elefante branco no quarto, não é lindo?

Mamãe fitou a árvore no jardim, o mesmo sorriso nos lábios *pink*.

— Sim, é lindo.

— Foi o que imaginei que você acharia.

Engoli em seco e tentei não chorar quando olhei para Rosaleen. Esperava que eu sentisse satisfação, mas não, me senti ainda mais perdida. Até aquele

ponto, o fato de mamãe não estar bem só existia em minha mente. Agora, eu provei isso e não gostei da confirmação.

Talvez a mandassem a um terapeuta ou a um orientador que a ajustasse para podermos começar a progredir em nossa provação.

— Seu café da manhã está na mesa — disse Rosaleen, que me deu as costas e saiu do quarto.

E era assim que sempre se resolviam os problemas dos Goodwin. Na superfície, mas sem chegar às raízes, sempre ignorando o elefante branco no quarto. Acho que foi naquela manhã que compreendi que fora criada com um elefante em cada aposento. Ele quase chegava a ser o animal de estimação da família.

Capítulo 5

Grève

Levei tempo para me vestir, sabia que ia ter pouco a fazer naquele dia. Não parei de tremer na banheira cor de abacate, enquanto a água quente gotejava lentamente, e senti saudade do meu banheiro integrado, revestido de pastilhas iridescentes, com seis potentes jatos de ducha e TV de plasma na parede.

Depois que consegui remover o xampu com aquele fio de água — não tive condições de batalhar contra o condicionador —, sequei os cabelos e cheguei à cozinha para o café da manhã. Arthur raspava o resto de comida do prato. Me perguntei se Rosaleen contara a ele o que acontecera no quarto de mamãe. Talvez não porque se de algum modo ele fosse um irmão decente, estaria, no momento, fazendo algo a respeito. Não creio que tocar a base de uma xícara de chá com seu nariz enorme fosse corrigir grandes coisas.

— Bom dia, Arthur — cumprimentei.

— Bom dia — ele disse ao fundo da xícara de chá.

Rosaleen, a atarefada abelha-doméstica, logo saltou para se colocar em ação e chegou a mim com gigantescas luvas de forno.

Boxeei-lhe de leve cada mão. Ela não entendeu a piada. Sem uma única palavra, contração muscular ou movimento de qualquer tipo no rosto de Arthur, senti que ele entendeu.

— Só vou comer cereais, por favor, Rosaleen — disse e olhei em volta. — Deixe que eu pego, se me disser onde os guarda. — Comecei a abrir os armários, na tentativa de achar os cereais, então tive de recuar um passo quando me deparei com um armário duplo e cheio, de cima a baixo, de potes de vidro com mel. Devia ter mais de cem. — Nossa! — Recuei dos armários abertos. — Você sofre de, ah, transtorno obsessivo-compulsivo por mel?

Rosaleen pareceu confusa, mas sorriu e me entregou uma xícara de chá.

— Sente-se ali que vou trazer o café da manhã para você. A irmã Ignatius me dá o mel. — Sorriu.

Lamentavelmente, eu tomava um gole do chá quando ela disse isso e engasguei quando desatei a rir. O chá esguichou pelo nariz. Arthur me estendeu um guardanapo e me olhou com um ar divertido.

— Você tem uma irmã chamada Ignatius? — Ri alto. — Ela tem nome de homem. É transexual? — Balancei a cabeça, ainda rindo.

— Transexual? — perguntou Rosaleen, a testa franzida.

Rompi em risadas, depois parei bruscamente quando o sorriso dela desapareceu e ela foi até o fogão pegar meu café da manhã. Pôs no meio da mesa uma travessa repleta de bacon, salsichas, ovos, ervilhas, pudim e cogumelos. Torci para que sua irmã Ignatius se juntasse a mim naquela refeição, pois, em hipótese alguma, eu ia dar conta de tanta comida sozinha. Então, ela desapareceu, passou esvoaçante por trás de mim e retornou com um prato que continha uma pilha de torradas.

— Ah, não, chega, está bom! Não como “carbos” — eu disse, com o máximo de educação que pude.

— “Carbos”? — ela perguntou.

— Carboidratos — expliquei —, pois me incham.

Arthur largou a xícara no pires e me olhou por baixo das bastas sobrancelhas.

— Arthur, você não se parece nada com mamãe.

Rosaleen deixou um pote de vidro com mel cair no chão, o que fez Arthur e eu saltarmos e virarmos. Surpreendentemente, o vidro não se quebrou. Rosaleen, em velocidade máxima, continuou a servir, pôs presunto, mel e geleia de laranja diante de mim, além de um prato com pãezinhos.

— Você está em fase de crescimento, precisa se alimentar bem.

— O único crescimento que desejo agora é aqui. — Fiz um gesto e apontei meu busto tamanho 38. — E a não ser que encha o sutiã com pudim, este café da manhã não vai fazê-lo acontecer.

Foi a vez de Arthur se engasgar com o chá. Sem querer ofender mais ninguém, peguei uma fatia de bacon, uma salsicha e um tomate.

— Vamos, pegue mais — disse Rosaleen, ao ver meu prato.

Olhei horrorizada para Arthur.

— Dê-lhe tempo para comer isso primeiro — ele disse, calmo, e se levantou com seus pratos na mão.

— Largue tudo aí. — Rosaleen alvoroçou-se em volta do marido e tive vontade de agarrar um mata-moscas e atacá-la. — Você tem de ir trabalhar agora.

— Arthur, mora alguém no castelo?

— Na ruína? — perguntou Rosaleen.

— No castelo — respondi, e logo me senti na defensiva.

Se íamos começar a xingar, bem, poderíamos começar com mamãe. Embora fosse claramente uma mulher arrasada, nem por isso nos referíamos a ela como “uma ruína”. Continuava a ser uma mulher. O castelo não era mais o que fora, mas continuava a ser um castelo. Eu não tinha a menor ideia de onde viera essa crença, mas surgira durante a noite e soube, dali em diante, que jamais iria chamá-lo de ruína.

— Por que pergunta? — indagou Arthur, ao enfiar os braços num blusão de lenhador e colocar, por cima, um colete acolchoado.

— Eu estava dando uma olhada lá ontem e pensei ter visto algo. Nada de importante — apressei-me a dizer enquanto comia e esperava que isso não os fizesse me impedir de voltar lá.

— Pode ter sido um rato — disse Rosaleen e olhou para Arthur.

— Uau, agora eu me sinto bem melhor!

Lancei um olhar a Arthur à espera de mais, porém ele se calou.

— Você não deve perambular ali sozinha — disse Rosaleen, ao empurrar o prato mais para perto de mim.

— Por quê?

Nenhum dos dois respondeu.

— Certo — assenti e ignorei a comida. — Resolvido. Era um rato gigantesco, do tamanho de um ser humano. Então, se não posso ir lá, o que tem a fazer por aqui? — perguntei.

Silêncio.

— Em que sentido? — acabou por perguntar Rosaleen, com um ar receoso.

— Tipo, para eu fazer. O que tem aqui? Lojas? Lojas de roupas? Bares? Alguma coisa para se divertir por perto?

— A cidade mais próxima fica a quinze minutos — respondeu Rosaleen.

— Legal. Vou caminhar até lá após o café da manhã. Para me livrar disso. — Sorri e dei uma mordida na salsicha.

Rosaleen também sorriu satisfeita e apoiou o queixo na mão enquanto me observava.

— Então, para que lado fica? — perguntei, engoli a salsicha e abri a boca para mostrar que descera goela abaixo.

— Para que lado fica o quê? — Ela entendeu a insinuação e parou de me observar.

— A cidade. Saio do portão e sigo à esquerda ou à direita?

— Ah, não, não dá para ir a pé. São quinze minutos de carro. Arthur a leva até lá. Aonde você precisa ir?

— Bem, a nenhum lugar específico. Só queria dar uma volta.

— Arthur leva você de carro e busca quando quiser.

— Quanto tempo você vai demorar? — perguntou Arthur ao fechar o zíper

do colete.

— Não sei — respondi e olhei de um para outro, frustrada.

— Vinte minutos? Uma hora? Se for por pouco tempo, ele pode esperá-la — acrescentou Rosaleen.

— Não sei quanto tempo levarei. Como vou saber? Não sei o que tem na cidade nem o que tem para fazer.

Eles me encararam, confusos.

— Eu posso tomar um ônibus ou coisa parecida e voltar quando terminar.

Rosaleen lançou um olhar nervoso ao marido.

— Não passa ônibus aqui.

— Como? — Meu queixo caiu. — Como fazem para chegar a algum lugar?

— Dirijo — respondeu Arthur.

— Mas não sei dirigir.

— Arthur leva você — repetiu Rosaleen. — Ou traz, seja lá o que você precise. Tem algo em mente? Arthur pegará para você, não, Arthur?

Ele pigarreou e engoliu muco.

— De que você precisa?

— Tampões — disse, tomada por grande frustração.

Não sei por que faço isso.

Bem, sei sim. Ambos me irritavam. Habituara-me a muita liberdade em casa, não à inquisição espanhola. Saía e voltava sempre quando me dava na telha, em meu próprio ritmo, por quanto tempo quisesse. Nem meus pais me faziam tantas perguntas!

Eles se calaram.

Enfiei outro pedaço de salsicha na boca.

Rosaleen ajeitou, meio nervosa, o paninho decorativo sob os pães. Arthur

pairava indeciso à espera, junto à porta, e ansiava por saber se ia ter ou não de comprar tampão. Julguei meu dever desanuviar o ar.

— Não tem importância — disse, acalmando-me. — Vou dar uma olhada ao redor daqui hoje. Talvez eu vá à cidade amanhã.

Algo para eu esperar com prazer.

— Já vou, então. — Arthur acenou com a cabeça em direção a Rosaleen.

Ela se levantou com um salto da cadeira, como se um dedo lhe houvesse cutucado pela palha do assento.

— Não se esqueça da garrafa e da lancheira. — Correu pela cozinha como se fosse explodir uma bomba-relógio. — Agora, vá! — Entregou a garrafa térmica e a merendeira a ele.

Não pude deixar de sorrir ao observar a cena. Devia ser estranho vê-la tratando-o como uma criança de saída para a escola, mas não foi. Pareceu amável.

— Quer levar um pouco disso para o lanche? — perguntei e apontei para o prato de comida diante de mim. — Por nada, no mundo, vou comê-lo.

Tive a intenção de que o comentário fosse gentil. Quis dizer que não ia comer por causa da quantidade, não do sabor, mas me expressei mal. Ou me expressei certo, mas se entendeu errado. Não sei. De qualquer modo, não queria desperdiçar a comida. Queria partilhá-la com Arthur por causa daquela bonita lancheirinha, porém foi como se mais uma vez eu tivesse dado um soco no estômago de Rosaleen.

— Ora, por que não? Aceito então um pouco — concordou Arthur e senti como se ele o dissesse apenas para satisfazer a mulher.

As faces dela coraram enquanto ela remexia numa gaveta à caça de outro potinho.

— Está delicioso de verdade, Rosaleen, sério, mas não como tanto no café da manhã.

Eu não podia acreditar que um café da manhã resultasse num problema semelhante.

— Claro, claro! — ela assentiu enfática, com a cabeça, como se fosse muito idiota por não saber disso.

Retirou a comida com uma colher e a colocou no pequeno pote redondo de plástico. Então, Arthur se foi.

Enquanto eu continuava sentada à mesa tentando terminar de comer as três mil torradas que dariam de sobra para reconstruir o castelo, Rosaleen recolheu a bandeja do quarto de mamãe, que não tocara na comida. Cabisbaixa, levou-a direto à lata de lixo e começou a raspá-la dentro do saco. Depois da cena anterior, eu sabia que isso devia tê-la magoado.

— Apenas não somos pessoas de café da manhã — expliquei, com a maior delicadeza possível. — Mamãe, em geral, come uma barra e toma um espresso de manhã.

Rosaleen se empertigou e voltou-se para mim, os ouvidos atentos a papo de comida.

— Barra?

— Você sabe, uma daquelas barrinhas feitas de cereais, passas, iogurte e coisas.

— Como isso? — Mostrou-me uma tigela de cereais, passas e um potinho de iogurte.

— É, mas... só que numa barra.

— Mas qual a diferença?

— Bem, você morde a barra. — Rosaleen franziu a testa. — É mais rápido. Pode-se comer em movimento. — Tentei explicar mais. — Enquanto dirige o carro para o trabalho ou cruza a porta às pressas, entende?

— Mas que tipo de café é esse, afinal? Uma barra num carro?

Tentei com muito esforço não rir da dedução.

— Apenas, você sabe, para... ganhar tempo de manhã.

Ela me olhou como se eu tivesse dez cabeças, depois se calou enquanto limpava a cozinha.

— O que acha de mamãe? — perguntei, após um longo silêncio.

Rosaleen continuou a limpar as bancadas, de costas para mim.

— Rosaleen? Que pensa a respeito da maneira como mamãe tem se comportado?

— Ela está de luto, criança — respondeu rápido.

— Não acho que seja a maneira correta de ficar enlutada, você acha? Pensar que tem um elefante no quarto?

— Ah, ela não a ouviu direito — disse, despreocupada. — A cabeça está em outro lugar, só isso.

— Na terra dos malucos, é onde está — resmunguei.

Pelo fato de as pessoas não pararem de me lançar esse comentário de "enlutada", como se eu tivesse nascido ontem e nunca soubera como era difícil perder uma pessoa com quem você passou cada dia da vida durante os últimos vinte anos, comecei a ler muito sobre luto. Aprendi que não existe maneira correta de sofrer a perda de alguém, nem a maneira errada. Não sei se concordo com isso. Acho que o luto de mamãe é do modo errado. Luto em inglês, *grief*, vem da palavra do francês antigo, *grève*, que significa fardo pesado. A ideia de que o luto sobrecarrega a pessoa com dor e todas as outras emoções. Me sinto assim: mais pesada, como se tivesse que me arrastar por aí, tudo é um esforço, é sombrio e é uma merda. Como se tivesse a mente continuamente cheia de pensamentos que nunca me ocorreram antes, o que me causa dor de cabeça. Mas mamãe...?

Mamãe parece mais leve. O luto não parece nem sequer oprimi-la. Em vez disso, me dá a impressão de que se afasta e alça voo, como se a meio caminho do ar, e ninguém mais liga nem nota, e sou a única que me mantenho embaixo, segurando-a na altura dos tornozelos, e tento puxá-la de volta à terra.

Capítulo 6

O Ônibus de Livros

Esvaziara e limpara a cozinha: esfregada em cada centímetro, a única coisa que não se empilhou ou foi guardada numa prateleira fui eu.

Nunca vi uma mulher limpar com tanto vigor, tanto propósito, como se a vida dependesse daquilo. Rosaleen arregaçou as mangas e suava, com os bíceps e tríceps em surpreendente forma, enquanto esfregava e limpava cada traço de vida que já existira no lugar. Eu continuei sentada observando-a, fascinada, e confesso que com uma sutil pena condescendente diante do desnecessário ato de tão intensos polimento e limpeza.

Ela saiu de casa com um embrulho de pães de centeio recém-assados, que exalavam um cheiro tão gostoso que me causou espasmos nas papilas gustativas e no estômago já satisfeito. Acompanhei-a, pela janela da frente da sala, atravessando com vigor a estrada, sem nem um sinal de feminilidade em si, até o bangalô. Esperei diante da janela, intrigada para ver quem abriria a porta, mas ela o contornou até os fundos e estragou minha diversão.

Aproveitei a oportunidade para vagar ao redor da casa sem Rosaleen respirando no meu cangote e me explicando a história por trás de tudo em que eu batia os olhos, como fizera a manhã toda.

— Ah, este é o armário! É de carvalho, sim. Uma árvore tombou com força num inverno, com relâmpagos, raios e tudo mais, ficamos sem eletricidade durante dias. Arthur não conseguiu salvá-la, isto é, a árvore, não a eletricidade, e a trouxe de volta — dizia e soltava uma risadinha nervosa. — Fez este armário dela. Excelente para estocar mantimentos.

— Poderia ser o início de um bom e pequeno negócio para Arthur.

— Ah, não! — Rosaleen me olhou como se eu acabasse de proferir uma

blasfêmia. — É só um passatempo, não um projeto para ganhar dinheiro.

— Não se trata de um projeto, mas de um negócio. Não tem nada de errado nisso — expliquei.

Rosaleen desaprovou a sugestão com um muxoxo, estalando a língua.

Ao me ouvir, percebi que me expressava como meu pai e, embora eu detestasse isso nele, o desejo de transformar tudo num negócio me causava uma agradável sensação. Quando criança, se eu trazia pinturas para casa, ele achava que, de repente, poderia me tornar uma pintora, mas do tipo que exige milhões pelas suas obras. Se eu defendia uma questão com fortes argumentos, me transformava logo numa advogada, mas daquelas que cobram centenas por hora. Eu tinha uma boa voz e, de repente, ele ia me levar para gravar no estúdio de um amigo e este seria o grande negócio seguinte. Não era só comigo que ele fazia isso, mas com tudo que o cercava. Para papai, a vida oferecia inúmeras oportunidades e não creio que se tratasse de uma característica ruim, mas acho que ele queria agarrá-las por todos os motivos errados. Não era apaixonado por artes, não ligava para advogados que ajudavam pessoas sem recursos, nem se importava com a minha voz. Tudo se resumia a ganhar mais dinheiro. E, em consequência, considero plausível a ideia de que tenha sido a perda de todo o seu dinheiro que o liquidara. As pílulas e o uísque foram apenas os pregos no caixão.

— É daquela foto de que você não tira os olhos? — continuou Rosaleen, enquanto eu deslizava o olhar pelo ambiente em volta. — Ele a bateu quando visitamos a Passarela Elevada do Gigante. Choveu o dia inteiro e tivemos um pneu furado na subida.

E prosseguia.

— Vejo que olha as cortinas. Precisam de um pouco de limpeza. Vou descê-las amanhã e cuidarei delas. Comprei o tecido de uma mulher que vende de porta em porta. Em geral, não costumo fazê-lo, mas era uma estrangeira, não dominava muito o inglês nem tinha dinheiro, mas tinha todo esse tecido. Gosto do florido. Acho que combina com as almofadas, o que acha? Ainda sobrou um monte na garagem nos fundos.

Então, olhei a garagem nos fundos e ela disse:

— Arthur a construiu sozinho. Não existia quando eu me mudei.

Pareceu uma frase estranha: “Quando eu me mudei”.

— Quem morava aqui antes?

Rosaleen me olhou, então, com aqueles grandes olhos curiosos que antes reservara a quanto eu comia. Nada respondeu. Faz muito isso, nas ocasiões mais aleatórias. Entra e sai de nossas conversas com olhares e pausas, como se perdesse sinais em sua conexão cerebral.

Angustiou-me tanto que desviei os olhos, parece que os baixei para o tapete, que lhe fora dado por ter feito alguma coisa, não sei bem... Mas naquela manhã, quando me vi a sós, sem aquela falação nervosa nos ouvidos interferindo em meus pensamentos, consegui olhar devidamente tudo ao redor.

Suponho que a sala de estar fosse aconchegante, embora meio velha. Bem, muito velha, não tanto quanto minha casa que é, era, moderna, harmoniosa, com linhas bem definidas e tudo simétrico. Esta se enchia de coisas em todos os lugares. Nada combinava: as poltronas, enfeites de aparência engraçada, mesas e cadeiras com pernas compridas e estreitas rematadas por garras de animais, dois sofás com tecidos totalmente diferentes: um azul com estampado floral marfim, o outro como se um gato o tivesse decorado com vômito, e uma mesa de centro com a função dupla de tabuleiro de xadrez. O piso dava uma sensação irregular, em declive da lareira até a estante de livros, e me fazia sentir meio nauseada. A área mais movimentada parecia se situar em volta da lareira aberta, e estremecia com os utensílios que pareciam tirados de uma câmara de tortura medieval: atiçadores de ferro forjado encimados por cabeças de animal, pás de carvão em diferentes tamanhos, um fole antigo, uma grade de proteção em ferro fundido com algum tipo de animal adornado na fachada. Me virei de costas para a lareira e me concentrei na estante que ia do piso ao teto, e tinha uma escada que deslizava pela largura da parede. Havia muitos livros, fotos, latas, caixas de lembranças, quinquilharias inúteis, esse tipo de coisas. A maioria dos livros era sobre jardinagem e culinária, muito específicos, de modo algum do meu gosto. Velhos e bem lidos, alguns desfeitos, em outros faltavam capas, tinham páginas

amareladas, e ainda outros pareciam danificados pela água, mas não se via uma única partícula de pó. Um volume imenso, encadernado de vermelho, parecia tão antigo que as páginas escureceram com a tintura vermelha que por elas escorrera. Intitulava-se *Registro de Navegação da Lloyd, 1919-1920.* Volume 2. Dentro, centenas de páginas repletas de nomes, em ordem alfabética, de navios mostravam seus pesos sem carga e a capacidade dos porões e carvoeiros permanentes. Deslizei-o de volta ao lugar e esfreguei as mãos nas roupas, não queria que a bactéria de 1919 me infectasse. Outro livro era sobre as crenças religiosas do mundo e tinha na capa o emblema dourado de uma cruz, enterrada no chão, com uma serpente nela enroscada. Ao lado deste, havia um sobre culinária grega, embora eu duvidasse muito que houvesse espaço para um souvlaki junto ao fogão de Rosaleen. O seguinte era *O Livro Completo do Cavalo*, só que não devia ser, pois era dividido em doze volumes sobre o tema.

Eu lera apenas o primeiro capítulo do livro que Fiona me dera no funeral de papai e isso correspondia ao máximo do que eu lera em um ano, por isso os livros que recheavam as prateleiras não me despertaram nenhum interesse. De tudo, o que me interessou foi um álbum de fotografias. Ficava na parte mais alta, ao lado dos dicionários, enciclopédias, atlas e esse tipo de coisa. Álbum antiquado, com a aparência de um livro, com a lombada impressa, uma capa de veludo vermelho e ornado com uma moldura dourada, em relevo. Retirei-o e corri o dedo pela superfície, onde deixei um traço escurecido. Me enrosquei na poltrona de couro guarnecida de tachas, desejando me perder nas lembranças de outra pessoa. Assim que abri a primeira página, tocou a campainha, longa e estridente. Ela quebrou o silêncio e me assustou.

Aguardei e quase esperei Rosaleen chegar, após atravessar a estrada a toda velocidade, com o vestido amarrado acima nas coxas, exibindo tornozelos tão rígidos que Jimi Hendrix poderia tocar neles. Mas ela não chegou. Em vez disso, fez-se silêncio. Não se ouvia um pio de mamãe no andar de cima. A campainha soou de novo, então larguei o álbum na mesa e me encaminhei para a porta da frente. Ao fazê-lo, a casa me pareceu um pouco mais um lar.

Pelo obscuro vidro colorido, distingui um homem. Quando abri a porta, vi que era um homem mesmo e muito bonito. Vinte e poucos anos, imaginei,

cabelos castanho-escuros penteados para cima com gel, assim como a gola da camisa polo. Poderia muito bem ser um jogador de rúgbi. Me olhou de cima a baixo e sorriu.

— Oi — disse, e o sorriso revelou dentes brancos e retos à perfeição. Tinha barba por fazer em volta de toda a mandíbula e olhos azul-claros. Trazia na mão uma prancheta com um gráfico anexo.

— Oi — respondi, arqueando as costas ao me encostar na porta.

— Sir Ignatius? — ele perguntou.

Sorri.

— Não.

— Mora um Sir Ignatius Power nesta casa?

— Não no momento. Saiu numa caça à raposa com Lord Casper.

Ele estreitou os olhos, desconfiado.

— Quando voltará?

— Depois que capturar a raposa, suponho.

— Huum... — Assentiu devagar com a cabeça e olhou em volta. — As raposas são velozes por aqui?

— Obviamente, você não é da redondeza. Todo mundo aqui sabe como são as raposas.

— Huum. Na verdade, não sou.

Mordi o lábio e tentei não sorrir.

— Então, talvez, se demore por muito tempo? — Ele sorriu, ao sentir que eu enfraquecia.

— Talvez se demore por um longo tempo.

— Entendo.

O rapaz se encostou no pilar da varanda e me encarou.

— Que foi? — perguntei, na defensiva, pois senti que ia me derreter sob seu olhar.

— É sério.

— Sério, como?

— Ele ao menos mora em algum lugar perto daqui?

— Decididamente, não atrás desses portões.

— Quem é você, então?

— Sou uma Goodwin.

— Tenho certeza de que sim, mas qual é seu sobrenome?

Tentei não rir, mas não pude evitar.

— Nossa, sei, lamento — ele se desculpou em profusão, então pareceu confuso ao consultar o gráfico, coçou a cabeça e deixou os cabelos mais espetados.

Olhei por cima de seu ombro e vi um ônibus branco, com “A Biblioteca Itinerante” impresso na lateral.

Ele ergueu, enfim, os olhos da prancheta.

— Certo, estou, sem a menor dúvida, perdido. Não consta nenhum Goodwin na lista.

— Ah, não constaria sob este nome!

Byrne era o nome de solteira de minha mãe, o sobrenome de meu tio Arthur e o nome sob o qual constaria esta casa. Arthur e Rosaleen Byrne. Jennifer Byrne... não soava bem. Eu sentia que mamãe sempre devia ter sido uma Goodwin.

— Então, esta deve ser a residência Kilsaney? — ele perguntou, esperançoso, ao erguer os olhos do gráfico.

— Ah, os Kilsaney — eu repeti e o rapaz pareceu aliviado. — São os da casa ao lado, à esquerda, logo depois das árvores. — Sorri.

— Maravilha, obrigado! Nunca vim aqui. Estou uma hora atrasado. Como são esses Kilsaney? — Franziu o nariz. — Vão me pôr para fora aos gritos?

Dei de ombros.

— Não são de falar muito. Mas não se preocupe, adoram livros.

— Ótimo. Quer que eu pare aqui na volta para você dar uma olhada nos livros?

— Claro.

Fechei a porta e caí na gargalhada. Esperei excitada a volta dele, supernervosa, como se eu fosse uma criança que brincasse de esconde-esconde. Não me sentia assim fazia pelo menos um mês. Algo se reabrira dentro de mim. Menos de um minuto depois, ouvi o ônibus retornar. Parou diante de casa e abri a porta. Ele saltava, com um largo sorriso no rosto. Quando ergueu os olhos, captou meu olhar e balançou a cabeça.

— Os Kilsaney não estão em casa? — perguntei.

Ele riu ao se dirigir a meu encontro, graças a Deus, não furioso, mas alegre.

— Parece que decidiram que não precisavam mais de livros Junto com o segundo andar, a maioria das paredes e o telhado da casa deles, desapareceu também a estante de livros.

Ri.

— Muito engraçado, Srta. Goodwin!

— Sem senhorita, muito obrigada!

— Sou Marcus. — Estendeu a mão e apertei-a.

— Tamara.

— Belo nome — ele disse com amabilidade. Encostou-se de novo no pilar de madeira da varanda. — Então, sério, sabe onde esse Sir Ignatius Power das Irmãs de Misericórdia mora?

— Espere aí, deixe-me ver. — Arranquei a prancheta dele. — Não é “Sir”. É

“Sr.”, de “sóror”, irmã — expliquei devagar. — Seu boneco de pau. — Dei-lhe de leve com a prancheta na cabeça. — É uma freira.

Não um transexual, afinal.

— Ah! — Pôs-se a rir e agarrou a borda da prancheta. Segurei-a firme. Ele puxou-a com mais força e me arrastou para a varanda. De perto, era ainda mais bonito. — Então é você a irmã? — perguntou. — Recebeu seu chamado divino?

— A única coisa para a qual sou chamada é para o jantar.

Ele riu.

— Então, quem é ela?

Encolhi os ombros.

— Você está decidida a me deixar perdido, não?

— Bem, cheguei aqui ontem, estou tão perdida quanto você.

Não sorri ao dizer isso e ele tampouco sorriu de volta. Entendeu.

— Ora, pelo seu bem, espero realmente que não seja verdade. — Ergueu os olhos para a casa. — Você mora aqui?

Dei de ombros.

— Nem sequer sabe onde mora?

— Você é um estranho que viaja num ônibus cheio de livros. Acha que vou lhe contar onde moro? Já ouvi falar de sua espécie, afasta-se de mansinho da casa e entra no ônibus.

— Ah, é?

Ele sacou o que eu disse.

— Um cara como você atraía crianças para o ônibus dele e as tentava com pirulitos, então, quando elas entravam, as trancava e ia embora.

— Ah, ouvi falar nele — disse o rapaz, os olhos se iluminaram. — Cabelos compridos gordurosos, narigão, pele pálida, dançava pela redondeza de calça justa e cantava à beça. Também tinha uma predileção por caixas de brinquedo?

— Esse mesmo. Amigo seu?

— Aqui. — Enfiou a mão no bolso de cima e retirou a identidade. — Você tem razão, eu devia ter mostrado isso antes. É de uma biblioteca pública, licenciada e tudo mais. Tudo oficial. Por isso, prometo que não vou trancá-la ali dentro.

A não ser que eu pedisse que o fizesse. Examinei a carteira de identidade.

— Marcus Sandhurst.

— Eu mesmo. Quer olhar os livros? — Estendeu o braço e apontou o ônibus. — Sua carruagem a espera.

Olhei ao redor, nem uma alma por perto, e nisso incluo mamãe. O bangalô também parecia morto. Sem nada a perder, subi e, ao fazê-lo, Marcus cantou "Crianças", na voz da personagem "Ladrão de crianças", do musical *O Calhambeque Mágico*. Também ri.

Dentro, centenas de livros enfileiravam-se nas duas laterais. Dividiam-se em várias categorias e eu corri o dedo pelas lombadas, sem ler os títulos, meio esperta por estar no ônibus com um estranho. Acho que Marcus percebeu, pois recuou alguns passos, me deu mais espaço e parou junto à porta, em vez de entrar.

— Então, qual seu livro preferido? — perguntei.

— Hum... *Scarface*.

— É um filme.

— Baseado num livro — ele rebateu.

— Não, não é. Qual seu livro preferido?

— Show do Coldplay — ele respondeu. — Pizza... não sei.

— Tudo bem — ri —, então você não lê.

— Não. — Sentou-se numa saliência sob a janela. — Mas espero que esta experiência me mude para melhor e me converta num leitor.

Expressou-se com indolência, a voz tão sem ânimo e tão pouco convincente que parecia repetir algo que lhe haviam dito.

Examinei-o.

— Então, o que aconteceu: papai pediu a um amigo que lhe desse um emprego?

Marcus enrijeceu a mandíbula, calou-se por algum tempo e me senti péssima, como se devesse retirar o comentário. Nem sei por que o fiz nem de onde o tirei. Tive apenas aquela esquisita sensação de que devia ter sido retirada do mundo. Acho que talvez reconhecesse nele parte de mim.

— Lamento, não foi nada engraçado — me desculpei. — Então, o que acontece aqui? — continuei, na tentativa de desfazer a tensão. — Você viaja por aí até as casas das pessoas e lhes dá livros?

— O mesmo que numa biblioteca — ele respondeu, ainda um pouco frio comigo. — As pessoas se afiliam, recebem cartões de membros e isso lhes permite emprestar livros. Vou a cidades que não têm bibliotecas.

— Nem formas de vida — rematei, e ele riu.

— Está achando duro aqui, menina da cidade?

Ignorei o comentário e continuei a examinar os livros.

— Sabe o que as pessoas daqui iriam apreciar de verdade, em vez de livros?

Ele sorriu com um ar sugestivo.

— Não isso. — Ri. — Você podia ganhar mesmo algum dinheiro com o ônibus se o livrasse dos livros.

— Ah! Ora, então não acha legal nada que seja instrutivo — deduziu.

— Bem, não tem serviço de ônibus na cidade. Parece que tem uma cidade a quinze minutos de distância. Como se espera que alguém se dirija até lá?

— Hum... a resposta estaria na sua pergunta.

— Sim, mas não posso dirigir porque eu... — empaquei e ele sorriu. —

Porque não sei dirigir — concluí.

— Como? Quer dizer que o papai ainda não comprou um Mini Cooper para você? Que total falta de consideração! — me imitou.

— Você venceu.

— Falou! — Marcus saltou da saliência, cheio de energia. — Preciso ir lá agora. Que tal irmos até essa esplêndida cidade mágica que as pernas humanas não podem alcançar?

Risos.

— Tudo bem.

— Não precisa perguntar a alguém? Não quero ser liquidado por sequestro.

— Posso não ser motorista, mas não sou criança.

Eu não tirava o olho do bangalô. Fazia um tempão desde que Rosaleen saíra.

— Tem certeza? — ele perguntou com um ar ansioso. — Por favor, não custa avisar a alguém.

Só por causa daquele olhar ansioso, peguei meu celular e liguei para o de mamãe, que eu sabia que ela não ligava fazia um mês. Deixei uma mensagem.

— Oi, mãe, sou eu. Saí de casa num ônibus cheio de livros e um rapaz simpático vai me levar até a cidade. Voltarei em algumas horas. No caso de eu não voltar, ele se chama Marcus Sandhurst, tem um metro e oitenta de altura, cabelos pretos, olhos azuis... Tatuagens? — perguntei. Ele levantou a camisa. Ui, cheio de costelas! — Tem uma cruz celta na parte inferior do abdômen, sem pelos no peito e um sorriso tolo. Gosta de *Scarface*, Coldplay e pizza, e espera se dedicar a livros com muito empenho. Até logo!

Desliguei e Marcus desatou a rir.

— Você me conhece melhor que a maioria das pessoas.

— Vamos nos mandar daqui!

— Você sempre se comporta tão mal? — perguntou.

— Sempre — respondi e subi no banco do carona me preparando para minha aventura fora de Kilsaney Demesne.

Capítulo 7

Eu Quero

Transcorreram doze minutos de uma agradável conversa nem por um segundo embaraçosa com Marcus, antes de chegarmos à cidade. Apenas que “a cidade” não era de modo algum o que eu esperava. Mesmo com minhas expectativas reduzidas ao menor nível de todos os tempos, revelou-se muito pior. Consistia de um vilarejo insignificante, conhecido por “um só cavalo” sem ter um cavalo à vista. Uma igreja. Um cemitério. Dois bares. Uma lanchonete. Um posto de gasolina com uma banca de jornais. Uma loja de ferragens. Ponto final.

Devo ter gemido, pois Marcus me olhou preocupado.

— Qual o problema?

— Qual o problema? — Arregalei os olhos ao me virar para ele. — Qual o problema? Tenho em casa, desde os 5 anos, uma Aldeia Barbie maior do que essa.

Ele tentou não rir, mas não conseguiu.

— Não é tão ruim assim. Mais vinte minutos e você chega a Dunshaughlin, que é uma cidade adequada.

— Mais vinte minutos? Não posso nem chegar aqui, nesse buraco de merda, sozinha. — Senti as bochechas arderem de frustração, o nariz começar a coçar e os olhos marejarem. Me deu vontade de descer do ônibus e gritar. Em vez disso, grunhi. — Que diabos vou fazer aqui sozinha? Comprar uma pá ali, desenterrar os mortos ali? Comprar um saco de batata frita e uma caneca de cerveja enquanto o faço?

Marcus bufou e teve de desviar o olhar para se recompor.

— Tamara, na verdade, não é tão ruim assim.

— É, sim. Quero a porra de um leite batido com gengibre e um pãozinho de canela, agora! — disse com muita calma, consciente de que começava a falar como Violet Beauregarde, de *A Fantástica Fábrica de Chocolate*. — E enquanto estiver aqui, quero usar meu laptop e utilizar o serviço de rede sem fio local, me conectar e checar minha página do Facebook. Quero ir à loja de roupas Topshop. Quero entrar no Twitter. Depois quero ir à praia com meus amigos, apreciar o mar, tomar uma garrafa de vinho branco e ficar tão bêbada a ponto de cair e vomitar. Você sabe: quero fazer as coisas normais que fazem as pessoas normais.

— Você sempre ganha o que quer? — Marcus olhou para mim.

Não pude responder. Um gigantesco nó de um tipo de sentimento, ai-meu-Deus-estou-apaixonada, avolumou-se na garganta. Por isso, apenas assenti com a cabeça.

— Certo — ele disse, e se entusiasmou. Eu engoli e a paixonite-Marcus disparou esôfago abaixo até o estômago. — Olhemos o lado bom.

— Não tem nenhum lado bom.

— Sempre tem um lado bom. — Ele olhou à esquerda, depois à direita, ergueu as mãos e seus olhos se iluminaram. — Não tem biblioteca aqui.

— Ai, meu Deus... — Bati com a cabeça no painel.

— Muito bem. — Ele riu e desligou o motor. — Vamos a outro lugar.

— Não precisa do motor ligado para ir a outro lugar?

— Não vamos dirigindo — ele disse. Transpôs o banco do motorista por cima do encosto e entrou no ônibus. — Então, vejamos... para onde iremos? — Passou o dedo pelas lombadas dos livros na seção de viagens, caminhou ao longo deles e leu em voz alta: — Paris, Chile, Roma, Argentina, México...

— México. — Escolhi, decidida, e me ajoelhei no banco para observá-lo.

— México — assentiu Marcus. — Boa escolha! — Retirou o livro da prateleira e me olhou. — E aí? Você vem? O voo já vai partir.

Sorri e saltei por cima do assento do banco. Nos sentamos no chão, lado a

lado, nos fundos do ônibus, e, naquele dia, fomos ao México.

Não sei se Marcus sabe como foi importante esse momento para mim. Em que medida ele, de fato, me salvou de mim mesma, do desespero absoluto. Talvez saiba e talvez fosse isso o que costumava fazer. Devia ser um anjo que entrou em minha vida no momento exato e me varreu de um terrível lugar para uma terra longínqua.

Não permanecemos no México por tanto tempo quanto esperávamos. Nos registramos no hotel, cama dupla, largamos a bagagem e rumamos direto para a praia, onde comprei um biquíni de um homem que os vendia ali mesmo. Marcus pediu um coquetel e disse que daria um passeio, sozinho, de jet ski — me recusava a vestir um macacão de mergulho —, quando ouvimos uma batida no ônibus e uma idosa, que me olhou desconfiada, entrou para procurar alguma coisa com a qual passar o tempo. Nos levantamos e passei os olhos pelas prateleiras, enquanto Marcus fazia o papel de anfitrião. Me deparei com um livro sobre luto; sobre como aprender a lidar com a angústia individual e com a dor de alguém pela morte de um ente querido. Parei diante desse livro por algum tempo, o coração martelando como se eu houvesse encontrado uma vacina mágica para todas as doenças mundanas. Mas não consegui retirá-lo da prateleira, não sei por quê. Não queria que Marcus visse, não queria que me perguntasse a respeito, não queria ter de contar como meu pai morreu. Isso mostraria exatamente quem eu era. A menina cujo pai acabara de cometer suicídio. Se não lhe contasse, não teria de ser essa menina. Não para ele, em todo caso. Deixaria a raiva dela borbulhar sob minha pele, em meu íntimo, mas iria para o México e a abandonaria na antiga guarita.

Bati o olho num grande livro encadernado de couro, na seção de não ficção. Marrom, grosso, sem nome do autor nem título na lombada. Retirei-o; era pesado. Tinha as páginas puídas nas bordas como se houvessem sido rasgadas.

— Então você é igual a um Robin Hood do mundo dos livros — eu disse, assim que a idosa saiu com um romance picante embaixo do braço. — Leva livros para aqueles que não os têm?

— Mais ou menos isso. O que você pegou aí?

— Não sei, não tem título na capa.

— Veja na lombada.

— Também não tem, já vi.

Ele pegou uma pasta ao lado e lambeu o dedo, antes de folhear algumas páginas.

— Qual o nome do autor?

— Não tem nome do autor.

Após franzir a testa, ergueu os olhos.

— Impossível. Abra-o e veja o que está escrito na primeira página.

— Não posso. — Ri. — Está trancado.

— Ah, por favor — ele sorriu —, você está de gozação comigo, Goodwin!

— Não estou. — Ri e fui até ele. — Sério, veja!

Passei a ele o livro e nossos dedos se roçaram, o que precipitou um formigamento de proporções sísmicas em cada zona erógena existente em meu corpo.

O livro tinha as páginas fechadas com uma barrinha dourada, presa à qual se via um pequeno cadeado, também dourado.

— Que diabo é... — ele exclamou, ao tentar puxar o cadeado, e fez uma série de caretas, o que me levou a rir. — Creio que você escolheu o único livro daqui que não tem autor, nem título e, ainda por cima, está trancado com cadeado.

Começamos a rir. Ele desistiu do cadeado e nos encaramos.

Nesse instante, eu devia ter dito: “Só tenho 16 anos”. Mas não pude. Simplesmente não pude. Já disse: me sinto mais velha. Todos sempre me consideraram mais velha. Eu queria ser mais velha. Não era como se fôssemos fazer sexo no chão, nem ele ia ser preso por me encarar, mas, ainda assim, eu devia ter lhe dito naquele momento. Se estivéssemos em algum livro antigo do

sul norte-americano do início do século 19, de volta aos bons e velhos tempos em que as mulheres eram propriedade dos homens e sem proteção alguma, isso não teria importância, poderíamos nos embolar no feno, no celeiro, fazer o que quiséssemos e ninguém seria acusado de nada. Queria caçar esse livro nas prateleiras, abri-lo e saltar páginas adentro com ele. Não estávamos, contudo, no século 19, e sim no 21. Eu tinha 16 anos, bem próxima dos 17, e ele, 22. Eu vira na identidade. Tinha bastante experiência para saber que o desejo de um cara não duraria até meu décimo sétimo aniversário. Difícil acreditar que ele pudesse esperar, retornar e voltar a senti-lo, se voltasse, em julho.

— Não fique tão triste! — ele disse, estendendo a mão e erguendo meu queixo com o dedo.

Eu não me dera conta de que se aproximara tanto e estava bem, bem diante de mim. Dedos dos pés juntos de dedos dos pés.

— É só... um livro.

Percebi que segurava o livro bem junto a mim e o envolvia muito apertado nos braços.

— Mas gosto do livro! — Sorri.

— Também gosto do livro, muito. Trata-se de um livro atrevido e muito bonito, mas é óbvio que não podemos lê-lo nesse momento.

Estreitei os olhos e me perguntei se falávamos da mesma coisa.

— Então isso significa que vamos ter de nos sentar e olhá-lo até encontrar a chave.

Sorri e senti as bochechas corarem.

— Tamara! — Ouvi chamarem meu nome. Um grito desesperado, estridente.

Paramos de nos olhar e eu corri até a porta do ônibus. Era Rosaleen, que corria ao atravessar a estrada em minha direção, o rosto atormentado, os olhos ensandecidos e perigosos. Parado na calçada, ao lado do carro, Arthur parecia calmo. Relaxei um pouco. O que deixara Rosaleen tão furiosa?

— Tamara — ela disse, ofegante. Desviou os olhos de mim para Marcus e tornou a se assemelhar a um telescópio, em alta prontidão. — Volte para nós, criança! Volte! — pediu, com a voz trêmula.

— Eu vou voltar. — Fechei a cara. — Só saí faz uma hora.

Ela pareceu meio confusa, então, olhou para Marcus como se ele fosse explicar tudo.

— Rosaleen, o que aconteceu? Tudo bem com a mamãe?

Ela se calou. Abriu e fechou a boca como se tentasse encontrar palavras.

— Tudo bem com ela? — perguntei de novo, o pânico se intensificando.

— Sim — ela respondeu —, claro que está bem.

Ainda parecia confusa, mas começava a se acalmar.

— Qual o problema com você?

— Achei que você... — A voz se extinguiu, ela olhava a aldeia em volta e, como se percebesse onde estava, empertigou-se, correu a mão pelos cabelos para alisá-lo, ajeitou o vestido, amassado por causa da viagem. Inspirou fundo e rápido algumas vezes e se acalmou diante de nós. — Vai voltar para casa?

— Vou, claro. — Olhei-a com desagrado. — Eu disse a mamãe aonde ia.

— Mas sua mãe...

— Minha mãe o quê?

Endureci a voz. Se tudo estava bem com a mamãe, então o fato de eu ter deixado a mensagem não poderia ser um problema.

Marcus, com a mão em minhas costas, desenhava reconfortantes círculos na região lombar, e eu me lembrava do México, de todos os outros lugares em que poderia ir com ele.

— Deve ir com ela — ele disse, em voz baixa. — Tenho de seguir adiante agora, de qualquer modo. Pode levá-lo.

Indicou com a cabeça o livro que eu ainda mantinha enlaçado nos braços.

— Obrigada! Vejo você de novo?

Ele revirou os olhos.

— Claro, Goodwin! Agora, vá.

Ao atravessar a estrada e me sentar no banco de trás do Land Rover, notei três homens fumando, parados diante do bar, que nos encaravam. Não era estranho o fato de nos encararem, e sim o jeito como o faziam. Arthur os cumprimentou com um aceno de cabeça. Rosaleen se manteve cabisbaixa, olhava o chão. Os três nos seguiram com os olhos, e os encarei de volta, na esperança de entender exatamente qual o problema deles. Seria por eu ser nova no lugar? Mas vi que não, pois não me olhavam. Tinham os olhos fixos em Arthur e Rosaleen. No carro, ninguém disse uma palavra no trajeto inteiro até em casa.

Quando entrei, fui ver mamãe, apesar de Rosaleen me dizer para não ir. Ela continuava sentada na cadeira de balanço, sem se balançar. Fiquei ali algum tempo, mas depois saí. Desci para a sala de estar, de volta à poltrona em que me sentara antes de Marcus aparecer. Estendi a mão para pegar o álbum de fotografias, mas este desaparecera. Procurei-o entre todos os livros naquela prateleira e não o encontrei em lugar algum.

Ouvi um rangido na porta e me voltei como um raio. Vi Rosaleen parada ali.

— Rosaleen! — exclamei e levei a mão ao coração. — Você me assustou.

— O que estava fazendo? — ela perguntou, encolheu os dedos e depois alisou o avental sobre o vestido.

— Só estava à procura de um álbum de fotografias que vi aqui antes.

— Álbum de fotografias?

Rosaleen inclinou a cabeça para o lado, a testa vincada, o rosto contraído de confusão.

— É, eu o vi antes, antes de a biblioteca aparecer. Espero que não se importe: peguei-o para olhá-lo, mas... — Ergui as mãos no ar e ri. — Desapareceu misteriosamente!

Ela fez que não com a cabeça.

— Não, criança. — Olhou para trás e baixou a voz num sussurro. — Agora, silêncio a respeito disso.

Arthur então entrou com um jornal na mão e ela se calou. Ele desviou o olhar de mim para a mulher, que lhe lançou um olhar nervoso.

— Melhor eu ir cuidar do jantar. Carrê de carneiro esta noite — disse baixinho.

Ele assentiu com a cabeça e a observou sair da sala.

O modo como a olhou me fez não querer lhe perguntar sobre o álbum. O modo como a olhou me fez pensar num monte de coisas sobre Arthur.

Mais tarde, naquela noite, os ouvi no quarto do casal, sons abafados que se elevavam e baixavam. Não tive certeza se se tratava ou não de uma briga, mas me pareceu diferente do modo como, em geral, eles se falavam. Era uma conversa, em vez de uma série de comentários dirigidos de um para outro. Qualquer que fosse o assunto, esforçavam-se para que eu não os ouvisse. Colei o ouvido na parede, admirada com o repentino silêncio de ambos, quando a porta de meu quarto se abriu e Arthur apareceu e ficou me olhando.

— Arthur — eu disse e me afastei da parede —, você devia bater antes. Preciso de privacidade.

Levando-se em conta que me flagrara com o ouvido na parede, fez bem em nada dizer.

— Quer que eu a leve a Dublin de manhã? — grunhiu.

— Como?

— Para passar o dia com uma amiga.

Fiquei maravilhada, soquei o ar e liguei para Zoey, sem me lembrar de tentar entender, nem me importar, com o súbito motivo de minha liberdade. E, então, foi esta a vez em que me hospedei na casa de Zoey. Passara apenas duas noites na antiga guarita e já me sentia diferente ao retornar a Dublin. Voltamos ao

trecho habitual na praia, ao lado de minha casa. Parecia diferente e o detestei. Foi uma sensação estranha e detestei a casa. Próximo ao portão da entrada, puseram uma placa: “Vende-se”. Eu não podia olhá-la sem sentir o sangue ferver, o batimento cardíaco aumentar e um irresistível desejo de gritar, como o diabo feminino da morte, *banshee*, do folclore irlandês. Por isso, não a olhei. Zoey e Laura já me examinavam como se eu tivesse pousado de outro planeta, estripado a melhor amiga delas e a fechado com zíper em sua epiderme, como num macacão de dormir, além de ouvirem, analisarem e interpretarem mal tudo o que eu dizia.

Ao verem a placa “Vende-se”, minhas duas amigas, com total falta de sensibilidade, ficaram animadas. Zoey não parava de falar em invadir a casa e passar a tarde lá, como se, naquele exato momento de minha vida, fosse a coisa mais adequada a dizer. Laura, um pouco mais refinada, me olhou hesitante, enquanto Zoey se virava de costas para examinar o portão e avaliar a situação. Mas, como não me opus, ela levou a ideia adiante, mergulhou no mar como um punhado de esgoto recém-despejado pela descarga.

Não sei como fiz isso, mas consegui liquidar a animação por invadir minha casa confiscada onde meu pai liquidara a si mesmo. Em vez disso, nos embriagamos e tramamos contra Arthur e Rosaleen, e seus maus hábitos do campo. Contei a elas — não, não apenas contei, revelei — a história de Marcus e o ônibus de livros, e elas riram, e o julgaram um absoluto idiota, além de considerarem a biblioteca itinerante a coisa mais ridícula e chata de que já tinham ouvido falar. Já era bastante ruim ter uma sala cheia de livros, mas torná-los ainda mais acessíveis, bem, não passava de puro e simples festival de idiotice.

Isso me magoou muito, porém não consegui entender direito o porquê. Tentei disfarçar, mas a única fonte de animação e fuga que eu experimentara no mês, desde a morte de papai, despedaçou-se num instante. Acho que foi nesse momento que comecei a erguer uma parede entre nós. Elas também perceberam. Zoey me olhava de esguelha, com aqueles olhos que pareciam me dissecar, como faz com qualquer um de algum modo diferente, diferente no sentido da pior ofensa possível no mundo. Elas não sabiam a razão, jamais pensariam que o

impacto emocional sofrido por mim, diante do que eu acabara de passar, ia me mudar não apenas por algumas semanas, mas para sempre. Apenas acharam que a vida no campo vinha exercendo uma influência péssima em mim. Eu fora pisoteada como uma planta, mas não morta, e, assim como essa planta, não me restara outra opção a não ser crescer numa direção diferente da qual eu me desenvolvera até então.

Quando Zoey se entediou ou se intimidou por conversar sobre coisas das quais nada sabia, chamou pelo celular Fiachrá, Garóid e o terceiro mosqueteiro, Colm, a quem chamo de Cabáiste — que significa “repolho” em irlandês. Eu nunca conversara com ele direito. Zoey formou um par com Garóid, Laura se juntou a Fiachrá, do qual a primeira parecia ter se refeito, eu e Cabáiste apenas nos sentamos e olhamos o mar. Enquanto os outros quatro rolavam na areia e faziam ruídos molhados, Cabáiste emitia, de vez em quando, um gorgolejo numa garrafa de vodca, e eu imaginava que seria apalpada a qualquer momento. Ele cobriu a garrafa com a mão e despejou goela abaixo outro enorme gole, então esperei aquele beijo molhado, desleixado, com gosto de vodca, que me afligia um pouco e me dava vontade de vomitar ao mesmo tempo.

Mas não foi o que ele fez.

— Sinto muito pelo seu pai — ele disse, baixinho.

O comentário me pegou de surpresa e, então, de repente, fiquei tão emotiva que não consegui falar. Não consegui responder nem olhá-lo. Olhei para o outro lado, deixei a brisa soprar meus cabelos no rosto, esconder e grudar as lágrimas quentes que me escorreram pelas bochechas.

O fato de que eu fora pisoteada tornou-se óbvio. O que me deixava repetidas vezes em dúvida era em qual direção eu ia crescer agora.

Capítulo 8

Jardim Secreto

Toda vez que eu saía de casa por um período mais longo que o habitual, digamos, numa viagem de escola ao exterior ou em viagens de compras a Londres com amigos, sempre levava comigo uma coisa que me fizesse lembrar de casa — algo pequeno. Num Natal, participávamos de um bufê num hotel e meu pai roubou um pinguinzinho de plástico apoiado em cima de um pudim e o pôs em minha sobremesa. Tentava ser engraçado, mas eu estava tendo um daqueles dias, aliás, muito semelhante à maioria dos dias em que eu não conseguia conceber nada que ele dissesse ou fizesse como engraçado e, assim, o pinguim terminou em meu bolso naquele dia. Meses depois, de novo em viagem, enfiei a mão no bolso, encontrei o pinguinzinho e ri. Achei engraçada a brincadeira de papai, embora alguns meses tarde demais e não na presença dele. De algum modo, naquela viagem, o enfeite terminou na minha bolsa de artigos de higiene e viajou o mundo comigo.

Sabe uma dessas coisas que você só tem que dar uma olhada e no mesmo instante ela o liga a alguma outra coisa? Não sou uma pessoa sentimental; nunca me senti afeiçoada a algo nem a ninguém em casa. Não como algumas pessoas a quem basta olhar para qualquer objeto e seus olhos se enchem de lágrimas porque se lembram vagamente de algo que alguém disse uma vez em casa, quando a visão retrospectiva, a sussurrar nos seus ouvidos como o diabo, diz que elas eram felizes. Não, levar algo comigo era, na verdade, apenas uma pequena munição para me fazer sentir que não estava totalmente sozinha, que tinha um pedacinho de casa comigo. Não era sentimentalismo, somente a simples, comum e velha insegurança.

Sem dúvida, não me sentia em nenhum aspecto afeiçoada à antiga guarita. Só ficara lá dois dias, mas durante minha grande escapada para a casa de Zoey, levei comigo o livro que encontrara na biblioteca itinerante. Ainda não

conseguira destrancá-lo e, com certeza, não tinha intenção de lê-lo enquanto permanecesse ali, não quando elas se achavam tão ocupadas em me contar sobre a nova fonte de diversão que haviam descoberto (espere para ouvir): sair sem calcinha. Francamente, tive de rir. Certa vez, aparecera uma foto de Cindy Monroe, estrela americana de *reality show*, 60 quilos e mais de um metro e oitenta de altura, saindo de um carro para ir a uma boate, no dia de sua soltura das 48 horas passadas na prisão por dirigir alcoolizada, e ela não usava calcinha. Zoey e Laura pareceram considerar tal atitude um grande salto à frente para as mulheres. Acho que quando as mulheres do movimento de liberação feminina tiraram e queimaram seus sutiãs não esperavam por isso. Comentei isso com Zoey e ela me examinou pensativa, com os olhos apertados, quase fechados, como se fosse a Rainha de Copas prestes a decidir se entoava: "Cortem-lhe a cabeça!". Mas arregalou os olhos e disse:

— Não, tudo bem, minha blusa era totalmente sem costas, por isso eu também não podia usar sutiã.

Totalmente sem costas; muito morto. Mais uma daquelas expressões: era ou não sem costas. Não duvido que fosse.

Em todo caso, quando fui enviada à casa de Zoey — "enviada" era a palavra operante —, foi como se houvessem me mandado sentar no degrau dos desobedientes para pensar no que fizera. Eu deveria ter sentido como se voltasse para casa, no sentido de me sentir de novo mais inteira, mas não senti nada disso. Por isso, trouxe comigo um pedaço do novo mundo. Trouxe o livro. Sabia que estava ali, na minha mochila, enquanto eu dormia na cama mais baixa, puxada da bicama de Zoey, e, enquanto ficávamos a noite toda acordadas, falando a respeito de tudo, sabia que o livro me escutava, essa coisa estranha da minha detestada vida nova ganhava uma ideia da vida que eu levara uma vez. Eu tinha uma testemunha. Me deu vontade de mandá-lo até a guarita e contar como era minha vida a todas as outras coisas lá que eu detestava. O livro parecia meu segredinho de Laura e Zoey, sem sentido e desinteressante, mas, ainda assim, um segredo deitado a meu lado, na mochila do pernoite.

E assim, quando o Land Rover tomou a estrada lateral para Kilsaney

Demesne e minha nova e desesperada “não vida” mais uma vez me engoliu, decidi pegar o livro e sair para uma caminhada com ele. Eu sabia que mataria Rosaleen se não retornasse e a pusesse a par da tendência de não se usarem mais calcinhas, e, como se meu dever fosse sempre o de punir, dei o fora. Também sabia que mamãe continuava no mesmo lugar, sentada naquela cadeira de balanço sem se balançar, mas deixei a mente fingir que ela fazia o exato oposto, que estava tipo no jardim, nua, dando piruetas ou qualquer coisa do gênero.

Eu nunca percorrera as áreas ao redor, somente fizera o caminho de ida e vinda ao castelo, mas em torno dos 40 hectares, nunca. Minhas estadias anteriores haviam consistido de chá e sanduíches de presunto numa cozinha tranquila, enquanto mamãe falava a respeito de coisas que não me interessavam com meus estranhos tio e tia. Faria qualquer coisa — comer vinte sanduíches úmidos de ovo e duas fatias do bolo servido na ocasião — para sair daquela cozinha e vagar no jardim da frente, cujo caminho seguia mergulhado em silêncio até os fundos. Nada mais me interessava. Nunca fui do tipo explorador, tudo que envolvia movimento me aborrecia. Nada jamais me intrigara o bastante para fazer com que me aprofundasse um pouco e tentasse entendê-lo melhor. Naquele dia, eu continuava do mesmo jeito, porém me sentia tão entediada, que larguei a mochila do pernoite sob os olhos de Arthur, que pigarreou e a levou para dentro de casa, e saí.

Me afastei da casa, do castelo, por uma estradinha estreita. A pista corria oculta embaixo de profundo sombreado de carvalhos, teixos e freixos nativos de 30 metros de altura, que a ladeavam. O terreno era macio, milhares de anos de folhagem e cascas caídas se estendiam na terra e me impulsionavam ao andar, como se eu pudesse correr de um canto ao outro numa malha de ginástica, fazendo estrelas. Embora fosse um dia quente, me sentia refrescada sob as árvores anciãs. Os pássaros pareciam micos hiperativos, com constantes e animados gorjeios, e faziam investidas precipitadas semelhantes às de Tarzan, de uma árvore a outra. Desgastada pela noite inteira acordada com minhas amigas, apenas continuei a andar, a cabeça repleta das conversas delas — as coisas que eu descobrira, como saber que Laura passara a tomar a pílula do dia seguinte —, mas nenhuma mais alta que as conversas que tinha comigo mesma na mente.

Estas eu jamais conseguia desligar. Não creio que tenha pensado tanto e falado tão pouco na vida até então.

Vez por outra, quando as árvores interrompiam sua barreira de segurança, eu via o castelo ao longe; inspecionava, de cima, o gramado, os lagos que pontilhavam o terreno, as árvores majestosas que se erguiam isoladas e se entremeavam à paisagem. Solitários, altos e elegantes álamos se elevavam como plumas para fazer cócegas no céu, largos carvalhos com pesados dosséis se espalhavam como cogumelos. Então, o castelo mais uma vez desaparecia, brincando de esconde-esconde comigo, e a vereda começava a se curvar à esquerda, de modo que eu estava de frente para a torre. Mais vinte minutos de caminhada e vi o portão principal mais acima, à direita. Diminuí o ritmo da caminhada. A escurecida entrada gótica não me atraía: toda acorrentada como algum prisioneiro de guerra deixado a apodrecer no acostamento da estrada. Mato alto e ervas daninhas decrépitas subiam como trepadeiras no portão relativamente novo e se projetavam pelas barras enferrujadas, como compridos braços esqueléticos famintos, acenando aos carros de passagem para serem alimentados ou soltos. Ignorara-se, abandonada e sem manutenção, a outrora imponente estrada que levava direto ao castelo. Achava-se invadida e oculta por um matagal, como a estrada de tijolos amarelos em *O Retorno a Oz*. Estremeci. Não gostei dela como gostava do castelo. Achei suas cicatrizes grotescas. Ao contrário das do castelo, que me davam vontade de erguer a mão e traçá-las com o dedo, essas cicatrizes eram medonhas e me faziam querer desviar o olhar.

Decidi encontrar outro caminho, qualquer coisa que me impedisse de passar por aquele assustador portão gótico, por isso irrompi por entre as árvores e caminhei pela propriedade. Me senti mais segura, mais aninhada no seio das árvores do que naquela trilha pisoteada e martelada pelos normandos a cavalo, a brandir como loucos, no ar, as cabeças decepadas dos camponeses presas nas pontas das espadas.

Os troncos das árvores eram fascinantes, envelhecidos e enrugados como pernas de elefantes. Retorciam-se uns ao redor dos outros como amantes. Alguns se erguiam arqueados do chão, como em agonia, se estendiam à frente, se desenrolavam, viravam e deslocavam-se para uma nova posição. As raízes saíam

serpenteando por debaixo da superfície, elevavam-se acima do terreno e retornavam, mais uma vez, graciosas como as enguias na água. Eu tropeçava com frequência numa raiz alteada, e toda vez um tronco de árvore, adequadamente situado, me amparava. As árvores agiam assim — me davam rasteiras, faziam cócegas em mim com as folhas e as teias, e me beijavam com os galhos. Afastava os galhos para poder passar e logo os sentia saltarem de volta, como catapultas, para bater em meu traseiro de forma descarada.

Ia de uma cidade de árvores a outra. O ar exalava um aroma doce, abelhas enchiam as árvores com flor, saltavam vorazes de um grupo de pétalas para o seguinte, impacientes demais para escolherem apenas uma. No chão, havia frutas de algum tipo, ali caídas há muito tempo, algumas decompostas e apodrecidas, outras secas como uvas-passas. Parei para pegar uma e tentei decifrar o que fora. Cheirei. Repulsiva. Ao largá-la e limpar as mãos, percebi que o tronco a meu lado estava coberto de entalhes. Haviam entalhado a coitada da árvore repetidas vezes, como uma abóbora esvaziada da polpa para exibir os caninos. Dava para perceber que todas as inscrições não tinham sido feitas no mesmo ano, nem sequer no mesmo século. Mais de 20 metros de altura do tronco, de cima a baixo, cobriam-se de vários nomes entalhados na casca, alguns emoldurados por corações, outros em caixas, mas todos declaravam amizade e amor eternos.

Corri o dedo pelos nomes “Frank e Ellie”, “Fiona e Stephen”, “Siobhan e Michael”, “Laurie e Rose”, “Michelle e Tommy”. Todos declaravam amor eterno: “Juntos para sempre”. Me perguntei se alguns deles ainda estavam mesmo juntos. Nenhuma das outras árvores exibia as mesmas marcas. Recuei para examinar a área e descobri o porquê. Notei mais de uma clareira ao redor dessa árvore. Imaginei mantas estendidas, piqueniques e festas, amigos reunidos e amantes que saíam escondidos para ficar juntos debaixo da árvore frutífera.

Deixei o pomar e saí em busca da seguinte cidade arborizada. Surgiu um muro diante de mim e, de repente, meu jogo com as árvores terminou.

Tentava pisar com todo cuidado, sem fazer ruído, mas a mata me denunciava. Sons e ecos exagerados de gravetos estalados e esmagados sob os pés e o farfalhar de folhas, enquanto eu avançava, alertavam as paredes sobre

minha chegada. Não sabia que prédio ficava em frente, mas não era o castelo, pois já o deixara para trás. Não sabia da existência de outras construções na propriedade além dos chalés dilapidados na outra entrada do portão, fechados há muito tempo, como se tivesse havido um dia, o dia determinado, quando todos os habitantes se levantaram e partiram. As pedras do muro não se assemelhavam às do castelo, mas, para meu olho inexperiente, um período muito longo não parecia separá-las. Velhas, desmoronavam-se, e o topo do muro irregular não chegava à altura que alcançara no passado. Não tinha telhado, apenas o muro, em cujo comprimento, do início ao fim, não vi uma única porta nem janela, e sua maior parte, ao contrário do castelo, sobrevivera às mordidas que a vida posta de dor em busca de energia para seguir em frente. Fui para a borda da floresta e me senti como um ouriço que acabara de deixar seu hábitat natural para enfrentar uma rodovia iluminada por faróis, hesitante. Deixei minhas amigas altas para trás, mas, ainda sob aqueles olhares vigilantes, percorri o comprimento do muro.

Ao chegar ao fim, contornei-o e vi que continuava pelo outro lado. Então, de repente, ouvi uma mulher cantarolar por detrás do muro. Me assustei. Além de meu tio Arthur, não esperava encontrar nenhum outro ser humano por aqueles lados. Abracei o livro junto ao peito e prestei atenção ao cantarolar. Baixo, suave, feliz, livre demais para ser Rosaleen, alegre demais para ser minha mãe, parecia o tipo de entonação para passar o tempo, um som distraído, uma melodia que eu desconhecia, embora fosse bem real. A brisa de verão soprou e trouxe um aroma agradável junto com aquela música. Fechei os olhos e encostei a cabeça no muro para escutá-la.

Quando toquei a cabeça na pedra, a voz interrompeu a cantoria; abri bem os olhos e me endireitei.

Olhei em volta. Não a vi, portanto, ela não podia ter me visto. Quando meu coração retornou ao ritmo normal, ela recomeçou a cantarolar. Segui ao longo do muro, deslizei os dedos pela pedra cinza, toquei a parede, teias de aranha, rocha em desintegração, a maciez de algumas partes, a superfície áspera de outras sob os dedos quentes. O sol me espancava, sem mais árvores como guarda-sol. O muro chegou a um fim abrupto, ergui os olhos e vi que uma grande arcada de pedra ornamental marcava a entrada.

Dobrei a cabeça para não me revelar à misteriosa cantora e descobri um jardim murado, mantido de forma imaculada. Da posição em que estava, notei um jardim de rosas, com grandes canteiros destacando-se em um cenário de trepadeiras de rosas em pleno desabrochar, que margeavam os dois lados da trilha de pedestres vinda de outra entrada. Ousei avançar alguns passos para ver o resto do jardim. No centro, mais flores — gerânios, crisântemos, cravos e outras cujos nomes não importava. Ainda mais flores caíam de cestas penduradas e de gigantescos vasos de pedra ladeando a alameda principal que atravessava o jardim. Parecia quase impossível acreditar naquele pequeno oásis em meio a todo o verdor, como se alguém houvesse sacudido e aberto um refrigerante dentro desses muros que se desmoronavam, de onde irromperam todas as cores e borrifaram cada centímetro com diferentes matizes. Abelhas sobrevoavam de uma flor à outra, trepadeiras subiam paredes acima e se retorciam em volta de belas florescências. Senti o perfume de alecrim, alfazema e hortelã de uma horta de ervas próxima. Em volta de uma pequena estufa, no canto do jardim, mais de uma dezena de caixas de madeira em suportes e, então, me dei conta de que, dominada pela curiosidade, sem o saber, eu entrara no jardim e a música se interrompera.

Não sabia ao certo o que esperar, mas, decididamente, não esperava o que vi. No fim do jardim, a origem da cantoria e a pessoa, que então me encarava como se eu tivesse chegado de outro planeta, vestida no que parecia ser um macacão espacial branco, a cabeça coberta por um véu branco, nas mãos um par de luvas de borracha e nos pés um par de botas de borracha na altura da panturrilha. Parecia que acabara de descer de uma nave espacial de encontro a um desastre nuclear.

Sorri, nervosa, e acenei com a mão livre.

— Oi, venho em paz.

A mulher me encarou por um momento mais longo, petrificada como uma estátua. Fiquei ainda mais nervosa, meio sem graça, e, em consequência, como de costume, fiz o que em geral faço.

— Que porra está encarando?

Não sei como recebeu tal linguagem, visto que usava um capacete de Darth Vader. Me encarou mais um pouco e esperei que ela dissesse que eu era Luke Skywalker e ela, meu pai.

— Mas veja só — disse animada, como se despertada de um transe —, eu sabia que tinha uma pequena visitante.

Despiu-se de todas as peças da cabeça e se revelou muito mais velha do que eu esperava. Devia ter 70 e alguns anos.

Veio em minha direção e imaginei que ela saltasse de um pé a outro como se não houvesse gravidade. Enrugada, muito enrugada, a pele pendia e dava a impressão de que o tempo a derretera. Os olhos azuis cintilavam com a intensidade do Mar Egeu e me fizeram lembrar de um dia, no iate de papai, em que, quando o olhei, o mar estava tão claro que se viam a areia e centenas de peixes multicoloridos embaixo. Mas nada se via embaixo dos olhos dela, tão translúcidos que quase refletiam a luz de volta. Então, tirou as luvas e estendeu as mãos.

— Sou a irmã Ignatius. — Sorriu, sem apertar minha mão, mas a segurou com as suas.

Apesar do dia quente e das luvas pesadas, eram lisas e frias como mármore.

— Você é uma freira? — deixei escapar.

— Sim. — Riu a irmã. — Eu estava lá quando isso aconteceu.

Foi minha vez de sorrir e ri, pois tudo fazia sentido. O armário de vidros com mel, as dezenas de caixas em volta do jardim murado, o ridículo macacão espacial numa idosa.

— Conhece minha tia.

— Ah.

Eu não soube bem como entender tal resposta. Ela não registrou surpresa, mas nem me questionou. Ainda segurava minha mão. Não quis retirá-la, ao ver que se tratava de uma freira, mas começava a me perturbar. Continuei falando.

— Minha tia é Rosaleen e meu tio, Arthur, o administrador do terreno aqui. Os dois moram na antiga guarita. Vamos nos hospedar com eles por... algum tempo.

— Nos?

— Eu e mamãe.

— Ah.

Ela ergueu as sobrancelhas tão alto que me pareceram larvas prestes a se tornarem borboletas e esvoaçar.

— Rosaleen não lhe disse?

Fiquei um pouco insultada, embora muito grata pelo respeito de Rosaleen com nossa intimidade. Pelo menos a cidade de um só cavalo sem nenhum cavalo não começaria a falar de nós.

— Não — respondeu a irmã. Então, sem um sorriso e com um ar decisivo, repetiu: — Não.

Pareceu meio irritada e, por isso, corri em defesa de Rosaleen, a fim de salvar qualquer amizade, partilhada ou não, pelas duas.

— Estou certa de que ela apenas protegia nossa intimidade, nos dava algum tempo para lidar com... isso... antes de contar às pessoas.

— Lidar com...

— A mudança para cá — respondi devagar.

Era ruim mentir para uma freira? Bem, eu não estava exatamente mentindo... praticamente entrei em pânico. Senti o corpo aquecer, ficar úmido e pegajoso. A irmã Ignatius dizia alguma coisa, abria e fechava a boca, mas eu não ouvia uma única palavra. Não parava de pensar que tinha mentido, naqueles Dez Mandamentos, no inferno e tudo mais, mas não apenas nisso, pensava em como seria bom dizer aquelas palavras em voz alta. Afinal, era uma freira, na certa, podia confiar nela.

— Meu pai morreu — falei sem pensar e logo interrompi qualquer coisa

bonita que ela dizia.

Ouvi o terrível tremor em minha voz ao dizer essa frase e, então, de repente, do nada, do mesmo jeito que aconteceu com Cabáiste, derramava lágrimas pelo rosto.

— Ah, filha... — ela disse, logo abriu os braços e me abraçou. O livro nos separava, pois ainda o estava segurando, mas embora ela fosse uma estranha total, era uma freira, e apoiei a cabeça em seu ombro e não me refreei, fazia barulhos fanhosos, guturais e tudo mais, enquanto a irmã Ignatius me balançava um pouco e afagava minhas costas. Achava-me no meio de um gemido realmente constrangedor de “Por que ele fez isso? Por quêêêêê...?”, quando uma abelha voou direto em meu rosto e ricocheteou meu lábio. Gritei e me soltei dos braços da irmã.

— Abelha! — guinchei e tentei me esquivar quando o inseto me seguiu.

Ela me encarou e seus olhos se iluminaram.

— Ai, meu Deus, irmã, por favor, tire-a de cima de mim! Xô, xô! — Sacudi o braço. — Elas devem ouvi-la. São suas malditas abelhas.

A irmã Ignatius apontou um dedo e gritou numa voz profunda:

— Sebastian, não!

Parei de me debater para olhá-la, as lágrimas interrompidas.

— Não, fala sério! Você dá nome às abelhas?

— Ah, aquele na rosa é Jemina e, no gerânio, Benjamin — ela respondeu empertigada, com os olhos brilhantes.

— Sem essa! — exclamei e enxuguei o rosto, envergonhada do meu descontrole emocional. — Pensei que eu é quem tivesse problemas.

— Claro que não falo sério. — Então, desatou a rir, uma maravilhosa risada infantil, gutural, que logo me fez rir também.

Acho que foi quando eu soube que amava a irmã Ignatius.

— Sou Tamara.

— Sim — ela disse, me olhou e examinou como se já soubesse.

Tornei a sorrir. A irmã tinha um rosto que me levava a sorrir.

— Você tem permissão para, tipo, falar? Não devia permanecer calada? — Olhei em volta. — Não se preocupe, não contarei a ninguém.

— Muitas das irmãs concordariam com você — ela riu —, mas sim, tenho permissão para falar. Não fiz voto de silêncio.

— Ah. As outras irmãs a olham com desprezo por isso? — Desandou a rir de novo, uma risada cantarolada, meiga e clara. — Então, não vê pessoas há séculos? É contra as normas? Não se preocupe, não contarei. Embora Obama seja o presidente dos Estados Unidos agora — brinquei. Como ela não respondeu, meu sorriso se desfez. — Merda! Você não deve saber esse tipo de coisa... Coisas do "mundo exterior"... Ser freira deve ser como participar do Big Brother.

Ela despertou do transe e mais uma vez riu, seu rosto ficava muito infantil, no estilo de Benjamin Button.

— Mas você não é mesmo uma coisa peculiar? — dissera com um sorriso, por isso tentei com esforço não me sentir insultada. — O que você tem aí? — perguntou ao ver o livro que eu continuava a abraçar.

— Ah, isso! — Parei afinal de apertá-lo. — Encontrei ontem na... ah, na verdade, lhe devo um livro.

— Não seja tola...

— Não, lhe devo de verdade. Marcus, quer dizer, a biblioteca itinerante apareceu aqui anteontem à sua procura e eu não sabia quem era você.

— Então me deve mesmo um livro — concordou, com uma piscadela. — Deixe-me ver, quem é o autor?

— Não sei de quem é nem do que se trata. Não é a Bíblia, nem nada disso, você poderia não gostar — expliquei relutante em entregá-lo. — Talvez contenha cenas de sexo, palavrões, homossexuais, divorciados, coisas do tipo. — Ela olhou para mim e franziu os lábios ao tentar não sorrir. — Não consigo abri-

lo — disse e o entreguei a ela.

— Bem, vou cuidar disso. Me acompanhe.

Logo se encaminhou até a outra entrada do jardim murado e saiu com o livro na mão.

— Aonde você vai? — gritei atrás dela.

— Aonde nós vamos — corrigiu-me. — Venha conhecer as irmãs. Elas terão o maior prazer em conhecê-la. E abrirei o livro enquanto isso.

— Hum. Não, tudo bem.

Corri para alcançá-la e pegar o livro de volta.

— Somos apenas quatro. Não mordemos. Sobretudo quando comemos a torta de maçã da irmã Mary, mas não conte a ela o que eu disse — acrescentou baixinho e tornou a rir.

— Mas, irmã, eu não sou muito boa com pessoas santas. Não sei mesmo o que dizer.

Ela deu mais uma vez aquela risada e se balançou como uma pata naquele macacão de visual engraçado; seguiu em direção ao pomar.

— O que significa a árvore com todas aquelas inscrições? — perguntei, saltitando para não ficar atrás.

— Ah, você viu nosso pomar de macieiras? Sabe, algumas pessoas dizem que a macieira é a árvore do amor — ela disse e alargou os olhos e, quando sorriu, covinhas apareceram em seu rosto. — Muitos dos jovens aqui declararam amor uns aos outros naquela árvore. — A irmã caminhava motorizada e contava sua mágica história de amor com rapidez. — Além disso, é esplêndida para as abelhas. E as abelhinhas são esplêndidas para as macieiras velhinhas. Ah, fiz até uma rima! — Riu. — Arthur faz um excelente trabalho no cuidado delas. Obtemos as mais deliciosas maçãs Granny Smith.

— Ah, por isso é que Rosaleen faz três mil tortas de maçã todo dia. Já comi tanta torta que elas literalmente saem pelo meu...

Ela olhou para mim.

— Ouvido.

Riu e a risada soou como música.

— Então — ofeguei ao tentar acompanhar seu andar a passos largos —, por que vocês se limitam a quatro pessoas?

— Não há muitas que queiram ser freira hoje em dia. Não é, como você diria, legal.

— Bem, não só por não ser legal, o que não é mesmo, mas, nenhum insulto a Deus nem nada disso, na certa se trata de uma coisa de sexo. Se permitissem sexo, eu diria que uma grande quantidade de meninas gostaria de ser freira. Embora, no ritmo que ando, em breve me juntarei a vocês. — Revirei os olhos.

A irmã Ignatius riu.

— Tudo no tempo certo, minha menina, tudo no tempo certo. Você só tem 17 anos. Quase 18, na verdade.

— Tenho 16.

Ela parou de andar então e me examinou, uma curiosa expressão no rosto.

— Dezessete.

— Dezessete daqui a poucas semanas — tomei fôlego.

— Dezoito daqui a poucas semanas. — Ela franziu a testa.

— Eu gostaria, mas, sério, tenho 16 anos, embora as pessoas sempre pensem que sou mais velha.

Ela me encarou como se eu fosse um objeto estranho e queimava tanto a cabeça que eu quase sentia o cheiro do cérebro fritar. Em seguida, retomou o passo acelerado. Com cinco minutos de caminhada movida a motor, eu ofegava, mas a irmã Ignatius não derramava uma gota de suor. Chegamos diante de mais alguns prédios, semelhantes a anexos e antigos estábulos. Primeiro, destacava-se uma igreja.

— Tem uma capela aqui — explicou a irmã Ignatius. — Foi construída pelos Kilsaney em fins do século 18.

Ao me lembrar dessa parte do meu projeto escolar, não consegui despregar os olhos da igrejinha e não acreditava que o que eu roubara do artigo da internet não fora apenas dever de casa, mas era, de fato, real. Consistia de uma pequena capela, pedra cinza, dois pilares na frente tão rachados quanto uma terra de deserto cortada por água há décadas. No topo, um campanário com sino. Ao lado, um antigo cemitério protegido por três finos gradis de ferro enferrujados. Se estes se destinavam a manter os enterrados dentro ou os errantes fora, não ficou claro, mas me fez estremecer só de olhá-lo. Me dei conta de que parara de andar e o encarava — e a irmã Ignatius me encarava.

— Maravilha! Moro nos terrenos de um cemitério. Melhor, impossível!

— Todas as gerações dos Kilsaney estão enterradas aí — ela disse baixinho. — Ou tantos quanto possível. Para os corpos que não conseguiram encontrar, eles fincaram lápides.

— Que quer dizer com “os corpos que não conseguiram encontrar”? — perguntei, horrorizada.

— Gerações de guerra, Tamara. Despacharam alguns dos Kilsaney ao castelo de Dublin para serem aprisionados, outros foram abandonados em viagens ou revoluções.

Fez-se silêncio enquanto eu absorvia as velhas lápides, algumas verdes e cobertas de musgo, outras pretas e tortas, as inscrições tão esmaecidas que não se conseguia lê-las.

— Horripilante pra burro. Você tem de viver ao lado disso?

— E ainda rezo aí.

— Reza para quê? Para as paredes não desmoronarem em sua cabeça? Parece que vão desabar a qualquer segundo.

Ela riu.

— Continua a ser uma igreja consagrada.

— Fazem missas aí?

— Não. — Tornou a sorrir. — A última vez que a usaram foi... — Apertou os olhos a ponto de quase cerrá-los e abriu e fechou os lábios como se percorresse o rosário inteiro. Então, de repente, os arregalou. — Sabe, Tamara, você devia consultar os registros para obter a data exata. O arquivo também inclui os nomes de todo mundo. Temos guardados na casa. Venha dar uma olhada, por que não?

— Ah, não! Você é muito gentil, mas obrigada.

— Suponho que você virá, quando estiver pronta — disse e retomou mais uma vez a caminhada. Corri para alcançá-la.

— Então, há quanto tempo mora aqui? — perguntei, ao segui-la para um anexo, que era usado como galpão de ferramentas.

— Trinta anos.

— Trinta anos aqui? Deve ter sido muito solitário.

— Ah, não, era muito mais movimentado quando cheguei, acredite se quiser. As três irmãs eram muito mais ágeis na época. Sou a mais jovem, o bebê — explicou, e deu de novo aquela risada de menininha. — Tinha o castelo, a casa na ex-guarita... de fato, os tempos, então, nos mantinham muito atarefadas. Mas também gosto do silêncio de agora. Da paz. Da natureza. Da simplicidade. Do tempo para repousar.

— Mas pensei que o incêndio destruíra todo o castelo na década de 1920.

— Ah, o prédio ateou-se em chamas várias vezes em sua história. Mas apenas parte ficou destruída naquela ocasião. A família trabalhou com grande afinco para restaurá-lo. E fizeram um excelente trabalho. Era uma verdadeira beleza!

— Você já entrou nele?

— Ah, sim. — Pareceu surpresa com a minha pergunta. — Inúmeras vezes.

— Então, o que aconteceu depois?

— Um incêndio — respondeu a irmã, e em seguida desviou o olhar, localizou a caixa de ferramentas na mesa de trabalho entulhada e a abriu.

Cinco gavetas deslizaram, cada uma delas cheia de porcas e parafusos. Ela parecia uma pessoa do tipo “faça você mesmo”.

— Outro? — Revirei os olhos. — Francamente, mas que ridículo! Em casa, nossos alarmes de fumaça se conectavam com o posto de bombeiros local. Quer saber como descobri? Fumava em meu quarto e não abri a janela, pois fazia um frio de rachar e, sempre que eu abria as portas, elas se fechavam de novo com estrondo, o que me causava um total estrago no ouvido. Então, pus a música no volume máximo e, no minuto seguinte, a porta de meu quarto veio abaixo por um quentíssimo bombeiro, perdão pelo trocadilho, pois achou que o quarto estava tomado por chamas.

Fez-se silêncio enquanto a irmã Ignatius me ouvia e examinava a caixa de ferramentas.

— Aliás, ele também achou que eu tinha 17 anos. — Ri. — Ligou lá para casa depois, à minha procura, mas papai atendeu ao telefone e ameaçou mandá-lo para a cadeia. E pense em uma atitude drástica. — Silêncio. — De qualquer modo, ficaram todos bem?

— Não — ela respondeu, e quando me lançou um breve olhar percebi que tinha os olhos cheios de lágrimas. — Infelizmente, não. — Piscou furiosa para derramá-las, enquanto fazia um enorme barulho ao fuçar as gavetas e enfiar as mãos enrugadas, mas de aparência resistente, por entre pregos e chaves de parafuso. Tinha na mão direita uma aliança de ouro que parecia de casamento, tão apertada no dedo, com a carne protuberante em volta, que duvido que algum dia pudesse tirá-la, mesmo se quisesse. Eu gostaria de fazer mais perguntas sobre o castelo, mas não quis transtorná-la ainda mais, e ela fazia tamanha barulheira ao remexer dentro da caixa de ferramentas, à procura da chave de fenda correta, que por certo não me ouviria.

Ela experimentou e testou algumas, fiquei entediada e me afastei, indolente, para examinar a garagem. Prateleiras de tranqueiras enchiam as paredes. Quinquilharias e geringonças mecânicas, cuja função eu desconhecia, também

entulhavam uma mesa que ocupava a extensão de três paredes. Tratava-se da caverna de Aladim para uma obcecada por “faça você mesmo”.

Olhei em volta, mas a mente dispersava-se saltitante, com novas perguntas a respeito do castelo. Então, fora ocupado após o incêndio na década de 1920? A irmã Ignatius dissera que chegara ali trinta anos antes e que o visitava após a restauração. Isso nos levava ao fim de 1970. Mas me dava a impressão de que o castelo permanecera ocioso por muito mais tempo.

— Cadê todo mundo?

— Dentro. É hora de recreação. Passa nesse horário a série *Assassinato por Escrito*. Elas adoram.

— Não, me refiro à família Kilsaney. Onde estão todos?

Ela suspirou.

— Os pais se mudaram para se hospedar com primos, em Bath. Não suportavam olhar o castelo naquele estado porque, veja bem, não tinham tempo, energia nem dinheiro para reconstruí-lo.

— Eles costumam voltar aqui de vez em quando?

Ela me olhou entristecida.

— Faleceram, Tamara. Sinto muito!

Dei de ombros.

— Tudo bem. Não me chateou.

Minha voz saiu muito petulante, soou defensiva demais. De fato, não me chateara. Nunca vi as caras deles, por que deveria me incomodar? Mas, na verdade, me incomodei. Talvez fosse a morte de papai que me fazia sentir que toda história triste era a minha história. Não sei. Mae, minha babá, adorava ver programas de TV sobre o desvendamento de casos reais. Quando mamãe e papai saíam, ela se apoderava da televisão na sala de estar e assistia aos *Arquivos do FBI*, que me deixava apavorada. Não pelos detalhes sangrentos — eu assistira a piores —, mas pelo fato de Mae ficar tão fascinada pela maneira de esconder a

verdade dos crimes. Pensava, então, que ela ia assassinar todos nós enquanto dormíamos. Mas também preparava os melhores cafés com leite e creme, por isso eu não a investigava demais, na hipótese de que se sentisse insultada e parasse de prepará-los. Aprendi, ao assistir a um desses programas, que a palavra "pista" vinha de "novelo"[3], que significava uma bola ou meada de fios, pois, num mito grego, um jovem grego usara uma bola de fio para conseguir encontrar o caminho de saída do labirinto do Minotauro. Então, é algo que o ajuda a chegar ao fim de uma circunstância, ou talvez ao início. Assemelha-se ao dispositivo de navegação por satélite de Barbara e minha linha de migalhas de pão da antiga guarita até Killiney: às vezes, não temos a menor ideia de onde estamos e precisamos da mínima pista para nos mostrar por onde começar.

Por fim, a fechadura na qual ela trabalhava cedeu e destrancou.

— Irmã Ignatius, você é uma figura... — provoquei-a e ela riu com vontade.

Assim que ela abriu a pesada capa do livro, meu coração palpitou. As vozes de Zoey e Laura diziam para eu me envergonhar disso e, momentaneamente, me senti constrangida, até a Tamara desse novo mundo afugentá-las com pancadas. Mas quando a irmã Ignatius abriu o livro, o constrangimento retornou intensificado e trouxe consigo raiva, pois não tinha nada no livro. Nada escrito nas páginas.

— Huum... ora, veja isso! — disse a irmã Ignatius, folheando as páginas creme encadernadas, duplas, com as bordas ainda não cortadas, que pareciam vir direto de outra época. — Páginas brancas à espera de serem preenchidas! — continuou com aquela voz maravilhada.

— Que emocionante! — Revirei os olhos.

— Mais emocionante que um já preenchido, pois você, sem a menor dúvida, não poderia usá-lo.

— Então, eu poderia lê-lo. Daí se chamar livro — respondi irritada e mais uma vez senti que esse lugar me decepcionava.

— Preferiria que lhe dessem uma vida já vivida também, Tamara? Desse modo você pode relaxar e observá-la. Ou preferiria você mesma vivê-la? —

perguntou, com um sorriso nos olhos.

— Ah, fique com isso! — Me afastei, sem interesse na coisa que trouxera abraçada bem junto a mim, desapontada.

— Não, querida. É seu. Use-o.

— Não escrevo. Detesto. Meus dedos incham e me dá dor de cabeça. Prefiro escrever e-mails. De qualquer modo, não posso. É da biblioteca itinerante. Marcus vai querê-lo de volta. Tenho de me encontrar com ele de novo para devolvê-lo.

Notei que minha voz suavizara-se na última frase. Com muita imaturidade, contive um sorriso.

A irmã Ignatius notou tudo, sorriu e ergueu as sobrancelhas.

— Bem, você ainda pode se encontrar com Marcus para conversar a respeito do livro — caçoou de mim. — Ele entenderá, como eu, que alguém deve ter doado o diário à biblioteca, após confundi-lo com um livro.

— Se eu fico com ele, não violo algum mandamento ou coisa do tipo?

A irmã Ignatius revirou os olhos como eu fizera várias vezes antes e, apesar do meu mau humor, tive de sorrir.

— Mas não tenho nada para escrever — disse, um pouco mais delicada dessa vez.

— Sempre se tem algo a escrever. Escreva alguns pensamentos. Tenho certeza de que passa muita coisa pela sua cabeça.

Peguei o livro de volta, entoei uma música e dei uns passos de dança para expressar até que ponto me sentia desinteressada por aquela ideia, e pensei sobre como escrever diário era para idiotas. Mas, apesar de todo meu discurso, senti um surpreendente alívio por tê-lo de volta, mais uma vez, em meus braços. Parecia certo tê-lo ali, naquela posição.

— Escreva o que tem aqui em cima — a irmã Ignatius apontou para a testa — e o que tem aqui — apontou para o coração. — Como o descreveu certa vez

um grande homem, “um jardim secreto”. Todos temos um desses.

— Jesus?

— Não, Bruce Springsteen.

— Descobri o seu hoje. — Sorri. — Não é mais secreto, irmã.

— Ah, acertou em cheio. É sempre bom partilhá-lo com alguém. — Apontou o diário. — Ou com alguma coisa.

Capítulo 9

Um Longo Adeus

A noite começava a cair quando retomei o caminho de volta à guarita, com o estômago roncando, sem comer desde que a mãe de Zoey fizera panquecas americanas com geleia de mirtilo para o lanche. Como antes, encontrei Rosaleen parada na porta da frente. Olhava para fora, o rosto franzido de preocupação, numa frenética procura à esquerda e à direita, como se, a qualquer momento, eu fosse surgir. Há quanto tempo estava fazendo isso?

Saltou em posição de sentido ao me ver chegar, empurrou as mãos vestido abaixo perto da junção das pernas para alisá-lo. Marrom, o vestido tinha uma trepadeira verde que subia da bainha à gola. Uma ave canora esvoaçava perto do seio e mais tarde notei outra, junto à nádega esquerda. Não creio que fora essa a intenção do estilista, mas a altura dela destacava a estampa nesses lugares irônicos.

— Bem, aí está você, criança.

Tive vontade de responder, agressiva, que eu não era criança, mas rangi os dentes e sorri. Precisava exercitar mais tolerância com Rosaleen. Essa noite, sou Tamara Boa.

— Guardei seu jantar no forno para mantê-lo aquecido. Não pude esperar mais, eu ouvia a barriga dele falar comigo desde as ruínas.

Muitas coisas me irritaram nessa frase. Primeiro, o fato de que ela não chamara Arthur pelo nome; segundo, nossa conversa mais uma vez girava em torno de comida; terceiro, referira-se ao castelo como uma ruína. Em vez de bater os pés com força no chão, Tamara Boa sorriu de novo e disse, amável:

— Obrigada, Rosaleen! Aguardo com prazer o momento de comer daqui a uns instantes.

Me virei em direção à escada, mas o súbito movimento dela, um impulso de algum tipo, como um atleta numa linha de partida à espera do disparo, manteve-me enraizada no lugar. Não olhei para ela, apenas esperei seu comentário:

— Sua mãe está dormindo, por isso, não vá importuná-la agora.

Ela perdera aquele tom balbuciante, ávido por agradar. Não podia entendê-la, mas ela, na certa, não me entendia também. Tamara Não-Tão-Boa ignorou-a e continuou a subir a escada. Bati de leve na porta, enquanto olhos abrasadores me marcavam a ferro e fogo, e, sem esperar uma resposta de mamãe, entrei.

O quarto estava mais escuro que antes. Haviam fechado as cortinas, mas era o sol que o transformara em algo mais confortável e a noite o tornava mais frio e escuro. Era a primeira vez que minha mãe parecia mais semelhante à mamãe do último mês, mas não pelos seus instintos maternais. As mantas amarelas a cobriam até o peito, os braços comprimidos junto ao corpo sob elas, como se uma aranha gigantesca enredasse-a na teia para matá-la e comê-la. Só pude imaginar que Rosaleen a enfiara sob as cobertas desse jeito; era fisicamente impossível mamãe ter se prendido debaixo das mantas tão apertadas. Afrouxei-as, estendi seus braços ao lado e ajoelhei-me perto dela. Tinha o rosto muito sereno, como se estivesse fazendo um de seus tratamentos preferidos no *spa, um em* que a cobriam com uma camada de iogurte. Achei-a tão imóvel que tive de levar o ouvido a seu rosto para me certificar de que respirava.

Observei-a os cabelos louros ao redor do travesseiro, os longos cílios fechados sobre a pele perfeita e imaculada. Os lábios ligeiramente separados exalavam a respiração suave, agradável e cálida.

Talvez, à medida que venho contando essa história, tenha dado a impressão errada de minha mãe. A viúva enlutada negligente que olhava a paisagem pela janela, sentada na cadeira de balanço, metida numa camisola de mangas em forma de sino, passa uma imagem de uma pessoa muito velha. Não é velha de modo algum. É linda.

Tem apenas 35 anos, muito mais jovem que as mães de minhas amigas. Mamãe tinha 18 quando nasci. Papai era mais velho que ela, com 28. Ele adorava contar a história de como os dois se conheceram, com uma leve

modificação toda vez que a contava. Acho que o satisfazia deixar a verdade como algo que só os dois sabiam. Era simpático da parte de papai e nunca me importara por não me contarem toda a verdade. Talvez por conhecê-la, não conseguisse corresponder às fantasias de todas as histórias que eu ouvira e visualizara. O denominador comum de todos os relatos dele era que haviam se conhecido num opulento banquete, em algum lugar, e quando os olhos dos dois se encontraram, ele soube que tinha de possuí-la. Certa vez, comecei a rir e comentei que foram essas mesmas palavras que ele dissera sobre a potranca puro-sangue que vira ao voltar da liquidação da Goffs.

Ele se calou então, perdeu o sorriso e o olhar distante, e por um momento desejou que não tivesse uma filha adolescente, enquanto mamãe parecia refletir sobre minhas palavras num longo silêncio. Tive vontade de explicar que não pretendia, de fato, dizer aquilo a eles, que era apenas meu jeito de ser desajeitado, e comentários ferinos escapavam de minha boca sem intenção nem premeditação. No entanto, não podia dizer isso a meus pais. Era orgulhosa demais. Não me habituara a pedir desculpas. Mas a recusa em me desculpar por essa coisa que eu dissera não se devia apenas ao fato de ser orgulhosa demais, era também porque parte de mim pensava que podia ser verdade, pois foram mesmo as exatas palavras que papai dissera ao chegar em casa, de volta da Goffs. E também as exatas palavras que ele dizia quando via um relógio, um barco ou um terno novo:

— Você precisa vê-lo, Jennifer. Tenho de possuí-lo.

E quando papai tinha de possuir algo, ele o obtinha. Me perguntei se mamãe era tão impotente quanto a potranca na Goffs, o iate em Mônaco e tudo mais no mundo que papai precisava ter. E se for, não sinto a menor compaixão pela fraqueza de caráter dela.

Não duvido que papai amasse mamãe. Ele a adorava. Sempre a olhava, tocava-a, abria portas, dava flores, sapatos, bolsas, constantes surpresas para mostrar que pensava nela. Sempre a elogiava pelas coisas mais ridículas, o que me irritava muito. Ele nunca me elogiava por nenhuma dessas coisas. E não me atribua todo esse papo de Sigmund Freud, eu não sentia ciúmes — ele era meu

pai, não meu marido, e sei que as mesmas regras não se aplicam, nem eu gostaria que se aplicassem. De qualquer forma, você não pode perder uma filha, pode? Uma filha sempre será sua filha, quer a veja ou não. Ora, quanto à mulher, esta se pode perder com mais facilidade. Ela às vezes se entedia e vai embora. Mamãe era tão linda que poderia ter tido a maioria dos homens que conhecia, e papai sabia disso. Os comentários que lhe dirigia, com a intenção mais carinhosa possível, pareciam condescendentes.

— Querida, conte a eles, conte o que disse quando o garçom perguntou para você se queria sobremesa. Ande, conte a eles, querida!

— Ah, não é grande coisa, George, sério!

— Ah, conte, Jennifer querida. Foi tão engraçado, foi mesmo!

Então, mamãe contava:

— Eu disse que ganho calorias só de olhar o menu de sobremesas. — E as pessoas sorriam e riam alegres, enquanto o rosto de papai brilhava de orgulho pela hilaridade da esposa, e mamãe dava aquele misterioso sorriso que nada revelava e eu sentia vontade de me levantar e gritar: “Mas que porra de ridículo! Essa piada tem três mil anos de existência! E nem é engraçada!”.

Não sei se mamãe algum dia encarou tal circunstância como eu. Ela apenas sorria e aquele sorriso ocultava milhões de respostas. Talvez fosse isso que deixasse papai nervoso: a infinidade de coisas que mamãe guardava só para si. Talvez ele nunca soubesse como ela se sentia. Não eram como outros casais que reviravam os olhos um para o outro ou captavam comentários mútuos anteriores para dar continuidade ou debatê-los um pouco mais. Ambos se mostravam doentiamente agradáveis um com o outro. Mamãe, inescrutável, e papai, sempre lisonjeiro. Ou talvez eu apenas não entendesse o que se passava entre eles, porque nunca me apaixonei. Talvez o amor seja assim: todas as vezes que seu parceiro faz ou diz alguma coisa mundana, você quer se lançar numa onda mexicana daqui ao Uzbequistão, em total deleite. Nunca tive nada disso com ninguém.

Sempre achei que papai e eu éramos opostos totais. Quando ele sente medo, ou sentia medo, de alguém partir, elogiava-o por tudo. Por exemplo, se as amigas

de mamãe a visitavam, elas, em geral, o aborreciam, e papai as ignorava o tempo que permaneciam lá em casa; mas, quando iam embora, fazia questão de dar os abraços mais calorosos, sorrisos e despedidas possíveis. Papai era um tipo de pessoa "acessório na porta da frente que acena até não poder mais ver o carro". Eu só imaginava o que diziam as amigas de mamãe ao chegar em casa: "George é tão cavalheiro, quando saí me deu o maior abraço e me ajudou a entrar no carro. Eu gostaria que você se portasse assim com minhas amigas, Walter".

Ele era mais dado às últimas do que às primeiras impressões, o que torna sua morte ainda mais simbólica. Eu era o oposto. Assim como dera a Barbara um meio fácil de me deixar, ao lhe dirigir comentários ferinos, fizera o mesmo com mamãe e papai a vida toda. Facilitava a despedida das pessoas quando as fazia me detestarem temporariamente. Não percebia que elas guardavam e estocavam minha atitude mimada. Tenho agido assim desde menina.

Eu pedia para mamãe e papai que não saíssem tanto, mas eles saíam mesmo assim. As únicas vezes em que ficavam em casa eram destinadas a recarregar suas baterias, em geral tão exaustos e fartos de estarem juntos que se separavam e passavam a noite em diferentes aposentos. Nunca chegávamos a passar tempo os três juntos. Sei agora que o que eu mais desejava, entre algumas coisas — porém, não mais que tudo —, era que passássemos tempo juntos, tempo natural e espontâneo em casa, não pressionados a nos reunir em momentos forçados, quando me chamavam ao quarto para me proporcionar, orgulhosos, um presente ou o anúncio de uma surpresa.

— Agora, Tamara, você sabe o quanto é afortunada — começava mamãe, que se via às voltas com o maior problema de culpa por ter todas as coisas que possuíamos. — Há vários meninos e meninas que não têm essa oportunidade...

E, em minha mente, não sentia a excitação que ambos imaginavam que eu sentisse, embora tentasse expô-la no rosto. Ouvia apenas minha própria voz dizer: "etc., etc., etc., direto ao ponto, o que vão me dar agora?".

— Mas como você tem sido tão boa e aprecia todas as adoráveis coisas que possui, e porque é uma filha tão especial para nós...

Etc., etc., etc. Não se trata de um presente, não o vejo em nenhum canto do

quarto. Mamãe não tem bolsos. Papai tem as mãos nos dele, portanto não o trazem escondido no corpo. Vamos a algum lugar. Hoje é quarta-feira. Papai vai ao clube de golfe às quintas-feiras e mamãe tem sua hidrocolonterapia, sem a qual, com certeza, ela explode; logo, não iremos a lugar algum até sexta-feira. Trata-se de uma surpresa de fim de semana. Então, que lugar fica perto o suficiente para um fim de semana?

— Conversamos a respeito por algum tempo e achamos...

Etc., etc., etc. Talvez um fim de semana em Londres. Mas eles sempre vão a Londres e estive lá antes, e ambos parecem animados. Portanto, não é um lugar ao qual vamos com frequência. Paris. Bem perto. Coisas para os dois fazerem: mamãe, compras, papai, acompanhá-la e comprar em segredo as coisas que ela adora, mas não comprará todas por serem caras demais, e o que eu posso fazer? O que posso fazer em Paris? Eureca! Ah! Eurodisney. Legal.

— Você tem três chances para adivinhar — mamãe quase guincha de excitação.

— Ah, meu Deus, é impossível, mãe. Como posso adivinhar? — dizia, e tentava ficar toda confusa, agitada. — Tudo bem. — Eu mordia o lábio. — Passar o fim de semana na casa de tia Rosaleen e tio Arthur?

Aprendera que, se você chuta primeiro o menos provável, deixa os pais ainda mais animados em relação ao seu iminente choque e assombro. Dava mais dois palpites sobre lugares execráveis e via mamãe quase explodir de animação. Abençoada seja.

— Vamos à Eurodisney, em Paris! — ela exclamava, aos saltos, e papai enfiava a mão no bolso e pegava o folheto para me mostrar aonde íamos nos hospedar. Mamãe vasculhava meu rosto em busca da emoção; papai, cabeça curvada, com o folheto na mão, logo apontava as coisas a fazer, a visitar, as que podíamos comprar e as que teríamos. Veja isso, folheie as páginas, veja aquilo! Coisas, coisas, coisas.

Por mais que os pais se julguem espertos e recompensadores, as crianças estão um passo à frente deles.

Então, para voltar ao ponto em questão, armei uma grande confusão uma noite antes de eles saírem. Lancei horríveis insultos a eles, não para fazê-los se sentirem culpados, mas porque, naquele momento, eu queria mesmo dizer aquilo e fazia o que acreditava. Porém, eles saíram do mesmo jeito e como, decerto, se sentiam muito culpados por me deixarem, não me meti nos grandes apuros que dissera, de todas as formas mais detestáveis que viveria. Aprendi que sempre sairiam, não importava o que eu dissesse, e, em vez de me sentir triste e envergonhada diante de Mae por ser largada em casa, eu os afugentava. Assumia o controle.

Papai vinha agindo de forma meio estranha nas semanas que culminaram em sua morte, talvez desde antes, mas não tenho muita certeza. Não falei com ninguém a respeito. Imagino que deve ser para isso que servem os diários. Achei que ele ia nos abandonar. Sentia que acontecia algo peculiar, mas não conseguia identificá-lo com precisão. Demonstrava rara amabilidade. Como disse, papai sempre fora amável com mamãe, em geral também comigo, quando eu o tratava bem, mas esse tipo de amabilidade se assemelhava a um longo e contínuo aceno de despedida da porta. Uma última impressão muito longa e agradável. Longo adeus, muito morto. Pressenti que algo se aproximava. A nossa partida ou a dele.

Mesmo quando muitas pessoas perguntavam, depois da morte, sobre o comportamento dele no período que a antecedera, eu mantinha a mesma expressão inocente e confusa como a de mamãe:

— Não, não, não notei nada de errado.

Ora, o que diria a eles? Que, na semana anterior à morte de papai, eu o sentia parado na porta a nos acenar um longo adeus de despedida, até muito depois de desaparecermos de vista?

Pressenti que algo se aproximava e fiz o que sempre fazia: comecei a rechaçá-lo. Me tornei mais detestável que o habitual e me comportei pior do que nunca; fumava dentro de casa, voltava para casa bêbada, esse tipo de coisa. Contestava-o muito mais. Nossas discussões se tornaram mais malévolas, minhas respostas, mais pessoais. Horríveis absurdos. Fiz o que fizera desde criança, quando não queria que eles saíssem. Eu o odeio por ele ter feito o que

fez, quando o fez. Qualquer outra noite, talvez apenas sofresse a dor da perda. Agora, eu a sinto e me odeio, e para mim é quase demais suportá-la. Não poderia ele, ao menos, ter pensado em como eu me sentiria, sobretudo depois daquela nossa última conversa? Dei sua pior despedida e ele fez a pior coisa como resposta. Talvez não por minha causa, mas porque não fiz nada para ajudar.

Não sei se mamãe também notou que tinha algo de errado com ele. Talvez, sim, mas nunca disse. Se, de fato, ela não pressentiu, eu fui a única. Devia ter dito alguma coisa. Melhor ainda, devia ter feito alguma coisa para impedi-lo.

Perdão, pai!

E se, e se, e se... E se soubéssemos, o que nos traria o amanhã? Poderíamos repará-lo? Conseguiríamos?

Capítulo 10

Escada Rumo ao Céu

Preferi fazer a primeira refeição com mamãe em seu quarto, na manhã seguinte. A decisão pareceu preocupar Rosaleen, que permaneceu ali um tempo meio longo demais, empurrando móveis, arrumando uma mesa para nós duas diante da janela, ajustando as cortinas, abrindo a janela, fechando-a um pouco, abrindo um pouco mais e me perguntando se ventava muito.

— Rosaleen, por favor! — disse com delicadeza.

— Sim, criança. — E continuou a fazer a cama. Batia furiosa nos travesseiros, enfiando os lençóis tão apertados que não me surpreenderia se ela os houvesse lambido, e à colcha, antes de virar a dobra sobre a manta e selá-los como um envelope.

— Você não precisa fazer isso. Eu faço depois do café da manhã — sugeri. — Vá cuidar de Arthur lá embaixo. Tenho certeza de que ele quer vê-la antes de sair para o trabalho.

— Deixei o almoço dele na bancada, pronto para levar; ele sabe onde está.

Continuou a afofar, alisar e, se não ficasse direito, começava tudo de novo.

— Rosaleen — repeti, com a mesma delicadeza.

Quando nossos olhos se encontraram, ela viu que o jogo terminara, mas apenas me encarou e, naquele olhar, me desafiou a dizê-lo. Não achou que eu o diria. Engoli em seco.

— Se não se importa, gostaria de passar algum tempo com mamãe. A sós, por favor.

Pronto, dissera-o. Tamara Adulta manifestara-se. Mas, ao meu pedido, seguiram-se o inevitável olhar magoado e a lenta soltura dos travesseiros, acompanhados por um sussurrado:

— Bem...

Não me senti mal.

Quando saiu do quarto, permaneci calada por algum tempo. Sem ouvir o rangido do piso, soube que ela continuava diante da porta. Se prestava atenção, se guardava, se protegia ou nos trancava — não tive certeza. De que sentia tanto medo?

Em vez de tentar arrancar alguma conversa de mamãe, como tentara fazer durante o último mês, decidi parar de combater seu silêncio e, em vez disso, me sentar paciente sob aquele sossego que parecia reconfortá-la. De vez em quando, erguia uma fatia de fruta até ela, que a pegava e mordiscava. Observava sua fisionomia. Parecia em total encantamento, como se contemplasse um fascinante telão que eu não via no quintal, lá fora. Erguia e baixava as sobrancelhas ao reagir a algo que eu dizia, os lábios sorriam tímidos quando ela se lembrava de um segredo. O rosto escondia um milhão de segredos.

Após passar um bom tempo a seu lado, beijei sua testa e saí do quarto. O diário que eu, antes, trazia junto a mim com tanto orgulho estava, agora, escondido debaixo de minha cama. Me sentia como se fugisse de algum lugar para esconder um grande segredo. Preciso confessar que também me sentia meio envergonhada. Minhas amigas e eu não mantínhamos diários. Nem sequer escrevíamos umas às outras. Fazíamos contato pelas redes sociais Twitter e Facebook, e postávamos fotos nossas quando estávamos de férias, nas noites fora, e ao experimentar vestidos nos provadores e pedir opiniões. Enviávamos mensagens de textos umas às outras, e-mails de fofocas e assuntos genéricos divertidos, mas tudo se limitava a informações superficiais. Conversávamos sobre coisas visíveis, palpáveis, que não tinham muita profundidade. Nada emotivo.

Esse diário era o tipo de coisa que Fiona fazia — a menina em nossa sala com quem ninguém falava — ou Sabrina, a outra idiota que quase não ia à escola por causa de algum problema de enxaqueca. Mas, quando ia, fazia o seguinte: procurava um lugar tranquilo onde ficasse sozinha, um canto na sala quando a professora não se encontrava, ou sob uma árvore no terreno da escola

na hora do almoço, e enterrava fundo o nariz num livro ou escrevia furiosa num caderno. Eu costumava rir dela, mas o motivo de risada era eu mesma. Quem sabe o que ela escrevia?

Só me ocorreu um lugar possível onde escrever o diário. Peguei-o debaixo da cama e desci a escada aos gritos:

— Rosaleen, vou sair...

Minhas sandálias de dedo batiam nos degraus rangentes e, quando saltei o último e aterrissei no piso com toda a graça de um elefante, ela surgiu diante de mim.

— Nossa, que susto, Rosaleen! — Lancei como um raio a mão ao coração.

Ela me revistou com os olhos de cima a baixo, registrou o diário, e fixou-os no rosto. Envolvi-o em meus braços para protegê-lo e me certifiquei de que um lado do cardigã cobrisse metade do livro.

— Aonde vai? — perguntou em voz baixa.

— Só lá fora... e ao redor.

Tornou a colocar os olhos até o diário. Apenas não conseguia se conter.

— Posso preparar alguma comida para você levar? Vai morrer de fome.

Morrer de fome. Sol quente. Longo adeus. Muito morto.

— Tem pão de centeio fresco, galinha, salada de batata e tomate cereja.

— Não, obrigada, ainda estou cheia do café. — Fiz mais uma menção de me dirigir à porta.

— Talvez uma fruta fatiada? — Elevou um pouco a voz. — Um sanduíche de queijo e presunto? Sobrou salada de repolho do...

— Rosaleen. Não. Obrigada.

— Tudo bem. — Mais olhares magoados. — Bem, vai ficar segura, agora, não? Não saia vagando para muito longe. Permaneça na propriedade. Ao alcance da vista de casa.

Mais provável ao alcance da vista dela.

— Não estou de partida para a guerra. — Ri. — Só... aqui em volta.

No fechado espaço da casa, onde todos sabiam onde todos os demais se encontravam a qualquer hora, eu queria algumas horas para mim, meu tempo.

— Está bem.

— Não me olhe tão preocupada.

— Apenas, não sei bem... — Baixou os olhos e descruzou as mãos para alisar o vestido caseiro. — Sua mãe a deixaria ir?

— Mamãe? Mamãe me deixaria ir à Lua, se isso me impedisse de reclamar o dia inteiro.

Não sei se foi alívio o que lhe passou pela fisionomia. Talvez mais preocupação. De repente, caíram algumas fichas e relaxei um pouco. Rosaleen não era mãe, mas, de uma hora para outra, em sua tranquila casa, quando minha mãe mudara para o modo de suspensão, ela tinha de fazer o papel de mãe de nós duas.

— Ah, eu entendo — disse, com brandura. Estendi a mão e toquei-a. Senti seu corpo se retesar tanto que logo a retirei. — Não precisa se preocupar comigo. Mamãe e papai me deixavam quase sempre ir aonde quisesse. Passava o dia todo na cidade com minhas amigas. Cheguei até a ir a Londres um dia, com uma amiga. O pai dela tinha o próprio avião. Foi muito legal. Eram apenas uns seis lugares e tudo só para mim e Emily, isto é, a menina dona do avião. Então, no aniversário de 17 anos dela, os pais deixaram que viajássemos para Paris. Sua irmã mais velha, porém, foi conosco, como acompanhante. Tinha 19 anos, fazia faculdade e tudo mais.

Ela me ouvia com atenção; com demasiada avidez, demasiada ansiedade, demasiada rapidez, demasiado desespero.

— Ah, mas não é adorável! — exclamou, animada, com os olhos verdes famintos por todas as palavras que saíam da minha boca. Via-a engoli-las assim que eu as dizia. — Não falta muito para seu aniversário. É esse tipo de coisa que

gostaria para comemorá-lo? — Olhou a entrada da guarita em volta, como se pudesse encontrar um avião em algum lugar ali. — Bem, não teremos condições para algo parecido...

— Não, não, não foi essa minha intenção! Não contei a história por isso. Eu só... não importa, Rosaleen — apressei-me a dizer. — É melhor eu ir. — Forcei a passagem por ela para chegar à porta. — Mas obrigada, mesmo assim — agradeci.

A última coisa que vi ao fechar a porta foi seu olhar preocupado, como se houvesse dito algo errado. Preocupada com o que a vida deles podia ou não podia me oferecer. De qualquer modo, constata-se, no fim das contas, que minha vida antiga me oferecia muito mais que podia. Como um amante desesperado, me oferecia a lua e as estrelas, quando sabia que não havia a menor possibilidade de algum dia consegui-las. Como uma idiota, eu acreditava nisso. Me habituei a pensar que era melhor ter demais que de menos, mas agora penso que demais não era o que eu realmente era. Você devia apenas aceitar o que é e devolver o resto. Um dia alcançarei a simplicidade de Rosaleen e Arthur. Assim, nunca temos de devolver as coisas que amamos.

Enquanto eu seguia pela alameda do jardim, o rapaz do correio veio em minha direção. Animada por ver outra pessoa, cumprimentei-o com um largo sorriso.

— Oi!

Parei e bloqueei sua passagem.

— Olá, senhorita.

Tocou a aba do chapéu em cumprimento, o que achei muito antiquado e simpático.

— Sou Tamara.

Estendi a mão.

— Prazer em conhecê-la, Tamara!

Ele achou que eu mantinha a mão estendida para a correspondência e pôs

alguns envelopes em minha palma.

Atrás, ouvi a porta se abrir e Rosaleen sair às pressas.

— Bom dia, Jack — ela falou e atravessou a alameda a passos movidos a motor. — Eu as pego. — Quase as arrancou de minha mão. — Obrigada, Jack!

Olhou-o severa enquanto as enfiava no bolso do avental, como uma mãe canguru.

— Certo, certo. — Curvou a cabeça como se acabasse de ter sido enxotado. — E, estrada adiante!

Entregou mais alguns envelopes a ela, virou, subiu na bicicleta, afastou-se e contornou a curva.

— Não ia comê-las — eu disse às costas de Rosaleen, meio espantada.

Ela riu e entrou na casa. Mais curiosa que nunca.

Havia apenas um lugar a que eu poderia ir para escrever esse diário. Sentindo o calor da estrada sob minhas sandálias de borracha, me encaminhei em direção ao castelo. Sorri quando as árvores cederam espaço, ao se tornarem mais dispersas, como uma cortina que se abria para o primeiro ato.

— Olá de novo! — cumprimentei-as.

Com grande respeito, vaguei pelos aposentos, sem poder acreditar que um incêndio fizera todo aquele estrago. Nada, nada, absolutamente nada sugeria que alguém houvesse morado ali por, pelo menos, um século. Não restavam mais lareiras, nem lajotas, nem papel nas paredes. Nada, além de tijolos, mato e uma escada que subia para um segundo andar, que não existia mais, e levava ao céu acima, como se, com um salto gigantesco, pudesse se alcançar uma nuvem. Uma escada rumo ao céu.

Me acomodei nos degraus inferiores e pus o diário no colo. Girei na mão a pesada caneta que roubara da escrivaninha de Arthur e fitei o livro fechado, na tentativa de pensar no que escrever. Queria que as primeiras palavras significassem algo e não queria cometer um erro. Por fim, pensei num início e abri o livro.

Meu queixo caiu. A primeira página já fora escrita, cada linha preenchida à perfeição... em minha caligrafia.

Me empertiguei, alerta, rígida, o diário caiu do meu colo pelos degraus de concreto abaixo até o chão. Logo, olhei ao redor, o coração disparado, e tentei ver se aquilo se tratava da ideia que alguém fazia de uma cruel brincadeira. As paredes desmoronadas me retribuíram o olhar e, de repente, surgiram movimentos e ruídos ao meu redor, que eu não notara antes. Arbustos e ervas farfalhavam, ouvi passos por detrás e dentro das paredes, mas nada veio à tona nem se mexeu. Tudo não passava de minha imaginação. Talvez as páginas preenchidas do diário também.

Inspirei fundo algumas vezes e peguei o diário do chão. O couro, arranhado pelas pedras, ficou empoeirado e limpei-o em meus shorts. A queda arrancara a primeira página, mas a escrita não resultava de peças pregadas pela mente. Continuava ali — a primeira página, a segunda — e ao folheá-las, furiosa, vi minha caligrafia nas páginas usadas.

Impossível! Comparei a data no alto com a do meu relógio. Estava datada do dia seguinte, sábado. Esse dia era sexta-feira. O relógio devia estar errado. Pensei em Rosaleen, como deslizara os olhos pelo diário de manhã. Fora ela quem o escrevera? Não poderia. Eu guardara o diário bem seguro debaixo da cama. Fiquei tonta, tornei a me sentar nos degraus e li a anotação. Meus olhos saltavam maniacamente pelas palavras, eu tinha que retornar ao início algumas vezes e recomeçar a leitura.

4 de julho, sábado.

Querido Diário,

É isso que devo escrever? Nunca escrevi num desses antes e me sinto uma absoluta idiota com uma descomunal falta de palavras. Certo, então, Querido Diário, detesto minha vida. Aqui é uma casca de noz. Meu pai se matou, perdemos nossa casa e tudo mais. Perdi minha vida, mamãe perdeu o juízo e, agora, vivemos no cafundó com dois sociopatas. Há alguns dias, passei a tarde com um cara muito fofo chamado Marcus, que é vice-presidente da Central de Ignorância, uma biblioteca itinerante. Dois dias atrás, conheci uma freira, que mantém abelhas e arromba fechaduras, e, ontem, passei quase a manhã toda sentada numa ruína

Riscara-se “numa ruína” e, ao lado, se lia:

num castelo, numa escada rumo ao céu por onde me pareceu muito tentador subir e saltar para uma nuvem que me transportasse para longe daqui. É noite agora, estou de volta ao meu quarto e escrevo este diário idiota porque a irmã Ignatius me convenceu a fazê-lo. Sim, trata-se de uma freira e não de um transexual, como eu pensara antes.

Suspirei e ergui os olhos da página. Como isso era possível? Revistei ao redor, à procura de respostas. Pensei correr de volta à casa para contar para mamãe, Rosaleen e telefonar a Zoey e Laura. Quem, diabos, ia acreditar em mim? E mesmo que acreditassem, o que poderiam fazer para me ajudar?

O castelo estava tão imóvel! Parecia que as nuvens, redondas à perfeição e brancas como querubins, se deslocavam a cem quilômetros por hora. Ouvia-se aqui e ali uma farfalhada sob as ervas, pólens de dentes-de-leão flutuavam pelo ar, me incitavam a agarrá-los ao se aproximarem de mim e logo disparavam para fora de meu alcance quando, de repente, a brisa os levava. Inspirei fundo, ergui o rosto para o sol quente — sol quente. Muito morto — fechei os olhos e exalei devagar. Realmente, eu adorava passar o tempo no castelo. Abri os olhos e continuei a ler, os cabelos da nuca arrepiados.

Adoro passar o tempo no castelo. Devia ser medonho, mas não é. Como Jessie Stevens, do rúgbi, com o nariz quebrado e orelhas em forma de couve-flor devia ser medonho, mas não é. Eu devia ter feito isso antes, essa diversão de escrever. Em todo caso, teria me afastado do falatório agressivo, na casa de Zoey, quando ela e Laura simplesmente não quiseram fechar a matraca sobre a história de não usar calcinhas.

Mamãe ainda não saiu do quarto. Apesar da sensação de querer me enrolar e morrer — fui sufocada com um resfriado depois de ficar encharcada na véspera —, decidi desjejuar no quintal, ao lado da árvore, esta manhã, porque sabia que ela me veria. Estendi a manta do quarto e me servi de uma fruta fatiada. Tinha a textura e o gosto de cartolina. Não sentia fome, canalizava toda minha energia em tentar dar à mamãe vontade de sair. Tentei parecer muito tranquila. Me deitei de costas, apoiada nos cotovelos, cruzei os tornozelos e olhava em volta como se não tivesse uma única preocupação no mundo. Com tal tentativa, eu visava motivá-la a sair, mas não a aproximá-la de mim. Achava apenas que, se ela tomasse um pouco de ar fresco, se desse uma olhada naquele lugar, fosse ao castelo, talvez visse o que vejo, despertaria daquele transe no qual se mantém presa. Claro que ela não quer que a vida continue enquanto fica sentada naquele quarto. Só quando você sai é que se dá conta de que a vida segue em frente, percebe que tem de fluir com a maré.

Não sei por que Rosaleen e Arthur não vêm fazendo mais para ajudá-la. Café da manhã, almoço e jantar fartos o suficiente para um elefante não vão curá-la. Nem silêncio. Eu devia levantar o assunto de novo com Rosaleen. Talvez comentá-lo com Arthur. É irmão dela, afinal, espera-se que a ajude. Pelo

que vejo, à parte o bizarro cumprimento de toques de testas de ambos quando chegamos, ele não lhe disse uma única palavra. Até que ponto isso é estranho?

Depois da chuva de ontem...

Tudo bem, foi aí que eu soube do ridículo de tudo isso, pois hoje fazia o dia mais belo. Nada de chuva em lugar algum. Continuei a ler com uma sobrancelha arqueada, armada da noção de que era vítima de uma pegadinha ou coisa assim, e esperei ver Zoey e Ashton Kutcher saltarem de trás dos pilares em ruínas.

... Sinto-me sufocada com o resfriado. Rosaleen quase me embrulhou com a manta, me enfiou diante da lareira e me forçou canja de galinha goela abaixo. Perdi metade do dia suando em profusão junto àquele apavorante fogo, e tentei convencê-la de que não ia morrer. Ela me obrigou a cobrir a cabeça com uma toalha e curvou meu rosto sobre uma vasilha de água fervente, cheia de pastilhas Vick para desentupir meu nariz e, enquanto estava ali embaixo e também aspirava muco, tive quase certeza de ouvir a campainha tocar. Ela me garantiu que não. Eu devia ter aceitado a oferta de irmã Ignatius para me aquecer em sua casa. Em que medida pode ser assustadora uma casa de freiras?

Amanhã planejo encontrar um lugar tranquilo para escrever no diário. Na certa, vou tomar sol de biquíni. Proporcionar aos camponeses algo para olhar. Talvez não seja tão ruim. Quando a gente fecha os olhos, pode ficar em quase todos os lugares que deseja estar. Quem sabe deitar-me perto do lago e imaginar-me junto à piscina em Marbella, e imaginar que os cisnes, ao sacudirem as penas, representam mamãe. Ela sempre se deitava, não numa espreguiçadeira, como todos os demais, porém, na borda da piscina, perto dos filtros. Deixava a mão pairar acima da água e a espalmava de leve. Emitia um som semelhante a um bebê andando com passos incertos, ali perto. Fazia isso para se manter refrescada ou porque gostava do ruído. Eu gostava de ouvi-la. Embora, por algum motivo, sempre a mandasse parar. Algo a dizer no silêncio, qualquer coisa que a fizesse abrir os olhos e me olhar.

Quem poderia saber de tudo isso? Apenas mamãe.

Talvez vá tomar sol bem no caminho da máquina de cortar grama de Arthur, no gramado, e esperar que ele me atropele. Se não me matar, o mínimo que pode fazer é me poupar de uma depilação completa com cera.

Na verdade, Arthur não é tão ruim. Não fala muito nem manifesta muitas reações, mas sinto uma boa sensação se desprender dele. Quase sempre. Nem Rosaleen é ruim. Apenas preciso tentar entendê-la. Ela teve uma reação tão singular no jantar hoje — torta de carne com batatas, huuum —, quando contei que passara um tempo com a irmã Ignatius. Disse que a irmã fizera uma rápida visita a ela durante a manhã e não comentara nada a respeito de me conhecer. Deve ter sido quando eu estava no chuveiro. Eu gostaria de ser uma mosca na parede para ouvir a conversa delas. Depois, não parou de me interrogar sobre o que a irmã e eu conversamos. Francamente, ela ficou me perguntando o tempo todo, e até Arthur pareceu constrangido. Quer dizer, será que pensou que eu mentira a respeito? Sério, foi

estranho mesmo! Queria que não tivesse contado o que aprendera sobre o castelo. Agora sei que qualquer informação que eu precise saber, com quase toda certeza, não pode vir dela. Suponho que Rosaleen e Arthur sejam apenas diferentes. Ou talvez seja eu a diferente. De fato, nunca pensei dessa maneira antes. Talvez fosse sempre apenas eu.

No caso de eu morrer de desidratação e de alguém encontrar este diário, preciso dizer que choro todas as noites. Me mantenho o dia inteiro, a não ser quanto à varejeira azul e aos transtornos do castelo arruinado, o mais forte que se pode ser, e, então, assim que me arrasto cama adentro, me deito no escuro e no silêncio, o mundo parece rodopiar. Aí eu choro. Às vezes por tão longos períodos que os travesseiros ficam ensopados. Apenas deixo as lágrimas irem aonde quiserem depois que rolam dos cantos dos olhos, escorrem pelas orelhas, fazem cócegas no pescoço, às vezes até pela camisola abaixo. Me habituei tanto a chorar que, às vezes, nem noto. Faz sentido? Antes, se eu chorava, era porque caíra e me machucara, ou porque tivera uma briga com papai, ou ficara de pileque total e a mínima coisa me deixava transtornada. Mas, agora, é como, não importa... me sinto triste, então choro. Às vezes começo e depois paro, enquanto me convenço de que tudo ficará bem. Às vezes, não acredito em mim mesma e recomeço.

Tenho muitos sonhos com papai. Raras vezes ele é o pai real e, em geral, é uma mistura de rostos de diferentes pessoas. Ele surge como o próprio, então se torna um professor de escola, em seguida Zac Efron e depois alguma pessoa aleatória que vi alguma vez na vida, como o sacerdote local ou outro qualquer. Ouvi alguns dizerem que, quando sonham com um ente amado que morreu, eles sentem que é real e que a pessoa está de fato ali, para transmitir uma mensagem, dar um abraço. Que, de algum modo, os sonhos são uma linha indistinta entre aqui e lá, como uma sala de visitas numa prisão. As duas pessoas estão na mesma sala e, no entanto, em lados diferentes; na verdade, estão em diferentes mundos. Eu pensava que as pessoas que falavam assim eram charlatães ou malucos religiosos fundamentalistas. Mas agora sei que se trata apenas de uma das muitas coisas a respeito das quais estava errada. Nada tem a ver com religião, nada tem a ver com estabilidade emocional, mas tem tudo a ver com o instinto natural da mente humana, que consiste em ter esperança além de toda esperança, a não ser que sejamos canalhas cínicos. Há de ter a ver com amor, com a perda de alguém que você ama, parte de seu ser arrancado de si, e fazer quase tudo ou acreditar em qualquer coisa para que ele retorne. É a esperança de algum dia tornar a vê-lo, de ainda poder senti-lo perto de si. Uma esperança como essa, como eu pensava antes, não o torna uma pessoa fraca. É a desesperança que o torna fraco. A esperança o torna mais forte, pois traz consigo uma razão. Não uma razão que explique como ou por que lhe arrancaram o ente querido, mas uma razão para viver. Porque se trata de um talvez. Um “talvez algum dia as coisas não sejam sempre essa merda”. E esse “talvez” logo torna a condição da merda melhor.

Eu pensava que nos tornávamos mais cínicos à medida que ficávamos mais velhos. Eu? Nasci e olhei desconfiada a sala do hospital em volta, de um rosto a outro, e imediatamente soube que esse novo cenário não passava de uma porcaria e o melhor seria retornar logo para dentro. Continuei assim na vida. Qualquer lugar em que me via era ruim e em algum outro lugar, na direção contrária, devia ser

melhor. Só agora, quando a realidade objetiva da vida me atingiu em cheio — muito morto, morto —, que começo a olhar para fora. Pessoas céticas pensam que olham para fora, mas não. Pensam que pessoas emotivas só olham para dentro, mas não. Acho que os melhores cientistas são os que olham em ambas as direções.

Apesar de tudo que eu disse, sei que papai não está em meus sonhos. Não existe nenhuma mensagem nem abraços secretos. Não o sinto comigo aqui em Kilsaney. Não passam de sonhos obscuros sem sentido e sem palavras de conselho. Segmentos espelhados de meu dia, fragmentados como um quebra-cabeças, e lançados no ar para pairarem sobre mim sem ordem, significado ou sentido. Ontem à noite, sonhei com papai, que se transformava em meu professor de inglês e, depois, o professor de inglês se tornava uma mulher e todos tínhamos uma aula livre, e me pediram que cantasse para os presentes, mas abria a boca e nada saía; em seguida, a escola era na América do Norte, mas ninguém falava inglês e eu não entendia nada, e então eu morava num barco. Acordei quando Rosaleen deixou cair um pote ou qualquer coisa no chão da cozinha.

Talvez a irmã Ignatius tivesse razão. Talvez este diário vá me ajudar. A irmã Ignatius é uma mulher curiosa. Não consegui parar de pensar nela desde que a conheci, há dois dias.

Ontem. Só a conheci ontem.

Gosto dela. A primeira coisa de que gosto em relação a estar aqui — tudo bem, a segunda, depois do castelo — é a irmã. A chuva começou a despencar enquanto eu continuava no castelo ontem e vi Rosaleen correndo pela estrada, em minha direção, com um casaco na mão; então, me senti mal, mas simplesmente tive de correr na direção contrária. Não queria que ela soubesse que eu passava o tempo ali; não queria que pensasse que adivinhara o lugar em que eu estava. Não fazia a menor ideia de para onde eu corria. O aguaceiro desabava muito forte mesmo — menos uma chuva de verão e mais um vigoroso toró, e fiquei encharcada, mas me movia como um piloto automático, o corpo apenas se desligou e corri, e, sem me concentrar, terminei no jardim murado. Em pé, na estufa, a irmã Ignatius esperava a chuva passar, com um macacão de apicultura extra para mim. Disse que tivera um pressentimento de que eu voltaria.

Como eu a interrompera na véspera, não conseguira retornar para inspecionar as colmeias. Outras tarefas a aguardavam. Rezar e coisas do gênero. Assim, me mostrou o interior das colmeias ontem. Pegou uma vareta e circundou a abelha-rainha para que eu pudesse ver qual era, apontou os zangões e também as operárias, e depois me mostrou como usar o fumigador. Olhá-lo me fez sentir zonza. Algo estranho acontecia comigo. Ela não notou. Precisei estender a mão e me apoiar na parede para não desabar no chão. Enquanto me sentia assim, ela me convidou a voltar na semana seguinte para ajudá-la a extrair o mel, que põe em vidros e leva para a feira. Fiquei tão ocupada tentando respirar que apenas disse “não”. Queria apenas ir embora. Quisera ter dito que não me sentia bem. Ela pareceu tão decepcionada que me senti realmente mal. Também preciso ir à feira para ver mais pessoas. Vou enlouquecer aqui se continuar vendo as mesmas pessoas todos os dias. Também desejo saber se todos vão encarar Rosaleen e Arthur como fizeram diante do bar. Eles devem ter aprontado alguma coisa na

cidade para serem olhados daquele jeito. Organizado festas de troca de casais em que se pratica sexo grupal ou coisa parecida. Terrível!

Me sento encostada na porta do quarto, ao escrever isso, porque não quero que Rosaleen entre. Quanto menos souber sobre o diário, melhor. Ela já tenta subir e entrar na minha cabeça; não poderia arriscar a possibilidade de saber que meus pensamentos mais íntimos se encontram naquele quarto. Terei de escondê-lo. Vi uma tábua de assoalho solta, perto da cadeira do canto, que posso investigar esta noite.

Mais uma vez, mamãe apagou logo após o jantar. Tem dormido demais nos últimos dois dias. Mas dessa vez adormeceu na cadeira. Quis acordá-la e pô-la na cama, mas Rosaleen não deixou. Vou escrever até ouvir o ronco de Arthur e então poderei dar uma olhada nela.

Na segurança da casa, quero apenas dizer que tive uma estranha sensação enquanto estava no castelo, na manhã anterior. Senti a presença de alguém ali, que me vigiava. Fazia uma manhã tão ensolarada até essa esdrúxula nuvem se espremer e despencar no alto da minha cabeça! Eu estava apenas sentada no degrau, com o diário no colo, sem conseguir pensar no que escrever e como iniciar a primeira página, então, em vez disso, fui tomar sol. Não sei por quanto tempo mantive os olhos fechados, mas gostaria que os tivesse mantido abertos. Tinha, sem a menor dúvida, alguém ali.

Tornarei a escrever amanhã.

Terminei a leitura e examinei em volta, o coração martelando tão alto nos ouvidos que tinha a respiração rápida e intensa. Era isso o que estava acontecendo agora. Estivera escrevendo a meu respeito.

De repente, senti milhares de olhos em mim. Ao me levantar e correr escada abaixo, tropecei no último degrau e bati de encontro à parede. Arranhei as mãos e o ombro direito, deixei o livro cair de novo no chão e, quando o agarrei, rocei a mão numa coisa peluda e macia. Uivei, me afastei de um salto e corri para o quarto contíguo. Não abriam aquelas portas, todas as quatro paredes estavam intactas. Senti algumas gotas de chuva na pele, que logo começaram a cair mais rápido. Fui até um buraco na parede onde antes ficava uma janela e tentei transpô-lo para sair. Assim que cheguei ao parapeito, vi Rosaleen se precipitar pela estrada com o que parecia uma capa de chuva numa das mãos. Avançava rapidamente, uma expressão violenta no rosto, a outra mão acima da cabeça como se isso pudesse impedi-la de se molhar.

Corri até a outra janela, olhos vigilantes nos fundos do castelo, e transpus a abertura, esfolei os joelhos na parede ao me impelir acima para agarrar o

parapeito. Caí no concreto do outro lado, sentindo a ferroada nos pés, quando a falta de apoio nas sandálias de dedo fez a dor disparar até as pernas. Espreitei Rosaleen se aproximar cada vez mais do castelo. Me virei e corri.

Não fazia a menor ideia de para onde eu corria. Senti o corpo como se impelido por um piloto automático. Só quando cheguei ao jardim murado, toda encharcada, fiz a associação com o diário e um tremor sacudiu meu corpo inteiro, além de me deixar arrepiada da cabeça aos pés.

Enquanto fiquei ali, parada na entrada do jardim, gelada de frio e tremendo, uma sombra branca através do vidro fosco da estufa chamou minha atenção. Então, a porta se abriu e a irmã Ignatius apareceu com um macacão de apicultura na mão.

— Eu sabia que você voltaria — falou, e aqueles olhos azuis cintilaram com um brilho travesso, em contraste com a pele branca.

Capítulo 11

Onde Há Fumaça

Juntei-me à irmã Ignatius na estufa. Fiquei a seu lado, meu corpo rígido e tenso. Tinha os ombros empertigados até as orelhas e dava a impressão de que tentava desaparecer em mim mesma, como uma tartaruga. Me agarrava ao diário com tanta força que os nós dos dedos embranqueceram.

— Ah, veja só você — ela disse, naquela voz alegre e despreocupada. — Parece um rato afogado. Me deixe enxugá-la...

— Não toque em mim! — apressei-me a dizer e recuei um passo.

Fiquei de costas e longe dela, mas de vez em quando virava o rosto para trás e lançava-lhe um olhar furtivo.

— Que aconteceu, Tamara?

— Não finja que não sabe. — Uma rápida olhada atrás me revelou que ela estreitara os olhos momentaneamente e, em seguida, os arregalara. Registrava algo. Sabia de alguma coisa. Parecia alguém pego em flagrante. — Confesse!

— Tamara — começou, então se interrompeu, à procura das palavras certas. — Tamara, olhe para mim. Eu... me deixe explicar... devíamos ir a outro lugar para conversar. Não aqui. Nessa estufa, não. Nem com você assim.

— Não. Primeiro quero ouvi-la confessar.

— Tamara, acho mesmo que devíamos entrar e...

— Confesse que você o escreveu — respondi, agressiva.

A expressão da irmã mudou para total confusão.

— Tamara, não entendo. Confessar que escrevi o quê?

— O diário — explodi e o empurrei no rosto dela. Folheei com fúria as páginas. — Veja, escreveram dentro dele. Escondi-o em meu quarto e esta

manhã o trouxe para o castelo para escrever nele, como você me mandou fazer, e olhe. Como fez isso?

Impeli-o sob o nariz dela e tornei a folhear as páginas; com as mãos molhadas, borrava a tinta. Ela piscava ensandecida para focalizar as páginas enquanto passavam diante de seus olhos.

— Tamara, acalme-se! Não vejo nada, você está folheando rápido demais.

Folheei mais rápido ainda. Ela estendeu os braços e, com aquelas mãos grossas, estranguladoras, agarrou meus pulsos com força e disse num tom firme.

— Tamara, pare! — Funcionou. Tomou o diário de minhas mãos e abriu a primeira página. Passou os olhos disparados pelas primeiras linhas. — Não devo ler isso. São seus pensamentos íntimos.

— Eu não os escrevi.

Soube então que ela não o escrevera. Não poderia ter disfarçado a expressão tão consfusa de seu rosto quando ouviu o que eu disse.

— Bem... quem escreveu, então?

— Não sei. Veja a data na primeira página.

— Amanhã.

— Algumas das coisas aí escritas se referem ao que acontecerá amanhã.

A chuva bombardeava o vidro tão alto que parecia que ia atravessá-lo.

— Como sabe disso, se amanhã ainda não aconteceu?

Suavizara a voz, como se tentasse persuadir, com paciência, um doente mental a largar uma faca. Bem poderia consegui-lo, só que eu não pegara a faca, alguém a pusera em minhas mãos. Eu não fizera aquilo.

— Talvez você tenha acordado no meio da noite e escrito, Tamara. Talvez estivesse tão sonolenta que não se lembra de tê-lo feito. Muitas vezes tenho feito coisas estranhas semiacordada ou semiadormecida. Vago pela casa à procura de coisas quando não sei o que procuro, mexo nos objetos e, quando acordo de manhã, saio em busca de algo, me vejo numa total trapalhada.

Ela riu.

— Não é a mesma coisa — respondi baixinho. — Escrevi sobre fatos que aconteceram hoje, os quais eu não tinha como saber. Sobre a chuva, Rosaleen e a capa, você...

— Sobre mim?

— Escrevi que a encontraria aqui.

— Mas estou sempre aqui, Tamara, você sabe disso.

Irmã Ignatius continuou a falar, tentando racionalizar. Ela me contou uma história sobre uma ocasião em que entrara no quarto da irmã Mary, durante a noite, parece que à procura de luvas de jardinagem, pois sonhara com plantar nabos, e quase matara a freira de susto. Me desliguei. Como eu poderia ter escrito cinco páginas e de nada me lembrar? Como poderia ter previsto a chuva, a chegada de Rosaleen com a capa, a irmã Ignatius bem ali, na estufa, com o macacão de apicultura sobressalente?

— Nossas mentes fazem coisas estranhas às vezes, Tamara. Quando procuramos coisas, ela toma sob sua responsabilidade seguir o próprio rumo. Só nos resta acompanhá-la.

— Mas não estou procurando nada!

— Não? Ah, agora a chuva parou. Eu disse que pararia. Por que não a levo até em casa para secá-la e lhe dou algo quente para tomar? Fiz uma sopa, ontem, com os legumes que eu mesma cultivo. Seria nosso jantar, se irmã Mary não tivesse que comer tudo com a ajuda de um canudinho. Ela deixou as dentaduras caírem ontem e, sem querer, a irmã Peter Regina pisou nelas. Tudo agora é por canudinho. — Tapou a boca. — Ah, perdoe-me por rir!

Eu ia protestar, quando me lembrei dos comentários no diário a respeito de ficar sem ar por causa de uma gripe. Talvez eu pudesse mudar o que ia acontecer. Segui-a para fora do jardim, por entre as árvores, até sua casa.

A casa era igual à irmã Ignatius, tão velha por dentro quanto por fora. Entramos pelos fundos, um pequeno corredor repleto de botas Wellington, capas

de chuva, guarda-chuvas e chapéus de sol, tudo que é necessário para qualquer tipo de clima. Lajotas de pedra irregular, rachadas, revestiam a passagem até a cozinha, algo da década de 1970. Armários no extravagante estilo futurista, piso de linóleo, superfícies das bancadas em plástico cor de abacate e cor de laranja incandescente, vindas de um período obcecado por trazer o exterior para o interior. Uma mesa comprida, com um banco de cada lado, era grande o bastante para alimentar os numerosos membros da família de *Os Waltons*. Em um cômodo próximo à cozinha, um rádio tocava alto. Uma passadeira marrom me levou à visão de um grande aparelho de televisão, com uma traseira projetada a uns 60 centímetros da parede. Sobre a TV, pendia um paninho rendado, embaixo de uma imagem de Nossa Senhora. Na parede acima, havia apenas uma simples cruz de madeira.

A moradia exalava um cheiro envelhecido. Umidade mofada misturada a gerações de jantares preparados e óleo de cozinha. De algum lugar ali, desprendia-se o perfume da irmã Ignatius, um limpo aroma de talco e sabonete, como um bebê recém-banhado. Como a casa de Rosaleen e Arthur, esta também passava a sensação de que gerações haviam vivido ali antes, famílias haviam se multiplicado, corrido e gritado pelos corredores, quebrado coisas, cultivado coisas, se apaixonado e, por fim, a deixado. Em vez de as ocupantes serem donas da casa, a casa era dona de uma parte de cada uma. Eu adorava nossa casa, mas cada fragmento de vida desaparecia sob a limpeza das faxineiras, que todos os dias livravam os aposentos do perfume da história e o substituíam pelo de água sanitária. De três em três anos, um cômodo era reformado, retiravam-se os móveis antigos e se colocavam novos, uma pintura para combinar com o sofá. Inexistia uma coleção eclética de objetos reunidos no decorrer dos anos. Nada de confusão aglomerada, sentimental, que deixasse escapar segredos. Tudo novo e caro, desprovido de qualquer emoção. Ou assim fora.

A irmã Ignatius retirou às pressas aquele macacão de apicultura, com o andar semelhante ao caminhar incerto de um bebê com a fralda cheia. Despi o cardigã e o estendi no radiador. Minha túnica transparente colava no corpo, as sandálias de borracha chapinhavam, mas não ousei tirá-las por temer que a sujeira da família anterior grudasse nas solas dos pés. Trouxera-se, em excesso, o lado de

fora para esses assoalhos.

A irmã Ignatius retornou com uma toalha e uma camiseta regata na mão.

— Lamento, foi só o que consegui arranjar. Não temos o hábito de vestirmos jovens de 17 anos.

— Dezesseis — corrigi, e examinei a camiseta feminina pink, de maratona.

— Eu participei da corrida de 1961 a 1971 — explicou e voltou-se para o fogão para pegar a sopa. — Lamento que tenha acabado.

— Uau, você devia ter um bom condicionamento físico!

— O que quer dizer? — Fez uma pose e beijou um dos bíceps. — Ainda não o perdi.

Ri. Retirei a túnica pela cabeça e também a estendi no radiador, depois vesti a camiseta. Batia no meio das coxas. Tirei meus shorts e usei o cinto para transformar a camiseta num vestido.

— O que você acha? — Desfilei numa passarela imaginária para a irmã Ignatius e posei no fim.

Ela riu e assobiou, semelhante a um lobo.

— Palavra de honra, ah, se eu tivesse um par de pernas assim de novo! — Fez um muxoxo e balançou a cabeça.

Trouxe duas cumbucas de sopa até a mesa e devorei a minha.

No lado de fora, o sol, mais uma vez, brilhava como se a chuva jamais houvesse caído e tudo não passara de um produto de nossas imaginações.

— Como vai sua mãe?

— Muito bem, obrigada! — Silêncio. Jamais minta a uma freira. — Nada bem. Fica sentada o dia inteiro no quarto olhando pela janela e sorrindo.

— Parece feliz.

— Parece louca.

— O que Rosaleen pensa?

— Rosaleen pensa que o abastecimento de comida para um ano em um único dia fará qualquer pessoa seguir em frente.

A irmã Ignatius curvou os lábios diante disso, mas combateu o sorriso.

— Rosaleen diz que tal comportamento se deve apenas ao luto.

— Talvez ela tenha razão.

— E se mamãe arrancasse fora as roupas, rolasse na lama e se pusesse a cantar músicas de Enya? Então, isso seria luto?

A irmã Ignatius sorriu e a pele formou dobraduras, como um origami.

— Sua mãe fez isso?

— Não. Mas parece que não demorará a fazer.

— O que Arthur pensa disso?

— Arthur pensa? — respondi, ao sorver, ruidosa, a sopa quente. — Não, retiro o que disse. Tudo bem, Arthur pensa. Pensa, mas não fala. Quer dizer, que grande irmão é ele! E mais: ou ama Rosaleen a tal ponto que nada que a mulher diga o aborrece, ou a acha tão insuportável que não tem saco nem para conversar com ela.

A irmã Ignatius desviou o olhar, encabulada.

— Desculpe pelo linguajar!

— Creio que você comete uma injustiça com Arthur. Ele adora Rosaleen. Acho que faria qualquer coisa pela mulher.

— Até se casar com ela...

Ela me olhou feio e senti o tapa do olhar.

— Certo, tudo bem. Me desculpe. Só que Rosaleen é tão... não sei... — Procurei a palavra, vasculhei na mente como ela fazia me sentir. — Possessiva.

— Possessiva. — A irmã Ignatius refletiu um pouco. — Trata-se de uma interessante escolha de palavra.

Me senti satisfeita por algum motivo.

— Você sabe o que significa, não?

— Claro. Como se ela fosse dona de tudo.

— Hum.

— Quer dizer, ela cuida de nós tão bem e tudo mais. Nos alimenta trezentas vezes por dia, de acordo com as exigências dietéticas de um dinossauro, mas eu gostaria que ela apenas relaxasse, largasse um pouco do meu pé e me deixasse respirar.

— Gostaria que eu trocasse uma palavrinha com Rosaleen, Tamara?

Entrei em pânico.

— Não, ela saberá que conversei com você. Nem sequer contei que a conheci. Você é meu segredinho obsceno — brinquei.

— Bem — ela riu, as faces enrubesceram —, eu nunca fui isso.

Assim que se recuperou do encabulamento, garantiu que não diria a Rosaleen que eu falara com ela. Conversamos mais a respeito do diário, de como e por que acontecera aquilo, e a irmã me tranquilizou dizendo que eu não me preocupasse, pois me achava com a mente sob grande pressão e ela tinha certeza de que eu devia tê-lo escrito durante um estado sonolento e me esquecera. Se eu podia escrever um diário enquanto dormia, que mais seria capaz de fazer? A irmã Ignatius tinha o poder de me fazer sentir que o obscuro era normal, assim como tudo era divino e maravilhoso, e não valia a pena eu me estressar por nada, que as respostas viriam com o tempo, as nuvens se dissipariam, o complicado se tornaria simples e o bizarro, comum. Acreditei nela.

— Nossa, veja o tempo agora! — Ela se virou para contemplá-lo pela janela. — O sol retornou. Devíamos ir logo lá para fora para cuidar das abelhas.

De volta ao jardim murado. Eu saíra vestida de acordo e me sentia igual àquele boneco da Michelin.

— Você cultiva abelhas para ter alguns dias extras de folga? — perguntei, ao seguirmos com o equipamento para uma colmeia. — Faço isso na escola. Se você canta no coro, às vezes ganha dispensa de aula para participar de

competições ou de eventos na igreja, ou coisas do tipo, quando os professores se casam. Se eu fosse professora e me casasse, não ia querer, por nada no mundo, que algumas irritantes pentelhinhas, que me infernizam durante um dia inteiro, cantassem no dia mais feliz de minha vida. Eu iria a St Kitts ou à Ilha Maurício. Ou a Amsterdã. Lá, a lei liberou bebida para meninas de 16 anos. Mas só cerveja. Detesto cerveja. Mas se a lei permite, eu não diria não. Não que vá me casar aos 16 anos. Aliás, isso é legal? Você deve saber, conhece seu homem. — Impeli a cabeça em direção ao céu.

— Então, você canta num coro? — ela perguntou, como se não houvesse ouvido uma única outra palavra que eu dissera.

— Sim, mas nunca fora da escola, nunca saí para competir. Na primeira vez, esquiávamos em Verbier e, na segunda, tive laringite. — Fingi ignorar o fato de ela não ter ouvido o resto de minha conversa. — O marido da amiga de mamãe é um médico que nos dava receitas nessas ocasiões. Acho que ele a desejava. Em todo caso, você não me veria passar vexame numa daquelas competições de coro, embora pareça que nossa escola seja realmente boa em concursos corais. Ganhamos duas vezes o prêmio nacional da República da Irlanda.

— Ah, que tipo de músicas vocês cantavam? “Nessun Dorma” sempre foi minha preferida.

— De quem é?

— “Nessun Dorma”? — Olhou-me, chocada. — Bem, é uma das mais belas árias de tenor do último ato da ópera *Turandot*, de Puccini. — Fechou os olhos, cantarolou baixinho e balançou. — Ah, eu a adoro! Cantada de forma admirável e célebre por Pavarotti, claro.

— Ah, sim, ele é o grandalhão bacana que cantava com Bono. Sempre pensei que fosse uma celebridade como *chef* de cozinha, por algum motivo, até vê-lo no noticiário, no dia de sua morte. Devo tê-lo sempre confundido com outra pessoa, você sabe, com o cara que faz pizzas com coberturas esdrúxulas, em The Food Channel. Chocolate e essas iguarias? Pedi a Mae que preparasse uma dessas certa vez, mas a pizza só me deixou com total ânsia de vômito. Não, não cantávamos nada como as músicas dele. Cantávamos “Shut Up and Let me

Go”, do duo Ting Tings. Mas soava completamente diferente com todas as harmonias, sério mesmo, como uma daquelas óperas.

— The Food Channel, ora, não tenho este canal de modo algum.

— Sei que faz parte das estações via satélite. Nem Rosaleen e Arthur têm. Você na certa não gostaria, mas também tem The God Channel, com coisas de que talvez gostasse. Eles falam de Deus o dia inteiro.

A irmã Ignatius, mais uma vez, sorriu, me enlaçou os ombros com o braço, me apertou junto a si e seguimos assim, em direção ao jardim.

— Agora, mãos à obra no negócio de zumbidos — disse, ao chegarmos às colmeias. — Então, muito importante. Primeira pergunta, e eu decerto devia tê-la feito antes: você é alérgica a abelhas?

— Não tenho a menor ideia.

— Já foi picada por uma abelha?

— Não.

— Hum. Certo. Bem, independente de todas as medidas protetoras, talvez receba uma ou outra picada. Ah, não me olhe assim, Tamara! Tudo bem, então, vamos, volte para Rosaleen. Tenho certeza de que ela comprou as patas traseiras de uma vaca para você beliscar enquanto espera o jantar.

Me calei.

— Você não morrerá dessa picada — ela continuou. — A não ser que seja alérgica, claro, mas se trata de um risco que me disponho a correr. Sou valente assim. — Os olhos brilharam de forma travessa outra vez. — Ocorrerá um leve inchaço na área atingida, seguido por um pouco de coceira.

— Como um mosquito.

— Exatamente. Agora, isso é um fumigador. Vou lançar fumaça dentro das colmeias antes de inspecioná-las.

A fumaça começou a sair pelo bico. Eu já me sentia meio estranha, pois tudo que lera no diário, mais cedo, naquela manhã, tornava-se realidade, encenava-se

diante de mim como um *script*. Ela mantinha o bico sob a colmeia.

— Se uma colmeia é ameaçada, as abelhas guardiãs liberam feromônio, uma substância hormonal chamada acetato de isopentila, conhecida como odor de alarme. Este alerta as abelhas na colmeia, aquelas que têm mais veneno, para a defenderem por meio de um ataque ao intruso. Quando se borrifa a fumaça, as guardiãs, por instinto, se empanturram de mel, um instinto de sobrevivência para o caso de precisarem desocupar a colmeia e recriá-la em outro lugar. Este empanzinamento pacifica as abelhas.

Observei a fumaça flutuar para dentro da casa delas. Então, de repente, pensei no pânico. Uma onda de tontura me atingiu. Estendi a mão para me apoiar na parede.

— Vou extrair o mel semana que vem. Esse macacão é seu se quiser se juntar a mim. Será agradável ter companhia. As irmãs não se interessam por apicultura. Gosto de ficar sozinha, mas também me agrada ter companhia de vez em quando.

Minha cabeça rodopiou quando imaginei a fumaça na colmeia, as abelhas se empanturrando de comida, o puro e total pânico de tudo aquilo. Tive vontade de responder com rispidez e mandá-la se calar, dizer que eu não tinha o menor interesse em extrair mel com ela, mas ouvia o tom de sua voz, a excitação, o prazer de ter companhia e me lembrei do que escrevera no diário, sobre querer retirar a resposta. Prendi a língua e assenti com a cabeça, ainda com a sensação de desfalecer. Toda aquela fumaça...

— Ou, ao menos, é agradável ter alguém aqui que finge gostar disso e de mim. Sou velha. Não sou mais uma companhia que desperte muito interesse. Acho esplêndido, porém, que você tenha se oferecido. Acho que quarta-feira será um bom dia para fazê-lo. Terei de checar a previsão do tempo e me certificar de que seja um dia propício. Não quero que nos encharquemos como hoje...

Sem parar, ela continuou até eu sentir que me encarava. Não podia ver meu rosto, nem eu o dela, sob a rede do acessório de cabeça.

— O que há, querida?

— Nada.

— Nada é sempre “nada”, o que é sempre alguma coisa. O diário a preocupa?

— Bem, sim, claro. Isto é... mas não se trata disso. Não é nada.

Nos calamos por algum tempo e então, como se para provar a afirmação dela, perguntei:

— Tinha alguém no castelo quando ele pegou fogo?

Ela fez uma pausa antes de responder:

— Tinha; infelizmente, sim.

— Só de ver essa... essa fumaça entrar aí, imagino o pânico e as pessoas tomadas pelo medo.

Me apoiei mais uma vez na parede.

A irmã Ignatius me olhou preocupada.

— Alguém morreu?

— Sim. Na verdade, sim, Tamara. Quando o fogo devastou aquela casa, você não faz ideia de quantas pessoas as chamas destruíram.

Aquela casa. Casa. Tornava tudo ainda mais misterioso o fato de que se chamasse assim um prédio como aquele. Significara algo para as pessoas no passado, fossem quem fossem.

— Onde moram agora? As pessoas que sobreviveram.

— Veja, Tamara, Rosaleen e Arthur vivem aqui há mais tempo que eu. Na verdade, você devia perguntar a eles. Jamais mentirei quando me fizer uma pergunta, entende? Mas você deve perguntar isso a eles. Fará isso?

Dei de ombros.

— Você me entende? — Ela estendeu a mão e apertou-me o antebraço. Senti sua força pela luva. — Eu jamais mentirei.

— Sim, sim, entendo.

— Perguntará a eles, não?

Encolhi os ombros.

— Sei lá.

— Sei lá, sei lá, a linguagem das preguiças. Agora, vou levantar, retirar a cobertura e lhe mostrar os habitantes do império do favo de mel.

— Caramba! Como você conseguiu pôr todas aí dentro?

— Ah, essa foi a parte mais fácil. Como todos nós, Tamara, um enxame sempre vive na ativa busca de um lar. Agora, sabe como vou lhe mostrar a abelha-rainha?

— Vai circundá-la com uma vareta.

— Como sabe disso?

— Parece que escrevi em meu diário, na condição de sonâmbula. Adivinhação correta, hein?

— Hum.

Era tarde quando retornei à casa. Passara o dia inteiro fora. Arthur também voltava do trabalho, vinha pela estrada naquele colete de lenhador. Parei e o esperei.

— Oi, Arthur!

Ele me dirigiu um aceno com a cabeça.

— Dia bom?

— Ah.

— Bom, Arthur, posso ter uma palavra com você, por favor, antes de entrarmos?

Ele parou.

— Está tudo bem?

A preocupação que eu não vira antes percorreu seu rosto.

— Sim. Bem, não. É sobre mamãe...

— Ora, eis vocês aí! — chamou Rosaleen da porta da frente. — Devem estar mortos de fome. Acabei de tirar o jantar do forno, tinindo de quente e pronto para servir.

Olhei para Arthur e ele, de volta, à mulher. Seguiu-se um momento embaraçoso quando Rosaleen se recusou a nos deixar. Arthur cedeu, tomou a trilha do jardim e entrou em casa. Ela desviou-se para deixá-lo passar, retornou ao mesmo lugar a fim de me examinar e, em seguida, tornou a entrar para cuidar do jantar. Assim que todos nos sentamos à mesa, colocou, numa bandeja, a comida de mamãe, para levar ao andar de cima. Inspirei fundo.

— Não devíamos tentar fazer mamãe comer aqui embaixo, conosco?

Houve um silêncio. Arthur olhou para a mulher.

— Não, criança. Ela precisa de paz.

“Não sou criança. Não sou criança. Não sou criança.”

— Já teve muita paz o dia todo. Seria uma boa ideia ela ver pessoas.

— Tenho certeza de que preferiria ficar a sós.

— Por que acha isso?

Rosaleen me ignorou e levou a bandeja para cima. Por um minuto, Arthur e eu ficamos a sós. Como se adivinhasse meus pensamentos, ela voltou para a cozinha. Olhou para o marido.

— Arthur, poderia fazer o favor de pegar uma garrafa de água na garagem? Tamara não gosta da encanada.

— Oh, não, não me importo! Prefiro tomar a da torneira — me apressei a dizer e impedi que Arthur se levantasse.

— Não, não é incômodo algum. Vá, Arthur!

Ele tornou a se levantar.

— Eu não quero — protestei firme.

— Se ela não quer, Rosaleen... — meu tio disse em voz tão baixa que mal distingui as palavras.

Ela desviou os olhos dele para mim e, então, se dirigiu correndo para a escada. Tive um pressentimento de que seria o deslocamento mais rápido de toda sua vida.

Arthur e eu permanecemos num silêncio inicial. Logo o interpelei.

— Arthur, nós precisamos fazer alguma coisa em relação à mamãe. Isso não é normal.

— Nada pelo que ela vem passando é normal. Tenho certeza de que preferiria comer sozinha.

— Qual é? — Lancei as mãos ao alto. — Qual é a de vocês dois? Por que são tão obcecados por mantê-la isolada, sozinha no quarto?

— Ninguém quer mantê-la isolada.

— Por que você não conversa com ela?

— Eu?

— Sim, você. É irmão dela, tenho certeza de que pode conversar com ela sobre coisas que a tragam de volta para nós.

Ele cobriu a boca com a mão e desviou o olhar de mim.

— Arthur, você tem de conversar com ela. Mamãe precisa da família.

— Tamara, pare com isso! — ele sibilou, num tom de desaprovação.

Pareceu magoado por um instante. Uma profunda tristeza passou de leve por seus olhos. Então, como se houvesse reunido algum tipo de coragem, logo olhou em direção à porta da cozinha e de volta para mim. Curvou-se para mim, abriu a boca, a voz sussurrada.

— Tamara, escute...

— Muito bem, cheguei. Ela está em ótima forma — disse Rosaleen,

ofegante, ao retornar com aqueles passinhos de criança.

Arthur a examinou durante todo o percurso até ela se sentar.

— O quê? — perguntei a Arthur, na beirada da cadeira.

O que ele ia me dizer?

Rosaleen girou a cabeça como uma antena ao encontrar um sinal.

— Do que estão falando?

Para variar, o pigarro com muco de Arthur revelou-se útil. Bastou como resposta para a mulher.

— Ponham mãos à obra — ela disse empertigada, com uma exagerada atitude ao passar colheres e travessas de legumes.

Arthur levou algum tempo para começar a comer. E não comeu muito.

Naquela noite, me sentei e fiquei olhando fixamente o diário durante horas. Mantive-o aberto no colo, à espera do momento em que chegariam as palavras. Talvez nem tenha resistido até meia-noite, pois, quando acordei à 1 hora da manhã, continuava com o diário aberto no colo. Cada linha escrita em minha caligrafia. Desaparecera a previsão de ontem e, em seu lugar, aparecera outra entrada, uma entrada diferente: para amanhã.

Domingo, 5 de julho.

Eu não devia ter contado a Weseley a respeito de papai.

Li essa frase mais algumas vezes. Quem, diabos, era Weseley?

Capítulo 12

A Escrita na Parede

Suponho que era inevitável sonhar com o que sonhei naquela noite.

Ali, deitada na cama, colhida na ironia de me obrigar a sonhar acordada, minha mente examinou repetidas vezes a anotação que eu lera no castelo antes de se apagar e abrir espaço para a seguinte. Por sorte, eu a lera tantas vezes que sabia quase todas as palavras de cor. Tudo que eu lera se tornara realidade naquele dia. Me perguntei se o amanhã traria os mesmos resultados sobrenaturais, se tudo, de algum modo, se revelaria como uma brincadeira cruel de alguém ou se a irmã Ignatius estava certa e as anotações, tarde da noite, de um sonâmbulo, não passavam de simples escrita ininteligível, inconsequente.

Eu sabia que as pessoas faziam coisas estranhas quando adormecidas: epilepsia do sono, atos sexuais bizarros, sonambulismo com transtornos de limpeza ou de assassinato, que se chama sonambulismo homicida. Há alguns casos famosos sobre pessoas que cometeram assassinatos e alegaram ser sonâmbulas. Dois dos assassinos foram absolvidos, com ordens de dormirem sozinhos, com as portas trancadas. Não sei se vira isso num dos documentários a que Mae assistira ou se fora um episódio de *Perry Mason*, intitulado “O caso da sobrinha sonâmbula”, que me instruiu a respeito. De qualquer modo, se todos esses acontecimentos revelaram-se possíveis, suponho que também fosse possível eu ter escrito meu diário durante o sono e, enquanto o escrevia, previa o futuro.

Acredito mais na tese do sonambulismo homicida.

De posse do conhecimento do sonho que eu teria — bem, de acordo com a Tamara de Amanhã —, minha mente tentava pensar em meios de mudar o sonho ou em meios de impedir papai de se tornar meu professor de inglês e mantê-lo próximo para que pudéssemos conversar. Também tentei pensar num código

especial que apenas ele entendesse e que, de algum modo, o chamaria dos mortos para se comunicar comigo. Fiquei tão obcecada com tudo isso que, era inevitável, sonhei exatamente com o que escrevera: com meu pai, cujo rosto se metamorfoseava no de meu professor de inglês, e, depois, a escola se mudava para a América do Norte, mas eu não sabia falar a língua, então morávamos num barco. A única diferença era que, repetidas vezes, eu era solicitada pelos alunos a cantar, alguns deles formavam o elenco de *High School Musical*, e quando eu tentava abrir a boca, nenhum som saía, por causa da laringite. Ninguém acreditava em mim porque eu mentira sobre isso antes.

A outra diferença, que me pareceu muito mais perturbadora, referia-se ao barco de madeira, estilo Arca de Noé, no qual eu morava. Ele era abarrotado de pessoas, como milhões de abelhas numa colmeia. A fumaça flutuava pelos corredores, mas ninguém, além de mim, notava, e o pessoal não parava de comer, empanturrava a boca com comida, sentavam-se a compridas mesas de banquete, que se assemelhavam às de um filme de *Harry Potter* e, ao mesmo tempo, a fumaça enchia os quartos. Eu era a única que a via, mas ninguém me ouvia porque a laringite extinguira-me a voz. *O Menino e o Lobo* me veio à mente.

Você poderia dizer que o diário estava certo ou uma mente mais cínica sugeriria que, como eu permitira à minha mente ficar obcecada pelos detalhes do sonho, já documentado, inevitavelmente me forçara a sonhar o sonho. Mas, de fato, como previsto, despertei com o ruído de Rosaleen ao deixar um pote cair no chão e uivar.

Afastei as cobertas e caí no chão, de joelhos. Na noite anterior, aceitara o conselho de minha própria voz previdente e escondi o diário debaixo da tábua do assoalho. Se Tamara de Amanhã julgara isso importante, eu ia seguir o conselho. Quem sabe por que ela — ou eu — faria tudo o que fosse preciso para esconder tolos pensamentos hormonais? Talvez Rosaleen houvesse bisbilhotado e ela, ou eu, não tivesse escrito a respeito disso. Nas últimas noites, eu passara a bloquear a porta do quarto com uma cadeira. O que não a impediria de entrar, mas, pelo menos, me alertaria de sua presença. Não vigiara meu sonho desde a primeira noite, até onde eu sabia.

Estava sentada no chão, ao lado da porta do quarto, e relia mais uma vez a anotação da noite anterior, quando ouvi passos na escada. Olhei pelo buraco da fechadura e vi Rosaleen conduzir mamãe escada acima. Quase saltei e fiz um número de música e dança, até que, depois de fechada a porta de mamãe, ela bateu na minha.

— Bom dia, Tamara! Tudo bem? — Ela me chamou do lado de fora.

— Ah, sim, obrigada, Rosaleen! Aconteceu alguma coisa lá embaixo?

— Não, nada. Só deixei cair um pote.

A maçaneta começou a girar.

— Ai, não entre! Estou nua!

Me precipitei e empurrei a porta.

— Ah, certo... — Falar de corpos, sobretudo nus, encabulava-a. — O café da manhã ficará pronto em dez minutos.

— Ótimo — eu disse em voz baixa e me perguntei por que diabos mentira.

Mamãe ter descido era um mega acontecimento. Não para uma família normal, mas para a minha, no presente, que é o xis do problema.

Foi quando me dei conta da importância de cada linha no diário. Cada uma era como aquela trilha de migalhas de pão que desejara jogar desde minha antiga casa até aqui. Cada palavra era uma pista, uma revelação de algo que acontecia debaixo de meu nariz. Quando eu escrevera que despertara ao ouvir Rosaleen deixar cair um pote e uivar, devia ter extraído um sentido disso. Devia ter compreendido que ela jamais faria tal coisa, que algo, decerto, acontecera para levá-la a derrubar o pote. Por que mentira sobre a descida de mamãe? Para me proteger? Para proteger a si mesma?

Tornei a sentar no chão, as costas voltadas para a porta, e li a anotação que começara na noite anterior.

Domingo, 5 de julho.

Eu não devia ter contado a Weseley a respeito de papai. Detestei o jeito como me olhou, com tanta pena. Se ele não gostava de mim, não gostava. Um pai ter cometido suicídio não me tornaria uma

pessoa mais bondosa em nada — embora pareça ter sido esse o caso —, mas como ele ia saber? Na certa, é uma verdadeira hipocrisia tudo isso sair de mim, mas não quero que as opiniões das pessoas a meu respeito mudem apenas pelo que papai fez. Sempre achei que eu desejasse o contrário, que eu desejasse angariar compaixão, você sabe. Eu teria a atenção de todos, poderia ser o que quisesse.

Achei que adoraria isso. Com exceção do primeiro mês, logo após a morte de papai — eu o encontrara, por isso se seguiram muitas perguntas, xícaras de chá, amáveis tapinhas nas costas, tudo enquanto eu proferia, entre lágrimas, meu depoimento ao policial da guarda irlandesa; e, claro, na cavalariça reformada de Barbara, onde designaram Lulu para satisfazer todos os nossos caprichos — que, para mim, se resumiam sobretudo a chocolate quente com marshmallows extras de hora em hora —, não tenho obtido nenhuma atenção especial. A não ser que seja essa a atenção especial de Arthur e Rosaleen, e, no mês seguinte, eu me torne a Cinderela.

Eu realmente não suportava aquela aluna nova, Susie, em minha sala, mas depois descobri que o irmão dela jogava rúgbi no Leinster e, de repente, passei a me sentar a seu lado em todas as aulas de Matemática e a passar todos os fins de semana na casa deles, durante um mês, até suspenderem o irmão do time, após o prenderem por bater e esmagar o carro de alguém, depois de beber muitas vodcas e Red Bulls. Os tabloides arrasaram-no e ele perdeu o patrocínio da empresa de lentes de contato. Ninguém quis ter nada a ver com ele durante uma semana. E, em seguida, parti.

Não acredito que escrevi isso. Fiquei encolhida de repugnância.

Em todo caso, Weseley mudou totalmente quando contei a ele que papai se matara. Eu devia ter dito outra coisa, como: “ele morreu na guerra” ou — não sei — apenas outra coisa mais semelhante a um tipo de morte comum. Seria estranho demais se eu dissesse: “Ah, a propósito, sobre a história do suicídio? Foi só uma brincadeira. Ele de fato morreu de um ataque cardíaco. Há-há-há”?

Não. Melhor não.

Quem, diabos, era Weseley? Olhei a data. Mais uma vez, amanhã. Então, entre agora e a noite de amanhã, eu conheceria um Weseley. Absolutamente impossível. Será que ele ia escalar o muro do Forte Rosaleen para me dizer olá?

Após ter os mais esquisitos sonhos ontem à noite, acordei mais cansada do que estava antes de me deitar. Depois de sono zero, tudo que eu queria era ficar na cama a manhã inteira — na verdade, o dia inteiro. Isso não ia acontecer. O relógio falante bateu uma vez em minha porta antes de entrar.

— Tamara, são nove e meia. Vamos sair para a missa das dez e depois vamos à feira.

Levei algum tempo para entender o que ela dizia, mas acabei por resmungar algo sobre não ser uma pessoa de missa e esperei que despejassem um balde de água benta em mim. Mas não houve nenhuma reação semelhante. Ela deu uma rápida olhada no quarto, para se certificar de que eu não espalhara fezes por todas as paredes durante a noite, e, então, disse que tudo bem se eu permanecesse em casa e ficasse de olho em mamãe.

Aleluia!

Ouvi o carro deixar o acesso à garagem, imaginei Rosaleen num conjunto de suéter de manga curta e cardigã, um broche, chapéu enfeitado de flores, embora nunca a visse usá-los. Imaginei Arthur de cartola, ao volante de um Cadillac conversível, e todo o cenário cor de sépia ao redor, enquanto eles partiam para a missa dominical. Fiquei tão feliz porque haviam me deixado ficar em casa, que não pensei que, talvez, ela não quisesse ser vista comigo na missa, nem na feira, até quando a mágoa, embora insignificante, instalou-se em mim. Tornei a cochilar, mas acordei, pouco tempo depois, sob o ruído da buzina de um carro. Ignorei-o e tentei adormecer de novo, porém, a buzina tornou-se mais alta e longa. Me arrastei da cama e abri a janela, pronta para xingar, mas, em vez disso, desatei a rir ao ver a irmã Ignatius espremida num Fiat Cinquecento com três outras freiras. Sentada no banco de trás, a janela abaixada, tinha metade do corpo fora da abertura como se, de repente, ela houvesse brotado em direção ao sol.

— Romeu! — gritei e abri a janela com um empurrão.

— Você parece ter sido dragada por uma cerca viva! — Em seguida, tentou me convencer a acompanhá-la à missa. Seus esforços foram em vão. Então, uma das outras irmãs tratou de puxá-la de volta para dentro. Ela se encolheu, tornou a sentar no carro e este arrancou, sem diminuir a velocidade nem ligar a seta quando fez a curva. Vi sua mão acenar bem alto, numa continência, quando elas saíram ruidosas e ouvi “Obrigada pelo liiiiivro!” ao fazerem a curva a toda.

Cochilei por mais algum tempo e desfrutei o espaço e a liberdade de me sentir ociosa sem indiretas, enviadas por retinidos de potes da cozinha ou pela pancada de um aspirador de pó na porta, enquanto Rosaleen limpa o tapete do patamar. Durante os momentos em que permaneci acordada, refleti sobre o que Rosaleen dissera na noite anterior, quando chamara mamãe de mentirosa. Haviam brigado? Arthur e mamãe haviam brigado? Mas ela se mostrara muito feliz ao cumprimentá-lo quando chegamos. Se, de fato, ocorrera alguma mudança, o que fora? Eu precisava encontrar tempo a sós com Arthur para conversar sério com ele.

Fui ver como estava mamãe, que, às 11 horas da manhã, continuava dormindo, coisa nada rara em relação a ela. A mão sob seu nariz provou-me que ainda vivia e vi uma bandeja de café da manhã beliscado ao lado da cama, que Rosaleen deixara para ela. Comi uma fruta na cozinha, perambulei pela casa, absorvi algumas coisas, examinei as poucas fotografias dispersas em volta da sala de estar: Arthur com um peixe gigantesco; Rosaleen de traje pastel, com a mão agarrada ao chapéu, rindo num dia de vento. Então, Rosaleen e Arthur juntos, sempre lado a lado, nunca se tocando, como se ambos fossem crianças obrigadas a ficar uma ao lado da outra e posar para uma foto no dia da comunhão; mãos estendidas de lado ou coladas na frente do corpo como manteiga que não derretesse.

Me sentei na sala de estar e continuei a ler o livro que Fiona me dera. À 1 hora da tarde, quando o carro de Arthur e Rosaleen retornou para casa, uma sensação pesada apoderou-se de mim. Meu espaço se fora, mais uma vez se partilhariam os aposentos, se encenariam peças, os mistérios continuariam.

O que eu estava pensando?

Eu devia ter examinado mais a fundo. Invadido a garagem e inspecionado quanto espaço eles de fato tinham. Acho que Rosaleen mente sobre alguma coisa. Devia ter chamado um médico e mandado que examinasse mamãe. Devia ter investigado do outro lado da estrada, ou, ao menos, dado uma espiada no quintal. Devia ter feito muitas coisas, mas, em vez disso, me sentara dentro de casa e ficara deprimida. E mais uma semana se passaria até ter de novo esse tempo.

Que dia desperdiçado!

Nota a mim mesma: não seja uma idiota no futuro e deixe a janela aberta.

Escreverei mais uma vez amanhã.

Guardei o diário de volta e recoloquei a tábua do assoalho no lugar. Peguei uma toalha limpa no armário e meu xampu bom, que estava quase vazio e impossível de ser reposto devido, ao mesmo tempo, à conveniência, e, pela primeira vez na vida, ao custo. Me lembrei da referência à visita de irmã Ignatius essa manhã. Seria a oportunidade perfeita de testar o diário. Deixei o chuveiro correr enquanto esperava no corredor.

A campainha da porta tocou e esta simples ocorrência me assustou.

Rosaleen abriu a porta e, antes que ela falasse, senti, pela atmosfera, que era a irmã Ignatius na porta.

— Irmã, bom dia!

Espiei do canto do corredor e vi as costas de Rosaleen apenas de lado. O vestido leve de hoje parecia patrocinado pela exportadora Fyffes, pois lhe ilustravam cachos de banana. Mantinha o restante do corpo espremido do lado de fora da fresta da porta aberta, quase como se não quisesse que a irmã Ignatius visse além dela. E se não tivesse começado a chover naquele exato momento, creio que o mais perto de mim que a irmã se veria seria na varanda. Ambas pararam no corredor, então, e a irmã Ignatius olhou em volta. Nossos olhos se encontraram, sorri e então tornei a me esconder.

— Entre, entre, venha para a cozinha — disse Rosaleen com urgência, como se o teto do corredor se achasse prestes a desabar.

— Não, estou bem aqui. Não vou demorar muito — disse a irmã Ignatius do

mesmo lugar. — Só quis dar uma passada aqui e saber como você tem passado. Não a vi nem tive notícias suas nas últimas semanas.

— Ah, sim, bem, lamento! Arthur tem andado ocupadíssimo com o trabalho no lago e eu... dando conta das coisas aqui. Virá para a cozinha, não?

Mantinha a voz baixa, como se um bebê dormisse ali.

“Você está escondendo mãe e filha, Rosaleen, confesse a verdade agora.”

Do quarto de mamãe, eu a ouvi arrastar a cadeira pelo chão.

A irmã Ignatius ergueu os olhos.

— Que foi isso?

— Nada. Suponho que você deva estar se preparando para a temporada do mel. Venha para a cozinha, venha, venha!

Ela tentava puxar a freira pelo braço e levá-la para a cozinha.

— Vou extrair o mel na quarta-feira, se o tempo se mantiver firme.

— Queira Deus que se mantenha!

— Quantos vidros você gostaria que eu trouxesse?

Algo caiu no quarto de mamãe.

Irmã Ignatius parou de andar. Rosaleen puxou-a e continuou com a tediosa conversa fiada. Tagarelice, tagarelice, tagarelice. Fulano e cicrano morreram. Fulano e cicrano adoeceram. Mavis, da cidade, fora atropelada por um carro em Dublin, após sair para comprar uma camiseta para o aniversário de 13 anos do sobrinho John. Ela morreu. Comprou a camiseta e tudo mais. Muito triste, pois o irmão morrera no ano anterior de câncer do intestino, agora não restava ninguém da família. O pai ficou sozinho e tiveram de levá-lo para um lar de idosos. Adoeceu nas últimas semanas. A visão está em grande declínio e ele já não era um bom jogador de dardos... O aniversário de 13 anos foi muito triste, todos arrasados por causa de Mavis. Tagarelice, tagarelice, tagarelice sobre merda. Nem uma vez falou sobre mamãe ou eu. O elefante no quarto de novo.

Depois que irmã Ignatius saiu, Rosaleen apoiou, por um momento, a testa na

porta e suspirou. Então, se empertigou e deu meia-volta para examinar o patamar em cima. Me desloquei rápido. Quando curvei a cabeça pelo canto, vi o quarto dela escancarado.

Não conseguiria suportar me sentar com Rosaleen e Arthur para o café da manhã. Preferiria ficar em qualquer outro lugar, menos naquela cozinha com cheiro de fritura que me causava náusea. Mas claro que soube o que fazer em seguida. Fui ao quarto de mamãe.

— Mãe, venha para fora comigo, por favor!

Peguei sua mão e a puxei com delicadeza.

Continuou imóvel como uma rocha.

— Mãe, por favor! Vamos tomar um pouco de ar fresco lá fora. Podemos caminhar ao redor das árvores e dos lagos, ver os cisnes. Aposto que você nunca passeou por esses terrenos antes. Venha! Tem um lindo castelo e montes de alamedas maravilhosas. Tem até um jardim murado.

Ela me olhou. Vi suas pupilas se dilatarem ao se concentrar em mim. Disse:

— Jardim secreto — e sorriu.

— É, mãe. Já esteve lá?

— Rosas.

— Sim, muitas rosas.

— Huum. Bonito — disse baixinho. Então, como se de repente houvesse acabado de sair do norte da Inglaterra e deixasse escapar algumas palavras, acrescentou: — Mais bonita que *Rose*. — Proferiu a frase para o exterior da janela, em seguida me olhou e, com o dedo indicador, desenhou o contorno do meu rosto. — Mais bonita que *Rose*.

Sorri.

— Obrigada, mãe!

— Mamãe caminhou por esta propriedade antes, não? — explodi pela cozinha adentro e assustei Rosaleen, que levou um dedo aos lábios.

Arthur falava ao telefone, um objeto antiquado preso à parede.

— Rosaleen — sussurrei —, ela conversou.

Ela parou de abrir a massa e se dirigiu a mim.

— Que foi que sua mãe disse?

— Que o jardim murado era um jardim secreto e eu tão bonita quanto uma *rosa.* — Sorri, radiante. — Ou mais bonita, na verdade.

A expressão de Rosaleen endureceu.

— Que bom, querida!

— Que bom? Bom o quê, porra? — tornei a explodir.

Ambos, Rosaleen e Arthur, me pediram silêncio.

— Sim. É Tamara — disse Arthur.

— Quem está ao telefone?

— Barbara — disse Rosaleen, com alguns fios soltos dos cabelos presos atrás, em volta da testa de onde começavam a brotar visíveis gotas de suor, enquanto ela, agora, imprimia certo esforço ao enrolar a massa.

— Posso falar com ela? — pedi.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Tudo bem. Tudo bem. Chegaremos a alguma forma de acordo. Sim. De fato. Tudo bem. Tchau!

Desligou.

— Eu disse que queria falar com ela.

— Ah, bem, ela disse que tinha de sair.

— Na certa, tem dormido com o rapaz da piscina. Ocupada, ocupada — comentei com a maior calma. Não sei por que falei isso. — Então, por que ela telefonou?

Arthur olhou para Rosaleen.

— Bem, infelizmente eles vão ter de vender o lugar onde vocês armazenaram todas as suas coisas e não poderão mais guardá-las.

— Ora, aqui não tem espaço! — Rosaleen disse logo; virou-se para a bancada e salpicou farinha na superfície.

Pareceu uma reação conhecida.

— E a garagem? — perguntei. O diário agora começava a fazer sentido.

— Não tem espaço.

— Encontraremos espaço — disse Arthur, num tom agradável.

— Não encontraremos, pois não o temos.

Rosaleen pegou a bola de massa seguinte, atirou-a na bancada e começou a espremê-la com as mãos, esmagava-a, socava-a e modelava-a em algum tipo de forma.

— Tem espaço na garagem — rebateu Arthur.

Rosaleen empacou, mas não se virou.

— Não tem.

Olhei de um para outro, a princípio intrigada por esse, para variar, desacordo público.

— Bem, o que tem lá?

Rosaleen continuava a modelar a massa.

— Temos de abrir espaço, Rosaleen — dizia Arthur, com verdadeira firmeza agora. E, quando ela ia objetar, ele elevou a voz: — Não resta outro lugar.

Ponto final.

Tive um horrível pressentimento, então, de que a conversa sobre mim e mamãe não se revelara muito diferente.

Ambos não se opuseram quando levei a manta para o jardim, com uma travessa de frutas, e me sentei sob a árvore. A profusão solar abandonara o gramado, mas eu não planejava me mexer. O ar fresco e o sol competiam para

retornar. De meu lugar no gramado, via mamãe na janela, olhando para fora. Tentava demonstrar para ela a vontade que eu sentia de que ela saísse, pela minha própria sanidade, além da dela. Não surpreende que não se tenha juntado a mim.

Rosaleen movimentava-se pela cozinha. Arthur, sentado à mesa, ouvia o rádio no volume máximo e virava as páginas com o polegar. Vi Rosaleen sair da cozinha com a bandeja e, um minuto depois, aparecer no quarto de mamãe. Observei-a fazer o rebuliço habitual. Janela, mesa, lençóis, talheres.

Depois que colocou a bandeja na mesa, empertigou-se e olhou mamãe. Logo me sentei, ereta. Aquilo não era habitual. Em seguida, abriu e fechou a boca como se dissesse alguma coisa.

Corri casa adentro, quase derrubei Arthur, e precipitei-me escada acima. Abri com força a porta de mamãe, ouvi um uivo e um ruído esparramado quando a porta se chocou contra Rosaleen e a bandeja. Caiu tudo no chão.

— Ai, meu Deus!

Rosaleen agachou-se e apanhou as coisas em pânico.

A barra do vestido suspendeu até as coxas e revelou pernas surpreendentemente jovens. Mamãe girou na cadeira para ver, olhou para mim, sorriu e tornou a se virar para a janela. Tentei ajudar Rosaleen, mas ela não me deixou: empurrava minha mão e se apressava a agarrar cada objeto em direção ao qual eu estendia minha mão para pegar. Segui-a escada abaixo, como um cachorrinho, quase mordiscando seus calcanhares.

— O que foi que ela disse?

Tentei manter a voz baixa para que mamãe não nos ouvisse falar sobre ela.

Rosaleen, ainda chocada com meu ataque, tremia e empalidecera. Vacilava ao entrar na cozinha com a bandeja grande.

— Então? — perguntei, ao acompanhá-la.

— Então o quê?

— Que barulho foi aquele? — perguntou Arthur.

— O que foi que ela disse? — insisti.

Rosaleen olhou de Arthur para mim, os olhos arregalados e verdes fulgiam com as pupilas reduzidas a pontos minúsculos.

— A bandeja caiu — ela respondeu a Arthur. E depois a mim: — Nada.

— Por que está mentindo?

Seu rosto se transformou. Metamorfoseou-se em algo tão furioso, que me deu vontade de logo retirar tudo o que dissera: era minha imaginação, eu inventara, buscava atenção... não sei. Estava confusa.

— Desculpe! — gaguejei. — Não tive a intenção de acusá-la de mentir. Apenas me pareceu que ela disse alguma coisa. Só isso.

Ela respondeu:

— Obrigada!

— De nada. — Forcei-me a me lembrar dos lábios de mamãe. — Ela disse "sinto muito" — deixei escapar.

Rosaleen imobilizou-se. Arthur ergueu a cabeça do jornal.

— Ela disse "sinto muito", não foi? — perguntei e olhei de um para outro. — Por que disse isso?

— Não sei — Rosaleen respondeu em voz baixa.

— Você deve saber, Arthur. — Olhei para ele. — Significa alguma coisa para você? Por que ela diria "sinto muito"?

— Suponho que por se julgar uma amolação — Rosaleen logo interferiu e respondeu pelo marido. — Mas não é. Não me incomodo de cozinhar para ela. Não é incômodo algum.

— Ah.

Vi com clareza que Arthur não podia mais esperar para sair e, assim que ele se foi, o dia retornou à rotina de sempre.

Eu queria dar uma olhada na garagem quando Rosaleen fosse lá, e aprendi que o melhor a fazer era fingir que não queria que ela o fizesse. Assim, nunca desconfiaria.

— Posso levar algo com você até o bangalô?

— Não — ela respondeu agitada, ainda aborrecida comigo. — Ah, tudo bem, mas muito obrigada pela oferta, Tamara!

Revirei os olhos.

Ela retirou o pão de centeio recém-assado e a torta de maçã que acabara de preparar; um ensopado de alguma coisa ao forno e alguns potes. O bastante para o jantar de uma semana.

— Bem, quem mora lá?

Nenhuma resposta.

— Por favor, Rosaleen! Não sei o que aconteceu com você em sua última vida, mas não sou a Gestapo. Tenho 16 anos e só quero saber isso porque não tenho absolutamente nada a fazer. Talvez more alguém lá que não esteja prestes a morrer e com quem eu possa conversar.

— Minha mãe — ela respondeu, por fim.

Esperei o resto da frase... Minha mãe me ensinou a não me meter onde não sou chamada. Minha mãe me mandou sempre usar vestidos em estilo clássico e informal. Minha mãe me pediu que não revelasse sua receita de torta de maçã. Minha mãe me aconselhou a nunca ter prazer no sexo... Porém, nada mais disse. Sua mãe. Sua mãe morava no outro lado da rua.

— Por que você nunca me contou?

Ela se mostrou um pouco sem graça.

— Ah, você sabe...

— Não. Ela é constrangedora? Às vezes, meus pais eram constrangedores.

— Não, ela é... é idosa.

— Pessoas idosas são simpáticas. Posso conhecê-la?

— Não, Tamara. Ainda não, em todo caso — abrandou a voz. — Sua saúde não é das melhores. Ela não pode se locomover. Não se sente bem com pessoas novas. Deixam-na ansiosa.

— Então, por isso é que você vive de um lado para outro. Puxa, sempre tem de cuidar de todos!

Ela pareceu tocada pelas palavras.

— Sou tudo o que ela tem. Preciso cuidar dela.

— Tem certeza de que não posso ajudá-la? Não vou falar nada disso com ela.

— Não, obrigada, Tamara. Obrigada por se oferecer.

— Então ela se mudou mais para perto de você para que pudesse cuidar dela?

— Não. — Rosaleen adicionou frango e molho de tomate ao ensopado.

— Você se mudou mais para perto de sua mãe para que pudesse cuidar dela?

— Não. — Pôs dois saquinhos de arroz prontos para cozinhar em outro pote. — Ela sempre morou ali.

Pensei nisso um instante, enquanto a observava.

— Espere aí, então você foi criada ali?

— Sim — ela respondeu e colocou tudo numa bandeja. — Aquela é a casa onde fui criada.

— Bem, não se mudou para muito longe, não é? Então, você e Arthur se mudaram para cá depois que se casaram?

— Sim, Tamara. Agora, chega de perguntas. Sabe que a curiosidade matou o gato.

Deu um breve sorriso antes de sair da cozinha.

— O tédio matou a porra do gato — gritei para a porta fechada.

Fui até a sala de estar, como fazia toda manhã, e a vi correr até o outro lado da estrada, como um hamster paranoico, apreensivo de que um gavião mergulhasse e a agarrasse.

Deixou cair um pano de prato e esperei que parasse e o pegasse. Mas não o fez. Nem pareceu notar. Apressei-me a sair e seguir a trilha do jardim, e parei no portão como uma criança obediente, enquanto a aguardava voltar naqueles passos corridos.

Tomei coragem e transpus o portão. Então, assim que o fiz, me encaminhei para a entrada da propriedade, na expectativa de que, a essa altura, ela tivesse notado a falta do pano de prato. Alerta vermelho: em algum lugar, uma torta de maçã emitia calor. O bangalô consistia numa coisa de aparência sem graça, de tijolo vermelho, duas janelas cobertas por rede branca, como dois olhos com catarata, e separadas por uma porta verde-meleca. As janelas pareciam escuras e, embora não fossem, o vidro parecia tingido e apenas refletia a luz de fora, sem mostrar quaisquer sinais de vida no interior. Peguei o pano de prato xadrez azul do meio da estrada, que estava, na maioria das vezes — na maioria das vezes muito morto —, sem tráfego. O portão do jardim da frente era tão baixo que dava para eu levantar a perna e transpô-lo. Julguei que seria a maneira mais segura ou cinquenta anos de portão enferrujado me denunciariam. Atravessei a trilha devagar e olhei pela janela à direita do prédio. Colei o rosto no vidro e tentei ver através da horrível rede. Depois de todo aquele mistério, não sei bem o que esperava. Algum segredo imenso, uma seita doida, corpos mortos, uma comunidade hippie, alguma aberração sexual com um monte de chaves num cinzeiro... não sei. Qualquer coisa, qualquer coisa, menos um aquecedor elétrico, em vez de uma lareira de verdade, cercado por telhas marrons duvidosas e consolo azulejado, tapetes verdes, cadeiras gastas com braços de madeira e almofadas de veludo amarrotado. Tudo um tanto triste, na verdade. Tudo meio semelhante a uma sala de espera de dentista, e fiquei um pouco triste. Rosaleen não andara escondendo nada, de modo algum. Bem, não exatamente: andara escondendo o maior desastre quanto à decoração de interior do século.

Em vez de tocar a campainha, contornei a lateral da casa. Assim que o fiz, vi um pequeno jardim, com uma grande garagem, igual ao dos fundos da guarita,

na parte de baixo do terreno. Da janela da ex-garagem, algo cintilou. A princípio, pensei tratar-se de um flash de máquina fotográfica, mas, depois, percebi que aquilo que me ofuscara os olhos por um momento só o fazia quando captava a luz do sol. Ao me aproximar do fim da passagem lateral, fui atraída para ver o que havia logo em seguida.

Rosaleen surgiu diante de mim e saltei, meu grito ecoou pela passagem estreita, e ri.

Ela fez “xiiu!” no mesmo instante, parecia nervosa.

— Perdão! — Sorri. — Espero não ter assustado sua mãe. Você deixou cair isso na estrada. Só vim para entregá-lo. Que luz é aquela?

— Que luz?

Ela se afastou um pouco, à direita, e protegeu meus olhos, mas tapou minha visão.

— Obrigada! — Esfreguei os olhos.

— É melhor você voltar para casa — sussurrou Rosaleen.

— Ah, por favor, não posso nem ao menos dizer olá? Tudo parece um pouco Scooby-Doo para mim. Você sabe, misterioso.

— Não tem mistério algum. Minha mãe não se sente bem em companhia de estranhos. Talvez a levemos para jantar em casa um dia, se ela se mostrar disposta.

— Legal.

Outra com mais de 50 anos para acrescentar à minha lista de conhecidos.

Eu ia insistir mais um pouco, vendo que ela se abrandara muito, porém, ouvi um veículo se aproximar pela estrada e, na esperança de que fosse Marcus, bati continência para Rosaleen, dei meia-volta e corri.

Se não fosse Marcus, aqueles cinco segundos de possibilidades teriam sido a coisa mais excitante que acontecera naquele dia. Mas, como se constatou, era ele. Eu o vi parado na varanda da guarita quando atravessei, desenfreada, a rua.

Passava a mão pelos cabelos e olhava o próprio reflexo no vidro.

— Tem um fio fora do lugar bem acima de sua orelha — gritei do portão.

Ele rodopiou com um sorriso.

— Goodwin! Bom ver você.

— Veio buscar o livro?

Marcus sorriu.

— Ah, é, o livro, claro... Não consegui parar de pensar... naquele maldito livro.

— Na verdade, tem um problema.

— O que há com você?

— Não, quero dizer, o verdadeiro livro, o livro real.

— Você o perdeu.

— Não, não o perdi...

— Não acredito em você. Sabe qual é o castigo por perder livros de biblioteca?

— Passar um dia com você?

— Não, Goodwin. Se você comete o crime tem de cumprir a pena. Cancelo seu cartão de acesso à biblioteca itinerante.

— Nãão, tudo menos meu cartão de acesso à biblioteca itinerante!

— Sim. Vamos, devolva-me o cartão! — Aproximou-se e começou a me cutucar. — Onde está? Aqui?

Tinha as mãos em toda parte, nos bolsos de minha calça jeans, e apalpava minha barriga.

— Me recuso a devolvê-lo. — Ri. — Sério, Marcus, não perdi o livro, você pode tê-lo de volta.

— Creio que não entendeu as regras da biblioteca itinerante. Veja, você pega

um livro emprestado, lê o livro ou dança ao redor dele se isso lhe der prazer, e depois o devolve ao bonito bibliotecário.

— Não, entenda o que aconteceu. Alguém destravou a fechadura e descobriu que não era um livro, e sim um diário. Tinha todas as páginas em branco.

Totalmente vazio. Muito morto.

— Por isso, então, alguém escreveu nele.

— Ah... alguém. Este por acaso não seria você?

— Na verdade, não. Não sei quem escreveu. — Eu sorria, mas claro que falava sério. — Só nas primeiras páginas. Poderia arrancá-las e devolver o livro, mas...

— Você poderia apenas dizer que o perdeu. Seria mais fácil.

— Espere aqui um minuto.

Corri casa adentro, subi a escada, levantei a tábua do assoalho e retirei o diário. Trouxe-o para fora, abraçado junto ao peito.

— Não pode lê-lo, mas aqui está a prova de que não o perdi. Pagarei ou farei qualquer coisa... só não posso devolvê-lo.

Ele percebeu que eu falava sério.

— Não, tudo bem. Um livro não vai fazer diferença. Posso ler? Tem alguma coisa a meu respeito?

Ri e ergui-o para longe de seu alcance. Mas ele era muito mais alto e o agarrou. Entrei em pânico. Abriu a primeira página e esperei que lesse a constrangedora confissão de que papai se matara.

— “Eu não devia ter contado a Weseley a respeito de papai.” — Ele leu. — Quem é Weseley? — perguntou em seguida e olhou para mim.

— Não tenho a menor ideia. — Tentei arrancá-lo dele, e ele não ria mais. — Me devolva, Marcus!

Ele o devolveu.

— Desculpe, eu não devia tê-lo lido, mas você escreveu a data errada. Cinco é amanhã.

Fiz que não com a cabeça. Pelo menos não era só minha imaginação. A coisa do diário de fato acontecia.

— Não, tudo bem mesmo. Eu não escrevi isso.

— Talvez tenha sido um dos Kilsaney.

Estremeci e fechei o livro. Queria muito lê-lo mais uma vez.

— Ah, a propósito, descobri a irmã Ignatius!

— Viva, espero.

— Ela mora no outro lado do terreno. Eu mostro para você o caminho.

— Não, Goodwin, não confio em você. A última residência que me indicou era um castelo em ruínas.

— Eu mesma o levarei até ela. Venha, livreiro, ao Livromóvel!

Corri trilha abaixo e saltei dentro do ônibus.

Ele riu e me seguiu.

Paramos diante da casa das irmãs e apertei a buzina.

— Tamara, não pode fazer isso! É um convento.

— Na verdade, não se trata de um convento no sentido estrito. — Tornei a buzinar.

Uma mulher vestida com saia preta, blusa branca, uma cruz de ouro e um véu preto e branco abriu a porta com uma expressão muito indignada. Era mais velha que a irmã Ignatius. Saltei do ônibus.

— A que se deve toda essa barulheira?

— Procuramos a irmã Ignatius. Ela queria pegar um livro emprestado.

— É hora das orações, ela não pode ser interrompida.

— Ah. Bem, espere um minuto. — Fiz uma busca nos fundos do ônibus. —

Poderia entregar este a ela e dizer que foi Tamara quem o deixou? É uma entrega especial. Ela o encomendou semana passada.

— Decerto entregarei.

A freira pegou o livro e logo fechou a porta.

— Tamara — disse Marcus, num tom severo —, que livro deu a ela?

— *Levada para a cama pelo bilionário turco*. Um dos grandes sucessos da Mills & Boon.

— Tamara! Vou ser despedido por sua causa.

— Até parece que se importa! Dirija, Livreiro! Me leve embora daqui!

Fomos até a cidade e paramos à espera do público. Mas na verdade fomos ao Marrocos. E depois ao Egito, e ele até me beijou perto das pirâmides de Gizé.

— Então, que o você tem feito nos últimos dias? — perguntou Rosaleen, satisfeita, ao pôr três mil calorias em meu prato.

O diário estava correto: bolo de batata com carne.

Ela me agarrou assim que eu entrara em casa. Tivera tempo apenas para esconder o diário no andar de cima e descer. Não quis dizer que passara o dia com Marcus, para que não tentasse me proibir. Mas não poderia se queixar de mim por passar tempo com uma freira, poderia?

— Tenho passado a maior parte do tempo com a irmã Ignatius.

Ela largou as colheres de servir na travessa e, então, com dedos desajeitados, irrequietos, retirou o conteúdo.

— A irmã Ignatius? — perguntou.

— Sim.

— Mas... quando a conheceu?

— Há alguns dias. Então, como passou sua mãe hoje? Ela vai aparecer um dia para jantar?

— Você não comentou que conheceu a irmã Ignatius há alguns dias.

Apenas a olhei. Teve a mesma reação que eu descrevera no diário. Será que devia pedir desculpas? Devia ter impedido isso? Não soube o que fazer nem como lidar com essa informação. Qual o sentido dessa conversa, a que propósito servia?

Em vez disso, falei:

— Tampouco comentei que minha menstruação desceu na terça-feira, mas desceu.

Arthur exalou um suspiro. O semblante de Rosaleen endureceu.

— Há alguns dias você a conheceu, foi o que disse? Tem certeza?

— Claro que sim.

— Talvez só a tenha conhecido hoje.

— Não.

— E ela sabe onde você mora?

— Sim, claro. Sabe que moro aqui.

— Entendo — ela disse, ofegante. — Mas... mas ela esteve aqui esta manhã. Não disse nada a seu respeito.

— É mesmo? E que você disse a ela a meu respeito?

Às vezes o tom pode mudar as coisas, sei disso. Às vezes, em mensagens de texto, as pessoas não captam os tons ou captam tons que não existem e interpretam de forma totalmente errônea algumas mensagens inocentes. Tive inúmeras discussões com Zoey sobre o que ela julgara que eu quisera dizer num texto de cinco palavras. Mas dessa declaração que acabei de fazer desprendeu-se um tom, um tom deliberado. E Rosaleen captou-o. Por ser inteligente, ela, então, soube que eu devia ter ouvido a conversa das duas. Sabia que, enquanto conversara com a irmã Ignatius, ouvira o chuveiro ligado, mas percebera que eu fizera alusão à sua conversa.

— Tem algum problema em minha amizade com ela? Considera-a uma influência má? Vou me juntar a alguma seita religiosa sobrenatural e me vestir de

preto todo dia? Ah, não, espere aí, talvez eu vá! Ela é uma freira!

Ri e olhei para Arthur, que lançava um olhar furioso para Rosaleen.

— Vocês conversam sobre o quê?

Detectei pânico.

— Importa sobre o que conversamos?

— Quer dizer, você é menina jovem. O que teria para conversar com uma freira?

Ela sorriu, para ocultar o pânico.

Nesse momento, eu ia falar a respeito do castelo, do incêndio e do fato de ele ter sido ocupado até uma época muito mais recente do que eu pensara. Ia perguntar sobre quem morrera lá e onde estavam todos, quando me lembrei da anotação no diário: “Quisera que eu não lhe houvesse contado o que aprendera referente ao castelo”. Era isso que eu não deveria ter dito? Rosaleen me encarava durante o longo tempo que levava para pensar numa resposta. Me servi de uma garfada de carne moída, para ter mais tempo de pensar.

— Você sabe... conversamos sobre muitas coisas diferentes...

— Que tipo de coisas?

— Rosaleen... — pediu Arthur em voz baixa. Ela virou a cabeça com brusquidão para olhá-lo de frente, como um veado que ouvira um gatilho puxado ao longe. — Seu jantar vai esfriar. — Ele observou o prato que permanecia intocado.

— Ah, sim. — Ergueu o garfo e apunhalou uma cenoura, mas não a levou à boca. — Continue, criança. Você dizia...

— Rosaleen... — suspirei.

— Deixe-a jantar — disse Arthur baixinho.

Olhei Arthur para lhe agradecer, mas ele não ergueu a cabeça, apenas continuou a enfiar comida na boca. Caiu um silêncio incômodo enquanto comíamos, e os ruídos de mastigação e talheres que arranhavam os pratos

dominaram o cômodo.

— Com licença, por favor! Vou ao banheiro — acabei por dizer, sem mais condições de suportá-los.

Só que permaneci diante da porta para escutar.

— De que se trata tudo isso? — ladrou Arthur.

— Xiu, mantenha a voz baixa!

— Não vou manter a voz baixa — ele sibilou de volta, mas baixou a voz.

— A irmã Ignatius apareceu aqui esta manhã e não falou nada de Tamara — ela respondeu com outro silvo.

— E daí?

— E daí que ela agiu como se nada soubesse a respeito dela. Se Tamara a houvesse conhecido, sem dúvida a irmã teria comentado. Não é de seu feitio não falar. Por que o faria?

— Então, o que está sugerindo? Que Tamara está mentindo?

Meu queixo caiu e quase me intrometi sem pedir licença, apenas a frase seguinte dos lábios de Rosaleen, dita com tanto ressentimento, deteve-me.

— Claro que está mentindo! É igualzinha à mãe.

Fez-se um longo silêncio. Arthur nada disse.

Capítulo 13

Castelo Vigoroso

Deitei na cama e tentei bloquear o eco das palavras de Rosaleen em minha mente. Havia uma história da qual eu nada sabia, isso era certo, mas nada podia fazer, agora, para tentar descobrir do que se tratava e o que significava. Ontem era um livro fechado, amanhã, contudo, era outra história. Reli a anotação para amanhã repetidas vezes e me senti exaltada. Tinha muitos planos a traçar. Deitada ali na cama, a repassar todas as coisas que eu devia fazer no meu limitado tempo, amanhã, e o conhecimento de que Rosaleen e Arthur só retornariam à 1 hora em ponto, pouco contribuíram para me ajudar a relaxar. Era uma úmida noite de julho. Talvez se revelasse uma noite tempestuosa ou talvez amanhã fosse um dia muito quente. Abri a janela do quarto, na esperança de entrar um pouco de ar, e empurrei as cobertas. Me deitei à luz azulada da lua e fiquei vendo o céu brilhar, cheio de estrelas.

Enquanto escutava o silêncio, ouvi, de repente, corujas piarem, uma ou outra ovelha e vaca balir e mugir em busca de atenção; os ruídos da noite campestre, aos quais me habituara, entravam flutuantes no quarto. De vez em quando, soprava uma leve brisa bem-vinda e eu ouvia as folhas nas árvores farfalharem suavemente, também gratas pelo ar fresco. Por fim, comecei a sentir um pouco de frio e estendi a mão para fechar a janela, quando me dei conta de que os sons que eu julgara serem gorjeios de pássaros eram, de fato, vozes ao longe. No campo, quem sabe a que distância, tais ruídos podiam se transportar, mas, ao tornar a prestar atenção, ouvi o distinto elevar e baixar de conversa, e repentinas risadas, talvez música e, mais uma vez, silêncio, quando a brisa parava de trazer o ruído. Vinha da direção do castelo.

Eram 11h30 da noite. Vesti um training e calcei o tênis, o piso rangia sob meus pés enquanto me movia com o máximo de leveza possível pelo quarto. A cada rangido, imobilizava-me, na expectativa de que o gigante adormecido

acordasse a qualquer momento. Afastei a cadeira da porta do quarto e a abri de mansinho. Seria uma façanha descer e sair pela porta da frente sem alertar a dona da casa. Ouvi Rosaleen tossir, parei e fechei de novo a porta. Nunca a ouvira tossir à noite; tomei isso como uma advertência.

Tornei a me deitar para evitar andar nas tábuas rangentes do assoalho e me arrastei pelo colchão para chegar à janela. Era um velho colchão de molas, que fazia barulho, mas, pelo menos, soava de forma legítima, como se eu me virasse de posição. Peguei a lanterna na gaveta da mesinha de cabeceira e abri mais a janela. Sob medida, eu poderia passar por ela sem problemas. O quarto ficava bem acima da varanda da frente. Embora o telhado fosse pontiagudo, eu conseguiria, com grande concentração, saltar até a varanda. Dali seria uma escalada relativamente fácil pela cerca de madeira e direto ao chão. Fácil.

De repente, a porta do quarto de Rosaleen e Arthur se abriu e me alcançaram os ouvidos alguns rápidos passos pelo corredor. Mergulhei de volta na cama, me cobri da cabeça aos pés com o edredom e me certifiquei de não deixar visíveis o training, os tênis e a lanterna. Com a janela escancarada, e para meu ouvido treinado, as vozes ao longe pareciam tão altas que eu tive certeza de que minhas intenções seriam óbvias.

Senti o coração martelar alto no peito quando a pessoa, de repente, chegou ao meu quarto. As tábuas rangeram, uma a uma, quando o vulto se aproximou de mim. Era Rosaleen. Vi pelo modo de ela prender a respiração, pelo perfume. Cessou o rangido, o que significava que ela permanecia imóvel. Vigiava. Me vigiava.

Lutei com esforço para não abrir os olhos. Tentei relaxar as pálpebras, não deixar os globos oculares girarem demais. Tentei respirar normalmente, um pouco mais alto que o habitual para mostrar meu sono profundo. Senti um corpo pairar sobre mim e quase saltei para atacar, mas ouvi a janela se fechar e compreendi que ela se debruçou sobre mim para alcançá-la. Pensei em abrir os olhos, flagrá-la e fazer um drama. Mas o que poderia ganhar com isso?

— Rosaleen — ouvi um sibilo da porta do quarto —, que faz aí?

— Apenas me certificando de que ela está bem.

— Claro que está bem. Ela não é mais um bebê. Volte para a cama.

Senti uma mão na face, depois dedos deslizarem meus cabelos para trás da orelha, assim como fazia mamãe. Então, esperei que alguém puxasse o edredom de mim e revelasse o traje da ronda da meia-noite, mas, em vez disso, senti sua respiração no rosto, os lábios me roçarem de leve a testa num delicado beijo, e em seguida ela se foi.

“Ela não é mais um bebê.”

Depois que Rosaleen saiu, esperei até recomeçarem os roncos de Arthur. Então, me levantei da cama, abri a janela com um empurrão e não pensei duas vezes antes de transpô-la e saltar de leve na arcada de ardósia da varanda. Só quando pousei no gramado, ergui os olhos para a casa e vi meu quarto com a janela fechada é que entendi o significado da minha mensagem a mim mesma, para não fechar a janela.

Com a lanterna, avancei em direção ao castelo e segui as vozes. Via, a apenas poucos metros diante de mim, o resto do mundo engolido pelo buraco negro da noite. As árvores pareciam guardar ainda mais segredos e, na escuridão, seu ruído de “xiiu” de uma para a outra me levava a crer que havia mais coisas que não me diziam. Ao me aproximar do castelo, ouvi vozes, senti cheiro de fumaça, ouvi música, o tintim de taças ou garrafas. Vi luz sair do saguão da entrada e da sala com as janelas intactas, à direita. O resto dos aposentos, à esquerda e nos fundos, estava escuro. Apaguei a lanterna e contornei o prédio em direção aos fundos do castelo, passei por dois cômodos que tinham uma deslumbrante vista do lago, atrás, e das centenas de degraus que levavam até ele. Cheguei à janela que já transpusera antes e ouvi.

Uma luz noturna, feita de estrelas refletidas, circundava a velha parede. Estrelas amarelas deslizavam em círculos e, por achar que o aposento estava vazio, me curvei para olhá-las, embora as verdadeiras, visíveis pela janela do outro lado, fossem muito mais impressionantes. Pensei que as contemplava sozinha ali, até ouvir o ruído de um beijo. E, a este, logo se seguiu um grito.

Ouvi muita correria, pedidos de silêncio, montes de latas e garrafas derrubadas. Sussurros. Senti puxarem meus cabelos, me agarrarem pela nuca, e

fui literalmente arrastada até o castelo.

— Ei, me solte! — Chutei. — Tire a porra das mãos de cima de mim!

Golpeei as mãos, masculinas, sem a menor dúvida, em minha cintura, enquanto me semierguiam e semiarrastavam. Agradeci Rosaleen pela dieta rica em carboidratos e pelos poucos quilos extras que ganhara desde a chegada, caso contrário, ele teria me atirado em seu ombro. Uma vez lá dentro, e jogada em cheio no chão, ele manteve a mão em minha cintura e permaneceu atrás de mim. Me virei algumas vezes e vi uma coisa de aparência medonha que lhe cobria o queixo. Seis pessoas me encaravam. Algumas se sentavam nos degraus, outras em caixotes no piso. Tive vontade de gritar que saíssem da minha casa.

— Ela estava nos espreitando — disse a que gritou, ao chegar à porta, ofegante, como se prestes a desfalecer em suplício.

— Eu não estava espreitando. — Revirei os olhos. — Que mentira!

— Ela é americana — disse um cara.

— Não sou americana.

— Fala como americana — disse outro.

— Ei, é Hannah Montana.

Muitas risadas.

— Sou de Dublin.

— Não, ela não é.

— Sou sim.

— Você está muito longe de Dublin.

— Vim passar o verão.

— De férias — disse alguém, e todos mais uma vez riram.

Apareceu um rapaz atrás da garota do grito. Ouviu por algum tempo enquanto eu tentava me defender com uma constrangedora voz aguda, que eu parecia não conseguir controlar, e me perguntava como, diabos, eu terminara

sendo a pessoa não legal nessa sala de habitantes do cafundó.

— Gary, solte-a — o recém-chegado disse, afinal.

Gary, queixo coberto de penugem, logo me soltou.

Assim que me libertei, me recompus.

— Posso responder a mais alguma pergunta da sala? Talvez você, senhor, de jaqueta de lã e bota Doc Martens, gostaria de me fazer uma pergunta sobre a época em que Guns n’Roses eram maneiros...

Alguém deu um sorriso afetado, levou uma cotovelada e gritou de dor. Gary, queixo coberto de penugem, ainda atrás de mim, espetou um dedo em minhas costas que doeu mesmo.

— Apenas ouvi vocês do meu quarto, quando estava deitada na cama.

Percebi que me expressei como a maior chata do planeta, semelhante a uma criança que interrompe o jantar festivo dos pais.

— Mora perto?

— Ela está mentindo.

— Oras, em que diabo de lugar você acha que moro? Acabei de voar de Los Angeles para um passeio à meia-noite?

— Hospedada na antiga guarita?

— A *régia* guarita — corrigiu outra pessoa, e todos desataram a rir.

Tudo bem, longe de ser o palácio de Buckingham, mas a guarita era melhor que muitas das outras casas horrorosas ao estilo de celeiro que vira quando viemos de carro para cá. Olhei de um rosto a outro, tentando decidir que resposta dar, até que ponto seria idiotice de minha parte dizer onde me hospedava.

— Oh, não, moro apenas num estábulo e durmo com porcos, como o resto de vocês — respondi, agressiva. — Não sei qual o grande problema de vocês. Aquele ali também não parece ser da redondeza.

Eu me referia ao líder, de pele escura, do bando, parado diante da porta, só

me encarando. Dirija-se ao líder em situações de refém, destaque-o. Na verdade, não foi a ideia mais brilhante.

Todos se entreolharam de olhos arregalados e os ouvi dizerem repetidas vezes a palavra “racista”.

— Não tem nada a ver com racismo! — Revirei os olhos. — Ele usa roupas da Dsquared. A última vez que pesquisei a população zero daqui do cafundó soube que não tinha estoque de roupas da Dsquared.

Realmente, eu não agia de modo muito inteligente. Assistira a *Amargo Pesadelo*; sei o que podem nos obrigar a fazer e já os acusara de dormirem com porcos, o que não constituía um grande início do que deveria ter sido um pedido de desculpas. Vi cintilarem os dentes do líder quando ele deu um breve sorriso e, então, cobriu a boca com a mão, quando o resto da gangue se animou e colocou-se diante de mim com dedos apontados, me rotulando repetidas vezes de racista, embora eu tivesse, com toda clareza, explicado minhas ideias do porquê de ele se destacar. O rapaz, na entrada, gritou para que parassem, tentou conversar racionalmente com a delatora e uns poucos outros bêbados, então me segurou, me puxou para fora, e contornamos os fundos do castelo, de volta ao local do crime: a janela de onde eu supostamente os espionara.

— É aqui que vai simular me matar, mas na verdade me soltar? — perguntei um pouco nervosa.

Muito nervosa. Tudo bem. Achei que ele fosse me espancar.

Ele sorriu.

— Você é Tamara, não?

Meu queixo caiu.

— Como você... — Então a ficha caiu. — Você é Weseley.

Foi a vez de ele ficar surpreso.

— Arthur falou a meu respeito?

— Arthur? Ah, sim, claro que falou. Fala o tempo todo.

Pareceu confuso.

— Ele também me falou de você.

— Falou?

Não pensava que Arthur falasse de mim. Nem sequer conseguia imaginar o que dissera.

— Fuma?

Peguei um e ele riscou um fósforo. Quando acendeu, vi direito seu rosto. Tinha a pele cor de leite achocolatado, não ébano, mas um belo tom escuro; os olhos grandes e castanhos, os cílios tão longos, que me causaram uma inveja momentânea, pois, em minha vida anterior, gastara muito dinheiro na compra de postiços, com brilho. Lábios grandes e suculentos, dentes bem brancos e impecavelmente retos, com uma mandíbula bonita, maçãs do rosto perfeitas. Era tão bonito que me senti um pouco invejosa. Mais alto que eu, uma cabeça mais alto. O fósforo ardeu-lhe pelo dedo e ele o largou. Percebi, então, que ele também devia estar me examinando. Tornou a acendê-lo e traguei. Fazia muito tempo.

— Obrigada!

— Sem problema.

— Que diabo faz aqui, Wes? Ah, agora fuma com ela? Ela é parente da família maluca, espero que você saiba.

A delatora surgiu, após contornar os fundos; outra garota, atrás, se dirigiu, instável, até nós e encheu o ar com o perfume de uma cesta de presentes da Body Shop.

— Acalme-se, Kate — ele disse.

— Não, não vou me acalmar porra nenhuma...

Desandou uma arenga de absurdos bêbados e então se pôs a lhe dar repetidos golpes com a bolsa. A amiga afastou-a.

— Ótimo! — Empurrou a amiga, soltou-se, então a agarrou de novo antes de

cair e quase a trouxe para o chão consigo.

— Eu vou para casa, de qualquer modo.

— Ai! — Olhei para ele.

— Não machucou.

— Uma bolsa Louis Vuitton falsa, tá de brincadeira? Senti a dor só de olhar.

— Você é uma esnobe!

— Você é um namorado mau.

— Ela não é minha namorada.

— Seja o que for.

— Quer uma bebida?

Assenti com a cabeça, meio entusiasmada demais. Ele riu, depois desapareceu impetuoso pela janela, de volta ao castelo. Segui-o.

— Ei, Weseley, não vai dar à Hannah Montana uma de nossas latas, vai?

Weseley o ignorou e me entregou uma lata.

— Que é isto?

— Diamond White.

— Nunca ouvi falar.

— Como posso explicar para que entenda? — Pensou bastante. — Imagine que é como champanhe, mas feita com maçãs.

Revirei os olhos.

— Se você acha que tomo champanhe, não me conhece mesmo.

— Bem, não a conheço, conheço? É cidra. Os americanos a chamam assim.

— Não sou americana.

— Você não fala como irlandesa.

— E você não parece irlandês. Talvez irlandês quando se souber que o

mundo está invertido. — Arquejei com sarcasmo. — Ai, meu Deus, quem diria?

— Minha mãe tem cabelos ruivos e sardas.

— Deve ser sueca.

Ele riu, apontou um caixote atrás de mim e me sentei. Weseley se sentou na minha frente.

— De onde é seu pai?

— Madagascar.

— Legal, como no filme?

— É, exatamente como na animação da Disney — ele respondeu, circunspecto.

— Você já foi lá?

— Não.

— Por que ele se mudou para cá?

— Porque sim.

— Ah! — Assenti compreensiva. — Sempre um bom motivo.

Ambos rimos.

Alguém na sala contígua disse, mais uma vez, algo sobre eu ser racista.

— Só quis me referir às suas roupas — falei em voz baixa. — Você está mais bem vestido que o John Boy ali e que a Mary Ellen, que foi embora naquelas botas australianas Ugg falsas.

Ele riu e exalou fumaça ao mesmo tempo, os olhos firmes nos meus.

— Ela não é minha namorada.

— Assim você disse. Mas não foi o que disseram meus óculos de superespiã.

— É, bem, não passou de... — Ele esmagou o cigarro e pôs a guimba num jarro. Fiquei grata por isso. Me senti como se fosse uma mãe que retornava para casa e descobria que as crianças haviam destruído tudo. — Existem ônibus, você

sabe. Coisas com rodas que levam as pessoas aos lugares bacanas.

— De onde?

Acho que minha reação teria sido a mesma se ele me houvesse revelado uma cura para o câncer. Uma saída daqui.

— Dunshaughlin. Menos de trinta minutos no carro.

— E como você chega lá?

— Meu pai me leva.

“Bem, o meu morreu...”

— A propósito, isso é seu?

Ele fuçou dentro de uma bolsa e me entregou uma caneta. Era a que eu roubara da escrivaninha de Arthur e deixara cair ontem.

“Tive uma sensação de que alguém estava ali. Alguém me vigiava.”

— Esteve aqui ontem?

— Hum... — Ele pensou bastante.

— Não deve pensar a respeito disso — interrompi-o irritada.

— Não sei. Não. Sim. Não, não sei se estive. Encontrei a caneta esta noite, se é o que quer dizer.

— Não estava aqui ontem quando eu estava aqui?

— Estou aqui quase todos os dias com Arthur.

Ele ainda não respondera à pergunta.

— Está?

— Bem, preciso estar, não?

— Precisa?

— Trabalho com o homem.

— Ah.

— Pensei que Arthur tivesse lhe dito.

— Ah... sim. Rosaleen sabe que você trabalha com Arthur?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Creio que ela não gosta de mim por perto, mas desde que Arthur ficou com a coluna ruim, precisa de uma ajuda aqui.

— Há quanto tempo trabalha com ele?

Ele pensou e fitou a distância:

— Hum, deixe-me ver. Eu e Arthur começamos a trabalhar juntos... faz três semanas agora.

Desatei a rir.

— Só nos mudamos para cá no mês passado.

— É mesmo? — Senti o coração animar-se. Era um dos meus. — De onde?

— Dublin.

— Eu também! — Minha excitação saiu parecida demais com a da personagem menina-detetive de *Os Cinco*[4]. — Foi mal. — Senti o rosto enrubescer. — Apenas um pouco animada demais por conhecer um membro da mesma espécie. Então, como ascendeu tão rápido para se tornar o líder? Fez algum feitiço? Mostra a eles como fazer fogo?

— Creio que delicadeza contribui bastante. Espionar, estragar festas e soltar insultos é um tanto inaceitável quando o objetivo é se entrosar.

— Eu não quero me entrosar — respondi mal-humorada. — Quero dar o fora daqui.

Nos calamos então.

— Você sabe alguma coisa sobre o que aconteceu aqui? No castelo? — perguntei.

— Refere-se aos normandos e tudo mais?

— Não, isso não. O que aconteceu com a família que morou aqui, numa época mais recente.

— Houve um incêndio, ou coisa assim, então eles se mudaram.

— Nossa, você devia escrever livros de história!

— Acabamos de nos mudar para cá. — Ele sorriu. — Por que quer saber?

— Apenas gostaria de saber.

Ele me examinou por um longo tempo.

— Podemos perguntar a eles, se quiser.

Referia-se ao grupo na sala ao lado. Ouviu-se uma explosão de risos dali. Acho que estavam fazendo a brincadeira da Garrafa.

— Não, tudo bem.

— A irmã Ignatius deve saber. Você a conhece, não?

— Como sabe disso?

— Já lhe disse que trabalho aqui. Não sou cego.

— Mas eu nunca o vi!

Ele encolheu os ombros.

— Ela me disse para perguntar a Rosaleen e Arthur — expliquei.

— Devia perguntar. Sabe que Rosaleen viveu a vida toda no bangalô, no outro lado da estrada, em frente à guarita? Se alguém sabe o que aconteceu, é ela. Na certa, poderia lhe contar tudo o que aconteceu aqui nos últimos duzentos anos.

Não podia contar a ele que o diário afirmara que eu não devia perguntar nada a ela.

— Não sei, não... acho que eles não gostam de falar do assunto. Ela é tão sigilosa! Os dois devem ter conhecido as pessoas e, se alguém morreu, bem, então simplesmente não quero obrigá-los a contar um segredo. Quer dizer, é provável que ainda os conheçam, pois é impossível que Arthur trabalhe de graça.

Na verdade — estalei os dedos —, quem paga você?

— Arthur. Em dinheiro.

— Ah.

— Então, por que está aqui?

— Já lhe disse, ouvi vocês do meu quarto.

— Não, me refiro a aqui, em Kilsaney.

— Ah!

Silêncio. Pensei rápido. Tudo, menos a verdade. Não queria a compaixão dele.

— Pensei que você tinha dito que Arthur contara a meu respeito.

— Eu mereceria um prêmio se arrancasse alguma coisa dele. Arthur me disse apenas que você e sua mãe iam se hospedar com eles.

— Nós apenas, você sabe, apenas tivemos de nos mudar. Só por algum tempo. Provavelmente só para o verão. Vendemos nossa casa e estamos esperando para comprar uma nova.

— Seu pai não veio com vocês?

— Não, não, ele, hum... ele deixou mamãe por outra pessoa.

— Ah, cara, lamento por isso!

— É, bem... trata-se de uma modelo de 20 anos. Famosa. Vive estampada nas revistas. Me leva de uma boate a outra com ela.

Ele me olhou com uma expressão reprovadora e me senti como uma idiota.

— Você continua a vê-lo?

— Não. Não, mais.

Eu seguia as regras do diário: “Eu não devia ter contado a Weseley a respeito de papai”. Mas não me senti melhor por isso. Mentira para Marcus, por assim dizer, e, nesse caso, era meio justificável, pois tudo com Marcus era uma grande

e gorda mentira, mas não achei que com Weseley fosse mentir. Além disso, ele só descobriria por Arthur dali a uns dez anos.

— Weseley, perdão, é tudo mentira! — Esfreguei o rosto. — Meu pai... ele morreu.

Ele se sentou reto.

— Quê? Como?

Eu devia ter dito alguma outra coisa, tipo, ele morreu na guerra ou — não sei — apenas alguma outra coisa, como uma forma de morte mais comum.

— Hum... Câncer. — Queria que parássemos de falar sobre isso agora. Não podia entrar no assunto. Não podia fazê-lo. Queria que ele parasse de me perguntar. — Nos testículos.

— Ah.

Funcionou.

Eu fui embora depois disso. Agradeci a ele e pulei a janela. Na metade do caminho de casa, interrompi a ida e voltei correndo.

— Weseley — sussurrei meio ofegante, parada diante da janela. Ele retirava todas as latas e pontas de cigarros da sala.

— Esqueceu alguma coisa?

— Hum, sim... — sussurrei.

— Por que está sussurrando? — ele sussurrou com um sorriso, aproximou-se da janela e se apoiou nos cotovelos.

— Porque ah... — Eu não gostava mesmo de dizê-lo em voz alta.

— Tudo bem... — O sorriso se desfez.

— Você vai pensar que sou esquisita.

— Já penso que você é esquisita.

— Ah. Tudo bem. Hum... Meu pai não morreu de câncer.

— Não?

— Não. Eu só disse isso porque era mais fácil. Embora a parte do testículo não fosse muito fácil. Foi só estranha.

Weseley sorriu, amável.

— Como seu pai morreu?

— Ele se matou. Ingeriu um frasco de pílulas e uísque ao mesmo tempo. De propósito. E eu o encontrei. — Engoli em seco.

Pronto, ali estava. A alteração do semblante sobre a qual escrevi. O puro olhar de compaixão. O bondoso olhar que se daria mesmo a uma pessoa horrível. Ele ficou calado.

— Não quis mentir. — Comecei a me afastar.

— Tudo bem. Obrigado por me contar!

— Jamais contei a ninguém.

— Não contarei a ninguém.

— Valeu, obrigada! Agora eu vou mesmo. — Me encolhi de medo. — Boa noite.

Ele se debruçou mais sobre a janela e elevou a voz.

— Nos vemos por aí, Tamara.

— Falou! Claro.

Eu só queria dar o fora dali.

Toda a gangue assobiou, riu e eu desapareci dentro da escuridão.

Aprendi algo importante naquela noite. Não se deve tentar impedir tudo de acontecer. Às vezes, devemos esperar ficar sem jeito. Às vezes, também, devemos aceitar a possibilidade de ficar vulnerável diante de pessoas. Às vezes isso é necessário porque tudo faz parte de você chegar à parte seguinte de si mesma, no dia seguinte. O diário nem sempre tinha razão.

Capítulo 14

Uma Hora da Tarde

O diário me disse que eu tinha até a uma hora da tarde daquele dia.

Foi de fato bastante extraordinário: a manhã transcorria da forma exata como eu lera na noite anterior. Rosaleen me acordara, dissera para mim que ficasse em casa, e pareceu tão óbvio então — durante a rotina da segunda vez — que ela simplesmente não me queria visível para o resto de seu mundinho! Imagine o horror e a vergonha de ter que dizer às pessoas que mamãe e eu existíamos; que um homem tirara a própria vida, o pior pecado de todos. Me senti furiosa com isso e precisei lutar contra meu desejo de pedir para ir à missa, mas permaneci sob as cobertas e foi então, quando ouvi o carro deles deixar o acesso à garagem e se afastar na manhã cor de sépia, que meu dia se diferenciou do diário. Era incomum ver coisas acontecerem que eu sentia que, tecnicamente, já haviam acontecido, mas quase começava a me habituar com isso.

Em vez de tornar a adormecer depois que Rosaleen e Arthur partiram, me vesti e corri ao térreo. Estava no jardim murado, quando o Cinquecento amarelo chegou, voando pela estrada, com a janela baixada.

— Ah! — Os olhos da irmã Ignatius se iluminaram. — Quem eu queria ver. Você vai à missa?

Olhei no carro, as quatro freiras espremidas.

— Ah, pode sentar-se nos joelhos da irmã Peter Regina — ela arreliou, e ouvi um “oras” do interior. — Cantamos em todas as missas matinais. Você faz parte de um coro, devia se juntar a nós, se já ficou boa da laringite.

“Não posso”, gesticulei; com uma mão agarrada à garganta, abri e fechei a boca.

— Faça um gargarejo com água e sal que ficará melhor! — Encarou-me

zangada, depois se alegrou. — A propósito, obrigada pelo livro!

— De nada — quebrei o silêncio. — Escolhi-o especialmente para você.

— Foi o que imaginei. — Ela riu. — Sabe que no início não gostei dela, Marilyn Mountrothman. Era arrogante e esperava demais, mas no fim passei a adorá-la. O mesmo ocorreu com Tariq. Não parecia uma união óbvia, mas o jeito de ele saber o que ela pensava o tempo todo, sobretudo quando Marilyn chorava por causa da mensagem de seu pai, mas não lhe contou. Ah, isso me intrigou, preciso admitir. Mas ele adivinhou. Sabia que ela o amava. Homem inteligente! Suponho que tenha sido assim que ele amealhou milhões de dólares e se tornou o magnata do petróleo. Gosto quando botam as fotos deles nas capas. Me ajuda a visualizá-los durante a leitura. Tariq, com aqueles cabelos pretos lustrosos e todos aqueles músculos...

— Você o leu de verdade?

— Ah, sim, claro que li. A irmã Conceptua começou a lê-lo agora.

A mulher no banco do carona virou-se para trás.

— Não me conte o que acontece. Ele acabou de alugar o avião particular para Istambul.

— As melhores partes ainda vão acontecer. — A irmã Ignatius bateu palmas. — Duas palavras: maravilha turca — declarou.

— Eu disse “xiiiu”! — disse, irada, a irmã Conceptua. — Você vai acabar revelando a história.

— Temos de ir — ladrou a irmã Mary por detrás do volante. — Ou chegaremos atrasadas.

— Pense em vir na semana que vem, certo? — disse irmã Ignatius, então, séria.

— Certo. — Assenti com a cabeça. — Acho que vou voltar para casa e passar a manhã lá. Se você vir Rosaleen, faria o favor de informá-la?

Ela estreitou os olhos.

— Vai mesmo?

— Sim, estou realmente pensando em fazê-lo.

— Entendo. O que está tramando?

— Temos de ir mesmo. — A irmã Mary ligou o motor.

— Espere! — Senti um leve pânico. — Só preciso de uma coisa de você. Um nome.

Momentos depois, eu as vi contornarem a curva a toda, sem que se ligassem a seta e as luzes dos freios, apenas a irmã Ignatius erguendo o braço bem alto, numa continência.

Eram 10 horas.

Relacionara minhas prioridades e mamãe ocupava o primeiro lugar na lista. Virei as folhas da lista telefônica com o polegar e procurei o nome que a irmã Ignatius me dera. O telefone tocou uma, duas, três vezes, então, quando ia entrar uma secretária eletrônica, um homem atendeu.

— Alô? — ele coaxou e, em seguida, pigarreou. — Um minuto só.

Ouvi-o ofegar e lutar ao tentar desligar a secretária eletrônica.

Pigarreei. Tamara Menina-Grande tinha trabalho a fazer.

— Alô, estou ligando para marcar uma consulta com o Dr. Gedad.

— Ih, ele não se encontra! — Soava semiadormecido. — Posso anotar o recado?

— Hum... não... ele voltará antes da uma hora?

— A clínica não abre aos domingos.

Interrompi-me. Reconheci alguma coisa.

— Na verdade, trata-se de uma visita domiciliar.

— Uma emergência?

Prendi a respiração. Então:

— Weseley, é você?

— Sim. Quem fala?

“Minta, Tamara, minta, invente um nome.”

— Aqui é Tamara. Desculpe por acordá-lo.

— Tamara. — Ele soou um pouco mais desperto agora. — Tudo bem com você? Precisa de um médico? Ele é meu pai.

— Ah... não é para mim, mas para minha mãe. Mas não tem nada a ver com emergência ou coisa que o valha. Acha que ele estará de volta à uma hora?

— Não sei. Eles vão à missa e depois à feira.

— O que tem de tão especial com a porra da missa e da feira daqui?

— Eu sei, todos as adoram. — Bocejou. — Acho que meu pai vai só para entregar cartão de visita a qualquer um que tussa.

Ri.

— Você ficou fora até muito mais tarde ontem à noite?

— Mais ou menos uma hora. Não nos ouviu?

— Levei meia hora para escalar até meu quarto. Fechei a janela por engano e quebrei todas as unhas ao puxá-la para abrir de novo.

Ele riu.

— Você devia ter voltado, eu a ajudaria a entrar. Sei onde Arthur guarda o estoque secreto de ferramentas. Quer que meu pai ligue por volta da uma hora?

— Não, tudo bem. Antes de uma da tarde é melhor para mim.

— Que tal amanhã?

Eu ia precisar esperar outra semana para Rosaleen e Arthur saírem. A não ser... tinha um pequeno horizonte de oportunidade quando Rosaleen visitasse a mãe.

— Entre dez e onze, amanhã?

— Vou anotar o número. E pedirei que ele ligue para você.

— Não — apressei-me a dizer. — Ele não pode ligar para cá.

— Bem, você tem um celular? — provocou Weseley.

— Não.

— Muito bem — suspirou. — É cedo demais para eu ter que pensar. Me dê um segundo.

Esperei.

— Certo, entendo que você não queira que Rosaleen e Arthur saibam, então, quando meu pai voltar, verei se ele está disponível e depois me encontro com você no castelo, às 2 horas, para informá-la.

Sorri. Ele poderia ter telefonado; queria me ver de novo.

Desliguei me sentindo muito bem. Uma missão quase riscada de minha lista.

A segunda missão era explorar o bangalô. Ou, pelo menos, dar uma olhada no quintal; não queria matar a velha senhora de susto. Com meu álibi preparado, pus umas frutas vermelhas numa vasilha, fervi água na chaleira, fiz torradas com algumas fatias de pão, uns ovos mexidos... muito malfeitos, aliás, tanto que consegui queimar o fundo da frigideira. Mergulhei-a na pia e temi o olhar de Rosaleen quando a visse. Pus tudo numa bandeja e a cobri com um pano de prato, assim como Rosaleen fazia cada manhã. Cheia de orgulho de minha primeira tentativa de café da manhã, saí de casa e caminhei, bem devagar, para não derramar a xícara de chá que eu preparara. Segurando a bandeja com as duas mãos, transpus o portão, sem poder apoiar no pilar. Foi difícil. O pano ficou ensopado de chá, mas continuei em frente. Passei pela sala de estar com cortinas de rede e tomei a passagem lateral. Mais uma vez, fiquei com a visão ofuscada quando uma luz brilhante me atingiu direto no rosto. Fechei bem os olhos, depois tentei equilibrar a bandeja contra a parede num dos lados para poder deslizá-la. Quase a deixei cair, fazendo uma barulheira quando xícaras e pratos colidiram. Quando a luz se desviou de meus olhos e minha visão retornou, continuei em frente e optei por olhar para o chão enquanto andava. Assim que cheguei ao fim da passagem, me deparei com o quintal e me preparei para ser

rechaçada, para ver uma velhinha cuidando do jardim, cogumelos gigantescos, fadas, unicórnios e um mundo mágico inteiro que Rosaleen vinha escondendo. Mas nada vi. Nada, além de um comprido campo gramado, com árvores nos dois lados. A mãe de Rosaleen não tinha dedos verdes, com certeza.

Os fundos do bangalô exibiam uma aparência tão deserta quanto a frente. Mais uma vez, uma cortina de tela rendada cobria as duas janelas de trás, com uma porta entre elas. Soube que uma era a cozinha, pois distingui a torneira na pia. A porta parecia o acréscimo mais recente à casa. Era marrom, com vidro obscuro tingido de amarelo. A segunda janela nada revelava.

Desviei a atenção para o galpão, na ex-garagem, onde o objeto na janela continuava a brilhar e acenar-me para eu avançar. Ignorei o bangalô e comecei a ir em direção ao galpão. Na metade do caminho, me dei conta de que devia ter deixado a bandeja, mas continuei em frente. Em uma inspeção mais próxima, o que brilhava tanto parecia ser uma peça de vidro retorcido, que pendia de um cordel. Descia muito elegante em espirais e afinava com suavidade até um remate pontudo, a mesma forma de um cacho de uvas, com mais ou menos um metro e meio de comprimento. Quando soprava o ar encanado, o objeto girava em círculos, enrolava-se, e causava a ilusão de que descia em linha espiral, captando a luz em diferentes pontos, repetidas vezes. Hipnotizador.

Enquanto eu fitava o vidro, outra coisa captou meu olhar. Um movimento. Achando que fosse um reflexo na grama, virei para ver quem estava atrás de mim, mas não localizei nada, apenas as árvores que se moviam com a brisa. Pensei que era imaginação, porém, ao fazer outra inspeção, lá estava de novo: um vulto dentro do galpão. Me aproximei, devagar, da garagem usada como oficina, tentei não fazer muito barulho com a bandeja e, de fato, desejei que tivesse me dado ao trabalho de entregá-la antes, pois os ovos e o chá, com toda certeza, haviam esfriado, e as torradas amanteigadas, amolecido, a essa altura. A janela do galpão ficava na altura do ombro. Parei no canto, nas pontas dos pés, para espiar dentro. Não ousei olhar o resto do lugar em volta, mas mantive os olhos na mãe de Rosaleen, na hipótese de que ela me visse e viesse me atacar com um pedaço de vidro pontiagudo.

Só distinguia suas costas. Num longo cardigã marrom, a figura se curvava sobre uma bancada de trabalho. Tinha cabelos compridos eriçados, mais castanhos que grisalhos, os quais pareciam que não eram escovados há um mês. Observei-a por algum tempo, enquanto tentava decidir se batia ou não. Eu nem sabia como se chamava. E tampouco sabia qual o nome de solteira de Rosaleen para poder me dirigir à senhora. Acabei por reunir coragem. Bati de leve.

A figura saltou e torci para que não lhe houvesse provocado um ataque cardíaco. Ela se virou, devagar e rígida. Tinha quase todo o lado do rosto voltado para mim, coberto pelos desleixados cabelos compridos. Sobre os olhos, um par de óculos de proteção muito grandes e de vidro, que cobriam metade da sua testa e beliscavam as maçãs de seu rosto: toda cabelos e óculos, como um professor aloprado.

Equilibrei a bandeja num dos joelhos e, enquanto as xícaras e pratos tiniam e escorregavam, oscilavam e derramavam, acenei rapidamente com a mão e o maior sorriso que já oferecera a alguém, apenas para que ela soubesse que não fora ali matá-la. A mulher só me encarou, sem expressão, sem nenhum registro de qualquer tipo. Ergui a bandeja o mais alto que pude, depois tornei a equilibrá-la no joelho para fazer um rápido movimento de comer. Ainda sem reação alguma. Percebi, então, que ia me meter numa grande encrenca; não ia dar certo, Rosaleen tinha razão, a mãe não estava preparada para estranhos totais e, mesmo que ela estivesse, eu devia ter esperado Rosaleen nos apresentar. Recuei alguns passos.

— Vou deixá-la aqui para você — eu disse em voz alta, na esperança de que me ouvisse.

Larguei a bandeja na grama e me afastei de costas. Ao recuar de costas, olhei o resto do quintal além do galpão. Fiquei boquiaberta e caminhei de lado para dar uma olhada mais de perto. Fileiras de varais enchiam o gramado. Devia haver entre dez e vinte cordas. Em cada, dezenas de móbiles de vidro, todos de formas diferentes, vidro retorcido e transformado para criar modelos exclusivos, alguns com arestas salientes, outros uniformes e lisos; balançavam na brisa, captavam a luz, cintilavam e oscilavam em silêncio. Um campo de vidro.

Passei pelo galpão e fui ao gramado dos fundos para investigar melhor. Todos pendiam bem separados uns dos outros. Se os houvessem pendurado um centímetro mais próximos, com toda certeza se despedaçariam. As cordas, muito esticadas, prendiam-se a um muro nos fundos do jardim e se estendiam até um poste na outra extremidade. Eram as coisas mais lindas que eu já vira! Alguns pareciam desprender gotas cheias e fluidas do varal, como lágrimas gigantescas, mas, em vez de cair, congelavam-se em pleno ar. Outros tinham menos espirais e curvas, e assemelhavam-se a ferrões rígidos, mais furiosos e pontiagudos, pendiam como pingentes de gelo, como armas. Toda vez que o vento soprava, balançavam de um lado a outro. Caminhei no meio de uma fileira e, de vez em quando, parava para examiná-los. Nunca vira nada parecido: tão cristalinos e puros! Alguns tinham bolhas no interior, outros eram totalmente transparentes. Ergui a mão e olhei através do vidro, parecia escuro em alguns e claríssimo em outros. Fascinantes e belos, alguns distorcidos e perturbadores, outros lindos e muito frágeis, como se só tocá-los os estilhaçasse.

Eu ia avançar mais e observar os outros varais, quando me virei para me certificar de que continuava sozinha e vi que a mãe de Rosaleen, de repente, se deslocara e parara diante de uma janela, voltada para essa segunda metade do jardim. Me olhava, a mão colada no vidro. Interrompi a caminhada, imobilizei-me numa das fileiras e me senti como uma garota Horta de Couve num campo de vidro. Sorri para ela, curiosa por saber há quanto tempo ela me observava. Tentei distinguir seu rosto, ver suas feições, mas era impossível. Mais uma vez, ela revelava apenas a silhueta, os cabelos compridos caídos até os ombros, não grisalhos como eu julgara antes, mas castanho-acinzentados, com mechas brancas. Parecia-me de uma idade indefinível, uma personalidade inidentificável, ainda mais misteriosa agora do que quando a vira antes.

Deixei os móbiles do campo de vidro com a sensação de que nunca mais tornaria a vê-los, como punição por invadir propriedade alheia. Assim que passei para o outro jardim, vi que ela ainda me olhava, não diante da janela, porém de mais distante, de dentro da sala.

Acenei novamente, apontei para a bandeja que estava no gramado, fiz gestos de comer, afinal, era hora da comida no zoológico. Continuava a me encarar sem

expressar qualquer reação. Completamente sem graça — sol quente, boa vitória, muito morto —, dei meia-volta e me afastei depressa do jardim, sem olhar para trás sequer uma vez, mas me sentindo como me sentia quando era pequena, ao correr da casa de uma amiguinha para a minha, no escuro, pensando que uma bruxa vinha atrás de mim.

Era meio-dia.

Andei de um lado para o outro na sala, frente, atrás, esquerda, direita. Sentei, levantei. Fui para o quarto de mamãe, então parei e retornei mais uma vez à sala. Torcia as mãos e olhava pela janela de vez em quando, na expectativa de ver a mãe de Rosaleen atravessar, desembestada, a estrada, na sua cadeira de rodas, apoiada apenas nas rodas de trás, a brandir um chicote. Também na expectativa de que Rosaleen e Arthur contornassem a curva em velocidade máxima. Ela instalara armadilhas ao redor do bangalô: eu tropeçara num fio, uma lâmina de grama saíra do lugar, atravessei um feixe de luz e disparei um alarme em sua bolsa de mão. Ia me amarrar a uma cama, quebrar minhas pernas com uma marreta e me obrigar a escrever um romance. Eu não poderia fazê-lo. Mas conseguia manter um diário. Não sei não, senti que alguma coisa, qualquer coisa, poderia acontecer. Violava as normas lá de casa o tempo todo, porém, aqui era diferente. Aqui, tudo era tão estrito e antigo, como morar num sítio de escavação arqueológica: todo mundo se locomovendo pelo lugar nas pontas dos pés e não andando, não, só passando, falando muito baixo para não desmoronar as fundações, com pequenas escovas e ferramentas para riscar a superfície e soprar a poeira, mas sem jamais se aprofundar além daí, e eu chego pisando forte, com pá e picareta, e arruino tudo.

Agora, teria de voltar para pegar a bandeja, senão Rosaleen saberia o que eu fizera. Tomara que eu não tenha envenenado a mãe dela — ai, meu Deus, e se eu o tivesse feito? Ovos, às vezes, se revelavam coisas perigosas, e me esquecera de lavar as frutas vermelhas. Salmonela matava? Quase peguei o telefone e liguei de novo para Weseley, mas resisti. Após perder muito tempo com preocupações frenéticas, me dei conta de que nada ia acontecer — não já, de qualquer modo — e eu de fato também não fizera nada de errado. Tentara ser gentil com uma idosa. Desejei que ela apreciasse meus ovos.

Me acalmei, então. Em seguida, em minha lista, vinha a garagem nos fundos do quintal. Abri a porta de trás, que saía da cozinha para o jardim, atravessei, às pressas, o gramado abaixo, depois a horta de legumes de Rosaleen, que se estendia na parte inferior. Olhei para a janela ainda vazia do quarto de mamãe, acima, pois ela continuava dormindo.

No que se refere às garagens, esta era excelente. Revestida com a mesma pedra calcária da casa, ou com uma muito semelhante, além de parecer mais bem construída que qualquer das obras de meu pai. Digo isso com o maior respeito por ele, que se orgulhava do que construía; acho apenas que não ligava muito para arquitetura. Preocupava-se mais com o espaço e como dar a menor parte possível desse espaço a todos. A garagem quase ocupava toda a largura do jardim, 25 metros de comprimento. À direita da casa, no outro lado da cerca cuidada à perfeição, tinha uma trilha de trator, mais outro caminho que serpeava ao redor do terreno. Mas antes desse caminho deixar a adjacência da casa e continuar pela propriedade, ramificava-se num desvio que levava às portas duplas da garagem. Nunca vi Arthur estacionar o trator lá dentro. Talvez Rosaleen tivesse razão, talvez não houvesse espaço para nossas coisas. Preferi este caminho para a garagem porque não seria vista por alguém da casa, mas precisava abrir uma porta maior, arrombar uma fechadura maior. Olhei por todas as janelas, mas nada vi. Tinham os vidros cobertos, no lado de dentro, por sacos pretos. Tentei a porta individual: trancada. Então, contornei a lateral de novo até as duplas. Empurrei, puxei, chutei e soquei. Usei uma pedra e bati várias vezes na fechadura, mas de nada adiantou, senão para amassar o metal.

Era 12h30 quando retornei para casa, sem mais informações a respeito da garagem. Lavei as mãos, troquei de roupas, pois ficaram sujas após a tentativa de arrombamento. Fui ver mamãe, que, finalmente, acordara e tomava uma ducha. Não tive pressa para me vestir, sabia exatamente quanto tempo me restava até Rosaleen e Arthur chegarem. Sentei-me na cama e olhei o bangalô no outro lado da estrada. Algo me atraiu a visão.

No pilar, perto do portão da frente, vi a bandeja. Me levantei, examinei a frente, ninguém me observava da janela. Inspecionei ao redor para ver se Rosaleen retornara, mas o carro continuava fora.

Eram 12h50.

Corri até o térreo e atravessei a estrada. A bandeja estava coberta pelo pano de prato, como eu a largara. Embaixo, a comida se fora, a xícara de chá esvaziara. A louça brilhava como se alguém houvesse acabado de lavá-la. No prato, a versão mais minúscula de um dos móbiles de vidro que eu ficara a examinar. Como uma pequena lágrima, era polida e cabia à perfeição na palma de minha mão. E nada mais. Sem cartão, nem ninguém que me dissesse que era para mim. Esperei, mas ninguém apareceu. Aproximava-se perigosamente da uma hora da tarde, não dava para esperar mais. Não podia me arriscar ao perigo de Rosaleen retornar e me encontrar no muro com uma bandeja e uma lágrima de vidro. Enfiei a peça de vidro no bolso. Atravessei a estrada o mais rápido que pude, sem quebrar o conteúdo da bandeja. Assim que fechei a porta atrás de mim, ouvi chegar o carro de Rosaleen e Arthur. Trêmula, guardei de volta xícara, pires e travessa no armário da cozinha. Pus a bandeja no lugar onde ficava. Agarrei meu livro, na sala de estar, corri ao andar de cima, entrei no quarto de mamãe e mergulhei na cama. Mamãe, que saía do banheiro, me olhou espantada. Segundos depois, a porta se abriu e Rosaleen espiou dentro.

— Oh, me desculpe!— disse, quando mamãe apertou a toalha à sua volta.

Ela recuou um pouco mais da porta, só para me ver.

— Tamara, tudo bem?

— Sim, obrigada!

— O que você fez a manhã inteira?

Não se tratava de um interrogatório interessado, mas preocupado, certamente não preocupado com meu tédio.

— Fiquei bem aqui, com mamãe, a manhã inteira, lendo meu livro.

— Ah, muito bem. — Empacou um instante, sempre receosa ao sair de um aposento. — Estarei lá embaixo, se precisar de mim.

Fechou a porta e, quando olhei para mamãe, percebi que ela também me olhava e sorria. Ela, então, riu e balançou a cabeça, e quase senti vontade de

cancelar o Dr. Gedad.

A porta tornou a se abrir.

Rosaleen examinou a bandeja do café de mamãe.

— Jennifer, você não comeu nada outra vez!

— Oh — disse mamãe, ao erguer os olhos, enquanto punha outro de seus penhoares longos de *cashmere*. — Tamara comerá por mim. — Então, deu um meigo sorriso à cunhada.

— Não, não — apressou-se a dizer Rosaleen, entrou e pegou a bandeja. — Vou retirá-la.

Mamãe continuou a observá-la, seus olhos azuis brilhavam.

— Tamara, seu almoço ficará pronto logo — disse Rosaleen, nervosa, e saiu de costas do quarto.

Olhei mamãe, confusa, em busca de uma explicação, porém ela, mais uma vez, desaparecera, de volta para dentro da carapaça. As tartarugas desaparecem em suas carapaças porque se sentem assustadas ou porque o perigo as espreita e elas se protegem. Das duas maneiras, assim que criam as carapaças, jamais as perdem, pois se tornam parte delas fisicamente.

Durante aquele verão, se as pessoas tentavam me convencer de que mamãe jamais voltaria a ser do jeito como me lembrava que era — e algumas pessoas insinuaram isso —, eu não parava de pensar nessas tartarugas. Ela conservaria a nova carapaça que criara nos últimos meses e a carregaria consigo para o resto da vida, mas isso não significava que desapareceria dentro dela. Tive prova, naquele dia, de que mamãe não desaparecera para sempre, vi dentro dos olhos dela. Me lembro do exato momento em que tornei a vê-la de novo. Foi à uma hora da tarde.

Capítulo 15

Coisas que a Gente Encontra na Despensa

Rosaleen parecia diferente hoje, após o esforço que fizera para a missa e a feira de domingo. Suas roupas dominicais consistiam de uma saia bege, na altura dos joelhos com uma pequena fenda junto à bainha, no meio da parte de trás; uma blusa creme levemente transparente com ombreiras, rematada com um laço no pescoço e, embaixo, vi um sutiã de renda, embora eu duvidasse que ela soubesse daquela transparência. Era, na verdade, muito sofisticada. Pusera um blazer bege combinando com um broche de pluma de pavão na lapela e, nos pés, sapatos lisos com uma tira atrás e os dedos dos pés à mostra. Saltos de apenas três ou cinco centímetros de altura, mas ela estava bonita. Eu lhe disse isso e seu rosto se iluminou e as bochechas coraram.

— Obrigada!

— Onde você comprou?

— Ah. — Ficava encabulada quando falava de si mesma. — Em Dunshaughlin. A mais ou menos meia hora daqui, tem um lugar de que gosto. Mary é ótima, Deus lhe abençoe a alma!

Esperei a trágica história de Mary com a respiração suspensa. Envolveu um marido morto e muitas súplicas para que Deus a abençoasse.

Tentei mais uma vez com outro assunto.

— Você tem irmãos ou irmãs?

— Uma irmã em Cork. Helen, professora. E um irmão, Brian, em Boston.

— Eles os visitam?

— De vez em quando. Já faz algum tempo. Em geral, mamãe os visitava, ao menos a Helen, em Cork, para ter uma mudança de cenário, mas agora ela não

pode. Ela tem EM. — Me olhou e se abriu. — Esclerose múltipla, sabe o que significa?

— Mais ou menos. Algo relacionado à perturbação do movimento muscular.

— Bem próximo. Piora com os anos. Causa-lhe terríveis problemas. Por isso é que me desloco de um lado para o outro. Não posso viajar, não gosto de deixá-la, você entende. Ela precisa de mim.

Parecia que muitas pessoas precisavam de Rosaleen. Mas me ocorreu que, com tanta gente precisando de uma única pessoa, talvez o caso tivesse mais a ver com Rosaleen precisar que as pessoas precisassem dela.

Sua mãe não apareceu para me apontar o dedo acusador; já eram 2 horas da tarde. Esgueirei-me porta afora sem que me vissem, enquanto Rosaleen começava a feitura das tortas. Eu descobri que as três mil tortas variadas que ela fazia durante a semana não apenas nos alimentavam, e à mãe dela, mas eram levadas para a feira dos agricultores de domingo, onde as vendia com sua geleia e os legumes orgânicos de cultivo doméstico. Trouxera um saquinho recheado de notas e moedas para a mesa, virara-se de costas para retirar algo de dentro, e então enfiou 20 euros em minha mão. Fiquei tão sinceramente comovida que me recusei a aceitá-los, mas ela não o admitiu em hipótese alguma.

Quando cheguei ao castelo, encontrei Weseley sentado nos degraus — meus degraus. Usava jeans azul, camiseta preta com uma caveira estampada em azul e tênis também azuis. Mesmo à luz do dia, era maneiro.

Ele ergueu os olhos e retirou os fones de ouvido.

— Meu pai pode vir amanhã às 10 horas.

Não me dirigiu um olá nem nada semelhante. Fiquei um tanto magoada.

— Ah! Excelente, obrigada! — Esperei que levantasse voo como um pombo que transmitira sua mensagem, mas ele continuou sentado. — Na verdade, daria para ele vir às 10h15, por precaução, no caso de Rosaleen sair atrasada?

— Sim, claro, falarei com ele.

— Valeu. Excelente, obrigada! — disse novamente.

Ainda assim, Weseley não fez menção de partir, por isso avancei e encostei na parede a sua frente.

— Você conhece a mulher que mora no bangalô?

— A mãe de Rosaleen? Eu a vi na primeira semana, quando nos mudamos para cá, mas não mais. Ela, de fato, não sai muito. É idosa. Acho que tem Alzheimer ou algo parecido.

— Já esteve na casa dela?

— Deixei algumas coisas lá para Arthur: lenha, carvão, uns móveis, esse tipo de coisas. Mas Rosaleen sempre me escolta na entrada e na saída da propriedade. — Ele sorriu. — Acho que não tem nada lá para roubar, se é isso que a preocupa.

— Bem, ela se preocupa com alguma coisa. O próprio Arthur nunca vai ao bangalô... — Pensei em voz alta. — Não devem se dar bem. Gostaria de saber por quê.

— Investigue, detetive Nancy Drew! Ou, que tal, agora que sou o serviçal de Arthur, não seria mais necessário que ele se desse ao trabalho de carregar duvidosas cadeiras de balanço para a sogra quando paga uma ninharia para eu fazê-lo por ele?

— Mas Arthur nunca a visita.

— Você está mesmo à procura de algo, não?

Isso me lembrou do que dissera a irmã Ignatius a respeito de minha mente fazer coisas incomuns quando investiga. Ela adivinhou, antes de mim, que eu estava à procura de algo.

— É só que... — Pensei um pouco nisso. — Para falar com toda a franqueza, me sinto tão entediada aqui! — Ri. — Se eu tivesse algum tipo de vida social, ou amigos, ou alguém com quem conversar, não ficaria decifrando coisas do nada. Não me importaria com Rosaleen e seus segredos.

— Que segredos? — Ele riu. — Rosaleen não tem segredos. Ela apenas não entende a arte da conversa. Habituou-se tanto a passar o tempo sozinha que não

creio que saiba oferecer informações sobre si mesma.

— Sei disso e já pensei a respeito, mas...

— Mas o quê?

Não sei como nem por que, mas, de repente, comecei a lhe contar tudo o que aconteceu nos últimos dias. Todas as conversas estranhas, o desaparecimento do álbum de fotos, o comentário singular sobre achar que mamãe não queria vê-lo, o jeito de Rosaleen não suportar me ver na sala, sozinha, sem que ela estivesse ali, o fato de não ter falado de mim na conversa com a irmã Ignatius, e o desejo de irmã Ignatius de que eu faça perguntas a Rosaleen, o comentário a respeito de mamãe mentir, Rosaleen querer manter mamãe no quarto o tempo todo, o modo sigiloso de ela desaparecer no bangalô e de não querer que eu atravesse a rua, o que vi no quintal, a bandeja deixada junto à parede, a discussão sobre não querer pôr nossos pertences na garagem...

Ele ouviu, paciente, enquanto exibia reações suficientes para me incentivar a continuar.

— Tudo bem... — disse, assim que concluí. — Tudo isso parece mesmo um pouco estranho, e entendo que esteja bastante desconfiada, mas na certa tudo pode ser explicado. Até mesmo porque Rosaleen é meio excêntrica, sem querer ofender... — apressou-se a dizer. — Sei que ela é sua tia.

— Não me ofendeu.

— Não moro aqui há tempo suficiente para conhecer direito as pessoas, mas Rosaleen não conversa com ninguém na cidade. Todas as vezes que minha mãe passa por ela, a mulher abaixa a cabeça e segue em frente. Não sei se é apenas por timidez ou do que se trata. E em relação à maneira como ela trata você, que sabe a coitada sobre ser mãe? Mas não pretendo dizer com isso que você não tenha razão, Tamara. Eles, talvez, estejam escondendo alguma coisa. Não sei o que poderia ser, mas se acontecer outra coisa estranha, me conte.

— Outra coisa imensamente estranha está acontecendo — eu disse.

Senti o coração martelar. Não acreditei que ia contar a ele a respeito do diário. Apenas queria muito mesmo que ele acreditasse em mim.

— Conte.

— Você vai achar que sou psicótica.

— Não vou.

— Por favor, apenas acredite que não estou mentindo.

— Tudo bem. Conte.

Contei sobre o diário.

De forma bastante compreensível, ele se reclinou nos degraus mais para longe de mim, cruzou os braços, toda a linguagem corporal equivalente a um computador ao se desligar. Ai, meu Deus! Me olhou de um jeito diferente. Diferente da mudança de expressão quando eu lhe contara como papai morrera, esta se revelou num outro nível. O cara achou que eu era pirada.

— Weseley — comecei, porém não soube mais o que dizer.

— Uuh-uuh — chamou uma voz de repente e Weseley se desligou do que pensava e olhou em direção à porta.

Entrou uma linda loura. Dirigiu o olhar direto para ele, sem me notar encostada na parede.

— Ashley — ele disse, surpreso —, chegou cedo!

— Eu sei, lamento, culpe a animação de querer vê-lo. Trouxe um cobertor.

Balançou a cesta na mão. Precipitou-se para ele, largou a cesta aos pés de ambos, atirou os braços em seu pescoço e o beijou, não à maneira de uma irmã. Senti uma surpreendente pontada de inveja, da qual me livrei com desprezo. Como se houvesse sentido meu desprezo, ela abriu os olhos e me viu ali parada, braços cruzados, chateada com aquela exibição dos dois.

— Bela demonstração de afeto público, mas fiquei entediada agora. Posso ir?

Weseley se desprendeu do abraço e se virou para mim, com um sorriso.

— Quem é você? — A jovem me olhou, como se eu cheirasse mal. — Quem

é ela? — perguntou a ele.

— Sou sua amante secreta. Nós adoramos fazer amor em castelos antigos, totalmente vestidos, eu encostada junto à parede e ele sentado nos degraus do outro lado da sala. É difícil, mas amamos um desafio. Excêntrico. Até logo, amante! Dei-lhe uma piscada ao me encaminhar para a porta.

— Aquela é Tamara. — Ouvi-o dizer, quando deixei o castelo. — Apenas uma amiga.

“Apenas uma amiga.” Três palavras que, com toda certeza, matariam qualquer mulher, mas me fizeram sorrir. Não apenas minha excêntrica versão da história mais misteriosa que alguém poderia ouvir em toda a vida não o fez me atacar com uma tocha e me queimar na fogueira, mas também ali, naquele lugar, eu fizera um amigo.

E tinha o castelo como testemunha.

— Tamara! — Ouvi-o chamar, assim que a casa começava a surgir no campo visual. Recuei alguns passos e fui mais perto das árvores, de modo a impedir que Rosaleen, a espreitadora, nos visse conversar.

Weseley ofegava quando me alcançou.

— Sobre o negócio do diário...

— É, lamento, esqueça...

— Quero acreditar em você, mas não acredito.

Me senti, ao mesmo tempo, elogiada e insultada.

— Mas se me disser o que vai acontecer amanhã, e realmente acontecer, acreditarei. Faz sentido, não?

Assenti com a cabeça.

— Se tiver acertado, eu a ajudarei a fazer tudo o que acha que deve fazer.

Sorri.

— Mas se estiver inventando essa história — ele balançou a cabeça e tornou

a me olhar estranho —, você...

— Já sei. Você gostaria de ser meu namorado. Entendo.

Weseley riu.

— Então, o que vai acontecer?

— Não li o diário ainda.

Saíra de casa na noite de ontem antes que a anotação houvesse chegado ao diário, e ficara tão ocupada a manhã inteira com minhas missões que não tivera tempo de lê-lo.

Ele ficou desconfiado. Quer dizer, nem eu acreditava em mim mesma, embora soubesse que não mentia.

— Vou ler quando voltar para a guarita e lhe telefono mais tarde. Será que já estará em casa? Não quero incomodar você e a "Uuh-uuh".

Weseley riu.

— Tudo bem, me telefone mais tarde. — Em seguida, começou a se afastar. — A propósito, ela não é minha namorada.

— Claro que não — gritei de volta.

Assim que entrei em casa, fiz questão de me sentar com Arthur e Rosaleen na sala de estar e fingi ler o livro que Fiona me dera. Depois, não aguentei esperar mais. Bocejei, me espreguicei, pedi licença ao sair e subi. Retirei o diário de sob a tábua do assoalho, coloquei a cadeira de costas para a porta e me sentei. Abri o livro com mais esperança que expectativa, torcendo para que a nova anotação houvesse chegado às primeiras horas da manhã.

Tão logo ergui a capa, vi desaparecerem as palavras do dia anterior, como se o novo dia tivesse esgotado a tinta, e no lugar delas a caligrafia perfeita — minha caligrafia perfeita— começou a aparecer em curvas e linhas, palavra após palavra, tão rápido, que eu mal conseguia acompanhar seu ritmo. A primeira linha me deixou nervosa.

Segunda-feira, 6 de julho.

Que desastre! Esta manhã o Dr. Gedad apareceu, de acordo com o planejado. Rosaleen saiu às 10 horas para alimentar seu zoológico particular, assim como eu previ. Vigiei, a fim de me certificar de que nada a fizesse voltar correndo mais cedo. O Dr. Gedad chegou às 10h15 em ponto. Rezei para que ela não visse o carro dele estacionado, mas não podia fazer nada quanto a isso. Só precisava que o médico entrasse em casa e saísse o mais rápido possível. Esperava-o na porta e ele se revelou um homem muito afetuoso e adorável. Não devia ter me surpreendido, de fato, já que Weseley é seu filho. Estávamos no corredor, quando a porta da frente se abriu e Rosaleen entrou. Com toda a franqueza, a expressão em seu rosto, quando o viu, assemelhava-se à de alguém que fora flagrado pela polícia. O Dr. Gedad não pareceu notar. Mostrou-se simpático, sorridente, como tudo mais, e apresentou-se, pois os dois jamais se haviam encontrado. Rosaleen apenas o encarou, como se um feixe luminoso houvesse introduzido uma coisa sobrenatural para dentro de sua preciosa casa. Em seguida, deu livre curso a uma nervosa arenga sobre uma torta de maçã; provara-a e vira que acrescentara sal em vez de açúcar... a primeira vez que fizera isso. Parecia mesmo muito nervosa, como se fosse a pior coisa no mundo que alguém poderia fazer. Viera para casa buscar a outra torta que preparara para o jantar. Tinha certeza de que eu e Arthur entenderíamos se permitíssemos que a levasse para a mãe comer, e não nós. Quer dizer, não passava de uma torta de maçã, mas ela quase tremia. Não sei se era pelo erro da torta ou porque eu providenciara um médico para mamãe pelas suas costas. O Dr. Gedad perguntou a ela pela mãe, da qual soubera não gozar de boa saúde, e na mais bizarra reviravolta de todos os tempos, ele terminou por conversar com Rosaleen na cozinha, sem que me dessem permissão para me sentar com ambos, e, depois que haviam concluído, o Dr. Gedad me disse que sua presença não era de modo algum necessária. Sentia muito pela minha perda recente, me deu um panfleto com algumas orientações psicológicas e partiu em seguida.

Agora tudo ficou pior. Não suporto mais esse lugar! Não vou aguentar ficar mais aqui. Na próxima vez que Marcus aparecer no ônibus, vou sequestrá-lo e obrigá-lo a me levar para casa.

Seja onde for minha casa, não é aqui.

Não conte comigo, pois não escreverei amanhã.

Com mãos trêmulas, tornei a guardar o diário sob a placa do assoalho, certa de que tinha de corrigir isso. Desci e vi Rosaleen preparar as tortas para o dia seguinte.

Me sentei e a observei: roía nervosamente as unhas e tentava decidir o que fazer. Se a impedisse de pôr o sal na torta, isso significaria que eu poderia impedi-la de voltar à guarita cedo demais. Mas se mudasse tudo, Weseley jamais acreditaria em mim. Do que eu necessitava mais: de um médico para mamãe ou de um aliado para me ajudar?

— Tamara, poderia pegar o açúcar na despensa, por favor? — Ela irrompeu

em meus pensamentos.

Imobilizei-me.

Ela deu meia-volta.

— Tamara?

— Sim. — Me liguei. — Vou já pegar.

— Pode apenas encher isso até aqui, que facilitará. — Ela sorriu satisfeita, gostando da intimidade.

Peguei o copo medidor dela e me senti como fora de mim mesma ao me encaminhar até a despensa. No pequeno espaço contíguo à cozinha, olhei as prateleiras do piso ao teto, estocadas com tudo que uma pessoa talvez precisasse por dez anos. Condimentos separados em frascos de conserva, com tampas de roscas e rotulados em perfeita caligrafia que especificava o conteúdo e a data de validade.

Uma prateleira de raízes e tubérculos: cebolas, batatas, inhames, cenouras. Uma prateleira de enlatados: sopas, caldos, ervilhas, tomates. Abaixo dessa, os grãos, tudo em potes de vidro: arroz, massa de todos os tipos, formas e cores; aveia, lentilha, cereais e frutas secas — uvas-passas, damascos. Então, os suprimentos para comidas de forno: farinha, açúcar, sal e fermento, além de inúmeros frascos de óleos, azeite de oliva, óleo de gergelim, vinagre balsâmico, molho de ostra, suportes e potes de especiarias. Havia, ainda, mais potes de mel e geleia: morango, framboesa, amora-preta e até ameixa, também rotulados naquela perfeita caligrafia. Minha mão tremeu quando peguei o pote de sal. Me lembrei da lição da última noite: eu podia mudar o diário. Não precisava seguir sua história. Se eu não o houvesse descoberto, a vida dela prosseguiria sem que eu soubesse antes.

Mas, então, pensei em Weseley. Se desse a Rosaleen o açúcar, ela não retornaria à guarita amanhã, não alcançaria o médico antes de ele subir ao andar de cima, nem o convenceria a não ver mamãe. Se mudasse o diário, não teria a mínima ideia do que aconteceria, portanto não poderia contar a Weseley e ele não acreditaria em mim a respeito do diário. Eu teria perdido um novo amigo e

pareceria a maior excêntrica do planeta.

Mas se eu lhe dissesse o que ia acontecer amanhã, mamãe não veria um médico. Por quanto tempo eu aguentaria esperar aqui enquanto ela continuava lá em cima, dormindo e acordando, como se não houvesse a menor diferença entre as duas ações?

Tomei minha decisão e peguei um pote.

Capítulo 16

Total Abstração

Dormi muito pouco aquela noite. Rolei na cama, chutei as cobertas, depois senti muito frio e tornei a me cobrir, uma perna fora, um braço fora, nada proporcionava conforto. Não conseguia encontrar um meio-termo satisfatório. Com toda ousadia, desci até a cozinha para telefonar para Weseley e lhe falar a respeito da anotação do diário. Não usei os degraus; em vez disso, fiz o que me ensinou a arrogante professora de ginástica: montei no corrimão e deslizei em silêncio até o piso de pedra. Em todo caso, me saí muito bem ao não fazer sequer um ruído, o que seria diferente se descesse pela escada; mesmo assim, no momento em que estendi a mão para pegar o telefone na cozinha, Rosaleen apareceu à porta numa camisola dos anos 1800, que ia até o chão, ocultava seus pés e parecia que flutuava como um fantasma.

— Rosaleen! — Saltei.

— O que está fazendo? — ela sussurrou.

— Ia pegar um copo de água. Estou com sede.

— Deixe que eu pego para você.

— Não — falei bruscamente. — Posso fazer isso. Obrigada! Volte para a cama.

— Eu lhe faço companhia, enquanto você...

— Não, Rosaleen! — Elevei a voz. — Precisa me dar espaço, por favor. Só quero um copo de água, depois vou voltar a dormir.

— Tudo bem, tudo bem. — Ela estendeu as mãos para cima em rendição. — Boa noite!

Esperei até ouvir os rangidos na escada. Então, escutei a porta de seu quarto

se fechando, os pés se deslocando pelo piso e, em seguida, as molas da cama. Corri ao telefone e disquei o número de Weseley. Ele atendeu após meio toque.

— Oi, Nancy Drew.

— Oi — sussurrei e, em seguida, estaquei, muito insegura quanto ao que eu ia fazer.

— Então, leu o diário?

Procurei qualquer sinal de que não lhe devia contar. Agucei os ouvidos em busca de tons. Estaria ele me gozando? E eu, no telefone ao viva-voz, num quarto cheio de seus amigos caipiras, você sabe, o tipo de coisa que teria feito se alguma indesejável houvesse mudado para minha área, fosse entrar como penetra em minha festa e tivesse começado a esguichar porcarias sobre um diário profético.

— Tamara? — ele me chamou e não ouvi tom algum, nada que me fizesse mudar de ideia.

— Sim, continuo aqui — sussurrei.

— Você leu o diário?

— Li.

Pensei com grande sacrifício. Poderia lhe dizer que fora uma piada, uma piada hilária, assim como o que contei sobre a morte de meu pai. Ah, como riríamos!

— E? Vamos, você me fez esperar até as 11 horas da noite! — Weseley riu. — Não paro de tentar imaginar todos os tipos de coisas. Acontecerá algum terremoto? Números de loteria? Algo com que possamos ganhar dinheiro?

— Não — sorri —, só tediosos pensamentos e emoções antigas.

— Ah — ele disse, mas percebi seu sorriso. — Agora vai, desembuche. A profecia, por favor...

Naquela noite, acordei de meia em meia hora, o desfecho do dia seguinte me mantinha com os nervos à flor da pele. Às 3h30 da manhã, não aguentei mais e

peguei o diário, para ver como o que estava escrito tinha a ver com o dia de hoje e o que aguardavam os acontecimentos de amanhã.

Estendi a mão para apanhar a lanterna, ao lado da cama, e, com o coração a martelar, abri as páginas. Tive de esfregar os olhos para me certificar de que o que eu via era correto. Palavras surgiam, em seguida desapareciam, formavam-se frases incompletas, que não faziam sentido, tornavam a aparecer e desaparecer com tanta rapidez quanto haviam chegado. As letras davam a impressão de saltar da página, pois tudo se misturava, sem ordem. Parecia que o diário estava tão confuso quanto minha mente, incapaz de formular ideias. Fechei o livro e contei até dez, então, cheia de esperança, abri-o mais uma vez. As palavras continuavam a saltar ao redor da página, sem significado nem sentido algum.

Fossem quais fossem os planos que eu combinara com Weseley, com toda a certeza haviam se alterado amanhã. De que maneira exata, contudo, continuava indistinto, pois obviamente dependia de como eu viveria o dia quando acordasse. O futuro ainda não se escrevera.

Nos momentos em que, de fato, consegui dormir, sonhei com vidros despedaçados, eu correndo por um jardim de vidro, mas fazia um dia de vento e as peças se lançavam, arranhavam meu rosto, braços e corpo, e perfuravam minha pele. No entanto, não conseguia chegar ao fim do jardim, não parava de me perder entre as fileiras e um vulto surgia na janela para me vigiar, com os cabelos na frente do rosto, e todas as vezes que relampejava, eu via seu rosto: ela se parecia com Rosaleen. Acordava em estado de terror toda vez, o coração a martelar no peito, e temia abrir os olhos. Em seguida, acabava de adormecer apenas para me encaminhar, direto, de volta ao mesmo sonho. Às 6h30, não consegui voltar a dormir e me levantei. E, embora meu plano fosse ajudar mamãe a tornar a ser ela mesma, fui vê-la com a mínima esperança de que ainda continuasse mal. Não sei por que — claro, eu desejava do fundo do coração que ela melhorasse —, mas sempre há uma parte de nós, a parte que se esconde nas sombras, que defende o botão da autodestruição, que nunca quer deixar a escuridão para trás.

Fui a primeira pessoa a chegar ao térreo, às 6h45, pela primeira vez desde que me mudara. Me sentei na sala com uma xícara de chá nas mãos e me forcei a

me concentrar no livro sobre a menina invisível, que Fiona me dera. Eu lia, em média, um parágrafo por dia, porém devo ter me envolvido na história sem notar, pois não vi nem ouvi o carteiro se aproximar da porta, mas ouvi os envelopes pousarem no capacho, na porta da frente. Sempre satisfeita por fazer algo diferente na casa, quando tudo se desenrolava com a regularidade de um relógio, fui até o corredor pegá-los. Estavam literalmente bem ali ao meu alcance, quando chegou uma mão e os roubou para longe de mim, como um abutre que mergulha e fisga a presa.

— Não há necessidade de você fazer isso, Tamara — disse Rosaleen animada, e enfiou os envelopes no bolso da frente do avental.

— Não me incomodo. Só ia pegá-los, Rosaleen, não ia lê-los.

— Claro que não ia — ela respondeu, como se a ideia jamais lhe houvesse passado pela cabeça. — Apenas relaxe e se divirta. — Sorriu e esfregou meu ombro.

— Obrigada! — Sorri. — Sabe, devia deixar alguém fazer algo para você, para variar. — Segui-a até a cozinha.

— Gosto de fazê-lo — ela disse, e pôs mãos à obra na preparação do café da manhã. — Além disso, Arthur é bom em muitas coisas, mas continuaria a ferver um ovo até setembro se lhe designassem essa incumbência. — Deu risadinhas.

— Por falar em setembro, o que vai acontecer? — perguntei, afinal. — O plano consistia em ficarmos para o verão. É julho agora e, bem, ninguém falou sobre setembro.

— Sim, seu aniversário se aproxima. — Os olhos dela se iluminaram. — E precisamos conversar sobre o que você gostaria de fazer para comemorá-lo. Dar uma festa? Ir encontrar algumas amigas em Dublin?

— Na verdade, eu talvez prefira que algumas amigas se hospedem aqui comigo — respondi. — Gostaria que elas conhecessem onde moro.

Rosaleen pareceu meio traumatizada com isso.

— Aqui? Ah...

— Foi só uma ideia. — Voltei atrás, rápido. — É tão longe aqui para esperar que Laura e Zoey venham, e, na certa, seria uma grande inconveniência para você...

Esperei que ela saltasse e me tranquilizasse, mas não o fez.

— De qualquer modo, eu prefiro conversar a respeito de meu futuro a falar de meu aniversário. — Mudei de assunto. — Se ainda estivermos aqui em setembro, qual sua impressão do que vai acontecer, como vou chegar a St Mary? Não há ônibus, ou pelo menos nenhum passa perto daqui. Duvido que Arthur vá querer me levar e me buscar na escola todos os dias...

Esperei que ela me dissesse exatamente o que ia acontecer. Mais uma vez, porém, não o fez. Começou a aprontar o café da manhã pegando os potes e frigideiras, que, em geral, me serviam de despertador.

— Bem, imagino que se trate de algo que você terá de conversar com sua mãe. Não sei dar as respostas para você.

— Mas como se espera que eu converse qualquer coisa com mamãe?

— Que quer dizer?

Tinido, tinido, estouro, pancada, barulho. Todos os sistemas entram em ação na cozinha.

— Você sabe o que quero dizer. — Me levantei de um salto e fiquei ao lado dela, que não me olhou. — Mamãe não fala. Ficou totalmente catatônica. Não sei por que você se recusa a admitir isso.

— Sua mãe não está catatônica, Tamara. — Rosaleen afinal parou e me olhou: — Ela está apenas... triste. Precisamos dar espaço a ela, tempo, e deixar que decida tudo sozinha. Agora, seja uma boa menina, pegue os ovos na geladeira, que lhe mostrarei como fazer uma bela e fofa omelete esta manhã. — Sorriu. — Que tal uns pimentões na sua omelete?

— Pimentões! — retruquei empertigada, e seu rosto se iluminou. — Adoráveis pimentões para solucionar problemas suculentos — disse, satisfeita, depois arrastei os pés até a geladeira para pegar os ovos e os pimentões,

enquanto o semblante dela se entristecia. Peguei um verde e um vermelho. — Ah, veja, olá, Sr. Pimentão Verde! Que tal você resolver o problema para mim? Para que escola irei em setembro? — Segurei-o junto à orelha e fingi que prestava atenção. — Ah, não, não deve estar funcionando. — Sacudi-o. — Talvez deva tentar o vermelho. Olá, Sr. Pimentão Vermelho! Rosaleen parece pensar que você pode resolver a minha vida. Que é que você acha que vai acontecer? Devemos mandar mamãe para um hospício ou deixá-la lá em cima para sempre? — Fingi prestar atenção de novo. — Não. Nada. — Atirei os pimentões na bancada. — Parece que os pimentões não podem nos ajudar hoje. Talvez devamos tentar algumas cebolas — disse e fingi excitação — ou queijo ralado!

— Tamara! — Ouvi Arthur dizer, naquele tom de advertência, e parei. Me arrastei para fora da cozinha e me sentei, mal-humorada, na sala de estar.

Embora não nos permitissem comer naquele aposento, Rosaleen me trouxe a omelete. Um tipo de pessoa decente teria se desculpado, em vez disso, pedi sal.

Às 10 horas, observei Rosaleen dar aquela corridinha ao sair de casa com a bandeja repleta de comida para alimentar uma família inteira e, entre todas as minhas apreensões relacionadas ao dia, uma era que a mãe lhe revelasse a visita que eu fizera. Só porque não escrevi a respeito, não significava que isso não aconteceria. Às 10h15, o carro do Dr. Gedad parou diante da casa. Inspirei fundo e abri a porta.

— Você deve ser Tamara. — Ele abriu um sorriso radiante, enquanto percorria a trilha. Logo me fez sorrir. Alto, esguio, aparentava boa forma física. Os cabelos, colados à cabeça, começavam a branquear. As maçãs do rosto altas e os olhos meigos lhe davam uma aparência levemente feminina, mas, apesar disso, era viril e bonito. Cumprimentei-o apertando sua mão.

— Então, bom dia para você! Mas não é maravilhoso o que nos tem proporcionado o verão?

Ele falava do fundo da garganta, como se tivesse um pedaço de pão entalado ali, de uma forma meio abafada, mas numa linda cantilena. Ao sotaque de Madagascar, misturavam-se algumas palavras proferidas em puro *blás* soprados

em irlandês. Que som adorável, singular! Me agradava a sensação de que alguém de fora do lugar pudesse renovar, sacudir e arrumar tudo.

— Posso levar sua pasta? — Estava nervosa, trêmula, insegura quanto ao que fazer.

— Não, obrigado, Tamara! Precisarei disso comigo.

— Ah, sim, claro.

— Creio que vim aqui para ver sua mãe?

— Sim, ela está no andar de cima. Eu lhe mostro o caminho.

— Obrigado, Tamara! Lamento muito saber de seu pai. Weseley partilhou a triste notícia comigo. Deve ser um momento muito difícil para vocês duas.

— Sim, obrigada! — Sorri e tentei engolir aquele nó que sempre subia à garganta quando alguém falava em papai.

Me encaminhei para conduzir o Dr. Gedad ao andar de cima e quase começava a acreditar que ia me dar bem, esperançosa de ter mamãe de volta, mas dilacerada por perder Weseley, quando a porta da frente se abriu. Rosaleen entrou no corredor com uma forma de metal nas mãos. Olhou para o Dr. Gedad como se ele fosse o anjo da morte e ficou com o rosto lívido.

— Bom dia! — disse o médico, sorridente.

— Quem...? — Ela desviou o rosto do estranho em seu corredor para mim, depois mais uma vez para o homem. — Você é o novo médico.

— Sou, de fato — ele confirmou, prestimoso, e tornou a descer a escada.

“Não!”, gritei em minha mente.

— É um grande prazer conhecê-la, senhora...

— Rosaleen — ela se apressou a dizer, me lançou um olhar e logo o desviou para ele. — Por favor, me chame de Rosaleen. Então, bem-vindo à cidade!

Os dois trocaram apertos de mão.

— Muito obrigado! E preciso agradecer a você e ao seu marido por dar a

Weseley um emprego aqui.

Rosaleen me olhou, havia constrangimento por todo o seu rosto.

— Bem, sim, ele é uma grande ajuda... — Ela o ignorou. — Doutor — disse, com uma expressão confusa —, que... por que... Tamara, você está doente?

— Não, estou ótima, Rosaleen. Basta o senhor me acompanhar, Dr. Gedad. — Apressei-me a dizer e continuei a subir a escada.

— Oh, não vai querer perturbá-la, Tamara — ela disse com um sorriso e uma expressão de leve reprovação ao Dr. Gedad, dando a entender que eu era meio excêntrica. — Sabe como é importante o sono para ela. — Olhou para o médico. — Minha cunhada não tem dormido muito, o que é compreensível, claro, nas circunstâncias.

— Decerto. — Ele assentiu com um grave balanço da cabeça. Me olhou, então. — Bem, talvez seja melhor eu deixá-la descansar. Posso voltar outra hora.

— Não! — exclamei. — Rosaleen, ela tem dormido sem parar quase o tempo todo na maioria dos dias, durante a última semana.

Não consegui controlar a voz, que saiu estridente como um agudo de um violino desafinado.

— Por causa das noites que passa insone, claro — declarou Rosaleen, com firmeza. — Aceita uma xícara de chá, doutor? O senhor não vai acreditar, mas parece que adicionei sal em vez de açúcar à massa. Minha mãe quase caiu. — Ela riu. — Embora eu saiba que não devia dar a ela torta de maçã para comer no café da manhã — acrescentou, desculpando-se.

— Como vai sua mãe? — ele perguntou. — Soube que não anda bem de saúde.

— Eu lhe contarei durante o chá — ela trinou, animada. Ele riu e pôs-se a descer de novo a escada. — Rosaleen, é difícil dizer não a uma mulher como você.

Fiquei ali sentada no degrau, boquiaberta diante do que ocorria. Eu lera o que ia acontecer, mas, na verdade, não acreditara que o doutor fosse obedecê-la

com tanta facilidade, com uma paciente visivelmente doente no andar de cima.

— Apenas darei para sua mãe um pouco mais de repouso, Tamara — explicou o Dr. Gedad —, e depois a verei.

— Tudo bem — sussurrei e me esforcei para conter as lágrimas, pois sabia que, fosse o que fosse que Rosaleen diria ao Dr. Gedad, ele não tornaria a subir aquela escada. Apesar de conhecer o desfecho, tentei me juntar aos dois na cozinha, mas Rosaleen me deteve na porta.

— Se não se incomoda, Tamara, vou trocar algumas palavras em particular com o doutor sobre minha mãe. Só para me certificar de que tudo está bem. Ela anda meio desligada nos últimos dias.

Engoli em seco, a princípio me senti culpada de que minha visita pudesse ter piorado seu estado, mas, tão rápido quanto chegou, a culpa desapareceu e a raiva retornou. Realmente, não dei a mínima para a saúde da mãe dela, só me enfureci muito por ela roubar o médico da minha.

— Sim, claro, entendo, Rosaleen. Eu apenas tentava fazer exatamente a mesma coisa para minha mãe — respondi, indignada.

Dei-lhe as costas antes que ela tivesse a chance de me responder, e subi enfurecida, pisoteando os degraus da escada. Ouvi a porta se fechar e fui para o quarto de mamãe, que continuava adormecida, enroscada como uma bola, como se ainda estivesse no útero materno.

— Mãe — sussurrei baixinho, me ajoelhei e empurrei seus cabelos para trás.

Ela gemeu.

— Mãe, acorde!

Os olhos se abriram.

— Mãe, preciso que você se levante. Chamei um médico para você. Ele está lá embaixo, mas preciso que você desça para vê-lo, ou então o chame. Por favor, faça isso por mim!

Ela gemeu e tornou a fechar os olhos.

— Mãe, escute, é importante. Ele a ajudará a se sentir melhor.

Mais uma vez, mamãe abriu os olhos.

— Não — coaxou.

— Eu sei, mãe, sei que sente a falta de papai mais que tudo no mundo. Sei que o amava muito e, na certa, acha que nada no mundo jamais a fará se sentir melhor, mas pode e ficará melhor.

Ela tornou a fechar os olhos.

— Mãe, por favor — sussurrei, as lágrimas se avolumaram. — Preciso que faça isso por mim!

A respiração diminuiu de ritmo e se aprofundou de novo, quando ela tornou a adormecer. Ajoelhada a seu lado, eu chorava.

Abaixo do quarto, ouvia a conversa abafada do Dr. Gedad e Rosaleen. Então, a porta da cozinha se abriu. Enxuguei as lágrimas e sacudi mamãe de novo para acordá-la.

— Pronto, mãe, ele já vem. Você só tem de chegar até a porta. Só isso, nada mais.

Ela me olhou, assustada, porque eu acabara de acordá-la.

— Por favor, mãe!

Mamãe pareceu confusa. Praguejei e saí dali para correr escada abaixo, no momento em que Rosaleen abria a porta da frente.

— Ah, Tamara, troquei algumas palavras com Rosaleen e acho que é melhor deixar sua mãe, por enquanto, e retornar se ela precisar de mim. Se você sentir alguma necessidade de me chamar, fique com meu cartão.

— Mas eu o chamei para que a visse hoje.

— Eu sei. Porém, após conversar com Rosaleen, compreendo que não é necessário. Não precisa se preocupar com nada. Sua mãe, de fato, passa por um momento difícil, mas não há motivo para se afligir por causa da saúde dela. Tenho certeza de que ela gostaria apenas que você relaxasse e pensasse com

clareza — disse, com um tom paternal.

— Mas você nem sequer a viu! — respondi, furiosa.

— Tamara... — Desprendeu-se uma advertência da voz de Rosaleen.

Dr. Gedad pareceu constrangido e, depois, inseguro quanto à sua decisão. Que motivo tinha para não confiar em Rosaleen? Eu o vi perguntando a si mesmo. Rosaleen também notou e logo se afastou.

— Obrigada por aparecer, doutor! — ela disse, amável. — Por favor, transmita minhas recomendações a Maureen e a seu filho...

— Weseley — ele disse. — Obrigado! E obrigado pelo chá e pelos pãezinhos. Não senti nem sequer uma pitada de sal na massa!

— Oh, não, isso foi na torta de maçã!

Ela ria como uma criança.

E ele se foi. Rosaleen fechou a porta e se virou para me encarar, mas saí marchando na frente dela até a porta, abri-a e a fechei com estrondo atrás de mim. Disparei pela estrada. Fora, o ar quente exalava um cheiro adocicado de grama recém-cortada e adubo. Ouvi ao longe o cortador de grama de Arthur, o barulho do motor tapava-lhe a realidade e ele se concentrava em tarefas corretivas. Localizei a irmã Ignatius à esquerda, bem longe, no outro lado da propriedade; uma coisa azul-marinho e branca no meio do verdor. Corri a seu encontro, a raiva fluía pelo meu sangue como uma enxurrada de refrigerante. Ela pusera um cavalete e um banquinho no meio do gramado, diante do castelo, que ficava a uns 400 metros de distância, e se instalara bem em frente de um dos lagos de cisne, à sombra de um gigantesco carvalho. A manhã já esquentara e o céu cobrira-se todo de anil, sem uma única nuvem visível. Devia estar imensamente concentrada, a cabeça junto à página, e deslizava a língua nos lábios, enquanto movia o pincel.

— Eu a odeio! — gritei, quebrando o silêncio e fazendo um bando de pássaros voarem, disparados, de uma árvore próxima em direção ao céu, onde tentaram se reagrupar ao mudar de lugar.

Pisoteei o gramado tostado com minhas sandálias de borracha.

Irmã Ignatius não ergueu os olhos quando me aproximei.

— Bom dia, Tamara! — disse, animada. — Outra linda manhã.

— Eu a odeio — disse mais alto, ao chegar mais perto, a voz ainda elevada.

Ela me olhou então, os olhos arregalados de pânico. Abanou a cabeça em movimentos rápidos e agitou os braços, como se estivesse no meio de uma ferrovia tentando parar um trem que se aproximava.

— Sim, é isso mesmo, eu a odeio! — continuei a gritar.

A irmã levou o dedo aos lábios e se sacudiu em zigue-zague a meu redor, como se precisasse ir ao banheiro.

— Ela é cria de Satanás! — Cuspi.

— Ah, Tamara! — Explodiu afinal a irmã, e lançou as mãos para o ar, com uma expressão atormentada.

— Que foi? Não me importo com o que Ele pensa. Quero que me fulmine. Me tire daqui, Deus, estou farta e quero voltar para casa — gemi, frustrada, então desabei na grama. Me deitei de costas e olhei para o céu. — Aquela nuvem parece um pênis.

— Ah, Tamara, pare com isso! — ela disse, ríspida.

— Ora, eu a ofendo? — perguntei com sarcasmo, querendo apenas ferir a todos, sem exceção, por mais bondosos que fossem.

— Não! Você espantou o esquilo — ela disse, com a expressão mais frustrada que eu já a vira. Me sentei, chocada, e ouvi seu longo e veemente discurso. — Tentei pegá-lo a semana inteira. Pus algumas guloseimas num prato e, afinal, consegui; ele não quis as nozes, portanto todas essas histórias a respeito de esquilo e suas nozes precisam ser mudadas. Não tocou no queijo, mas adora balas de caramelo, dá para acreditar? Mas, agora, veja, ele se foi e talvez nunca mais volte; a irmã Conceptua vai me comer viva por ter pegado os caramelos dela. Acho que você e seu comportamento dramático causaram um ataque

cardíaco no animal. — Ela suspirou, acalmou-se, depois se virou para mim. — Odeia quem? Rosaleen, eu suponho.

Examinei sua pintura.

— Isso se destinava a retratar um esquilo? Parece um elefante com rabo grosso.

A irmã Ignatius pareceu zangada, a princípio. Então, ao examiná-lo melhor, desatou a rir.

— Ah, Tamara, você de fato é uma dose perfeita, sabe disso.

— Não — bufei de raiva e me levantei. — Parece que não. Do contrário, não teria chamado um médico para mamãe. Poderia curá-la sozinha!

Andei de um lado para o outro diante dela, que, então, ficou séria.

— Você chamou o Dr. Gedad?

— Sim, e ele veio esta manhã. Planejei tudo para quando Rosaleen estivesse na casa da mãe, entupindo-a de comida... e, por falar nisso, vi a mãe dela, e em hipótese alguma neste mundo ela pode ingerir toda aquela comida todo dia, a não ser que tenha lombrigas. Mas Rosaleen apareceu em casa cedo, antes de o Dr. Gedad começar a subir a escada, porque... rufem os tambores... ela pôs sal na torta de maçã, em vez de açúcar, e sim, você tem razão de me olhar assim, porque fui eu quem fez isso e não dou a mínima, e o faria de novo amanhã e saberei, em breve, se faço ou não de fato. — Inspirei. — Em todo caso, Rosaleen voltou para pegar a torta de maçã que devia ser para mim e Arthur, não que eu me incomode, pois toda a comida dela me faz soltar pum 50 vezes por dia, e deu um jeito de convencer o médico, na conversa, a não ver mamãe. Portanto, ele já foi embora e mamãe continua no quarto, por certo babando e desenhando nas paredes, agora.

— Como ela o mandou embora?

— Não sei. Não sei o que ela disse a ele. O Dr. Gedad me explicou apenas que, no momento, mamãe só precisava descansar e que se eu precisasse dele de novo, para uma emergência, ou coisa que o valha, eu lhe telefonasse.

— Bem, o médico saberia... — ela disse hesitante.

— Irmã, ele nem sequer a viu. Só ouviu seja lá o que Rosaleen tenha contado.

— Então por que ele não deveria confiar em Rosaleen?

— Oras, por que deveria? Fui eu quem o chamou, não ela. E se eu tivesse visto mamãe tentar se matar e nunca tivesse contado a Rosaleen?

— Ela tentou?

— Não! Mas isso não vem ao caso.

— Hum.

Irmã Ignatius se calou enquanto esfregava de leve o pincel numa tinta marrom lamacenta e o aplicava no papel.

— Agora parece um animal que acabou de comer uma noz estragada — eu disse.

Ela bufou e tornou a rir.

— Você, em algum momento, tipo, reza? Só a vejo fazer mel, jardinar ou pintar.

— Gosto de criar coisas novas, Tamara. Sempre acreditei que o processo criativo é uma experiência espiritual em que trabalho em conjunto com o Espírito Criativo Divino.

Olhei em volta, de olhos arregalados.

— E o espírito criativo divino está em seu horário de almoço?

A irmã Ignatius perdeu-se em reflexão.

— Eu poderia vê-la... Você gostaria?

— Obrigada, mas ela precisa de mais do que uma freira. Sem querer ofendê-la.

— Tamara, você sabe o que eu realmente faço?

— Hum, reza.

— Sim, rezo. Mas não apenas rezo. Fiz votos de pobreza, castidade e obediência, como todas as irmãs católicas, mas, além disso, fiz votos para ajudar a servir os pobres, doentes e analfabetos. Posso conversar com sua mãe, Tamara. Posso ajudar.

— Ah. Bem, suponho que ela se enquadre em duas dessas categorias.

— E, fora isso, não sou “apenas uma freira”, como você diz. Também me especializei em obstetrícia — disse, e pincelou no papel de novo.

— Mas que ridículo, ela não está grávida! — Então, registrei o que a irmã dissera. — Espere aí, você é o quê? Desde quando?

— Ah, não sou apenas um rosto bonito! — Riu. — Médica obstetra foi meu primeiro trabalho. Mas sempre senti que Deus me chamava para uma vida de espiritualidade e assistência religiosa, por isso me juntei às irmãs e, com elas, percorri o mundo, munida do grande dom de ser, ao mesmo tempo, freira e parteira. Passei a maior parte dos meus 30 anos na África. Em todo o continente. Vi algumas coisas brutais, mas também outras maravilhosas. Conheci as mais especiais e extraordinárias pessoas! — Ela sorriu com a lembrança.

— Conheceu alguém lá que lhe deu isso? — Sorri e indiquei com a cabeça seu anel de ouro, com a pequena esmeralda verde. — Bastante para seu voto de pobreza. Se o vendesse, poderia construir um poço em algum lugar na África. Vi nos anúncios.

— Tamara — ela retrucou chocada —, me deram isso há quase trinta anos pelo aniversário de vinte e cinco anos de trabalho como freira.

— Mas dá a impressão de que você é casada... Por que lhe dariam um anel assim?

— Sou casada com Deus. — A irmã sorriu.

Fiz uma careta, enojada.

— Que horror! Bem, se você fosse casada com um homem real que existe, quer dizer, um que pudesse de fato ser visto e que não põe as meias na cesta de

roupa suja, teria ganhado um diamante por vinte e cinco anos de serviço.

— Muitíssimo obrigada, estou bem feliz com o que tenho! — Ela sorriu. — Seus pais nunca a levaram à missa?

Fiz que não com a cabeça e imitei meu pai.

— "Religião não dá dinheiro." Embora papai estivesse totalmente errado: fomos a Roma e visitamos o Vaticano. Aqueles caras são muito ricos.

— Bem típico dele, reflete-o à perfeição. — Ela riu.

— Você conheceu meu pai?

— Ah, sim.

— Quando? Onde?

— Quando ele esteve aqui.

— Mas não me lembro de alguma vez que ele tenha vindo aqui!

— Bem, mas veio. Lá vai você, Srta. Sabe-Tudo.

— Você o detestava? — Irmã Ignatius balançou a cabeça. — Conte, pode dizer que o detestava. A maioria das pessoas o detestava. Às vezes, eu também. Brigávamos à beça. Eu não me parecia nada com ele, e ele me odiava por isso.

— Tamara... — Tomou-me as mãos nas suas e fiquei meio sem graça. Ela era tão meiga e delicada, que parecia que um fragmento de realidade poderia destruí-la, mas com todas aquelas viagens e o trabalho cotidiano, decerto vira mais do mundo real que eu. — ... Seu pai a amava demais, do fundo do coração. Era muito bom para você, a abençoou com uma vida maravilhosa, você sempre podia contar com ele. Que extraordinária a sorte que tinha! Não fale dele assim. Ele foi um grande homem.

Logo me senti culpada e, como os antigos hábitos persistiam, obstinados, fiz o que sempre faço.

— Devia ter se casado com ele, então — respondi, agressiva. — Teria um anel de ouro em cada dedo.

Após um longo silêncio, no qual se esperava que eu pedisse desculpas, mas não o fiz, irmã Ignatius retornou à sua pintura horrível. Molhou o pincel na tinta verde e achatou os pelos no papel, onde embarcou numa jornada de singulares movimentos bruscos com o pulso, como um maestro de música que usava o pincel como batuta, para fazer a mancha verde parecer folhas ou qualquer coisa do tipo.

— Não tem nenhuma árvore diante de você.

— E tampouco esquilo. Uso a imaginação. De qualquer modo, não é uma árvore que tento descrever, mas a atmosfera em que habita o coitado de meu esquilo. Pense nisso como arte abstrata: um abandono da realidade na descrição imagética. — Ensinou-me. — Se considera parcialmente abstrato o trabalho artístico que toma liberdades, por exemplo, na alteração de cor e forma por meios conspícuos.

— Como seu elefante marrom, que tem um enorme rabo em vez de uma tromba.

Ela me ignorou.

— Por outro lado, a abstração total — continuou — não exibe traço algum de qualquer referência a algo reconhecível.

Examinei sua obra com um pouco mais de atenção.

— É, eu diria que o seu é um tanto mais semelhante à abstração total. Como minha vida.

A irmã riu.

— Ah, o drama de ter 17 anos!

— Dezesseis — corrigi. — Escute, fui até a casa da mãe de Rosaleen ontem.

— Foi? E como ela está?

— Bem, ela me deu isso. — Tirei a lágrima do bolso e rolei-a na mão. Era fria, lisa, calmante. — Estoca um grande número lá. Tão estranho! No jardim dos fundos, há um galpão, que parece ser a fábrica, e, atrás do galpão, vê-se um

campo inteiro dessas coisas. Algumas são totalmente esquisitas e afiadas, mas a maioria é linda. Pendem de varais que captam a luz, uns dez deles, todos amarrados com arames rijos. Acho que ela os faz. Sem dúvida não os cultiva, mas o lugar se assemelha a uma fazenda de vidro. — Ri.

A irmã Ignatius parou de pintar e larguei a lágrima em sua mão.

— Ela lhe deu isso?

— Não, bem, não me entregou exatamente. Eu a vi no galpão. Trabalhava em alguma coisa, toda curvada, usava óculos de proteção, fazia algo com vidro, e acho que a assustei. Por isso, deixei sua bandeja no chão do jardim. Eu preparara um pequeno café da manhã para ela.

— Que amável de sua parte!

— Na verdade, não. Você devia ver o estado em que se encontravam as coisas que coloquei na bandeja. E Rosaleen não sabia que eu tinha ido até lá, portanto tive de voltar para pegá-la e esperava que a bandeja continuasse cheia. Mas a encontrei no muro diante da casa, com todos os pratos lavados e tudo mais. E essa lágrima estava na bandeja. — Tomei-lhe a lágrima da mão. — Que amor o gesto dela, não?

— Tamara... — Irmã Ignatius estendeu o braço e se apoiou no cavalete, que, de tão leve, não lhe ofereceu suporte algum.

— Você está bem? Parece meio... — Não cheguei a concluir a frase, pois a irmã parecia muito fraca, logo a enlacei nos braços e me lembrei de que, apesar daquela aura juvenil e dos risinhos de menina, ela tinha 70 e alguns anos.

— Estou bem, estou bem — respondeu e se esforçou para rir. — Pare de fazer tempestade em copo de água, Tamara! Preciso que você diminua o ritmo ao falar e repita mais devagar o que disse. Encontrou isso na bandeja quando foi buscá-la?

— Sim, no muro diante do jardim — respondi, devagar.

— Mas é impossível! Você a viu colocá-la ali?

— Não, só vi a bandeja da janela de meu quarto. Ela deve tê-la posto quando

me encontrava em outro lugar na casa. Por que faz tantas perguntas? Está furiosa comigo por eu ter ido lá? Sei que, na certa, não devia ter ido, mas Rosaleen vinha sendo tão reticente!

— Tamara — irmã Ignatius fechou os olhos e pareceu mais cansada quando os abriu —, a mãe de Rosaleen, Helen, sofre de esclerose múltipla, que, lamentavelmente, tem piorado com os anos. Vive presa a uma cadeira de rodas, motivo pelo qual Rosaleen tornou-se a pessoa que cuida dela em tempo integral. Então, veja bem, ela não poderia ter se levantado, sozinha, da cadeira de rodas, e ido até o jardim da frente com essa bandeja. — A irmã balançou a cabeça. — Impossível!

— Poderia — respondi. — Bastava que pusesse a bandeja no colo e, então, teria as mãos livres para locomover a cadeira.

— Não, Tamara, há degraus no jardim da frente.

Olhei na direção do bangalô e, embora não o visse de onde estávamos, visualizei os degraus.

— Ah, é! Que estranho! Então, quem mais mora no bangalô? — perguntei.

Irmã Ignatius se calou, os olhos rodopiavam enquanto ela pensava, com muito esforço.

— Ninguém, Tamara — sussurrou. — Ninguém.

— Mas eu vi alguém. Pense, irmã — gritei, em pânico —, quem eu vi no galpão? Uma mulher toda curvada, com óculos de proteção, óculos de trabalho e cabelos compridos. Havia essas coisas de vidro espalhadas em todo o quintal. Quem poderia ser ela?

Irmã Ignatius balançou repetidas vezes a cabeça.

— Rosaleen tem uma irmã... ela me falou a respeito. Mora em Cork. É professora. Talvez tenha vindo visitá-la. Que lhe parece?

A freira continuou a balançar a cabeça.

— Não, não. Não poderia ser.

Calafrios percorreram minha espinha de cima a baixo e fiquei toda arrepiada. O olhar, em geral calmo, de irmã Ignatius nada contribuía para me acalmar também. Parecia que ela vira um fantasma.

Capítulo 17

Possuída

Parei de interrogar irmã Ignatius. Seu rosto perdera toda a cor e adquirira um tom lívido.

— Sente-se, irmã. Venha, sente-se no banco! Você está bem, está muito calor hoje. — Tentei permanecer calma enquanto a ajudava a chegar ao tamborete de madeira. Desloquei-o mais para perto do tronco da árvore, para que ela ficasse sob a sombra. — Vamos descansar aqui por um minuto e, em seguida, voltaremos para casa.

Ela não respondeu, só me deixou conduzi-la; enlacei sua cintura com uma das mãos e, com a outra, segurei sua mão. Assim que se sentou, retirei alguns fios de cabelo de seu rosto. Não parecia encalorada.

Ouvi chamarem meu nome ao longe e vi Weseley correr. Acenei-lhe feito uma louca com as mãos, para mostrar que o avistara. Quando ele me alcançou, estava ofegante e teve de se agachar, as mãos nos joelhos, para recuperar o fôlego.

— Oi, irmã! — acabou por dizer e deu um aceno idiota, embora estivesse bem ao lado dela. — Tamara — ele se virou para mim assustado —, fiquei sabendo de tudo.

— Sabendo do quê? — perguntei impaciente, enquanto Weseley tentava recuperar o fôlego.

— Rosaleen — respiração ofegante —, na cozinha — respiração ofegante. — Você tinha razão. A respeito de tudo. Do açúcar, sal e... — respiração ofegante —... a volta antecipada dela à guarita. Como você soube?

— Eu contei para você como! — Lancei um rápido olhar à irmã Ignatius,

mas a freira contemplava o horizonte, como se fosse desfalecer a qualquer instante. — Tudo estava escrito no diário.

Ele abanou a cabeça, incrédulo, e me enfureci.

— Escute, não dou a mínima se você acredita ou não, apenas me conte o que...

— Acredito em você, Tamara. Apenas não acredito nisso. Entende?

— Sim, entendo. Eu também não.

— Certo, escapei de Arthur hoje às 10 horas da manhã. Nos separamos para que eu cuidasse das nogueiras, no sul da propriedade. Temos tido um problema com praga nas nogueiras — ele olhou para a irmã Ignatius —, por isso precisamos manter o potencial hidrogeniônico abaixo de 6.0, cortar todos os rebentos infestados...

— Weseley, feche a matraca! — interrompi-o.

— Certo, me desculpe. Não consegui parar de pensar no que você havia dito, por isso fui até a guarita e me escondi diante da janela da cozinha, no quintal. Ouvi tudo. Antes de mais nada, Rosaleen começou a falar da mãe dela, disse que sua saúde deteriorara. Sofre de esclerose múltipla. Fez algumas perguntas sobre a doença, pediu alguns conselhos, esse tipo de coisa. Acho que apenas o retardava.

Assenti com a cabeça. Batia com o relato de irmã Ignatius, portanto, eu soube, pelo menos, que Rosaleen não mentira sobre a mãe.

— Meu pai, na verdade, me irritou. Tive vontade de gritar e mandá-lo subir. Mas assim que ele disse que ia subir para ver sua mãe, Rosaleen começou a falar dela. Embora meu pai quisesse subir para vê-la, Rosaleen foi insistente. Disse que... — interrompeu-se.

— Ande, Weseley, me conte!

— Só me prometa ficar calma quando eu lhe contar, até chegarmos a alguma conclusão.

— Tá bem, tá bem — apressei-o.

— Certo. — Falava mais devagar agora e me examinava ao contar. — Disse que sua mãe era propensa à depressão e que, em geral, entrava nesses estados quando se isolava de todos...

— Que papo furado!

— Tamara, escute! Disse ainda que seu pai e sua mãe esconderam isso de você a vida toda, por isso você não deveria ter tal conhecimento. Sua mãe tomava medicamentos antidepressivos e a melhor coisa a fazer era deixá-la em paz, no quarto, até a depressão passar. Explicou que foi o que sempre fizeram.

— Cascata! — Interrompi-o de novo. — Mentira! Uma porra de mentira! Minha mãe nunca ficou assim antes. Ela é, ela é... ai que nojo, uma cadela mentirosa! Como ousa dizer que papai nunca me contou? Eu saberia, vivia com eles em casa todos os dias. Mamãe nunca ficou assim. Nunca!

Eu andava de um lado para o outro, gritava, o sangue fervia. Me sentia tão furiosa que queria fazer o céu desabar. Tão fora de controle, como se nada pudesse fazer para ficar bem de novo. Interroguei a mim mesma. Seria possível que eu, de algum modo, não percebesse o comportamento de mamãe? Teria ela sido assim antes e eu não me lembrava? Fui uma filha tão terrível que os dois puderam me deixar sem saber de nada, assim, com tanta facilidade? Pensei nos fins de semana que passavam fora... será que iam a algum outro lugar? Pensei nos frágeis sorrisos dela a papai, no fato de jamais vê-la superentusiasmada como as outras mães, no fato de que ela nunca revelava alguma confidência a mim. Não, isso nada significava. Mamãe apenas não era emotiva, nem sentimental, mas isso não a tornava deprimida. Não, não, não, como ousa Rosaleen dizer que meu pai mentira quando ele nada podia dizer para se defender! Que injustiça! Tudo não passava de uma grande injustiça.

Weseley tentou me conter e me acalmar, mas eu gritava. Até aí consigo me lembrar. E então me lembrei de irmã Ignatius, que, afinal, se recuperava, levantava-se e vinha em minha direção, com os braços abertos e aquele rosto, triste, porém mais envelhecido, um rosto tão mais envelhecido do que alguns minutos atrás, e agora tão triste e condoído que mal podia olhá-la!

— Tamara, você tem de me ouvir agora... — ela dizia, mas eu não quis

ouvir.

Rejeitei-a e me esquivei dos dois. Então, me lembro de que corri, corri muito, enquanto os ouvia gritarem meu nome. Caí algumas vezes, percebi Weseley atrás de mim, e, em seguida, senti-o me agarrar. Escapei, gritei e continuei a correr, cada vez mais rápido, ao pensar nele em meu encalço. Não sei quando ele parou de correr, quando decidiu me liberar, mas continuei em frente, apesar de sentir uma dor no peito e achar difícil respirar. Lágrimas escorriam dos meus olhos e se dirigiam às orelhas, minha velocidade não lhes dava oportunidade de caírem como deviam. Fugi a toda do bosque, até a estrada, o estrondo de um motor, o estridente rangido de pneus e uma longa buzina de carro ressoaram nos meus ouvidos e eu fiquei imobilizada. Esperei ser atropelada, esperei o para-choque me atingir em cheio ao lado do corpo e me fazer voar para-brisa acima, mas nada aconteceu. Em vez disso, senti o calor da grade ao lado de minha perna, perto, perto demais, e a parte sombria de mim, a parte nas trevas, sentiu que não fora perto o bastante. Então, a porta do veículo se abriu e ouvi gritaria. Um homem. Levei as mãos aos ouvidos, chorava sem parar, não conseguia recuperar o fôlego, e ouvi gritarem repetidas vezes meu nome. Gritos furiosos, agressivos, acusadores. Como se a culpa fosse minha!

Por fim, os gritos abrandaram-se e braços me enlaçaram, balançavam-me delicadamente, os ruídos se extinguiram, e percebi que estava nos braços de Marcus, a biblioteca ao lado de nós, e eu soluçava, descontrolada, na camisa dele.

Ergui, afinal, os olhos. Ele tinha a expressão preocupada, receosa.

— Então, aonde iremos agora? Paris, Austrália? — ele perguntou com a voz baixa.

— Não! — Solucei. — Quero ir para casa. Só quero ir para casa.

Fiquei calada no ônibus, a caminho de Killiney. Marcus tentara fazer perguntas, mas desistiu depois de algum tempo. Parei, enfim, de chorar, meu corpo parou de tremer. Me sentia fraca pela emoção, farta de tudo aquilo. Pouco depois, enxuguei os olhos com o lenço de papel cheio de muco nasal pela última vez, inspirei fundo e exalei.

— Assim parece melhor — disse Marcus ao me olhar quando paramos no sinal vermelho. — Então, vai falar comigo agora?

Pigarreei e sorri.

— Olá, Marcus! Quero me embriagar de verdade.

— Sabe de uma coisa? Era exatamente o que pensava em fazer. — Deu um sorriso travesso e parou o ônibus diante da loja de bebidas assim que o sinal ficou verde. — Você tem interesses e desejos semelhantes aos meus.

Eu devia ter contado a ele então. Mais uma vez. Isto é, minha idade. Poderia ter poupado muita dor de cabeça. Estava a menos de três semanas do meu décimo sétimo aniversário e, talvez, ainda fosse jovem demais para ele. Não sei muito bem o que pensava, nem se tinha capacidade de pensar. Me sentia entorpecida e queria ficar mais entorpecida. Não queria sentir, não queria pensar. Minha vida parecia tão fora de controle que queria perder o controle de mim também. Só por algum tempo, pelo menos.

Estávamos a apenas uma hora de Killiney. Uma hora não era nada, mas para mim significava um mundo de distância. Me sentia como se tivessem me arrancado de casa, do meu lugar, como se tivessem levado embora minha identidade. Não creio que algumas pessoas saibam o que significa ser retirada de sua casa. Claro, você pode sentir saudade de casa ou se mudar e sentir falta do lugar. Mas fomos obrigadas a nos mudar!

Algum banco, algum lugar que nada tinha a ver com afeto, com lembrança, com família, havia caçado meu pai, o atormentado tanto que ele tirara a própria vida. Então, depois de fazê-lo, havia nos tirado o prédio de lembranças, a noção de espaço, os alicerces de nossa família. E ao mesmo tempo em que nos expulsavam, nos obrigavam a viver com membros de uma família que mal conhecíamos, a casa apenas continuava ali, imensa e vazia, com uma tabuleta de “Vende-se” pregada no muro, como dois dedos apontados para nós enquanto tínhamos de ficar do lado de fora e olhá-la, como estranhas, sem poder retornar.

— Você ainda tem a chave da casa? — perguntou Marcus ao avançarmos dando voltas pelas estradas sinuosas que conduziam à área.

Fiz que sim com a cabeça. Outra mentira.

— Ei, devagar aí, Tamara! — Ele me viu tomar, de uma vez só, a terceira lata de cerveja. — Deixe algumas para mim. — Riu.

Terminei e arrotei alto.

— Sexy! — Riu Marcus de novo, sem tirar o olho da pista.

Se você me perguntasse agora, eu responderia com franqueza que esse foi o primeiro momento em que decidi, conscientemente, o que queria fazer. Claro que posso culpá-lo por me dar a ideia, mas, na verdade, fui eu. Talvez soubesse, desde o segundo em que fugi para a estrada e ele me abraçou, que terminaríamos na casa; os dois juntos no chão do meu quarto. Talvez eu tivesse decidido no primeiro dia em que o encontrei. Talvez eu, de fato, tivesse planejado tudo. Talvez estivesse mais no controle do que pensei. Ou, talvez, a terceira cerveja provocara o caos em meu estado emocional. Apontava lugares para Marcus enquanto seguíamos, contava histórias, dizia os nomes de pessoas que moravam lá. Não esperava respostas. Na verdade, não era importante ele responder ou não. Contava-as para mim mesma. Minha voz saía como se de outra pessoa. Não me sentia eu. Realmente, não dava mais a mínima para quem eu era. Desistira de fingir ser a pessoa que eu tentara ser, igual a Zoey e Laura, e todos os demais à nossa volta, como se, por ser assim, nos daríamos muito melhor na vida. Bem, não estava funcionando. Não funcionava para Laura, nem funcionara para Zoey e, com quase toda certeza, não funcionaria para mim.

Paramos diante da casa. Disse, então, a Marcus, que estacionasse numa rua estreita perto de lá, para que não o vissem da rodovia. A última coisa que queríamos era os vizinhos chegarem à procura de livros. Embora, da estrada, não se avistasse a casa. Os grandes portões pretos, com câmeras, trancados entre os muros de 300 metros, bastavam para dissuadir qualquer arrombador. Papai despendera muito tempo e trabalho nesses portões: desenhara projetos repetidas vezes, perguntara o que mamãe e eu achávamos, me conduzira até a entrada com tanto orgulho para pedir minha opinião e eu nunca respondera, disse que não me interessava. Magoava-o o tempo todo.

Acho que contava isso a Marcus ao nos dirigirmos, a pé, para a entrada, mas

não tenho certeza.

— Não tenho o controle remoto para os portões em minhas chaves — me ouvi dizer. — Precisarei pulá-los e abri-los do lado de dentro da casa.

Criara um esquema. Fizera isso tantas vezes! Mamãe e papai tiravam-me as chaves quase todas as noites após a escola, para me impedir de escapar, mas, apesar de sua altura, eu deslizara, sã e salva, em inúmeras ocasiões, por aquele portão. No piloto automático, apenas escalei e pousei em segurança do outro lado. Ouvi-o aplaudir enquanto eu percorria o longo acesso de carros até nossa casa. Talvez Marcus pensasse que estava ali comigo, mas eu não me encontrava em lugar algum perto dele.

Nossa casa — vidro, pedra, madeira, brilhante, luminosa, moderna, arejada... — era algo que parecia saído de um catálogo. Pedras destinadas a camuflar partes da casa para combinar com a rocha onde estava encravada, madeira para se fundir na região florestal que a circundava, vidro para nos proporcionar vista do mar que se estendia até o infinito. Papai tentara criar o lugar mais perfeito que nenhum de nós algum dia desejaria deixar. Ele o fez muito bem. Eu sabia que a porta da frente estaria trancada e, ainda no piloto automático, avancei e contornei até os fundos.

Vi a bola de tênis que sempre ficava ali no quintal, caída, encharcada e úmida. Voara da nossa quadra de tênis vizinha e caíra no jardim, mas fui preguiçosa demais para pegá-la. Tinha jogado tênis com papai naquele dia. Chegara a primavera, passáramos a usar, de novo, a quadra ao ar livre, mas eu jogava muito mal. Após um inverno sem pegar na raquete sequer uma vez, enferrujei. Não parava de errar a bola, lançá-la por cima da cerca e me cansara das vezes que tivera de procurá-la no jardim. Papai se mostrara paciente, não berrara nem dissera nada. Até saíra para procurar a bola, mesmo quando não fora ele quem cometera o erro. Até perdera, de propósito, algumas tacadas, e isso me deixara ainda mais furiosa. Me lembro dele, naqueles shorts curtos de tênis, a camiseta polo branca, as meias esportivas, que ele puxava demais para cima, o que me envergonhava embora eu fosse a única pessoa que visse isso. Meu adorado pai...

Nos fundos, viam-se as mesmas estátuas de jardim — um antigo casal rechonchudo com ferramentas de jardinagem nas mãos, o homem que revelava a rachadura do traseiro — da qual meu avô, pai do meu pai, sempre falava, antes de morrer, desde que eu era menina. Chamava a mulher de Mildred e o homem de Tristan, por nenhum motivo específico, e isso me fazia rir; Mildred e Tristan haviam se tornado parte da família. É óbvio que mamãe não lhes providenciara a mudança, por isso Mildred e Tristan permaneciam os únicos habitantes da casa. Perto do varal, um pregador de plástico vermelho caído na grama, caído ali desde a última lavagem de roupas.

Subi pelo telhado da piscina, onde ainda ficava a escada de mão, de madeira, bem destruída pela intempérie. Eu a guardara ali, para minhas escapadas à meia-noite. No mais recente acréscimo à casa, a piscina estava coberta por uma lona azul, nossas seis espreguiçadeiras estendidas diagonalmente próximas à janela, ainda com as almofadas rosa à minha espera e à espera de meus mergulhos matinais. Vi uma boia esvaziada, largada numa dessas espreguiçadeiras. Trouxera-a de Marbella. Tinha a forma de um flamingo fúcsia. Manuel, um menino que eu beijara no ano anterior, me dera a boia e decidi trazê-la ao voltar para casa. Permanecera jogada ali, sem ninguém para usá-la. Um beijo jogado fora.

Uma vez no telhado, subi a escada até a varanda de meu quarto. Ninguém jamais trancara a porta de acesso àquela varanda. Consideravam-na alta e inacessível demais para qualquer assaltante alcançá-la. Eu tinha a cabeça rodando quando saltei, afinal, para a varanda. O tempo esfriara, pois viajáramos em direção ao litoral. O ar marítimo soprava frio, o vento afastara o calor de julho e trouxera o cheiro de algas marinhas e sal. Olhei para a praia e absorvi a paisagem, me lembrei de dezesseis anos de verões com mamãe e papai, e noites fora com amigos. Não sei quanto tempo fiquei parada ali, a olhar a família imaginária que escrevia seus nomes à beira-mar e a menininha que enterrava o pai na areia, quando me lembrei de Marcus nos portões.

Assim que abri a porta da varanda, disparou o alarme. Corri de volta para dentro, na esperança de que não houvessem mudado o código. Não, é claro. Que proprietários, algum dia, iam querer arrombar sua casa confiscada?

Após falhar na primeira tentativa, por causa de meus dedos trêmulos, me lembrei do que fazer, e o alarme, afinal, se extinguiu. Apertei o botão para abrir os portões, depois desci e abri a porta da frente. Enquanto esperava Marcus percorrer o caminho desde a estrada da frente, perambulei pela casa. Passei os dedos em todas as superfícies, algumas com uma leve camada de poeira. Ouvi Marcus atrás de mim, sua voz ecoava no corredor da entrada. Ouvi-o assobiar, impressionado.

Entrei na cozinha, desjejuns apressados à mesa do café da manhã, jantares de Natal na área de jantar contígua, festas ruidosas, véspera de Ano-Novo... Me lembrei de brigas, papai e mamãe, eu e papai. Me lembrei de que eu dançava. Dançava com meu pai, para todo mundo, numa festa. Me lembrei do artifício de animação de festas de papai, uma longa história, que, de fato, nunca entendi muito bem, mas que adorava ouvi-lo contar. Ele se enchia de vida, adorava a ribalta na companhia daqueles em quem confiava. Ficava com a face avermelhada de álcool, os olhos azuis, vítreos, mas contava a história à perfeição e cheio de confiança, morrendo de vontade de chegar àquela frase final, para ver todos irromperem em risadas. Via a área de mamãe, onde se instalava com as amigas para a noite, todas aconchegadas, mulheres elegantes com sapatos caros, tornozelos finos e cabelos realçados com luzes.

Quando me afastei, vi papai vagar pelos corredores e me dar uma piscada, charuto na mão, enquanto se dirigia ao único cômodo em que mamãe lhe permitia fumar. Segui-o até lá. Observei-o entrar e cumprimentar os amigos. Todos se animaram quando ele abriu a garrafa do melhor conhaque e se instalaram para um bate-papo, ou jogar sinuca. Olhei as paredes em volta e me lembrei das fotografias. Meus olhos chorosos no primeiro dia de escola, eu nos ombros dele na Disney, com uma camiseta do Mickey e maria-chiquinha nos cabelos, um sorriso tolo sem os dentes da frente. Entrei no aposento seguinte: papai e os amigos no topo de uma encosta de esqui, em Aspen; uma foto dele jogando golfe com Padraig Harrington, num evento beneficente de celebridades.

Fui para a sala de televisão e o vi sentado em sua poltrona favorita, assistindo a algum programa humorístico. Mamãe, ao lado, as pernas cruzadas, os braços enlaçados, protetores, em volta dele, e os dois riam. Então, ele me

olhou e piscou de novo. Levantou-se e o segui. Atravessamos o corredor da entrada, passamos por Marcus, que me observava, e, depois, papai transpôs a porta do escritório fechado. Desapareceu. Eu não podia entrar ali.

A briga. A horrível briga que havíamos tido. Bati a porta na cara dele e corri para o andar de cima.

— Nunca mais quero ver você de novo. Eu o odeio!

— Tamara, volte!

A voz dele. Aquela linda voz que quero ouvir de novo. Ah, papai, estou aqui, voltei. Por favor, saia do escritório!

Então, na manhã seguinte, ao vê-lo, meu lindo pai, meu bonito pai no chão. Não como deveria ser. Ele deveria viver para sempre. Deveria cuidar de mim para sempre. Deveria interrogar meus namorados e me conduzir pela nave até o altar. Deveria convencer mamãe quando eu não conseguisse fazer as coisas do meu jeito, deveria piscar para mim quando percebesse meu olhar. Deveria me olhar com orgulho para o resto da vida. E, então, quando envelhecesse, eu deveria protegê-lo, demonstrar-lhe que podia contar comigo para o que precisasse e retribuir-lhe tudo o que ele fizera por mim.

Fora culpa minha. Fora tudo culpa minha. Tentara salvá-lo, mas nunca soube como fazê-lo direito. Se tivesse aprendido, se tivesse prestado atenção às aulas, se tivesse tentado ser uma pessoa interessada, melhor do que a egoísta que eu fora, talvez pudesse tê-lo ajudado. Haviam dito que quando o encontrei já era tarde demais, que não podia ter feito nada, mas, ainda assim, nunca se sabe... Sou filha dele, talvez isso tivesse ajudado.

Aquele aposento, o aposento de papai, que tinha seu cheiro: loção pós-barba, charutos, vinho ou uísque, livros e madeira. O aposento no qual ele tirara a vida, com o tapete manchado onde eu vomitara o vinho tinto, na noite após o enterro. Eu não podia entrar ali.

Ouvi o tinido de latas e o farfalhar de uma sacola plástica, e dei meia-volta. Marcus me observava.

— Bela casa!

— Obrigada!

— Tudo bem com você?

Assenti com a cabeça.

— Não está muito falante hoje.

— Na verdade, não trouxe você aqui para falar.

Ele me olhou então. Vi em seu rosto que também queria.

Conte a ele. Conte a ele.

— Então, venha, deixe-me lhe mostrar o melhor quarto da casa. — Sorri.

Puxei-o pela mão e o levei para o andar de cima.

De volta ao meu quarto, me deitei no piso, no macio carpete felpudo onde ficava a cama muito grande, com a cabeceira de couro branco. A cabeça rodopiava do álcool e de tudo o que vinha acontecendo. Eu queria me esquecer daquele dia — irmã Ignatius, Weseley, Rosaleen, Dr. Gedad, a mulher misteriosa na casa da mãe de Rosaleen. Esquecer minha mãe quando tentara arrastar seu frágil corpo da cama. Esquecer Kilsaney e todas as pessoas de lá. Esquecer que, um dia, mamãe e eu havíamos deixado essa casa e que papai fizera o que fizera. Queria retornar à noite em que eu saíra escondida e depois brigara com ele. E se eu conseguisse, em qualquer parte da história, pôr os dominós em pé e eles todos começassem a tombar de novo? Eu queria que tudo mudasse.

E, então, tudo mudou.

Tudo.

Capítulo 18

RIP[5]

Embora, dois anos antes, nossa casa em Killiney pudesse ter valido colossais oito milhões de euros, achava-se à venda pela metade desse valor agora. Sei o quanto valia, pois papai mandava avaliá-la com frequência. Todas as vezes que se concluíam as novas avaliações, ele surgia da adega de seu lar de oito milhões de euros com uma garrafa de Chateau Latour, de 600 euros, para partilhar com a perfeita esposa-modelo e a filha adolescente em perfeito desequilíbrio hormonal.

Não invejo o sucesso de papai. Não sou uma dessas pessoas e não apenas porque o sucesso dele era, inevitavelmente, nosso sucesso — por ironia, seus fracassos também se tornaram nossos. De qualquer forma, ele trabalhava com afinco, desde cedo até tarde, às noites e nos fins de semana. Interessava-se pelo seu trabalho e fazia doações regulares a instituições beneficentes. Se o fazia de smoking, diante de uma câmera faiscante, ou com a mão erguida bem alto, num leilão e baile beneficentes, não tinha a mínima importância. Ele doava e é isso que importava. Não há nada de errado em ter uma casa cara, absolutamente nada de errado. Causa orgulho à pessoa construir algo se trabalhou duro para isso. Mas não se deve fazê-lo por orgulho, o que aumentava com cada novo sucesso, mas, sim, de coração. Esse sucesso todo se assemelhava à bruxa, no conto de fadas João e Maria: ela alimentava o menino por motivos errados e o engordava em todos os lugares errados. Papai merecia, ele realmente precisava de um curso de especialização em humildade. Concluir um desses também teria sido muito proveitoso para mim. Como me julgava especial no Aston Martin em que ele me levava à escola algumas manhãs! Como sou especial agora que alguém o comprou de um depósito de carros, por um décimo do preço! Realmente, sou muito especial!

O motivo de eu ter dito o preço da casa se deve ao fato de que, embora houvesse caído pela metade, e, a julgar pela poeira que se instalara no interior,

seria reduzido ainda mais, a casa continuava a custar caro, portanto, continuava a ser uma venda prioritária para os corretores.

Eu não sabia que, ao abrir a porta da varanda de meu quarto e disparar o alarme, foi disparado um telefonema automático de resposta à corretora, que, de seu escritório, mergulhada em preocupante silêncio, saltou para o carro e veio inspecionar o local. Enquanto eu me estendia ali, no andar de cima, voltada para o lado errado, claro que não ouvi os portões elétricos se abrirem a mais de 500 metros abaixo, no acesso para veículos. Às voltas com os espasmos de tudo aquilo, também não a ouvi abrir a porta da frente e chegar ao corredor da entrada.

Mas ela nos ouviu.

Em consequência, as pessoas seguintes que nos fizeram uma visita foram os policiais da guarda irlandesa. Três lances de fortes pisadas na escada nos permitiram, pelo menos, parar o que estávamos fazendo, no chão do quarto, mas não nos deu tempo suficiente para nos vestirmos, por isso me encolhi atrás de Marcus, com minhas roupas espalhadas em volta. Eu conhecia o policial Fitzgibbon, um homem grande demais, de Connemara, de rosto mais vermelho que o meu naquele momento, e com quem eu e meus amigos nos encontrávamos assiduamente, na praia. Não era o momento para reuniões.

— A senhorita tem um minuto para se vestir, Srta. Goodwin — ele disse e logo desviou os olhos.

Marcus, de 22 anos, que fora convidado à casa, à venda, de uma garota de 18 anos, achou a situação meio constrangedora, mas, sobretudo, divertida. Não sabia que ainda faltavam poucas semanas para o décimo sétimo aniversário da menina com quem acabara de dormir e que, em consequência, não apenas as garrafas de cerveja eram altamente ilegais, mas também metade do que haviam feito no tapete. Não parava de me olhar e rir, de deboche, enquanto nos vestíamos apressados. Fiquei em pânico, o coração martelava tão alto que eu mal conseguia pensar, me sentia tão constrangida que temia vomitar bem ali, diante de todos eles.

— Tamara, relaxe! — disse Marcus num tom desdenhoso. — Não podem

fazer nada. A casa é sua.

Olhei-o, então, e me odiei mais do que ele iria me odiar para sempre.

— A casa não é minha, Marcus — sussurrei, a voz se recusava a sair.

— Bem, de seus pais, não importa... — Sorriu e suspendeu o jeans numa das pernas.

— O banco a tomou — eu disse ali, sentada, já vestida, e me senti totalmente desligada da casa.

— Como? — Um jogo de dominó gigantesco caiu. Senti o piso vibrar quando a peça bateu, com estrondo no chão, como um imenso arranha-céu desabando.

— Sinto muito! — me desculpei e desatei a chorar. Então, as palavras que eu queria dizer a ele havia tanto tempo saíram, por fim, mas todas da maneira errada e no pior momento possível. — Tenho 16 anos. — E entrei em pânico.

Por sorte, Fitzgibbon, que parara na porta, ficou alerta após a primeira voz elevada e ouviu o resto da conversa. Pelo menos ele acreditaria que Marcus não sabia, mas cabia a este prová-lo, no tribunal. Também teve de intervir, quando Marcus se precipitou como um raio furioso para cima de mim, não para me bater, mas gritando com tal ferocidade que desejei que me atacasse mais, me xingasse de tudo o que existe sob o sol, mas ele apenas berrava e eu soube que arruinara tudo para ele. Qualquer acordo que tivesse feito com o pai naquela biblioteca itinerante, decerto fora sua última chance. Eu costumava ver essa última chance todo dia, no espelho.

Nos levaram para a delegacia. Passamos pela humilhação de prestar depoimento de tudo o que se passara. Tinha esperança de que, na primeira vez que eu fizesse sexo, pudesse escrever todos os detalhes suculentos e constrangedores num diário, não num posto policial. Tamara Goodwin. Tamara Fodida, a que destruía tudo, como sempre.

Rosaleen e Arthur tiveram que dirigir até Dublin para me retirar da delegacia. Assim que o pai de Marcus soube do ocorrido, mandou um carro buscá-lo. Tentei me desculpar repetidas vezes, desesperada, entre lágrimas, e

tentei agarrá-lo para que parasse e me escutasse, mas ele não quis me ouvir. Não quis nem sequer me olhar.

Arthur permaneceu no carro enquanto Rosaleen conversava com o policial, a segunda coisa mais constrangedora que me acontecera nesse dia. Ela parecia mais preocupada com Marcus, com o que ia lhe acontecer. Disseram-lhe que a sentença máxima por dormir com uma "criança", uma menor, que ainda não completara 17 anos, era de dois anos. Caí em prantos ao ouvir isso. Rosaleen também pareceu muito transtornada. Não sei se porque eu sujara seu nome mais ainda do que fizera o suicídio de meu pai, ou se porque gostava sinceramente de Marcus. Fez uma pergunta atrás da outra a respeito dele, até Fitzgibbon parecer acalmá-la com a notícia de que o rapaz revelara, com muita autenticidade, não saber que idade eu tinha, fato que podia alegar no tribunal e, então, ficaria bem. A informação deu a impressão de acalmar Rosaleen, mas não me acalmou muito. Quanto tempo isso lhe exigiria? Quantas sessões no tribunal? Quanta humilhação! Eu arruinara sua vida.

Rosaleen nem tentou conversar comigo, mal me olhou. Disse apenas que Arthur nos aguardava e, em seguida, saiu da sala. Acabei por ir atrás dela. Pairava a mais terrível tensão no carro quando me sentei, como se os dois houvessem tido uma briga. Suponho que o que acontecera comigo fosse motivo suficiente para criar tensão. Fiquei mortificada, absolutamente mortificada. Não pude olhar para Arthur, que nada disse quando me sentei; logo arrancamos e rumamos de volta a Kilsaney. Na verdade, me sentia aliviada por ir embora para tão longe, por me desligar do que acontecera. Despedaçara, afinal, o cordão umbilical que me prendia àquele lugar. Talvez essa tivesse sido minha intenção.

Chorei durante todo o percurso até em casa, muito encabulada, muito decepcionada e muito furiosa. Todas essas emoções eu dirigia a mim mesma. A cabeça me golpeava enquanto a voz masculina, no rádio, entrava em meus ouvidos e se aproximava cada vez mais do cérebro, e o álcool deixava seu cartão de visita. Uns trinta minutos após a divisa de Killiney, Arthur parou o carro diante de uma loja.

— O que está fazendo? — perguntou Rosaleen.

— Poderia comprar algumas garrafas de água e uns comprimidos para dor de cabeça? — ele pediu em voz baixa.

— Como? Eu? — Fez-se um longo silêncio. — Tudo bem com você? — ela quis saber.

— Rose — Arthur disse, apenas.

Eu nunca o ouvira chamá-la assim. Parecera familiar — vira-o em algum lugar, escutara-o em algum lugar —, mas não conseguia me lembrar. Rosaleen me olhou no banco de trás e, depois, olhou o marido, seu pior medo era nos deixar a sós. Pensei rápido. Por fim, ela desceu do carro e quase correu loja adentro.

— Você está bem? — perguntou Arthur ao me olhar pelo espelho.

— Sim, obrigada! — As lágrimas se avolumaram de novo. — Sinto muito, Arthur! Estou muito envergonhada.

— Não fique com vergonha, criança — ele disse baixinho. — Todos fazemos coisas insensatas quando somos jovens. Vai passar! — Deu um pequeno sorriso. — Desde que nada de mal lhe tenha ocorrido. — Lançou, então, um olhar, um olhar receoso de preocupação paterna, relacionado ao que eu fizera.

— Sim, estou bem, obrigada. — Tornei a remexer na bolsa à cata dos lenços de papel. — Não foi... ele não... eu sabia o que fazia.

Pigarreei sem graça. Vi Rosaleen no fim de uma longa fila, olhando ansiosa para nós, no carro.

— Arthur, essa depressão que mamãe tem é hereditária?

— Que depressão? — ele perguntou e se virou para trás no banco.

— Você sabe, a depressão que mamãe tem, como Rosaleen contou esta manhã ao Dr. Gedad.

— Tamara — ele me olhou e notou que eu tinha algo a dizer. Verificou a mulher na loja: três pessoas ainda aguardavam na frente dela —, seja clara.

— Marquei uma consulta com o Dr. Gedad para ver mamãe esta manhã. Ela

precisa de ajuda, Arthur! Tem alguma coisa *errada.*

Ele pareceu extremamente preocupado com isso.

— Mas pelo menos ela dá suas caminhadas diárias. Toma um pouco de ar fresco.

— Como? — Fiz que não com a cabeça. — Arthur, ela não saiu de casa desde que chegamos.

Ele endureceu a mandíbula e lançou um olhar a Rosaleen, na loja.

— O que disse o Dr. Gedad quando a viu?

— Ele não chegou nem a subir a escada. Rosaleen disse a ele que mamãe sofria de depressão havia anos e que papai sabia a respeito, mas decidira não me contar e... — Caí em prantos, sem condições de concluir. — Tudo não passa de mentira. É horrível, embora eu saiba que não sou eu quem as conta! — Funguei.

— Escute, Tamara, silêncio agora! Rosaleen apenas tenta cuidar dela da melhor forma possível — ele disse em voz baixa, quase um sussurro, por via das dúvidas, caso a mulher o ouvisse da loja.

Restava uma única pessoa na frente dela na fila.

— Eu sei, Arthur, mas e se for a forma errada? É só isso que quero dizer. Não sei o que aconteceu anos atrás entre as duas, mas se existe alguma coisa, qualquer coisa, que mamãe tenha feito a Rosaleen para magoá-la ou aborrecê-la, acha que esse poderia ser...

— Poderia ser o quê?

— Poderia ser um meio de, talvez, vingar-se dela? Se mamãe de fato lhe fez alguma coisa, mentiu de algum modo...

A porta se abriu e ambos nos sobressaltamos.

— Meu Deus, vocês devem ter pensado que eu era o bicho-papão — comentou Rosaleen, ofendida e apreensiva, ao se sentar no carro. — Tome.

Largou uma sacola no colo de Arthur.

Ele a olhou então, um frio e longo olhar fixo que me causou calafrios, me deu vontade de desviar o olhar. Passou a sacola para mim. Rosaleen pareceu surpresa.

— Tome aqui, talvez isso a ajude — disse Arthur e, em seguida, deu a partida no motor.

Nenhum de nós falou durante a hora que se seguiu.

Quando chegamos à guarita, o céu se cobrira de nuvens e escurecera o luminoso dia. Um frio no ar e as nuvens prometiam chuva. A brisa dava boas-vindas à minha cabeça amortecida. Inspirei fundo algumas vezes antes de entrar na casa e subir para o andar de cima.

— Você sabe que não vai poder ir a lugar algum por um tempo — disse Rosaleen.

Assenti com a cabeça.

— Claro — respondi baixinho.

Arthur parou próximo de nós e escutou.

— Fique entre os limites da propriedade quando sair — acrescentou, e dizer tais palavras pareceu exigir-lhe muito.

Rosaleen o olhou surpresa e, depois, irritada com a interferência do marido. Ele não retribuiu o olhar. Obviamente, o plano dela era me manter dentro de casa, onde eu não poderia causar qualquer problema. Arthur demonstrava não ser tão rigoroso.

— Obrigada — eu disse em seguida, e subi para ver mamãe.

Ainda na cama, ela dormia. Entrei sem fazer barulho, me agachei a seu lado e a envolvi nos braços, apertando-a bem junto de mim. Respirei o perfume daqueles cabelos recém-lavados.

No andar de baixo, uma tempestade se formava à medida que eu ouvia se elevarem as vozes de Rosaleen e Arthur, na sala. A princípio, os dois conversavam apenas, então a conversa foi ficando cada vez mais alta. Rosaleen

tentou silenciá-lo algumas vezes, mas ele gritava mais alto que a mulher, que desistiu. Não ouvi o que eles diziam, nem sequer tentei. Abandonara o hábito de meter o nariz onde não era chamada. Só queria que mamãe melhorasse e se a voz alterada de Arthur conseguisse isso, ótimo. Fechei os olhos com toda a força e desejei que esse dia jamais houvesse acontecido. Por que o diário não me advertira?

A briga entre Rosaleen e Arthur ficou pior. Sem aguentar ouvir mais, decidi sair, dar a eles, e a mim, o espaço de que precisávamos. Também detestei ter sido eu que provocara a briga. Antes de chegarmos, eles viviam muito felizes com suas vidas, pequenas rotinas, apenas os dois. Minha chegada causara uma ruptura no seu relacionamento que se aprofundava devagar, cada vez mais, dia após dia. Assim que percebi uma trégua na briga, bati na porta e Arthur gritou para que eu entrasse.

— Me perdoe por incomodá-los — disse em voz baixa. — Só vou dar uma caminhada para desanuviar a cabeça. Tudo bem?

Arthur fez um aceno afirmativo. Rosaleen estava de costas para mim e a vi com os punhos cerrados ao lado do corpo. Fechei depressa a porta e saí. Ainda teria luz por mais ou menos uma hora, o que me dava tempo suficiente para uma breve caminhada e a oportunidade de clarear a mente. Queria ir ao castelo, mas ouvi Weseley e os amigos reunidos. Não estava no clima, eu só queria ficar sozinha. Me virei na direção oposta e rumei para a irmã Ignatius, apesar de saber que não ia visitá-la. Nessa hora, não desejava atravessar a região florestal. Permaneci na trilha e mantive a cabeça baixa ao passar pela sombria entrada gótica, ainda acorrentada e abandonada ao apodrecimento.

Assim que a capela surgiu em meu campo visual, percebi que me encaminhara com a respiração presa. Via a casa de irmã Ignatius dali e, por isso, me senti bastante segura para entrar na capela. Era grande o suficiente para acomodar no máximo dez pessoas. Metade do telhado desmoronara, mas, acima dela, os carvalhos curvaram os galhos para protegê-la. Fantástica! Não admirava que irmã Ignatius gostasse tanto dela. Não tinha bancos. Supus que a mobiliassem para as cerimônias mais recentes. Acima do altar, se via uma cruz

de madeira simples, mas enorme, presa à parede de pedra. Imaginei que irmã Ignatius tivera algo a ver com pendurá-la ali. A única outra coisa que se mantinha de pé, na capela, era uma pia batismal imensa, gigantesca, de mármore lascado e com rachaduras ao redor da borda; no entanto, continuava sólida, firmemente fixada no piso de concreto. Aranhas e poeira moravam ali agora, porém imaginei gerações após gerações de Kilsaney reunidas na capela para batizarem os filhos. Uma porta de madeira levava ao pequeno cemitério ao lado. Optei por não transpô-la e, em vez disso, retornei pela porta principal por onde entrara. Diante do portão que protegia o cemitério, apertei os olhos para ler as lápides, embora muitas se cobrissem de musgo, devastadas pelo tempo. Numa cripta de tamanho grande demais, descansava uma família inteira: Edward Kilsaney, a mulher Victoria, os filhos Peter, William e Arthur, e a filha, cujo o nome começava com B. O resto sofrera com a erosão e com o tempo, e a infeliz alma perdera seu nome. Talvez Beatrice, Bianca ou Barbara. Tentei lhe dar um nome. Depois, olhei para Florie Kilsaney: “Adeus de sua mãe, lamentamos sua perda”. Robert Kilsaney, que morreu com um ano de idade, 26 de setembro de 1832, e a mãe, Rosemary, que o seguiu dez dias depois. Para Helen Fitzpatrick, em 1882: “Marido e filhos guardam-na com afetuoso respeito”. Algumas se limitavam a datas e nomes, e eram ainda mais misteriosas por isso: “Grace e Charles Kilsaney 1850-1862”. Só doze anos de vida, ambos nascidos e mortos no mesmo dia. Tantas perguntas!

Em todas as lápides que estavam livres de musgo e nítidas, distinguiam-se vários símbolos. Algumas tinham abóbadas, outras, pombas e pássaros, outras exibiam animais de aparência fantasmagórica, cujo simbolismo eu não entendia, mas gostaria de entender. Planejei perguntar para a irmã Ignatius quando me julgasse em condições de enfrentá-la. Examinei mais uma vez as lápides sem me sentir tão apavorada quanto ficara na primeira vez que passara por ali. Talvez eu tenha amadurecido pelo menos um pouco. Uma grande cruz se erguia, alta, em direção ao céu, com vários nomes acrescentados, à medida que as famílias se juntavam umas às outras, os nomes e inscrições mais ilegíveis com o passar dos anos. A mais nova e recente inscrição ficava na parte inferior e, assim que bati os olhos ali, não acreditei como não a notara antes. No terreno diante dela, vi um

ramo de flores — flores frescas — atadas com um longo capim. Suspendi-me na cerca para ler a inscrição: “Laurence Kilsaney 1967-1992” *RIP.*

Há somente dezessete anos. Ele deve ter morrido no incêndio do castelo. Ou seja, morrera jovem, com apenas 21 anos. Que tristeza! Embora eu nada soubesse de Laurence, nem de ninguém de sua família, desatei a chorar. Colhi algumas flores silvestres, as prendi com meu elástico de cabelos e, contrária ao meu bom senso, transpus a cerca. Depositei as flores na lápide e estendi a mão para tocar na sepultura, mas, assim que meus dedos tocaram a pedra fria, ouvi um barulho atrás de mim: um estalo. Senti os pelos se eriçarem na nuca. Rodopiei numa meia-volta, na expectativa de dar de cara com um estranho, tão próxima lhe sentira a respiração. Olhei em todos os lados, quase zonza, pelo esforço de tentar focar a vista. Só árvores, árvores e mais árvores até onde eu enxergava. Tentei me convencer de que me assustara porque me encontrava num cemitério antigo, cercado por gerações de uma família que fora arruinada pela peste, guerra, sofrimento, incêndio e, de forma mais humana, pela velhice. Tentei me dizer isso, mas, sem a menor dúvida, alguém estava ali, tive certeza. Ouvi um graveto estalar e girei a cabeça com o máximo de rapidez para acompanhar o ruído.

— É você, irmã Ignatius? — perguntei.

A resposta não passou do eco de minha própria voz trêmula, que retornou a mim. Então, vi as árvores se moverem, ouvi o farfalhar se deslocar mais distante, como se alguém se impelisse adiante, por entre as árvores, no lado oposto.

— Weseley? — chamei, o tremor de minha voz ecoou de volta.

Quem quer que tenha sido, fugiu às pressas. Engoli em seco, me precipitei para longe da lápide, pulei por cima da cerca, me afastei rápido e me debati da cabeça aos pés, como se houvesse passado por uma teia de aranha gigantesca.

Corri de volta à guarita, olhando para trás repetidas vezes para me certificar de que ninguém me seguia. Caía o crepúsculo quando tornei a entrar em casa. Na sala de estar, Rosaleen tricotava com a televisão ligada em volume baixo, ao fundo. Tinha uma aparência péssima, esgotada de brigar. Arthur fazia uma barulheira infernal na garagem do quintal. Minha curiosidade fora liquidada.

Não me interessava mais saber o que haviam discutido. Acreditava que eu vinha perseguindo um segredo e agora o segredo me perseguia. Eu estava com medo. Queria apenas que o tempo passasse, para que mamãe interrompesse aquele luto, melhorasse e pudéssemos sair dali, daquele lugar que parecia muito assombrado pelos fantasmas do passado, um passado que, apesar de não ter nada a ver comigo, me arrastava cada vez mais para próximo de si.

Capítulo 19

Purgatório

Fiquei confinada em casa durante as duas semanas seguintes. Subia e descia a escada para o café da manhã, almoço e chá, e fazia fossem quais fossem as tarefas que Rosaleen decidisse julgar uma punição correta, como passar o aspirador na sala de estar, polir os metais, retirar todos os livros das prateleiras e espanar a poeira, observá-la cuidar da horta, do canteiro de ervas, ao mesmo tempo em que me explicava o que fazia. Acho que ela gostava da coisa toda, tagarelava comigo animada, como se eu fosse uma menina que mal aprendera a andar, e tudo o que me dizia era dito como se fosse a primeira vez que eu ouvia. Creio que lhe dava uma perspectiva de vida renovada ter tantas almas esgotadas que gravitavam à sua volta, como um vampiro. Quanto mais exaustas ficávamos, mais forte ela se tornava. Eu nem conseguia ler o diário. Era como se houvesse desistido de tudo. A cada dia que passava, sentia que mais vida vinha do quarto de mamãe que do meu. Quanto mais energia perdia, mais ela ganhava. Eu a ouvia andar de um lado para o outro, como uma leoa enjaulada.

Eu me rebelava contra o diário. Responsabilizava-o por me colocar naquela posição, para começo de conversa. Sentia que cada decisão que tomara até aquele ponto se devera ao que o diário dissera, e eu não queria mais essa vida. Desejava controlar meus dias. Queria me deitar na cama e deixar o mundo passar debaixo de meu nariz, exatamente como antes.

Todos os dias esperava que Marcus telefonasse. Ele não o fazia.

Todos os dias irmã Ignatius aparecia na guarita. Me sentia tão mortificada, que me recusava a vê-la. Tenho certeza de que sabia o que acontecera, e certeza de que toda a cidade sabia. Era o bastante para meu novo início. Não estava a fim de um sermão. Nem precisava de um olhar severo. Perdi a extração do mel, que prometera fazer com ela, perdi a ida ao mercado. Todos os dias ela aparecia para me chamar. Eu devia tê-la ajudado, mas, em vez disso, fiquei deitada no

quarto, escondida sob as cobertas, mortificada com o próprio pensamento do que acontecera. Arthur fez algumas tentativas de ver mamãe. Esperava Rosaleen sair para o jardim dos fundos e batia de leve na porta do quarto da irmã. Se Arthur pensou que ela ia gritar para que entrasse, ficou claro que, de fato, não ia conseguir. Após um ou dois minutos, ele simplesmente se afastava.

Uma noite, Rosaleen e Arthur tiveram outra briga. Eu o ouvi dizer:

— Não posso mais fazer isso.

Então, saiu pisando duro até o quarto de mamãe, onde permaneceu por quinze minutos. Rosaleen escutou, escondida atrás da porta, o tempo todo. Não consegui ouvir o que ele falou.

Aos domingos, eu ficava na cama o dia inteiro. Ouvia as irmãs apertarem a buzina sem parar para me fazerem levantar da cama, mas eu não me mexia. Nem olhava pela janela. Só queria me esconder de todos. Me perguntava se talvez devesse entrar em contato com Marcus, escrever-lhe algumas linhas. Mas não sabia que diabo ia dizer. Só me ocorria pedir perdão, e isso não bastava.

Um dia, chegou o caminhão de mudança com todas as nossas coisas vindas do depósito do marido de Barbara. Observei aquilo tudo a acompanhar pela trilha que levava à garagem e não senti uma gota de emoção. Esses objetos não me pertenciam mais. Pertenciam à menina que morava naquela outra casa, que não tinha mais nada a ver com quem eu era. Tampouco sabia quem eu era. Tornei a adormecer. Acordei quando ouvi tocar a campainha. Chegava, mais uma vez, irmã Ignatius, que vinha sendo muito persistente. A princípio, pensei que se tratasse apenas daquela sua atitude amistosa, mas, então, ela elevou a voz:

— Você vai continuar a (abafado, abafado) a mentira lá em cima e deixá-la pensar que cometeu algo errado, deixar aquele pobre rapaz (abafado, abafado) tudo isso?

Palavras abafadas.

— Diga a ela que precisa descer para me ver.

Sons de silenciar, silenciar.

Em seguida, a porta se fechou. Olhei para baixo, pela janela acima do parapeito, e vi a irmã Ignatius, de saia e blusa florida, cabisbaixa, se afastar. Me senti dilacerada por ela, também, mas de uma maneira estranha, animada. Ela insistia com Rosaleen para se certificar de que eu não me sentisse culpada. Talvez ela me houvesse perdoado, afinal. Só de pensar na possibilidade disso acontecer, fiquei animada. Me deu esperança, me fez pensar que eu reagia de forma exagerada e que devia, simplesmente, aprender e superar tudo aquilo.

Naquela noite, não consegui me acalmar nem pegar no sono. Alcancei o diário debaixo das placas do assoalho, o abri e esperei, esperei, até as palavras surgirem, na esperança de que, ao ignorá-lo, eu não houvesse feito tudo desaparecer. Quando, por fim, elas apareceram, fui obrigada a me sentar e prestar atenção.

Quarta-feira, 22 de julho.

Telefonei a Marcus hoje. Descobri seu nome na lista. Não existem muitos Sandhurst em Meath. Ao que se revelou, o pai dele é uma grande águia jurídica e tem um famoso escritório de advocacia em Dublin. Quanto mais constrangimento eu poderia ter causado a Marcus? Me apavorou a ideia de que teria de falar com o pai dele primeiro, mas uma mulher atendeu, num tom todo profissional, e então me pôs em contato direto com ele. Assim que ouviu minha voz, precisei suplicar para que não desligasse. Então, depois de convencê-lo, não me ocorreu o que dizer. Me desculpei tanto, tantas e tantas vezes seguidas, que ele acabou por me interromper. Disse que tinham retirado todas as acusações. Não haviam me contado?

Não.

Perguntei se seu pai tomara as providências necessárias para isso. Ele não podia acreditar que eu fizera tal pergunta. Afirmou que eu tinha muito mais problemas do que ele pensara, se eu ainda não sabia. Expressou o desejo de que eu passasse bem e desligou.

Mas de que diabos ele falava? Se eu não sabia o quê?

Telefonei a Marcus no dia seguinte, ao me sentir menos nervosa por saber que seu pai não ia atender. Tudo transcorreu exatamente como eu escrevera, com exceção de que, em vez de eu perguntar se o pai providenciara a retirada das acusações, perguntei como haviam sido retiradas. Uma noite inteira para pensar a respeito e isso foi o melhor que consegui. Continuei sem quaisquer respostas. Talvez ele tenha desligado antes.

Quinta-feira, 23 de julho.

Passei algum tempo com mamãe, no quarto dela, antes de me deitar. De lábios fechados, ela murmurava uma melodia consigo mesma. Não sei qual era, mas me fez sorrir. Disse a ela que tinha algo para lhe dar, peguei a lágrima de vidro no bolso e a deixei na mesinha de cabeceira ao lado. Mamãe parou de cantar assim que a viu. Deitou-se na cama e desviou os olhos o bastante para vê-la. Não parou de encará-la.

— Bonita, não? — perguntei.

Ela me olhou, um olhar incisivo que me surpreendeu um pouco, então tornou a encarar a lágrima de vidro. Parecia que só a presença do objeto a ofendia e, por isso, estendi a mão para pegá-lo de volta. A mão dela se ergueu rápido e bateu na minha. Não machucara, mas levei um choque, então o deixei com mamãe.

Mais tarde, naquela noite, ferrada no sono, sonhava com visitar Marcus na prisão, quando senti certa mão em meu ombro. No sonho, era um guarda da prisão, mas logo acordei e vi o rosto de mamãe bem perto do meu, nariz com nariz. Engoli um grito. Ela sussurrou em meu ouvido:

— Onde a conseguiu?

Ainda semiadormecida, não entendia a que mamãe se referia. Não sabia se se referia ao diário ou ao maço de cigarros que eu escondera no guarda-roupa.

— A lágrima — ela tornou a sussurrar, com urgência na voz.

Para ser franca, entrei em pânico. Achei que ia me meter numa enrascada por ter ido até a casa de Rosaleen, quando não devia tê-lo feito. Estava semiadormecida, como expliquei, e chocada por vê-la, pela primeira vez, em meu quarto — falando — no meio da noite. De vez em quando, me chegava aos ouvidos o ruído do movimento das molas da cama de Arthur e Rosaleen, e simplesmente me senti imobilizada por algum tipo de medo estranho. E aí, bem, menti. Respondi que a encontrara na casa, a achei bonita e por isso a guardei.

Assim que disse isso, percebi o que tinha de diferente nela, além do fato de ela falar: a luz que, de repente, lhe retornara aos olhos e, mais uma vez, tornara-os vivos. Escapara-me essa percepção. Mas o único motivo que me fez notar a luz foi porque esta se extinguiu logo que eu menti. Seus olhos ficaram opacos, vazios, sem vida. Eu liquidara qualquer emoção que se precipitara por ela, jogara água no fogo. Mamãe saiu do quarto em silêncio e retornou para seu quarto.

A porta de Rosaleen se abriu. Passos no corredor. Minha porta se abriu. A comprida camisola branca se iluminava ao luar. Ela me interrogou por alguns minutos sobre ter ouvido uma porta se fechar, mas neguei. Me encarou num longo silêncio, como se tentasse decidir se eu dizia ou não a verdade, assentiu com a cabeça e, em seguida, fechou a porta. Ouvi as molas de sua cama e, depois disso, silêncio.

Não consegui mais dormir após o ocorrido. Não parava de pensar se errara ou acertara ao mentir para mamãe. Depois que a luz matinal inundou meu quarto, me dei conta de que cometera um erro.

Devia ter contado a verdade.

Escreverei de novo amanhã.

Após ler aquela anotação, tinha o dia para planejar o que ia dizer à mamãe. Fiquei ansiosa o dia inteiro, ao observar o silêncio ativo de mamãe e saber que, em breve, aquele encanto se quebraria. Tentei me lembrar palavra por palavra da anotação do diário, pois não queria fazer tudo errado.

Precisava fazer e dizer as mesmas coisas que escrevera lá, de modo a evocar a mesma resposta. Queria que ela viesse para meu quarto no meio da noite. Em seguida, queria lhe dizer a verdade sobre a lágrima de vidro. Esperei o dia inteiro.

Finalmente, depois do jantar, subi até o quarto dela. Encontrei-a deitada na cama, examinando o teto, enquanto cantava baixinho com os lábios semicerrados.

— Tenho uma coisa para você — eu disse, a voz tão áspera que as palavras mal saíam audíveis. Recomecei. — Tenho uma coisa para você.

Ela continuava a cantar enquanto eu enfiava a mão no bolso e tateava à procura da lágima de vidro, que se aquecera com o calor de meu corpo. Larguei-a na mesinha de cabeceira. A delicada batida fez com que desviasse os olhos, mas não o restante da cabeça. Quando os pousou na lágrima de vidro, parou no mesmo instante de cantar e de enroscar uma mecha dos cabelos no dedo.

— É bonita, não? — perguntei.

Ela me olhou e reconheci o momento em que aquela centelha entrou em seus olhos. Retornou o olhar fixo à lágrima. Sem desejar fazer isso, mas sabendo que devia seguir o protocolo, estendi a mão para pegar o vidro e, assim como escrevera, lá veio a outra mão sobre a minha para me impedir de pegá-la.

— Não! — disse, firme.

— Tudo bem — respondi com um sorriso. — Tudo bem.

Me sentei na cama, incapaz de dormir, por saber que ela viria me acordar. Li a anotação do diário para o dia seguinte, insegura se seria precisa com os

acontecimentos que estavam prestes a se desenrolar e que, provavelmente, alterariam o dia que Tamara do Futuro teve.

Sexta-feira, 24 de julho.

Feliz aniversário para mim! Dezessete anos. Decidi me levantar da cama esta manhã e Rosaleen se surpreendeu ao me ver. Acho que quase lhe provoquei um ataque cardíaco na despensa, quando entrei na cozinha. Tive a impressão de que tramava alguma coisa, pois me pareceu muito culpada e enfiou rápido algo no bolso do avental. Talvez fosse uma surpresa para o bolo, mas não sei, não...

Me deu um abraço e um beijo desajeitados, e saiu dançando com a bandeja de mamãe para levar seu café da manhã e, em seguida, pegar meu presente em seu quarto. Retornou com um presente embrulhado à perfeição, papel rosa e branco com fita rosa. Era uma cesta de espuma de banho, sabonetes e xampu da Strawberry. Rosaleen quase sucumbia de hiperventilação e, enquanto eu o abria, me olhava de esguelha, com um sorriso nervoso, para ver se eu gostara ou não. Disse que sim, que era perfeito e, sinceramente, gostei do presente. Era uma coisa diferente para mim. No ano anterior, pelo meu aniversário de 16 anos, ganhei uma bolsa de mão Louis Vuitton e um par de sapatos Gina; este ano, um conjunto de espuma de banho e xampu. Estranhamente, no entanto, me senti mais grata por este, pois de fato precisava. Meu xampu estava quase no fim e bolsas Louis Vuitton não impressionavam com muita facilidade os esquilos vermelhos.

Em seguida, ela disse uma coisa extraordinária:

— Eu o vi mês passado, acredita, e pensei comigo mesma, cheguei até a comentar com Arthur: “Aquela cesta tem o nome de Tamara escrito por toda parte”. Mantenho-o escondido na garagem desde então e fiquei tão apavorada que você o descobrisse! — Ela riu nervosa.

Esse comentário me arrepiou. Rosaleen era mais inteligente do que eu a considerava. Em hipótese alguma teria evitado minha ida à garagem, ou teria tentado nos impedir de guardar nossos pertences lá, porque escondia uma cestinha de sabonetes. Ou era mais inteligente ou me julgava idiota. Minha ânsia por entrar na garagem se intensificou.

Mamãe dormiu o dia inteiro mais uma vez. Zoey e Laura telefonaram. Pedi a Rosaleen para dizer a elas que eu não estava em casa.

Irmã Ignatius apareceu com um presente para mim. Rosaleen se ofereceu para entregá-lo, mas a irmã não quis lhe dar. Quanto mais eu ignoro a irmã, mais torno tudo pior. Agora tenho muito mais pelo que me desculpar. Acho que ela tem sido a melhor amiga que já tive em toda a vida, mas, simplesmente, sinto vontade de me esconder do mundo. Não suporto ser vista.

Após o jantar, Rosaleen surgiu da despensa com um bolo de chocolate cheio de velas, cantando “Parabéns para você”. Deve ter sido o que eu quase a flagrara fazendo na despensa, esta manhã. Na certa, agora é tarde demais para inspecionar aquele avental.

Escreverei amanhã.

Devo reconhecer que não pensei muito em meu aniversário durante as últimas duas semanas e, nas vezes em que pensei a respeito, foi com um sentimento opressivo pelo pobre do Marcus. Se houvéssemos esperado... Se eu tivesse lhe contado. Não pensava nas comemorações que poderia ter, ou gostaria de ter, em minha vida anterior, nem nos presentes que ganharia do momento em que acordasse até o momento em que adormecesse. Mas, após ler as anotações de hoje, e de ontem, me empolguei. Fiquei animada.

Era como se eu tivesse passado os últimos dias vagando por um nebuloso vale, estreito e profundo, e não visse nada além de meu nariz. Mas, agora, o nevoeiro se dissipara. Como se houvesse ficado com a mente tão ocupada em ruminações sobre alguma coisa, durante todo aquele tempo, que não conseguia concentrá-la em outra coisa. Aparentemente, havia chegado ao fim dessa perambulação, porque me sentava na cama, em alerta total, o coração disparado, ofegante, como se tivesse corrido quilômetros. Me concentrava imensamente em descobrir que diabos estivera fazendo Rosaleen, ou ia fazer, na despensa, amanhã de manhã.

Enquanto elaborava um plano, ouvi a porta de mamãe se abrir. Logo me deitei e cerrei os olhos. Ela fechou a porta atrás de si de forma muito cuidadosa, consciente de que precisava fazer silêncio. Sentou-se à beira de minha cama e esperei a mão em meu ombro. Ali estava. O aperto urgente.

Abri os olhos, sem sentir o pânico que descrevera; em vez disso, estava totalmente preparada.

— Onde você conseguiu isso? — ela sussurrou, com o rosto colado no meu.

Me sentei.

— No outro lado da estrada. No bangalô — sussurrei de volta.

— A casa de Rosaleen — mamãe murmurou e logo olhou pela janela. — A luz — disse, e notei um tipo de luz cintilar no quarto, na parede defronte à janela.

Fazia o mesmo efeito de árvores farfalhando de um lado a outro sob o luar e à luz surgia e desaparecia no quarto. Só que não eram as árvores, pois brilhava

mais, como vidro, e liberava poucos prismas coloridos. A luz se refletia no rosto de mamãe, que dava a impressão de estar hipnotizada. No mesmo instante, olhei o bangalô defronte pela janela. Pendurado na janela da frente, um móbile de vidro captava a luz e enviava feixes que emitiam sinais luminosos intermitentes, quase como um farol.

— Há mais centenas deles lá — sussurrei. — Eu não devia ter ido ao bangalô, só que... — Ambas olhamos para a parede ao ouvirmos as molas na cama de Rosaleen e Arthur. — Eu só queria dizer olá à mãe dela, só isso. Há duas semanas, levei o café da manhã e vi alguém no galpão, no quintal. Não era a mãe dela.

— Quem era?

— Não sei. Uma mulher. Uma velha com cabelos compridos. Trabalhava ali dentro. Fazia-os. Ela mesma deve soprar o vidro. Você acha que tem permissão para fazer isso? Legalmente? — Olhei o vidro na mão de mamãe. — Há centenas deles. Todos pendurados em varais. Quando voltei para pegar a bandeja, encontrei-a apoiada no muro externo. Com esta lágrima.

Ambas a olhamos.

— O que significa isso? — interrompi o silêncio.

— Ela sabe? — perguntou mamãe, sem responder à minha pergunta.

Entendi que “ela” se referia a Rosaleen.

— Não. O que está acontecendo?

Ela fechou os olhos bem apertados e os cobriu com as mãos. Esfregou-os com violência e, em seguida, correu as mãos pelos cabelos como se tentasse acordar.

— Sinto muito! Me sinto tão confusa. Parece que apenas não consigo... despertar — disse, esfregando mais uma vez os olhos. Então, me olhou direto, os olhos brilhavam. Curvou-se e me beijou na testa. — Eu a amo, querida! Perdão!

— Perdão pelo quê?

Mas eu estava perguntando às suas costas, pois ela se levantara e deixava meu quarto em silêncio. Olhei mais uma vez a luz do lado de fora: o vidro recortado rodopiava ao redor, como se fosse soprado de dentro para fora. Então, enquanto me concentrava nisso, a cortina se deslocou e percebi que alguém estivera me observando. Ou nos observando.

Em seguida, ouvi se abrir a porta de Rosaleen, passos no corredor, e minha porta se abriu. Lá surgia ela naquela visão de branco.

— Que foi que aconteceu? — perguntou.

— Nada — respondi, de acordo com o diário.

— Ouvi uma porta se fechar.

— Não houve nada.

Após uma longa encarada, ela me deixou sozinha para refletir sobre o que conseguira ao contar a verdade à mamãe. Algo de bom resultaria disso, sem a menor dúvida, e tive certeza de que eu estava prestes a descobrir. Abri de novo o diário para ver se a anotação mudara. Prendi a respiração.

Ao abri-lo, as páginas começaram a se curvar para dentro, pelas bordas, ficaram amarronzadas e carbonizadas, como se queimassem diante de meus olhos. Por fim, pararam de se encolher, e as páginas escurecidas me encararam de volta e esconderam-me o mundo de amanhã.

Capítulo 20

A Dona de Casa, na Despensa, com Chocolate em Pó

Quase não dormi após o incidente nas primeiras horas da manhã. Permaneci com as cobertas até o queixo, rígida de frio e da tensão que me fazia ter esperança todas as vezes que ouvia o mínimo ruído. Tinha absoluta certeza de que a mulher no bangalô era a mesma que me seguira até o cemitério, na semana anterior à última, e à medida que prosseguia a manhã e o sol emitia luz nas sombras, eu ficava com menos medo dela. Talvez não fosse perigosa, talvez apenas um pouco estranha. Pela aparência dos cabelos e roupas no estúdio, não era alguém que via pessoas com assiduidade. Além disso, me presenteara com o pequeno vidro em forma de lágrima. Era óbvio que me estendia a mão.

Mas o diário queimado me dava a sensação de um iminente e cruel destino.

Quando adormeci de fato, sonhei com incêndio: castelos em chamas, livros em chamas. Sonhei com a feitura de vidro, borbulhas de vidro quente derretido sendo moldado e pingando. Após despertar no quarto escuro, com o coração martelando furioso no peito, tentei, com esforço, me manter acordada. Contemplei as páginas do diário o resto da manhã, esperando que as páginas queimadas se desenroscassem e a escrita aparecesse, magicamente, em suas nítidas espirais e cruzes. Mas permaneceram da mesma forma.

Me levantei cedo, na manhã seguinte, decidida a flagrar Rosaleen fazendo fosse o que fosse que fazia na cozinha. Pegar a Dona de Casa, na Despensa, com o Chocolate em Pó não se revelou a coisa mais excitante do mundo, mas eu percebera que o diário me conduzia a algum lugar, tentava me mostrar alguma coisa, apontava a saída exatamente como eu tentara fazer com a varejeira azul. Eu seria uma idiota se ignorasse o milagre que ocorria. Cada palavra constituía uma pista, cada frase, uma seta, um sinal para que eu saísse dali.

O rádio estrondeava na cozinha, Arthur tomava uma ducha e Rosaleen achou

que teria a manhã toda para si mesma. Virou-se e se dirigiu à despensa, enquanto eu me abaixava para fora da visão dela, atrás da porta do corredor, no momento exato. Eu a via na despensa, pela fresta.

A bandeja do café da manhã de mamãe estava na bancada. Ela enfiou a mão numa caixa, escondida atrás de outra, e tirou um frasco de pílulas. Meu coração pulou no peito. Tive de tapar a boca para não gritar. Observei-a despejar duas cápsulas na palma da mão, abri-las, esvaziar o conteúdo no mingau e misturá-lo bem. Não sabia se deveria aparecer e enfrentá-la. Eu a pegara no flagra. Descobrira que tramava algo, mas, agora, tinha de me conter. Se fossem apenas pílulas para dor de cabeça, meu ataque sairia pela culatra mais uma vez, e havia alguma coisa mais séria adoecendo mamãe. Me curvei mais perto da fresta, mas, ao fazê-lo, a tábua do assoalho sob meu pé rangeu. Rosaleen largou o frasco no bolso do avental, pegou a bandeja e rodopiou, como se nada tivesse acontecido. Rápido, saí de trás da porta.

— Ah, bom dia! — ela disse, com um sorriso radiante. — Como se sente a aniversariante hoje?

Talvez eu estivesse paranoica, mas tinha certeza de que vasculhava meu rosto para ver se eu testemunhara suas ações.

— Velha.

Retribuí o sorriso e me esforcei, o máximo que pude, para recuperar a compostura.

— Ah, você não é velha, criança! — Ela riu. — Me lembro de quando tinha sua idade. — Lançou os olhos ao céu. — Você ainda tem toda a vida pela frente. Agora, levarei isso lá em cima para sua mãe e descerei para lhe dar um café da manhã especial de aniversário.

— Obrigada, Rosaleen — respondi com doçura e a observei correr escada acima.

Quando desapareceu no quarto de mamãe e a porta se fechou atrás de si, a correspondência caiu no capacho, junto à porta da frente. Dei um tempo, esperando Rosaleen chegar voando numa vassoura para agarrá-la, mas ela não o

fez. Não ouviu. Estendi a mão e a peguei — apenas dois envelopes brancos, na certa, contas — e corri para a cozinha com as cartas. Não sabia o que fazer. Olhei rápido ao redor, em busca de um lugar para escondê-las. Não teria tempo para lê-las agora. Ouvi os passos de Rosaleen na escada, de novo, e senti o coração bater no peito. No último instante, decidi enfiar os envelopes na parte de trás de meus shorts de ginástica e cobri-los com o cardigã folgado que um amigo me dera. Fiquei no centro da cozinha, com as mãos atrás, com uma expressão muito culpada no rosto.

Ela diminuiu o ritmo dos passos quando me viu, as veias do pescoço saltaram.

— O que está fazendo? — perguntou.

— Nada.

— Não está fazendo nada. O que tem nas mãos, Tamara? — insistiu com vigor.

— Calcinhas de transa — respondi e puxei a parte de trás da calça.

— Me mostre as mãos! — Ela ergueu a voz.

Tirei as mãos de trás das costas e as acenei com um ar desdenhoso.

— Vire-se! — A voz tremia.

— Não — retruquei, desafiadora.

A campainha da porta tocou. Rosaleen não se mexeu. Nem eu.

— Vire-se! — ela repetiu.

— Não! — repeti, com mais força e firmeza.

A campainha da porta tornou a tocar.

— Rose! — berrou Arthur do alto da escada. Rosaleen não respondeu e ouvimos botas nos degraus quando ele se pôs a descer. — Eu atendo — ele nos disse e nos lançou um olhar frustrado.

Abriu a porta.

— Weseley!

— Não consegui dar mais marcha à ré na van, está bem assim? A distância basta? Ah, oi, Tamara! — ele disse, olhando além de Arthur.

Rosaleen estreitou os olhos ainda mais.

Sorri. Sim, eu tinha um amigo do qual ela não sabia a respeito.

Encarei Weseley com olhos arregalados, desejosa que ele percebesse que tinha algo de errado. Eu não queria que Arthur saísse.

— Então, nos vemos mais tarde! — Se despediu Arthur.

A porta se fechou atrás dos dois e ficamos as duas na cozinha, nos encarando.

— Tamara — disse Rosaleen amável —, seja o que for que você está escondendo, acho que sei do que se trata. Apenas me devolva.

— Não estou escondendo nada, Rosaleen. Você está?

Ela se contraiu.

Nesse impasse, ouvimos uma pancada que vinha de cima, uma colisão estrondosa de pratos e, em seguida, passos no assoalho. Ambas nos desligamos de nosso confronto ocular e erguemos os olhos para cima.

— Onde está ele? — gritou, estridente, minha mãe.

Olhei Rosaleen e saí correndo na sua frente.

— Não, criança! — Ela me puxou de volta.

— Rosaleen, me solte, ela é minha mãe!

— Mas não está bem — disse, nervosa.

— É, e me pergunto a que se deve isso! — berrei na cara dela e corri escada acima.

Não cheguei muito longe. Mamãe abrira a porta com força e, com olhos arregalados, apavorados, revistava o corredor.

— Onde ele está? — perguntou, sem condições de focar os olhos em mim.

— Quem? Rosaleen? — Comecei, mas ela me empurrou ao vê-la no pé da escada.

— Onde ele está? — exigiu saber, parada, de camisola, no alto da escada.

Rosaleen, de olhos arregalados, torcia as mãos no avental. Vi o contorno do frasco de pílulas no bolso. Olhei de uma para outra, sem entender o que ocorria.

— Mamãe, ele não está aqui — eu disse e tentei segurar sua mão, mas ela a repeliu.

— Está sim. Eu sei. Posso senti-lo.

— Mamãe, ele não está aqui! — Senti as lágrimas se avolumarem. — Ele se foi.

Ela, então, virou rápido a cabeça para mim e baixou a voz num sussurro.

— Ele não se foi, Tamara. Os dois disseram que se foi, mas não se foi. Posso senti- lo.

Eu chorava, agora.

— Mamãe, pare, por favor! É só... é só... o espírito dele que você sente à sua volta. Ele vai sempre ficar com você. Mas ele se foi... realmente se foi. Por favor...

— Quero vê-lo — ela exigiu de Rosaleen.

— Jennifer! — a outra disse e estendeu as mãos, embora estivesse distante demais para tocá-la. — Jennifer, apenas relaxe, volte para o quarto e se deite.

— Não! — gritou mamãe, a voz tremia agora. — Eu quero vê-lo! Sei que ele está aqui. Você o tem escondido!

— Mamãe — chorei —, não é verdade. Papai morreu, morreu de verdade.

Mamãe me olhou, e, por um momento, pareceu muito triste. Então, se enfureceu e correu escada abaixo. Rosaleen se precipitou para a porta.

— Arthur! — berrou para fora.

Arthur, que se achava na entrada para carros com Weseley e enchia o Land Rover de equipamentos, se sobressaltou e ficou em posição de sentido.

Mamãe correu para o jardim aos gritos:

— Onde está ele? — repetiu.

— Jen, pare com isso agora. Relaxe, está tudo bem — pediu em voz alta repetidas vezes, para acalmá-la.

— Arthur — gritou mamãe, correu ao encontro dele e o enlaçou nos braços. — Está aqui, não?

Chocado, Arthur olhou para Rosaleen.

— Mãe! — gritei. — Arthur, ajude-a. Faça alguma coisa para ajudá-la, por favor. Ela pensa que papai continua vivo.

Arthur a olhou com o que me pareceu um coração dilacerado. Tomou-a nos braços e, enquanto o esquelético corpo de mamãe se sacudia com os soluços e ela perguntava repetidas vezes onde ele estava e por quê, o irmão afagava suas costas para acalmá-la.

— Eu sei, Jen, eu sei, Jen, está tudo bem. Está tudo bem...

— Por favor, ajude-a! — gritei parada ali, no meio do jardim, e olhei de Rosaleen para Arthur, que mantinha mamãe em pé. — Mande-a a algum lugar. Busque alguém para ajudá-la.

— Meu pai está em casa agora — ofereceu-se Weseley, com a voz baixa. — Posso telefonar e pedir que venha até aqui.

Algo se contorceu dentro de mim. Medo e tensão. Um instinto de algum tipo. Pensei no diário queimado, no incêndio em meus sonhos. Eu tinha de tirar mamãe da casa.

— Leve-a até ele — pedi a Arthur.

Arthur me olhou, confuso.

— Ao Dr. Gedad! — disse de modo que mamãe não ouvisse.

Nos braços do irmão, mamãe se contorceu e deslizou até o chão, a aflição oprimindo-a.

Arthur assentiu com a cabeça, solene. Em seguida, olhou para Rosaleen.

— Voltarei logo.

— Mas você...

— Eu vou... — ele interrompeu-a com firmeza.

— Também vou — Rosaleen se apressou a dizer, logo tirou o avental e correu casa adentro. — Vou pegar o casaco dela.

— Weseley, fique com Tamara! — instruiu Arthur.

Weseley fez que sim com a cabeça e avançou alguns passos para mim.

Momentos depois se instalavam, os três, no Land Rover; mamãe, no banco de trás, chorava e parecia muito perdida.

Weseley pôs o braço em volta de meu ombro, de um jeito protetor.

— Vai ficar tudo bem — disse, carinhoso.

Quando chegamos aqui, senti como se mamãe e eu fôssemos totais liquidadas, duas pessoas que haviam sido lançadas em terra tossindo e cuspindo depois que nosso barco afundara. Dois destroços, nada tínhamos, nem de nada fazíamos parte, nos sentíamos sem objetivo, como se encurraladas numa sala de espera sem portas.

Compreendi que, quando as coisas fracassam, as pessoas não ficam apenas dilaceradas, se tornam sobreviventes. Só passei a pensar assim quando fui obrigada a assistir a um documentário de natureza daqueles que Arthur adora. Era sobre as ilhas do Pacífico, tão distantes entre si que era difícil explicar como a vida chegava até mesmo a se disseminar de uma a outra, a não ser pelos pássaros. Então surgiram, a rolar em terra, dois cocos. “Todos lançados pela água”, disse o narrador. Duas coisas perdidas, que haviam sobrevivido aos mares e chegado a um litoral. O que foi que fizeram? Implantaram-se na areia, desenvolveram-se em coqueiros e delinearam as praias. Às vezes, muita coisa

pode resultar de uma destruição total. Você pode crescer de verdade.

Embora mamãe estivesse tendo um ataque *cacodemônico*, achasse que papai continuava vivo e parecesse se desintegrar, parecia que algo novo e melhor surgia. E, enquanto os víamos se afastarem, no carro, Rosaleen nos olhando, preocupada, sem querer nos deixar, mas tampouco sem querer deixar Arthur e mamãe sozinhos, realmente não pude me conter: sorri e acenei.

Capítulo 21

K de... Kafkiano

Assim que eles se foram, corri para dentro da casa. No alto do cabide de casacos, Rosaleen estendera, de qualquer jeito, o avental, no esforço de sair às pressas. Peguei-o e enfiei a mão no bolso.

— Tamara, o que está fazendo? — Weseley se aproximara de mim. — Talvez eu deva lhe preparar um chá ou qualquer coisa para acalmá-la... Que diabo é isso?

Ele se referia ao frasco de pílulas que ergui na mão.

— Esperava que você pudesse me dizer o que é. — Dei-lhe as pílulas. — Flagrei Rosaleen pondo-as no café da manhã de mamãe.

— Como? Pare, Tamara — disse Weseley. — Pondo pílulas na comida dela?

— Eu a vi abri-las, esvaziar o pó no mingau e misturá-lo. Ela não sabe que a vi.

— Bem, talvez sejam pílulas receitadas.

— Você acha? Que tal conferirmos? Apesar de Rosaleen gostar de fazer de conta que nada sei do histórico médico de minha própria mãe, sei que ela não se chama... — li o rótulo no frasco — Helen Reilly.

— É a mãe de Rosaleen. Deixe-me vê-las. — Tirou-as de mim. — São soporíferos.

— Como sabe?

— Diz no rótulo: oxazepam. É pílula para dormir. Ela tem posto isso na comida de sua mãe?

Engoli em seco, as lágrimas me enchiam os olhos.

— Tem certeza de que a viu fazê-lo?

— Sim, tenho certeza. E mamãe não parou de dormir desde que chegamos. Sem interrupção.

— Sua mãe, em geral, as toma? Rosaleen pode estar tentando ajudá-la, talvez?

— Weseley, mamãe vive tão drogada que mal se lembra do próprio nome. Isso não a tem ajudado. É como se Rosaleen viesse tentando piorá-la. Isso a tem prejudicado!

— Nós precisamos contar a alguém.

O alívio que senti ao ouvir “nós” chegou como um maremoto.

— Preciso informar meu pai. Ele terá de contar a alguém, tudo bem?

— Tudo bem.

Me senti aliviada, então, por não estar mais sozinha. Sentei-me na escada enquanto ele telefonava ao pai para informá-lo.

— E aí? — Me levantei de um salto assim que desligou.

— Estavam todos na sala, juntos, por isso ele não pôde comentar a respeito. Disse somente que cuidaria do caso. Teremos apenas de guardar as pílulas em lugar seguro, enquanto isso.

— Certo! — Inspirei fundo. O que será, será. — Escute, pode me ajudar a pegar a caixa de ferramentas de Arthur, por favor?

— Para que precisa dela? — ele perguntou, todo confuso.

— Para arrombar a fechadura da porta da garagem.

— Como?

— Só... — procurei as palavras —... me ajude, por favor! Não temos muito tempo e explicarei tudo depois. Mas, por ora, pode, por favor, *por favor*, me ajudar? É raro os dois saírem de casa. Essa é minha única oportunidade.

Weseley pensou a respeito num longo silêncio, girando o frasco na mão

enquanto isso.

— Tudo bem.

Enquanto ele corria até o galpão ao lado da casa, fiquei andando de um lado para o outro no jardim, e torcia para que não retornassem antes que eu tivesse a chance de dar uma boa olhada em volta. Parei de andar para espreitar o bangalô, pois queria ver se o vidro que refletira a luz, direto em meu quarto, continuava ali. Desaparecera. Mas algo no muro do jardim atraiu minha atenção: uma caixa. Cheguei mais perto.

— Weseley!

Ele logo ouviu o tom de advertência na minha voz, deu meia-volta e olhou para o lugar que eu apontava com o dedo.

— O que é aquilo? — perguntou.

Atravessei a rua para examiná-lo. Weseley me seguiu. O pacote, embrulhado em papel pardo, tinha meu nome escrito, junto com “Feliz aniversário!”.

Peguei-o e olhei ao redor. Não vi ninguém nas janelas, atrás das cortinas de rede. Abri o papel pardo e se revelou uma caixa de sapato. Levantei a tampa. Dentro, me deparei com um belíssimo móbile de vidro, uma série de lágrimas de diferentes tamanhos, misturadas a corações presos uns aos outros por arames finos que atravessavam minúsculos orifícios. Ergui-o contra a luz. A peça cintilou ao sol e rodopiou em círculos na brisa. Sorri e olhei para a casa, a fim de acenar, sorrir, agradecer a alguém.

Nada.

— Que diabos... — começou Weseley, ao examiná-lo.

— É um presente. Para mim.

— Eu não sabia que era seu aniversário. — Pegou-o e examinou-o.

— Bem, ela sabia.

— Quem? A mãe de Rosaleen?

— Não. — Tornei a encarar o bangalô. — A mulher.

Ele abanou a cabeça.

— E eu que julgava minha vida estranha. Quem é ela? Mamãe e papai não imaginavam que ninguém, senão a senhora Reilly, morasse aí.

— Não tenho a menor ideia.

— Vamos entrar e conhecê-la. Para agradecer.

— Acha que eu devo?

Ele revirou os olhos.

— Você recebeu um presente... é a oportunidade perfeita para entrar. — Mordi o lábio e contemplei a casa. — A não ser, claro, que tenha medo.

Era exatamente o que eu sentia.

— Não, temos coisas mais importantes a fazer agora — retruquei e me apressei em direção ao quintal, à garagem da guarita.

— Sabe, a irmã Ignatius anda meio enlouquecida por tentar vê-la sem conseguir. Você simplesmente fugiu naquele dia e lhe deu o maior susto. Aliás, assustou nós dois.

Olhei Weseley de cara feia, enquanto ele remexia na caixa à procura da ferramenta certa para arrombar a fechadura.

— Soube o que aconteceu. Tudo bem com você?

— Sim, ótimo. Não quero falar a respeito — respondi, agressiva. — Obrigada! — acrescentei, com mais delicadeza.

— Soube que seu namorado se meteu em apuros.

— Já disse que não quero falar a respeito — engrossei de novo. — E ele não é meu namorado.

Weseley desatou a rir ao ouvir isso.

— Então, agora sabe bem como me sinto.

Apesar de tudo o que acontecera naquela manhã, sorri.

Weseley não levou muito tempo para destrancar a fechadura. Entramos e logo me vi diante de minha antiga vida, toda empilhada, desordenada, a cozinha com a sala de estar, meu quarto entulhado em cima da sala de jogos, o quarto de hóspedes com as toalhas de banho. Para falar a verdade, se encaixavam com tanta perfeição quanto as ideias em minha cabeça. Sofás de couro, TVs de plasma, mobílias de formas ridículas, que pareciam baratas e sem alma, agora.

Estava mais interessada em ver o que Rosaleen e Arthur haviam escondido ali. Quando Weseley retirou os panos, usados para cobrir os móveis e protegê-los do pó, do outro lado da garagem, não fiquei muito impressionada. Apenas mais móveis velhos, destruídos pelo tempo, corroídos por ácaros e com cheiro de naftalina. Não sei o que eu esperava — um ou dois cadáveres, impressora de dinheiro falso, caixas de armas, uma entrada secreta para a Batcaverna de Rosaleen. Tudo, menos esse mobiliário que fedia a naftalina.

Refiz o caminho de volta às minhas coisas. Weseley logo me seguiu e soltava exclamações admiradas e estupefatas diante de alguns objetos, ao remexer em volta das caixas. Após ele fazer uma pausa em suas investigações sobre a vida oculta de Arthur e Rosaleen, ambos nos sentamos no que fora, uma vez, um sofá de uma sala de estar, e folheamos as páginas de meu álbum de fotos, enquanto Weseley ria dos vários estágios de minha adolescência.

— Esse é seu pai?

— É. — Sorri, diante da feliz expressão no rosto, na pista de dança, nas bodas de um amigo.

Ele adorava dançar, mas era péssimo nisso.

— Tão moço!

— É.

— O que aconteceu?

Dei um suspiro.

— Não precisa falar a respeito, se não quiser.

— Não me incomodo. — Engoli em seco. — Ele apenas... tomou

emprestado tanto dinheiro que não teve meios de pagar. Era um construtor muito bem-sucedido. Tinha propriedades no mundo todo. Não sabíamos, mas havia se metido numa grande enrascada. Começou a vender tudo para pagar as dívidas.

— Não contou a vocês que enfrentava um problema?

Fiz que não com a cabeça.

— Era orgulhoso demais. Teria sentido que nos decepcionara — meus olhos marejaram —, mas eu não teria ligado, não teria mesmo.

Achei que protestava demais. Imaginei papai tentando, então, me dizer que ia liquidar todos os bens para levantar dinheiro. Claro que eu teria me importado — teria me lamentado com irritação. Não teria compreendido, simplesmente me sentiria envergonhada em relação ao que todos pensariam de nós. Perderia Marbella no verão, Verbier para esquiar no Ano-Novo. Gritaria com ele, o xingaria de todos os nomes que me ocorressem e me retiraria furiosa para meu quarto e bateria a porta com força. Que gananciosa porquinha era eu! Mas gostaria que ele tivesse me dado a oportunidade de entender a situação. Gostaria que papai mandasse eu me sentar e conversar a respeito, e todos poderíamos, juntos, ter planejado a melhor maneira de resolver o problema. Eu moraria em qualquer lugar — num único aposento, na ruína do castelo mesmo — se isso significasse que permaneceríamos juntos.

— Não me importo em perder tudo, hoje. Preferiria tê-lo aqui todos os dias. — Funguei. — Perdemos tudo agora, incluindo ele. Quer dizer, qual a questão decisiva? Quando eles exigiram a posse da casa, acho que foi a última gota para papai. — Examinei-o jogando golfe com mamãe, a expressão séria enquanto observava, ao longe, à procura de sua bola. — Eles poderiam ter tirado tudo, menos a casa.

Virei a página e ambos rimos. Eu, sem dois dentes na frente, quando abracei o Mickey na Disney.

— Você não... não sei... sente raiva dele? Se meu pai fizesse isso, eu ia... — Weseley sacudiu a cabeça, incapaz de imaginá-lo.

— Senti, sim — respondi. — Fiquei furiosa com ele por um longo tempo.

Mas nas últimas semanas, ando pensando em todas as dificuldades pelas quais ele devia estar passando. Mesmo em meus dias mais deprimentes, eu jamais poderia fazer o que papai fez. Deve ter se sentido sob grande pressão, com certeza sentira imensa infelicidade. E tão encurralado que, simplesmente, não devia mais querer continuar a viver. E... bem, quando morresse, os credores não poderiam tirar mais nada dele. Mamãe e eu estaríamos protegidas.

— Acha que ele fez isso por vocês?

— Acho que o fez por inúmeros motivos. Por todos os motivos errados, mas, para ele, eram todos certos.

— Bem, você é muito corajosa! — comentou Weseley. Ergui os olhos para ele e tentei não chorar.

— Não me sinto corajosa.

— Você é.

Nossos olhos travaram-se.

— Cometi os erros mais imbecis — sussurrei.

— Não tem problema. Todos cometemos erros. — Ele sorriu, com ironia.

— Bem, não creio que cometo tantos quanto você — acrescentei, ao tentar desanuviar a atmosfera. — Você parece cometer diferentes erros com diferentes pessoas quase todas as noites.

Ele riu.

— Tudo bem; vejamos, então, o que Rosaleen mantém escondido aqui embaixo.

Sem conseguir despregar os olhos dos álbuns de fotografias, comecei a ver outro e encontrei o de quando era bebê. Me perdi em outro mundo, além de perder tempo. Ao fundo, ouvi Weseley comentar sobre as coisas que ele encontrara, mas o ignorei. Em vez disso, contemplava meu belo pai, feliz e bonito, com mamãe. Em seguida, me deparei com uma foto de meu batizado. Só eu e mamãe. Eu, tão minúscula em seus braços, que só o que se mostrava visível

sob a manta branca era uma cabecinha rósea.

— Que merda, veja só! Tamara, vem dar uma olhada nisso.

Ignorei-o, absorvida na foto de nós duas na igreja. Ela me segurava no colo, um largo sorriso no rosto. Quem quer que tenha tirado a foto — papai, suponho —, deixara o dedo sobre o canto da lente e tapara o rosto do padre. Por conhecer bem papai, ele o fizera, na certa, de propósito. Acariciei seu dedão branco, brilhante do flash, e ri.

— Tamara, venha ver todos esses troços!

A fotografia captava metade do padre, mamãe comigo nos braços junto à pia batismal, outra pessoa cortada no lado direito, graças aos duvidosos talentos fotográficos, mas a mão de alguém se apoiava no topo de minha cabeça. A mão de uma mulher, descobri, pela aliança no dedo dela. Na certa, Rosaleen, minha madrinha que jamais pareceu fazer o que faziam as madrinhas de minhas amigas, o que se resumia a apenas enviar cartões em todas as ocasiões, com dinheiro dentro. Não, minha madrinha queria passar tempo comigo. Vômito.

— Tamara! — Weseley me agarrou e sobressaltei-me. — Veja isso! — Tinha os olhos arregalados. Me puxou pela mão e senti um formigamento por todo o braço.

Enfiei a foto do batismo no bolso e o acompanhei.

Quaisquer sentimentos estranhos por ele logo se evaporaram. Olhei a seção que Weseley revelara ao retirar os lençóis.

— De que grande coisa se trata? — perguntei, nada impressionada.

Dificilmente era tão excitante quanto ele queria parecer que fosse. Mobiliário velho tão datado quanto tudo mais que eu já vira. Livros, atiçadores de brasas, louças de barro, quadros cobertos, tecidos, lareiras apoiadas na parede, todos os tipos de bugigangas.

— De que grande coisa se trata? — Ele tinha os olhos arregalados ao saltar pelo lugar, retirar coisas, revelar mais pinturas a óleo de crianças com aparência má, golas que lhes batiam acima dos lobos da orelha, e damas gordas, sem

atrativos, de peitos grandes, punhos largos e lábios finos. — Veja isso, Tamara! Não nota nada?

Ele derrubou um tapete, chutou-o, e o desenrolou no piso empoeirado.

— Weseley, não faça bagunça! — ralhei. — Não temos muito tempo até eles voltarem.

— Tamara, abra os olhos! Veja as iniciais.

Examinei o tapete, uma coisa com aspecto poeirento que devia ficar numa parede, como tapeçaria, em vez de no chão. Tinha letras K em toda a superfície.

— E veja isso! — Weseley destapou uma caixa de porcelana. Também se via K estampado em todos os pratos, nas xícaras, nas facas e nos garfos. Um dragão se enroscava numa espada, elevando-se das chamas. Então, me lembrei do mesmo emblema no biombo de metal diante da lareira, na sala de estar da guarita.

— K — eu disse em silêncio. — Não entendo. Não... — Balancei a cabeça e olhei a garagem em volta, que, a princípio, se assemelhara a um monte de entulho e agora parecia um baú de tesouros.

— K é de... — disse Weseley devagar, como se eu fosse uma criança, e me olhou, com a respiração presa.

— Kafkiano — respondi. — Não sei, Weseley! Estou confusa, eu não...

— Kilsaney — ele me interrompeu, e calafrios me percorreram de cima a baixo.

— Como? Mas não pode ser! — Olhei ao redor. — Como eles poderiam ter todas essas coisas?

— Ora, ou as roubaram...

— É isso aí!

Tudo fez sentido para mim. Eram ladrões; Arthur, não, mas Rosaleen. Eu acreditava que sim.

— Ou as armazenam para os Kilsaney — Weseley me interrompeu os

pensamentos. — Ou... — Ele riu para mim e ergueu e baixou as sobrancelhas.

— Ou o quê?

— Ou eles são os Kilsaney.

Bufei e logo descartei essa hipótese. Em seguida, desviei a atenção para um clarão vermelho, embaixo de um rolo de tapete que Weseley derrubara.

— O álbum de fotos! — exclamei ao ver o álbum vermelho que eu encontrara na semana em que chegara. — Sabia que não era imaginação minha.

Nos sentamos e o folheamos, embora nos aproximássemos perigosamente do momento em que Arthur e Rosaleen chegariam. Continha fotografias em preto e branco de crianças, algumas em tom de sépia.

— Reconhece alguma? — perguntou Weseley.

Fiz que não com a cabeça e ele se apressou para folhear as páginas.

— Espere! — Uma foto captou meu olhar. — Volte.

Vi uma fotografia de duas crianças circundadas por árvores. Uma menininha e um menino poucos anos mais velho. Um em frente ao outro, de mãos dadas, e as testas tocavam-se. Uma imagem do bizarro cumprimento de mamãe, no dia de nossa chegada, passou-me veloz pela mente.

— São mamãe e Arthur — eu disse, sorrindo. — Ela deve ter apenas uns 5 anos aí.

— Veja Arthur! Nem quando criança era bonito — pilheriou Weseley, franziu os olhos e a examinou de perto.

— Ah, não seja mau! — Ri. — Olhe só para eles. Nunca vi uma foto de mamãe na infância.

A página seguinte mostrava uma fotografia de mamãe, Arthur, Rosaleen e outro menino.

Arquejei.

— Sua mãe e Rosaleen se conheceram quando crianças — comentou

Weseley. — Você sabia?

— Não. — Fiquei sem ar, zonza. — De jeito nenhum. Ninguém jamais mencionou tal coisa.

— Quem é o cara na ponta?

— Não sei.

— Sua mãe tem outro irmão? Ele parece o mais velho.

— Não, ela não tem. Ou pelo menos nunca disse que tinha...

Weseley enfiou a mão sob o plástico que cobria a foto e a retirou do papel.

— Weseley!

— Já chegamos até aqui, você quer ou não saber a respeito de tudo?

Engoli em seco e assenti com a cabeça.

Ele virou a foto do avesso.

Dizia: “Artie, Jen, Rose, Laurie. 1979”.

— Laurie, parece... — observou Weseley. — Lhe diz algo? Tamara, parece que você viu um fantasma!

— “Laurence Kilsaney *RIP*”, na lápide da sepultura.

Arthur chamara Rosaleen de “Rose” no carro, no caminho de volta de Dublin. Os nomes “Laurie e Rose” gravados na macieira.

— Ele é o homem que morreu no incêndio do castelo. Tem seu nome numa sepultura no cemitério de Kilsaney.

— Ah...

Encarei a foto dos quatro, todos sorriam, desprendia-se a inocência naqueles rostos, tudo ainda por vir, um futuro de possibilidades. Mamãe e Arthur de mãos dadas, bem apertadas; Laurence, com o braço que pendia frouxo em torno do pescoço de Rosaleen, e se estendia diante do peito dela. Apoiava-se numa perna, a outra cruzada numa pose. Parecia confiante e até convencido. Tinha o queixo erguido e sorria para a câmera com um sorriso galhofeiro, como se acabasse de

gritar alguma coisa para o fotógrafo.

— Então, mamãe, Arthur e Rosaleen passavam o tempo com um Kilsaney — pensei em voz alta. — Eu nem sabia que ela morava aqui.

— Talvez não morasse. Talvez viesse passar as férias. — Weseley continuou a virar as páginas. Todas as fotografias eram das mesmas quatro pessoas, em diferentes idades, todas aconchegadas umas nas outras. Em algumas elas se exibiam sozinhas, em outras, em pares, mas, na maioria delas, os quatro estavam juntos. Mamãe era a mais moça, Rosaleen e Arthur mais ou menos da mesma idade e, Laurence, o mais velho, sempre com um sorriso enorme e uma expressão travessa no olhar. Mesmo quando menina, Rosaleen tinha uma aparência de mais velha, uma dureza no olhar, um sorriso que nunca se abria como o dos demais.

— Veja, todos estão diante da guarita! — Weseley apontou os quatro sentados no muro do jardim.

Quase nada mudara, além de algumas árvores do jardim agora grandes e frondosas, e que, na época, haviam acabado de ser plantadas ou não passavam de arbustos. No entanto, o portão, o muro, a casa, tudo continuava exatamente igual.

— Mamãe na sala de estar. É a mesma lareira. — Examinei a foto com toda atenção. — A estante continua idêntica. Veja o quarto — arquejei. Esse é o que ocupo agora. Mas não entendo. Ela morava aqui, foi criada aqui.

— Você não sabia mesmo nada disso?

— Não. — Balancei a cabeça e senti a aproximação de uma dor de cabeça. Tinha o cérebro sobrecarregado de dúvidas e sem respostas suficientes. — Quer dizer, eu sabia que ela morava no campo, mas... me lembro de que visitávamos Arthur e Rosaleen quando eu era menina, meu avô sempre estava presente nessas ocasiões. Minha avó morreu quando mamãe era pequena. Achei que ele também vinha visitar Arthur e Rosaleen, mas... meu Deus, o que está acontecendo? Por que todos mentiram?

— Eles de fato não mentiram, mentiram? — Weseley tentou suavizar o

golpe. — Apenas não lhe contaram que moravam aqui. Não é exatamente o segredo mais emocionante do mundo.

— E não me disseram que conheciam Rosaleen de quase toda a vida, que moravam na guarita e que, antes, conviviam com os Kilsaney. Não se trata de nada tão importante, mas que passa a ser se você o guarda como um segredo. Mas por que o esconderam? O que mais escondem de mim?

Weseley desviou o olhar e continuou a virar as páginas do álbum com o polegar, como se tentasse encontrar respostas.

— Ei, se seu avô morava na guarita, isso o tornava o administrador dos terrenos da propriedade. Exercia a função de Arthur.

Uma surpreendente imagem me passou, de repente, pela mente: eu, menina, e meu avô ajoelhado com as mãos enterradas no esterco. Me lembro da sujeira preta sob as unhas dele, uma minhoca no solo, vovô a pegava e a balançava junto a meu rosto, eu chorava, ele ria e logo me envolvia com seus braços. Cheirava sempre a terra e grama. Tinha sempre as unhas pretas.

— Gostaria de saber se tem uma foto da mulher. — Virei mais as páginas.

— Que mulher?

— A mulher no bangalô, a que faz o vidro.

Examinamos as páginas seguintes, meu coração martelava tão alto no peito que achei que fosse desmaiar. Me deparei com outra fotografia de Rosaleen e Laurence juntos! “Rose e Laurie, 1987.”

— Acho que Rosaleen estava apaixonada por Laurence — comentei e desenhei seus rostos com os dedos.

— Opa! — exclamou Weseley ao virar uma página. — Mas Laurence não amava Rosaleen.

Examinei a imagem, olhos arregalados. Na página seguinte, havia uma fotografia de mamãe, na adolescência, cabelos louros compridos, sorriso largo, dentes perfeitos. Laurence a enlaçava nos braços e beijava sua face junto à árvore que tinha uma inscrição.

Olhei o avesso da fotografia: “Jen e Laurie, 1989.”

— Eles podem ter sido apenas amigos... — disse Weseley.

— Weseley, olhe para eles!

Era só o que eu tinha a dizer. O resto revelava-se claro ao olhar. Bem diante de nós. Eles estavam apaixonados.

Pensei no que mamãe me dissera quando eu retornara do jardim de rosas, no dia em que conhecera irmã Ignatius. Achei que ela não falara de maneira correta, pensara que me dizia que eu era mais bonita que uma rosa. Mas e se ela quisesse dizer exatamente o que expressara: “Você é mais bonita que Rose”?

E distante dos dois, na outra ponta da fotografia, Rosaleen, sentada numa manta de lã xadrez, com uma cesta de piquenique ao lado, encarava friamente a câmera.

Capítulo 22

Câmara Escura

Eu não sabia quanto tempo ainda tínhamos até Rosaleen e Arthur retornarem com mamãe, se é que iam retornar com ela, mas desistira de me preocupar em ser flagrada. Fartei-me dos segredos deles, cansei de andar nas pontas dos pés e tentar espreitar debaixo das coisas quando ninguém olhava. Weseley, em total apoio à minha decisão seguinte, me levou até o bangalô do outro lado da estrada. Ambos procurávamos respostas e eu jamais conhecera, em toda a vida, alguém como ele — que se metia em sérios apuros e me ajudava tanto. Pensei na irmã Ignatius e senti o coração se contrair. Eu a abandonara. Precisava vê-la também. Me lembrei de que, durante um de nossos primeiros encontros, ela agarrara meu braço e dissera que jamais mentiria para mim, que sempre me diria a verdade. Ela sabia de alguma coisa. Quase me revelara, então, que sabia de alguma coisa, mas, agora que me recordo, com muita insistência me pediu que lhe perguntasse, e eu não me dera conta disso até esse momento.

Weseley me conduziu pela passagem lateral. Eu estava com os joelhos trêmulos e esperava que, a qualquer momento, cedessem e me atirassem ao chão como um castelo de cartas. A manhã escurecia e o vento se intensificava. Era apenas meio-dia e o céu se nublara inteiro, imensas nuvens cinzentas se acumulavam como se os olhos do firmamento fossem cobertos por sobrancelhas espessas e a testa franzida de preocupação ao me observar.

— Que barulho é esse? — perguntou Weseley, ao nos aproximarmos do fim da passagem.

Paramos e prestamos atenção. Um ruído tilintante.

— O vidro — sussurrei. — Balança ao vento.

Era um ruído meio perturbador. Ao contrário de um carrilhão, soava como se o vidro se despedaçasse quando as pecinhas, redondas e irregulares, colidiam

umas com as outras, impelidas pelo vento. Multiplicado por centenas, o som era fantasmagórico.

— Vou até os fundos inspecionar — disse Weseley, assim que pisamos no jardim. — Você ficará bem, Tamara. Apenas diga à mulher que veio aqui para agradecer o presente. Ela talvez lhe diga mais alguma coisa, depois disso.

Nervosa, vi-o atravessar o gramado, passar pelo galpão e desaparecer no campo de vidro.

Voltei-me para a casa e olhei para dentro, pelas janelas. Não tinha ninguém na cozinha. Bati de leve na porta dos fundos e esperei. Não obtive resposta. Com a mão trêmula, o que me fez repreender-me por ser tão dramática, baixei a maçaneta. A porta estava destrancada. Abri uma fresta e espreitei o interior, um corredor estreito que virava acentuadamente à direita. Nesse, se viam três portas, todas fechadas, uma à direita, duas à esquerda. A primeira levava à cozinha, onde eu já sabia não ter ninguém. Entrei e tentei, ao mesmo tempo, manter a porta aberta, de modo a não sentir que invadia a casa, mas o vento soprava tão forte que logo a fechou. Me sobressaltei e disse mais uma vez a mim mesma como agia de forma idiota. Uma velha e a mulher que me dera o presente dificilmente iriam me machucar. Tamborilei rápido a porta à direita. Também não houve resposta, por isso girei com delicadeza a maçaneta e a abri devagar. Era um quarto de dormir de uma idosa, sem a menor dúvida. Cheirava a umidade, talco e antisséptico. Próximos a uma antiga cama de madeira escura, coberta por um edredom florido, viam-se chinelos e um tapete azul-turquesa claro, que já passara por mais do que algumas borrifadas de aromatizador. Um armário solto, junto à parede, na certa continha todas as vestimentas e os acessórios da ocupante. Uma pequena penteadeira encostada na parede ao lado da porta, com espelho embaçado, uma escova de cabelos, medicamentos, o rosário e a Bíblia arrumados à perfeição na superfície. Em frente à cama, a janela que descortinava o jardim dos fundos. Nada e ninguém mais no interior do aposento.

Fechei a porta sem fazer barulho e continuei pelo corredor. O piso estava coberto por um tipo incomum de lona plástica, talvez para manter a cerâmica

limpa. Desprendia um ruído áspero sob meus pés e me surpreendeu o fato de ninguém me ouvir. A não ser que a mulher estivesse de novo no galpão, o que significava que vira Weseley. Fiquei imobilizada e quase refiz o caminho de volta para fora, mas eu chegara até ali e de modo algum recuaria. Cheguei ao fim do corredor que virava à direita. Outra porta, no fim dessa continuação, levava à sala de televisão, que eu já vira pela janela. Com o aparelho de TV ligado tão alto que dava para ouvir o tique-taque do relógio do noticiário *Countdown*, imaginei que ali se encontrava a mãe de Rosaleen, mas, apesar da minha curiosidade a respeito dela, aquele não seria o momento de me apresentar. Não era para ela que eu olhava. Havia um pequeno corredor na porta da frente e, à esquerda, outra porta, atrás da qual supus ficar o segundo quarto.

Bati tão de leve na primeira vez que mal ouvi as batidas. Roçava os nós dos dedos na madeira escura como se fosse uma pluma. Na segunda vez, bati com mais força e esperei um pouco, porém, não ouvi ruído algum.

Girei a maçaneta. A porta, destrancada, logo se abriu.

Com minha imaginação hiperativa, conjecturara muito sobre os segredos de Rosaleen no decorrer das últimas semanas, talvez segredos de anos, mas, na realidade, todos haviam me decepcionado. As descobertas na garagem, embora intrigantes e dolorosas, por eu ter sabido que Arthur e mamãe eram amigos dela desde a infância, não corresponderam às expectativas dos cenários que eu criara na mente. Mesmo o mistério inicial por trás dessa casa se limitava à mãe enferma de Rosaleen; os cadáveres na garagem haviam sido, na verdade, coisas que se arrancara do castelo. Embora intrigante, se revelou um tanto decepcionante porque não se equiparava ao nível de tensão que eu sentia ao redor de Rosaleen. Não correspondia à atmosfera de segredo que a encobria.

Mas, desta vez, não me decepcionei.

Preferia setenta tapetes velhos e móveis de madeira escura e mais o cheiro de naftalina, ou um quarto com péssima decoração, pois o que vi desta vez me chocou até o mais íntimo, mas me chocou tanto, que apenas fiquei ali paralisada, boquiaberta, sem conseguir respirar direito.

Em todas as três paredes, cobertas do piso ao teto, havia fotografias de mim:

ainda bebê; em minha primeira comunhão; em visitas à guarita com 3, 4, 6 anos; nas festas da escola; em festas de aniversário e outras; uma menina-flor no casamento de uma amiga de mamãe; fantasiada de bruxa no Halloween; um desenho rabiscado que eu fizera no primeiro ano na escola. Havia uma fotografia minha, na entrada da guarita, apenas tirada a uma semana, sentada no muro, a balançar as pernas, o rosto voltado para o sol. Uma fotografia de mim e Marcus, na primeira vez que ele apareceu na casa, outra do dia em que entramos no ônibus e partimos numa viagem. Uma fotografia da manhã em que mamãe, Barbara e eu chegamos de mudança na guarita. Então eu, com mais ou menos 8 anos, parada no meio da estrada, rumo ao castelo, ao lado da casa, chateada, enquanto minha mãe conversava com Arthur e Rosaleen sobre sanduíches de ovo e chá forte. Uma foto minha de quinze dias antes apenas, no cemitério, pondo flores junto à sepultura de Laurence Kilsaney. Outra em que eu me dirigia ao castelo. Fotografias de mim com a irmã Ignatius, enquanto andávamos, conversávamos no gramado, e uma de mim, sentada nos degraus, na manhã em que descobri a anotação do diário, com os olhos fechados e o rosto virado para o céu. Eu sabia que alguém me vigiava! Escrevera isso. As fotos eram infindáveis, como uma história de minha vida inteira, cenas de que havia muito me esquecera e algumas que nunca soube que haviam sido capturadas em celuloide.

No canto do quarto, uma cama de solteiro, desarrumada. Ao lado, um pequeno armário com fechadura, a superfície repleta de pílulas. Antes de me virar para sair, atraiu-me o olhar uma imagem conhecida. Fui até a parede oposta e retirei a fotografia, agora amassada, do bolso. Ergui-a até a parede, as duas eram um par quase perfeito, embora a da parede fosse muito mais nítida. Fora-se o anel diante da lente em consequência, via-se o rosto do padre, mamãe ao lado, comigo nos braços. Na cabeça rósea, a mão com o anel. A da parede era muito maior do que a que eu encontrara. Ampliaram-na com mais zoom e, desse modo, o anel ficou muito claro, muito em foco, e a pessoa que o usava, óbvia.

Irmã Ignatius.

Sob a fotografia do batizado, minha mãe me segurava acima da pia batismal, e o padre gotejava água em minha cabeça. Reconheci aquela pia, agora cheia de aranhas e poeira na capela da propriedade. Ao lado, havia a foto do rosto

afogueado de minha mãe, deitada na cama, os cabelos grudados na testa úmida, eu, envolta em seus braços, recém-nascida.

“Não sou só uma freira. Também sou formada em obstetrícia”, ela dissera isso havia apenas alguns dias.

— Oh, meu Deus! — Tremi, meus joelhos se curvaram. Estendi a mão para a parede, mas não encontrei nada a que me agarrar, além de fotografias de mim mesma.

Meus dedos se prenderam nelas e as arrancaram quando caí no chão. Não desmaiei, mas não me aguentei mais em pé. Enfiei a cabeça entre as pernas, inspirei e expirei devagar.

— Teve sorte hoje! — Ouvi uma voz dizer atrás de mim e logo me pus em guarda. — Em geral, esta porta fica trancada. Nem eu havia entrado aqui. Ele tem andado ocupado.

Rosaleen parara na porta, encostada no batente, os braços atrás das costas.

— Rosaleen — sussurrei —, o que está acontecendo?

Ela deu risadinhas.

— Ah, criança, você sabe o que está acontecendo! Não finja que não andou bisbilhotando.

Me lançou um olhar frio.

Encolhi os ombros, nervosa, sabendo que eu parecia culpada.

Ela me atirou algo que deslizou no chão.

Os envelopes que eu pegara naquela manhã e deixara na cozinha, quando encontrara as pílulas no seu avental. Em seguida, atirou outra coisa, mais pesada, que bateu no tapete com um baque. Vi logo o que era. Estendi a mão para pegar o diário. Me atrapalhei com a fechadura no esforço de abri-lo e ver se as páginas queimadas haviam desaparecido. Talvez eu já houvesse mudado o rumo dos acontecimentos. Mas minhas perguntas foram respondidas antes que eu tivesse tempo de descobri-las sozinha.

— Você estragou minha diversão ao queimar essas páginas!— Ela deu um sorriso falso. — Arthur e sua mãe ficaram na casa. Talvez eu não devesse tê-los deixado... — Olhou em direção à guarita, enquanto mastigava o lado de dentro da boca. Parecia tão vulnerável então, a tia carinhosa que tentava carregar o mundo nos ombros. — Mas tive de deixá-los. Sabia que a encontraria aqui. Tenho um encontro marcado com o policial Murphy hoje, mais tarde. Suponho que não saiba do que se trata?

Engoli em seco e fiz que não com a cabeça.

— Péssima mentirosa — ela respondeu baixinho —, igualzinha à mãe.

— Não ouse falar de minha mãe assim! — Minha voz tremia.

— Eu só estava tentando ajudá-la, Tamara. Ela não dormia. Atormentava-se sem parar. Remoía o passado o tempo todo, começou a fazer perguntas todas as vezes que eu levava uma refeição... — Falava consigo mesma agora, quase como se tentasse se convencer. — Fiz isso por ela. Não por mim. E Jennifer mal comia, por isso não é provável que ingerisse grande parte do remédio. Fiz isso por ela.

Franzi as sobrancelhas, sem saber se a interrompia ou a deixava falar consigo mesma. Enquanto se achava em profunda reflexão, estendi a mão para pegar os envelopes. Li o nome do endereçado.

Arthur Kilsaney,

The Gatehouse,

Kilsaney Demesne

Kilsaney,

Meath

O envelope seguinte tinha o mesmo endereço impresso, mas endereçado a Arthur e Rosaleen.

— Mas... — Olhei de um envelope a outro. — Mas... eu não...

— Mas, mas, mas... — Rosaleen me arremedou e fez dispararem calafrios

pela minha espinha.

— O sobrenome de Arthur é Byrne, o mesmo de mamãe — eu disse numa voz estridente.

Rosaleen arregalou os olhos e sorriu.

— Ora, ora, ora! O gato não era tão curioso quanto imaginei.

Tentei reunir energia para me levantar. Quando o fiz, ela pareceu se preparar, pareceu fazer algo com o braço ainda nas costas.

Tornei a olhar os envelopes e entender o que acontecia.

— Mamãe não é Kilsaney. Ela é Byrne.

— Você acertou. Ela não é Kilsaney, nunca foi Kilsaney, mas sempre quis ser. — Tinha os olhos frios. — Só queria o nome. Sempre quis o que não era seu, aquela cadelinha ladra! — Cuspiu. — Era meio parecida com você, sempre aparecia onde não a desejavam.

Meu queixo caiu.

— Rosaleen — sussurrei —, o que... que há de errado com você?

— O que há de errado comigo? Não há nada de errado comigo. Apenas passei as últimas semanas cozinhando, limpando, fazendo tudo, cuidando de todo mundo, mantendo todos unidos, como de hábito, para duas ingratas... — Arregalou os olhos, escancarou a boca e gritou com tanta fúria, que tive de tapar os ouvidos. — Mentirosas!

— Rosaleen! — gritei. — Pare! o que está acontecendo? — Eu chorava agora. — Não sei o que está acontecendo!

— Sabe, sim, criança! — ela sibilou.

— Não sou criança, não sou criança, não sou criança! — gritei; enfim, as palavras que repetidas vezes eu vinha me dizendo saíram, afinal, mais alto, a cada respiração.

— Sim, você é. Devia ter sido minha filha! — berrou. — Ela a tirou de mim! Você devia ser minha. Assim como ele. Ele era meu. Ela o roubou de mim!

Então, como se isso lhe esgotasse toda a energia, Rosaleen pareceu desabar.

Me calei enquanto tentava, com muito esforço, descobrir ao que se referia. Não podia estar falando mais de Laurence Kilsaney — isso acontecera anos atrás, antes de eu nascer, devia estar se referindo a...

— Meu pai — sussurrei. — Você se apaixonou pelo meu pai?

Rosaleen ergueu, então, os olhos para mim, tanta mágoa no rosto que quase senti pena dela.

— Por isso é que papai nunca voltou aqui com mamãe. Por isso é que sempre ficava em Dublin. Alguma coisa aconteceu há anos entre todos vocês.

Então, o rosto se suavizou e ela desatou a rir. Risinhos baixos a princípio, mas, em seguida, lançou a cabeça para trás e gargalhou alto.

— George Goodwin? Você fala sério? George Goodwin sempre foi um perdedor, desde que veio aqui naquele carrinho pretensioso, com o pai igualmente pretensioso, e fez uma oferta para comprar a propriedade. “Dará um hotel espetacular, um spa maravilhoso!” — ela o imitou e eu o vi, e o imaginei chegar vestido num daqueles ternos risca de giz com vovô Timothy, quase prestes a chamar uma escavadeira de terraplanagem para derrubar o castelo. Ele devia ter sido o diabo para as pessoas que queriam proteger seu castelo e suas terras. — Ele tinha que possuir tudo, incluindo sua mãe, mesmo que ela já tivesse uma filha. A melhor coisa que fez foi levar Jennifer e você embora daqui. Não! De fato, a melhor coisa que já fez foi acabar com a própria vida, para que aqueles “ternos” não pudessem levar embora essa terra também. Esta foi a melhor e única coisa que George Goodwin fez na vida. E ele sabia disso também. Aposto que sempre soube, até tomar aquele primeiro gole de uísque...

— Pare! — esganicei. — Pare!

Corri até ela para agredi-la, espancá-la, qualquer coisa que eu pudesse fazer para impedi-la de dizer todas aquelas mentiras, aquelas horríveis, nojentas e imundas mentiras, mas Rosaleen me alcançou mais rápido que eu a ela. Aqueles braços fortes, robustos de socar massa de pão, abrir massa de tortas de maçã, todos os dias, trabalhar na horta de legumes orgânicos, carregar bandejas escada

acima e abaixo todas as manhãs, confirmaram a força que tinham. Com um único braço estendido, ela me empurrou com tanto impacto que, no mesmo instante, tive falta de ar, como se me houvesse esmagado o tórax. Saí voando para trás e bati a cabeça na quina do armário ao me estatelar. Continuei ali, deitada, a arquejar. Em seguida, desatei a chorar. Minha visão ficou turva, senti gosto de sangue na boca, mas não soube como, pois batera com a cabeça. Desorientada, não conseguia me levantar nem encontrar a porta.

Depois de algum tempo, não sei quanto, finalmente vi Rosaleen na porta, sua imagem embaçada. Me sentindo fraca, me sentei, toquei a cabeça e meus dedos trêmulos exibiam sangue.

— Ora, ora — disse Rosaleen amável —, por que você fez isso, criança? Por que me fez fazer isso? Teremos de planejar o que vamos dizer — decidiu. — Não podemos levá-la de volta assim, após ver tudo o que vimos aqui. Não. Não, preciso pensar. Preciso pensar já!

Murmurei algo tão incoerente que não tenho a menor ideia do que tentava dizer. Só conseguia pensar que ela dissera que meu pai me levara embora, a mim e minha mãe, e que mamãe já me tinha. Era impossível! Nada fazia sentido. Os dois haviam se conhecido num banquete, uma refeição opulenta com muitas pessoas, e assim que meu pai pusera os olhos nela, teve de possuí-la. Ele mesmo dizia isso o tempo todo. Apaixonaram-se no mesmo instante. Eu nasci. Esta era a história, a que papai me contara. Talvez eu a tenha ouvido errado, talvez Rosaleen inventasse aquilo. Mas eu sentia tanta dor de cabeça e, agora, tanto cansaço, as pálpebras tão pesadas, que apenas queria fechar os olhos! Percebi, então, que Rosaleen falava, mas não comigo. Abri de novo os olhos. Ela olhava adiante no corredor e parecia meio receosa.

— Oh — recuperara a voz suave agora —, não ouvi você entrar. Achei que estivesse no galpão.

A mulher que fazia os vidros. Se eu gritasse, poderia conseguir alguma ajuda, mas ouvi a voz de um homem e isso me deixou nervosa. Não era a de Arthur nem a de Weseley. Ai, onde estava ele? Será que se ferira? Dirigira-se ao campo de vidro, todos aqueles vidros... Eu tinha pesadelos com os vidros quase

toda noite. Quando soprados pelo vento, roçavam e arranhavam, espetavam e apunhalavam, enquanto eu corria de um lado a outro do campo, na tentativa de fugir, e a mulher me vigiava. Onde ela estava agora?

— Por que não entra na cozinha e eu lhe preparo uma xícara de chá? Não seria agradável? O que quer dizer? Há quanto tempo ficou parado aí? Mas foi ela quem me atacou! Eu só tentava me defender. Vou levá-la para casa agora, assim que resolvermos essa situação.

Ele disse outra coisa e ouvi o ruído do piso de plástico. Um passo, seguido de um ruído arrastado, mais uma vez um passo, então o movimento arrastado.

Impeli-me para cima, numa posição sentada, e depois me segurei na cama tentando me levantar. Rosaleen, ocupada demais em conversar com o homem, não percebeu que me levantei. Eu não ouvia o que o homem dizia, mas a voz dela havia endurecido. Perdera aquele gume nervoso, amável, e voltara à de Rosaleen momentos antes. Possessa.

“Possessiva”, refletira irmã Ignatius quanto à minha suspeita sobre Rosaleen, semanas atrás. “Que interessante escolha de palavra!”

— Por isso é que nunca me deixou entrar no quarto? Assim é que pretendia que eu descobrisse? Você sabe que isso não é certo.

Mais uma vez a voz dele, seguida por uma pisada forte, depois o arrastar da perna.

— E o que é isso?

Ela, afinal, tirou o braço das costas e brandiu o móbile de vidro que me fora dado de presente. Me deu vontade de gritar que era meu, mas havia tanta comoção no corredor...

— Sabe que isso não fazia parte do trato, Laurie. Tive o prazer de deixá-lo brincar com o vidro porque você o desejava muito, achei que o fogo e o vidro lhe proporcionariam uma cura saudável depois de... bem depois de tudo, mas você levou a coisa longe demais. Arruinou tudo, arruinou absolutamente tudo. As circunstâncias têm de mudar agora, com toda certeza têm de mudar.

“Laurie. Laurence Kilsaney *RIP*.”

Gelei. Ela imaginava ou via um fantasma. Não, não era isso. Eu também o ouvia.

Proferiram-se algumas palavras furiosas e, então, Rosaleen lançou o braço para trás e jogou o móbile de vidro no corredor. Ouvi um grito. Em seguida, ela mergulhou em cima dele e vi uma bengala girar e empurrá-la para trás, fazendo-a cair de costas contra a parede, com um baque. Olhou-o, cheia de medo, e recuei para um canto, aconcheguei a cabeça entre as pernas, apenas querendo sair dali, querendo estar em qualquer lugar, menos ali, mas sem conseguir me mexer.

— Rose? — Ouvi uma voz chamar.

— Sim, mamãe — ela respondeu, esforçando-se para ficar em pé, a voz trêmula. — Já vou, mamãe.

Lançou um último olhar ao homem e, em seguida, atravessou o corredor às pressas, até a porta da sala de televisão.

O homem parou no vão da porta e eu me preparei, mas, quando o vi, gritei. Sob os compridos cabelos ralos, um rosto muito distorcido me encarou de volta. Um dos lados parecia que derretera e fora repuxado, e a pele recolocada no lugar errado. Ele logo levou a mão aos cabelos e tentou tapar o rosto. Usava mangas longas, mas, quando ergueu a mão até o rosto, esta se revelou um cotoco. Tinha o lado esquerdo totalmente deformado, o ombro caído se assemelhava a uma vela derretida que deslizava pelo lado esquerdo do corpo, olhos grandes e azuis, um, encaixado à perfeição, numa moldura de pele lisa e macia, o outro, tão repuxado para baixo que parecia saltar da órbita e revelava, além do branco do olho, tudo o que existia embaixo. Ele começou a capengar em minha direção e eu comecei a chorar.

Ouvi a porta dos fundos se abrir e o vento soprar forte e rápido ao entrar. Ouvi passos no revestimento de plástico e o homem que Rosaleen chamara de Laurie se virou, apavorado.

— Deixe-a em paz! — gritou a voz de Weseley, e Laurie ergueu as mãos no

ar, com a expressão chocada, triste e abalada.

Então, Weseley entrou e me viu. Eu devia estar horrível, pois seu semblante se alterou. Tomado de raiva, ele empurrou Laurie contra a parede, a mão no pescoço do queimado.

— O que foi que você fez com ela? — ele grunhiu na cara de Laurie.

— Solte-o! — ouvi a mim mesma dizer, mas não consegui emitir os sons.

— Tamara, saia daqui! — ordenou Weseley, o rosto vermelho, as veias latejavam no pescoço pelo esforço em manter o homem afastado.

Não sei como, mas, afinal, me levantei, peguei o diário e me impeli para frente. Consegui pôr a mão em Weseley para detê-lo. Ele libertou Laurie, me agarrou, me empurrou quarto afora, empurrou Laurie para dentro, bateu a porta e a trancou. Tirou a chave e a enfiou no bolso, enquanto ouvi o homem gritar por ajuda, para que o soltassem.

Capítulo 23

Migalhas

No momento em que cheguei ao fim do corredor, Rosaleen surgiu impetuosa após contornar a quina da casa, para me bloquear. Saíra, era óbvio, pela porta da frente. Estendeu o braço e agarrou minha mão, mas não avancei o suficiente para me afastar de seu alcance e ela enterrou as unhas na minha pele e tentou me deter. Gritei.

— Siga-me! — disse Weseley, que se virou e correu.

Embora eu corresse, fui, bruscamente, jogada para trás quando Rosaleen me agarrou pelos cabelos e tentou me puxar. Dei-lhe uma cotovelada pesada no estômago, que a fez me soltar. Apesar de seu comportamento comigo na última hora, ainda me sentia mal em machucá-la e parei para ver se a deixara bem. Dobrada em duas, tentava recuperar o ar.

— Tamara, venha! — gritou Weseley.

Mas não pude. Que ridículo! Eu não entendia por que brigávamos, por que ela se voltara contra mim. Tinha de ver se Rosaleen ficara bem. Me aproximei, ela ergueu os olhos, recuou o braço direito e me deu um tapa com toda força no rosto. Senti a dor aguda muito depois de a mão se desprender. Weseley rebocou-me e não me restou outra opção senão correr.

Saímos correndo pelo jardim dos fundos e passamos pelo galpão, que separava a casa do campo de vidro secreto. Uma vez no campo, me dei conta de como o vento se intensificara. Soprava tempestuoso e meus cabelos formavam vagalhões furiosos em volta do rosto, às vezes me cegavam e às vezes uma mecha enchia minha boca. Weseley apertava minha mão com tanta força que precisei da outra para me equilibrar, enquanto corríamos pela relva cheia de protuberâncias, de modo que não pude tirar os cabelos do rosto. Os vidros balançavam violentos ao vento, de um lado para o outro, mas sem ritmo, por isso

era difícil julgar se iam nos atingir enquanto passávamos desenfreados. Era difícil se esquivar e evitar ser arranhada por suas arestas pontiagudas.

Segurava, apertado, a mão de Weseley e me lembro de pensar: “Não a solte, em momento algum a solte”. De vez em quando, ele se virava para se certificar de que eu continuava ali, embora tivesse a mão tão cerrada na minha que me esmagava os dedos. Vi a preocupação no seu rosto, o pânico nos olhos. Estávamos nisso juntos e jamais me sentira tão grata por ter um amigo como ele. Abaixamos, sob os varais de móbiles de vidro, e nos dirigimos até a extremidade do jardim. Weseley começou a planejar uma forma de pularmos o muro. Parei ali, em rigorosa vigilância, sentia a pele aguilhoando quando os arranhões nos braços, e talvez no rosto, começaram a sangrar e o vento frio os atingiu. Vigiava Rosaleen, que logo surgia no galpão e examinava o jardim à nossa procura. Nossos olhos se encontraram. Ela se precipitou para frente.

Weseley se moveu rápido, juntou caixotes e blocos de concreto e empilhou-os muito alto, para que pudéssemos escalar o muro. Subiu e, por fim, conseguimos chegar ao topo.

— Certo, Tamara, eu levanto você.

Dei-lhe o diário e ele me ergueu pela cintura. Me esforcei para me impelir até o topo, arranhava os cotovelos nus no concreto e batia os joelhos no muro, mas, por fim, cheguei lá. Weseley me entregou o diário e saltei para o campo, no outro lado. A dor disparou pelos tornozelos e pernas acima quando atingi o chão. Weseley saltou logo atrás de mim. Agarrou minha mão mais uma vez e corremos.

Do outro lado da estrada e direto para a guarita, gritei por Arthur e mamãe, entre pesadas arfadas. Nenhuma resposta. A casa nos encarava silenciosa, com os aposentos vazios, o tique-taque do relógio de vovô na parede era o único ruído. Ambos nos precipitamos escada acima e abaixo, escancaramos portas e gritamos no interior de cada beiral. Já estava preocupada antes disso, então, comecei a entrar em pânico. Me sentei na cama, o diário nos braços, sem saber o que fazer. Em seguida, ao abraçá-lo apertado e desatar a chorar, tudo ficou claro.

Abri o diário. Devagar, mas certo, as páginas queimadas começaram a se

desenroscar bem diante de meus olhos, desenrolavam-se e se estendiam, as palavras desenlaçadas surgiam em rabiscos irregulares e desordenados, como se escritas em pânico cego.

— Weseley — chamei.

— Sim! — ele gritou do pé da escada.

— Temos de nos mandar — berrei.

— Para onde? — berrou ele. — Devíamos chamar a polícia. O que é que você acha? Quem era aquele cara? Meu Deus, você viu o rosto do sujeito?

Eu ouvia a adrenalina bombeando pelas palavras dele.

Me levantei rápido. Rápido demais. Todo o sangue se precipitou para minha cabeça e fiquei zonza. Pontos pretos se formaram diante dos olhos e me esforcei para continuar a andar, na esperança de que terminassem por desaparecer. Fui até o corredor, apoiando na parede, e tentei inspirar profundamente. A pulsação na testa batia num ritmo enlouquecido, senti a pele quente e pegajosa.

— Tamara, o que aconteceu? — Foi só o que ouvi.

Senti o livro cair de minha mão e atingir o chão com um baque. Depois disso, nada.

Acordei e me vi encarando uma imagem da Virgem Maria, que me sorria, envolta num véu azul-bebê. Os lábios finos sorriam e me diziam que tudo ia ficar bem, com as mãos estendidas e abertas, como se me dessem algum presente invisível. Então, me lembrei do que acontecera no bangalô e me sentei, sobressaltada. Minha cabeça parecia estar sendo esmagada, como se a pressão da atmosfera me empurrasse para o chão.

— Ai! — gemi.

— Xiiu, Tamara, você precisa se deitar. Relaxe agora — disse irmã Ignatius com toda a calma; tomou minha mão e pôs a outra em meu ombro para tornar a me estender delicadamente na cama.

— Minha cabeça — disse, me deitei e olhei para ela.

— Que pancada detestável você levou! — ela disse. Pegou um pano, molhou-o num prato e fez cuidadosas aplicações na pele acima do olho.

Aguilhoou e eu fiquei tensa.

— Weseley... — Entrei em pânico ao olhar em volta e afastei sua mão de mim. — Onde está ele?

— Com a irmã Conceptua. Está bem. Carregou você até aqui. — Ela sorriu.

— Tamara! — Ouvi outra voz e mamãe se aproximou, apressada, de mim. Ela se ajoelhou. Parecia diferente. Estava sem camisola, em primeiro lugar. Tinha os cabelos puxados para trás, presos num rabo de cavalo, e o rosto mais magro, porém, eram os olhos... apesar de inchados, como se ela estivesse chorando, desprendia-se, mais uma vez, vida deles. — Você está bem?

Eu não conseguia acreditar que ela saíra da cama. Não parava de encará-la, examinava-a, esperando que entrasse em transe de novo. Mas mamãe se curvou e me beijou com força na testa, tanta força que quase doeu. Deslizou os dedos pelos meus cabelos, me beijou outra vez e disse que sentia muito.

— Ai! — Retraí-me quando ela tocou a ferida.

— Ah, meu amor, me desculpe! — Logo tirou a mão e recuou para me examinar. Parecia preocupada. — Weseley disse que a encontrou num quarto. Tinha um homem, com cicatrizes...

— Ele não me agrediu. — Saltei logo em defesa dele, embora não soubesse de fato por quê. — Rosaleen apareceu. Estava muito furiosa. Não parou de cuspir mentiras a respeito de você e papai. Corri até ela para mandá-la parar e ela me empurrou... — Levei a mão ao corte. — É grave?

— Não vai deixar cicatriz. Me conte sobre o homem. — A voz de mamãe tremia.

— Os dois brigavam. Ela o chamou de Laurie. — Lembrei-me de repente.

Irmã Ignatius se apoiou com força no sofá, como se o chão rodopiasse sob seu corpo. Mamãe a olhou, a mandíbula enrijecida, e, então, tornou a me olhar.

— Então, é verdade! Arthur dizia a verdade.

— Mas não é possível! — sussurrou irmã Ignatius. — Nós o enterramos, Jennifer. Ele morreu no incêndio.

— Não morreu, irmã. Eu o vi. Vi seu quarto. Ele tinha centenas de fotografias espalhadas em todas as paredes.

— Ele adorava fotografar — ela disse baixinho, como se pensasse em voz alta.

— Todas de mim! — eu comentei, e desviei o olhar de uma para outra. — Me fale dele. Quem é?

— Fotografias? Weseley não falou delas — disse irmã Ignatius, trêmula, o rosto pálido.

— Ele não as viu, mas eu vi tudo. Minha vida inteira nas paredes. — As palavras contraíram minha garganta, mas continuei. — O dia em que nasci, o batizado. — Olhei-a, então, e uma raiva me tomou. — Vi você.

— Oh! — Mamãe arremeteu os dedos esquálidos, enrugados, à boca. — Oh, Tamara!

— Por que você não me contou? Por que as duas mentiram?

— Eu queria tanto lhe contar! — Irmã Ignatius tomou a dianteira. — Eu lhe disse que jamais mentiria e que poderia me perguntar qualquer coisa, mas você nunca perguntou. Esperei e esperei. Não creio que coubesse a mim, mas devia tê-lo dito. Compreendo, agora.

— Não devíamos ter deixado que você descobrisse dessa maneira — disse mamãe, a voz ainda trêmula.

— Bem, nenhuma das duas teve coragem de fazer o que Rosaleen fez. Ela me contou. — Empurrei a mão de mamãe e virei o rosto para o outro lado. — Me contou uma história ridícula sobre papai chegar aqui com vovô, pois queria comprar o lugar para transformá-lo num spa. Disse que ele conheceu mamãe e me conheceu.

Olhei, então, para mamãe, à espera de que me dissesse que tudo não passava de mentira.

Ela ficou calada.

— Me diga que não é verdade.

Meus olhos se encheram de lágrimas e minha voz tremeu. Tentava ser forte, mas não conseguia. Era demais. Irmã Ignatius se benzeu. Vi que ficou abalada.

Mamãe começou a chorar e parou de novo, inspirou fundo e encontrou força em algum lugar. Quando falou, tinha a voz firme e mais profunda.

— Tudo bem, escute, Tamara! Você tem de acreditar que não lhe contamos porque julgamos que era o certo a fazer anos atrás, e George... — oscilou. — George a amava tanto, com todo o coração, como se você fosse sua própria filha!

Gani diante disso, não podia acreditar no que ouvia.

— Ele não queria que eu lhe contasse. Brigávamos por causa disso o tempo todo. Mas a culpa é minha. Tudo culpa minha. Sinto muitíssimo!

Lágrimas escorriam copiosas pelo seu rosto e, embora eu não quisesse sentir qualquer coisa, não quisesse encará-la e mostrar como ela me magoara, não consegui. Não podia me controlar. Meu mundo mudara de forma tão violenta que eu estava fora de órbita.

Irmã Ignatius se levantou e pôs a mão na cabeça de mamãe, como se tentasse ferozmente deter suas lágrimas, enxugar seu rosto e me reconfortar. Eu não podia olhar para mamãe, por isso meus olhos acompanharam a irmã quando ela se dirigiu para o outro lado do quarto. Abriu um armário e trouxe algo de volta para mim.

— Tome. Tenho tentado lhe dar isso faz algum tempo — disse, com os olhos marejados. Era um presente.

— Irmã, eu realmente não estou no clima para presentes de aniversário nesse momento, levando-se em conta o fato de mamãe dizer que mentiu para mim a vida toda.

Falei com veneno e mamãe contraiu os lábios e sua testa se vincou. Ela assentiu devagar com a cabeça, aceitando qualquer coisa que eu lhe lançasse. Tive vontade de gritar ainda mais com ela. Queria aproveitar a oportunidade para dizer todas as coisas ruins do mundo que sempre sentira em relação a ela, assim como fazia quando brigava com papai, mas me controlei. Consequências. Repercussões. O diário me ensinara isso.

— Abra-o — disse irmã Ignatius com severidade.

Rasguei o papel. Era uma caixa. Dentro da caixa, um pergaminho enrolado. Olhei para ela em busca de respostas, mas ela se ajoelhara a meu lado, as mãos entrelaçadas e a cabeça mergulhada em profunda oração.

Desenrolei o pergaminho: uma certidão de batismo.

Atesta-se, por esta certidão de batismo, que Tamara Kilsaney
nasceu no dia 24 de julho de 1991, em Kilsaney Castle,
County Meath, e foi apresentada ao mundo, com amor,
por sua mãe, Jennifer Kilsaney, e pelo pai, Laurence Kilsaney, neste dia: 1º de janeiro de 1992.

Eu encarei a página, li-a repetidas vezes, na esperança de que meus olhos me houvessem enganado. Não sabia por onde começar.

— Bem, primeiro o mais importante. Eles escreveram a data errada.

Tentava soar confiante, mas a voz saiu patética e eu o senti. Tratava-se de algo que não podia superar com sarcasmo.

— Sinto muito, Tamara! — repetiu irmã Ignatius.

— Então, é por isso que você não parava de dizer que eu tinha 17 anos! — Me lembrei de todas as nossas conversas. — Mas se esta era a certa, eu faço 18 anos hoje... Marcus! — Ergui os olhos para a irmã. — Vai deixá-lo ir para a cadeia?

— Como? — Mamãe olhava de uma para outra. — Quem é Marcus?

— Não é da sua conta — respondi, ríspida. — Talvez eu conte para você daqui a vinte anos.

— Tamara, por favor! — ela suplicou.

— Ele poderia ter ido para a cadeia — eu disse, furiosa, à irmã Ignatius.

Ela balançou com violência a cabeça.

— Não! Pedi inúmeras vezes a Rosaleen que lhe contasse. Se não para você, que contasse ao policial. Ela continuou insistindo que ele ficaria bem, mas tomei a frente. Informei Fitzgibbon. Fui a Dublin me encontrar com ele e dei-lhe, eu mesma, a cópia dessa certidão. Havia também uma acusação de invasão ilegal de domicílio, mas, como se levaram em consideração as circunstâncias, eles retiraram tudo.

— Retiraram o quê? O que aconteceu? — perguntou minha mãe, e olhou preocupada para irmã Ignatius.

“Deus do céu, Tamara, se você não sabe disso a essa altura, tem muito mais problemas do que pensei. Escute, desejo-lhe boa sorte em tudo, porém... não me telefone mais”, essa fora nossa última conversa. Ele soubera, então, por que haviam retirado as acusações. Que confusão de pessoa era eu que nem sequer sabia minha própria idade? Ficara tão aliviada por Marcus que minha raiva diminuiu momentaneamente. Em seguida, o alívio se esvaiu e eu, mais uma vez, me enfureci. A cabeça martelava, levei a mão à ferida. Eles haviam me alimentado com mentiras, largando em seu caminho uma trilha de migalhas de pão a qual eu fora obrigada a seguir, para descobrir a verdade sozinha.

— Assim, me deixe esclarecer tudo para entender melhor. Rosaleen não mentiu. Laurie é meu pai. A aberração... com as fotografias? — gritei. — Por que ninguém me disse? Por que todo mundo mentiu? Por que todos vocês me deixaram pensar que perdi meu pai?

— Oh, Tamara, George era seu pai! Ele a amava mais que tudo no mundo. Criou-a como sua filha. Ele...

— Morreu! — gritei. — E todo mundo me deixou pensar que eu tinha perdido meu pai. Ele mentiu para mim. Você mentiu para mim. Não dá para acreditar nisso!

Me sentei, a cabeça rodopiava.

— Sua mãe acreditava que Laurie tinha morrido, Tamara. Você tinha apenas um ano de vida. Surgiu uma chance de ela começar uma vida nova. George a amava e amava você. Ela queria começar de novo. Achou que você não precisava desse sofrimento.

— E isso faz com que o que fizeram seja a coisa certa? — Dirigi-me a mamãe, embora irmã Ignatius a defendesse.

— Não, não, eu também não concordava com isso. Mas ela merecia ser feliz. Ficou tão arrasada quando Laurie morreu!

— Mas ele não morreu! — gritei. — Mora no bangalô, come sanduíches e torta de maçã todo maldito dia. Rosaleen sabia que ele estava vivo.

Mamãe desmoronou diante disso e irmã Ignatius teve de segurá-la firme nos braços, o rosto revelando seu desgosto. Parei, então, ao compreender que não era a única para quem haviam mentido. Mamãe acabara de descobrir que o homem que ela amava não morrera, afinal. De que tipo de brincadeira doentia eles vinham todos participando?

— Mãe, perdão! — eu disse baixinho.

— Oh, querida — ela fungou —, talvez eu mereça isso! Por ter mentido para você.

— Não, não, não merece. Mas esse homem tampouco a merece. Que tipo de psicótico ele deve ser para se fingir de morto?

— Creio que ele tentava protegê-la — respondeu irmã Ignatius. — Tentava dar a ambas uma vida melhor, uma vida que não podia lhes dar.

— Arthur disse que ele ficou terrivelmente desfigurado. — Mamãe olhou para mim. — Como... qual a aparência dele? Foi gentil com você?

— Arthur? — De repente, fiquei mais uma vez alerta. — Arthur Kilsaney? Ele é irmão de Laurie?

Mamãe assentiu com a cabeça e outra lágrima escorreu.

— Nossa, é uma coisa atrás da outra! — comentei, mas não com tanta raiva

desta vez.

Não tive energia.

— Ele não queria levar isso adiante — mamãe explicou, também esgotada a essa altura. — Agora faz sentido para mim por que Arthur se mostrou tão contra a ideia de meu casamento. Disse que queria ser sempre seu tio. Nunca dissemos que ele era meu irmão. Não até você supor que fosse e depois... — Ela descartou o comentário com um aceno da mão, ao sentir o ridículo de toda a situação.

Weseley chegou ao quarto nesse momento.

— Confirmado, os policiais estão a caminho. Tudo bem? — Me olhou. — O cara machucou você?

— Não, não, não foi o cara. Ele me salvou de Rosaleen.

— Mas pensei que ele...

— Não. — Balancei a cabeça.

— Tranquei-o no quarto — disse Weseley, com um ar culpado, e retirou a chave do bolso. — Achei que tentava fazer mal a você.

— Oh, não! — Minha raiva passou. Senti pena dele, que viera me defender. Vinha estendendo a mão para me dar presentes. Lembrara-se de meu aniversário. Décimo oitavo aniversário. Claro que se lembraria! E como eu lhe agradecera? Trancara-o, ficara isolado de tudo.

— Onde está Arthur? — perguntou irmã Ignatius.

— Foi para o bangalô, ao encontro de Rosaleen.

Então, me lembrei: o diário.

— Não!

Me esforcei para levantar de novo.

— Querida, você tem de relaxar — disse mamãe e tentou me acomodar outra vez, mas me levantei de um salto.

— Ele precisa sair de lá! — Entrei em pânico. — O que estive fazendo aqui

esse tempo todo? Weseley, chame o corpo de bombeiros, rápido!

— Por quê?

— Meu bem, apenas relaxe agora — insistiu mamãe preocupada. — Deite-se e...

— Não, me escutem. Weseley, está no diário. Tenho de detê-lo. Chame o corpo de bombeiros.

— Tamara, não passa de um livro, é apenas...

— Acertou cada dia, sem exceção, até agora — respondi.

Ele assentiu com a cabeça.

— Do que estão falando? — perguntou mamãe de repente e se encaminhou para a janela.

Acima das copas das árvores, nuvens de fumaça se elevavam no céu.

— Rosaleen — declarou a irmã com tanto veneno que me causou calafrios. — Chame o corpo de bombeiros — disse para Weseley.

— Dê-me a chave — agarrei-a de sua mão e me precipitei quarto afora. — Tenho de tirá-lo de lá. Não vou perdê-lo de novo.

Ouvi todos me chamarem enquanto corria, mas não parei, não lhes dei atenção. Atravessei em disparada por entre as árvores e segui o cheiro, me dirigi para o bangalô. Acabara de perder o pai que me criara. Não estava a fim de perder outro.

Capítulo 24

Sonhos com Pessoas Mortas

Quando cheguei ao bangalô, havia uma radiopatrulha estacionada do lado de fora. Vi Rosaleen parada, em pé, no gramado, ao lado da mãe. Um policial meio impaciente falava com ela e não parava de perguntar se havia mais alguém lá dentro. Rosaleen se lamentava, cobria o rosto com as mãos, e olhava a casa como se não conseguisse se decidir. Além do guarda, Arthur também ladrava com a mulher, sacudia-lhe pelos ombros e tentava fazê-la responder.

— Ele está no galpão! — ela soltou, afinal, um grito esganiçado.

— Não está, eu olhei! — berrou Arthur.

— Ele tem de estar! — Rosaleen afirmou, com o mesmo grito esganiçado. — Ele tem de estar. Sempre trancava a porta do quarto quando ia para o galpão.

— Quem? — Mais uma vez o guarda perguntava repetidas vezes. — Quem está na casa?

— Ele não está lá! — A voz de Arthur saiu rouca. — Meu Deus, mulher, o que foi que você fez?

— Ai, meu Deus! — Mais uma vez ela gritava estridente, sem parar. A mãe chorava baixinho.

Sirenes lamuriavam ao longe.

Ignorei-os e passei despercebida por todos, tomei a passagem lateral e entrei pela porta dos fundos do bangalô. Fumaça, em todos os lugares, enchia os corredores, tão preta e espessa que, assim que a inalei, me sufoquei. Caí de joelhos, ofegante e com ânsias de vômito, meus olhos pinicavam e doíam tanto que os esfreguei repetidas vezes, mas isso só os piorou. Cobri meu rosto com o cardigã. Já o encharcara em água fria da torneira lá fora e pusera-o na boca e no nariz para me ajudar a respirar. Espreitando, com dificuldade, por um olho só,

tateei o caminho ao longo da parede. O plástico sob meus pés ficara perigosamente quente e pegajoso, se grudava na borracha dos tênis. Me limitei a seguir junto à lateral do corredor, onde lajotas de cerâmica revestiam o piso. Fui tateando ao lado da parede até a porta do quarto de Laurie. Quando pus a mão na maçaneta de metal, estava tão quente que a soltei e me agachei, apoiando-a com a outra mão. Eu tossia, os olhos ardiam, sentia mais ânsias de vômito e dor na mão queimada. A porta aberta no fim do corredor liberava pelo menos parte da fumaça e eu sabia que não estava longe. Sempre me restaria a possibilidade de correr porta afora.

Empurrei a chave na fechadura, na esperança de que tudo não derretesse, e a girei. Recuei e usei o pé para baixar a maçaneta, a porta se abriu. Mais fumaça me seguiu quando entrei e fechei a porta com um safanão. Os cantos das fotografias se curvavam com o calor. Não vi fogo algum, apenas fumaça preta, espessa, pesada, que machucava meus pulmões. Tentei gritar e pedir ajuda, mas não consegui, somente continuei a tossir sem parar, à espera de que ele me ouvisse e soubesse que eu estava ali.

Tateei o caminho pela cama, senti seu corpo, o rosto. O belo rosto coberto de cicatrizes, arruinado igual ao castelo, que trazia consigo uma história como aquela que tanto me atraíra. Tinha os olhos fechados; senti suas pálpebras. Sacudi-o, desloquei as mãos por todo o corpo na tentativa de despertá-lo. Nada. Estava inconsciente. Atrás de mim sentia imenso calor, sentia fogo. Logo se fecharia sobre mim, nesse quarto de fotografias. Puxei as cortinas de rede e trouxe um pouco de luz ao quarto cinzento, cheio de fumaça. Apalpei em volta para tentar abrir as janelas, porém, estavam trancadas. Não havia chaves. Peguei uma cadeira, golpeei várias vezes o vidro para quebrá-lo, mas não consegui. Tentei puxá-lo, mas era pesado demais. Tentei levantá-lo. Começava a me sentir exausta e zonza. Me deitei a seu lado, na tentativa de acordá-lo. Segurei sua mão, nós dois aconchegados na cama. Eu não ia abandoná-lo.

De repente, sonhei com o castelo, um banquete em uma mesa comprida cheia de faisões e leitões, de tudo gotejava gordura derretida, molhos, vinho e champanhe, o mais delicioso pato com legumes. Em seguida, me encontrava com irmã Ignatius e ela gritava para que eu empurrasse, contudo, eu não sabia o

que empurrar. Não a via, apenas a ouvia. Então, a escuridão se desfazia e o quarto se enchia de imensa luz maravilhosa, e me via nos braços de irmã Ignatius. Então, eu alcançava ao campo de vidro, corria, corria, com Rosaleen furiosa em meus calcanhares. Eu segurava a mão de Weseley exatamente como antes, só que não era Weseley, era Laurie. Não como eu o conhecia desse dia, mas como o vira, pela primeira vez, nas fotografias: bonito, jovem, travesso. Ele se virava e sorria para mim, os perfeitos dentes brancos se abriam e se fechavam quando ria, e percebi, então, como éramos parecidos, que sempre me perguntara por que não me parecia com mamãe nem papai, e agora tudo fazia sentido. O nariz, os lábios, as maçãs do rosto e os olhos — tudo igual aos meus. Segurava minha mão e dizia que íamos ficar bem. Corríamos juntos, risonhos e satisfeitos, nada preocupados com Rosaleen, pois sabíamos que ela não podia nos alcançar. Juntos, conseguíamos correr mais rápido que o mundo. Então, vi meu pai, no fim do campo, que nos aplaudia e encorajava, como se eu houvesse me tornado de novo uma menina, nas corridas da comunidade, no clube de rúgbi. Laurie desaparecia e, por um momento, éramos apenas mamãe e eu, com a perna direita de uma amarrada à perna esquerda da outra, na corrida de Três Pés, como fazíamos quando eu era pequena. Ela exibia uma expressão ansiosa, não sorridente, mas preocupada, e, em seguida, desaparecia e Laurie retornava. Corríamos, tropeçávamos, e lá estava meu pai, rindo e aplaudindo, acenando para nós com a mão, braços abertos e prontos para nos pegar quando caíssemos ao cruzar a linha de chegada.

Logo depois, todos os móbiles de vidro explodiam em volta de nós, estilhaçavam-se em milhões de pedaços e eu perdia a mão de Laurie. Ouvia papai gritar meu nome e abria os olhos. O quarto ficava cheio de estilhaços de vidro, tudo em cima de nossos corpos, espalhados por todo o terreno, e a fumaça saía em nuvens pela janela. Vi uma garra, uma gigantesca garra amarela, desaparecer através do vidro e a fumaça se deslocar janela afora. Mas não deteve o fogo. Este destruía as fotografias, propagava-se por elas com tamanha velocidade e ferocidade que corroía tudo à nossa volta e nos deixava por último. Seríamos os próximos. Então, vi Arthur. Vi irmã Ignatius. Vi o rosto de minha mãe, viva, presente, aterrorizada. Ela estava do lado de fora, se movia, falava, e,

apesar de sua apreensão, me senti aliviada. Em seguida, braços me envolviam e eu chegava ao ar livre, tossindo, cuspindo. Não conseguia respirar, estendida na relva. Antes de fechar os olhos, vi minha mãe, senti-a me beijar a cabeça e depois a vi abraçar Laurie, sem parar de chorar, as lágrimas escorriam pela cabeça dele como se apenas essas lágrimas pudessem extinguir o fogo entre os dois.

Pela primeira vez, desde que encontrara meu pai no piso de seu escritório, suspirei.

Capítulo 25

A Menina

Era uma vez uma menina que morava num bangalô. A caçula da família tinha uma irmã mais velha, inteligente, e um simpático irmão mais velho, tão bonito que fazia as cabeças se voltarem na rua e atraía conversas com estranhos. A menina era o que algumas pessoas descreveriam como bebê temporão. Para os pais, que há muito tempo tinham parado de pensar em filhos, a criança não só consistia numa vinda inesperada, mas indesejada, e disso ela sabia bem. Aos 47 anos, e vinte e dois anos desde que tivera o último bebê, a mãe não estava preparada para a chegada de outro. Os filhos haviam crescido e se mudado, a filha, Helen, fora para Cork, onde trabalhava como professora de uma escola fundamental, e o filho, Brian, para Boston, onde se tornara analista de sistemas. Raras vezes vinham à casa da família. Para Brian, era caro e longe demais, e, nos feriados, sua mãe costumava ir a Cork. A menina não conhecia esses dois estranhos com os quais, raras vezes, se encontrava e chamavam a si mesmos de irmã e irmão. Eles tinham filhos mais velhos do que ela; ambos sabiam pouco sobre quem era e o que desejava a caçula. Chegara tarde demais, perdera o elo que a todos unira.

O pai era o ajudante de caça e pesca no castelo de Kilsaney, que ficava do outro lado da estrada, defronte à sua casa. A mãe, a cozinheira. A menina adorava a posição que a família ocupava, tão próxima de tamanho esplendor que as crianças na escola a consideravam parte daquilo também. Encantava-a o fato de compartilhar segredos e ouvir mexericos de que ninguém mais tinha conhecimento. Eles eram sempre os beneficiários de grandes bonificações de Natal, da comida que sobrava das refeições, dos restos de tecido ou papéis de parede de recentes reformas ou arrumações. Embora o terreno da propriedade fosse estritamente privado, permitia-se à menina brincar dentro dos muros, o que lhe proporcionava uma honra absoluta. Nada deixava de fazer para agradar à

família, como trabalhinhos ao redor da casa: ela corria do pai, Joe, até o administrador do terreno, Paddy, com recados da mãe sobre o que colher naquele dia, que legumes ele devia escolher para o jantar.

Também adorava os dias em que lhe davam permissão para entrar no castelo. Se adoecia e tinha de faltar à escola, a mãe, com toda razão, não podia largá-la em casa. Eram muito bons, o Sr. e a Sra. Kilsaney. Permitiam que a mãe a levasse para o trabalho, pois sabiam que a cozinheira não tinha onde deixar a menina e ninguém mais podia cuidar das três refeições diárias da família e alimentá-los tão bem com o dinheiro que diminuía a cada ano que passava. A menina permanecia quieta no canto da enorme cozinha, de onde observava a mãe suar o dia inteiro sobre panelas fumegantes e um fogão barulhento. Ela ficava quieta, jamais dava trabalho, mas absorvia tudo o que ocorria em volta: absorvia a culinária da mãe e as atividades da casa também.

Notava que, todas as vezes que o Sr. Kilsaney tinha de tomar uma decisão, desaparecia no gabinete de carvalho e parava no meio do aposento com as mãos nas costas, enquanto contemplava os retratos dos antepassados, que o encaravam, majestosos, de seus grandes quadros a óleo com elaboradas molduras douradas. Saía da sala de carvalho, queixo erguido, partia para a ação como se fosse um soldado que acabara de receber uma boa repreensão do primeiro-sargento.

Ela também via que a Sra. Kilsaney, que vivia tão enlouquecida com seus nove cachorros e corria pela casa num frenesi, ao tentar pegá-los, não percebia muito o que se passava em volta. Prestava mais atenção nos cachorros, sobretudo no spaniel King Charles, chamado Messy, que era o único que não se conseguia domesticar e que tomava conta da maioria de suas ideias e conversas. Não notava os dois filhos pequenos, que brincavam pelos corredores em busca de sua atenção, nem o afeto do marido pela arrumadeira, nada atraente, Magdelene, que revelava um dente preto quando sorria e passava grande tempo espanando a poeira do quarto do amo, quando a Sra. Kilsaney se encontrava ao ar livre com os cachorros.

A menina observava que o que deixava a Sra. Kilsaney furiosa eram flores

murchas. Ela inspecionava cada vaso ao passar, quase como se fosse uma obsessão. Sorria maravilhada quando a freira chegava, de dois em dois dias, com buquês novos de seu jardim murado. Então, assim que a porta se fechava, ela remexia nas flores, enquanto resmungava e arrancava qualquer coisa menos que perfeita. A criança adorava a Sra. Kilsaney, admirava seus terninhos de tweed e botas de cavalaria, que usava mesmo nos dias em que não cavalgava. Decidira, porém, que jamais permitiria que tantas coisas se passassem em sua própria casa sem seu conhecimento. Embora adorasse a senhora, julgava-a uma idiota.

Não via com bons olhos o marido da senhora, que fazia traquinagens em plena luz do dia com a arrumadeira medonha, fazendo-lhe cócegas por trás, com um espanador, e agia de modo mais infantil do que ela própria, uma criança. O Sr. Kilsaney a considerava muito pequena para notá-lo, para entender o que acontecia. Não gostava muito dele, porém, ele a julgava uma boba.

A menina observava tudo. Fez um pacto consigo mesma de sempre saber o que se passava em sua casa.

Adorava ver os dois meninos. Sempre tramavam alguma travessura, sempre corriam pelos corredores, derrubavam coisas e faziam a criada gritar, o que causava a maior confusão. Observava o mais velho o tempo todo. Era sempre ele que iniciava o plano. O caçula, mais sensível, dava continuidade apenas porque queria cuidar do irmão mais velho, Laurence, ou Laurie, como o chamavam. Embora nunca notasse a menina, ela estava sempre ali, nas imediações, e se sentia envolvida, sem ser convidada, como se brincassem juntos em sua imaginação.

O mais moço, Arthur, ou Artie, como o chamavam, notava-a. Não a convidava para brincar, nada vinha de sua própria iniciativa, apenas seguia as ideias do irmão, mas, se Laurie fazia algo tolo, olhava para a menina, revirava os olhos ou lhe dizia uma pilhéria, como um ato de caridade. Ela preferia que ele não o fizesse. Queria que Laurie a notasse e, quanto mais o primogênito ignorava sua existência, maior tornava-se sua vontade de chamar-lhe a atenção. Às vezes, quando ele estava sozinho e corria, a pequena se interpunha deliberadamente em seu caminho. Gostaria que o mais velho pelo menos a

olhasse, parasse ou gritasse com ela, mas ele jamais o fazia. Contornava-a enquanto corria. Se Laurie procurava Artie numa brincadeira de esconde-esconde, ela o ajudava e apontava-lhe o esconderijo. Ele não mostrava notar sua presença, ia procurar em outro lugar. Depois, gritava para Artie que ia desistir de procurá-lo. Nada queria dela.

A menina ficava muito tempo em casa, sem ir à escola, apenas para poder passar um tempo no castelo. O melhor era nas férias de verão, pois tinha todos os dias livres, a sós, no terreno da propriedade, sem precisar fingir tosse ou dor de barriga. Foi durante um desses verões, quando a menina tinha 7, Artie, 8, e Laurie, 9 anos, quando ela se encontrava lá fora, no terreno, e brincava sozinha, como sempre, que a mãe a chamou ao castelo. Os Kilsaney iam passar o dia fora, numa caça à raposa, com os primos em Balbriggan. A Sra. Kilsaney pedira-lhe que subisse até o quarto para ajudá-la a colocar o vestido, um longo de seda cor de azeitona, a ser usado com pérolas e um casaco de pele. A mãe da menina ia ficar no comando durante o dia e, quando ela chegou diante do castelo, viu, pela expressão no rosto dos meninos, que eles estavam aborrecidos.

— Faz um dia lindo para brincar aqui fora, tomar um pouco de ar fresco e não atrapalhar meu trabalho — disse a mãe da menina. — Rosaleen vai brincar com vocês.

— Não quero brincar com ela — respondeu Laurie mal-humorado, ainda sem olhá-la; mas, pelo menos, a criança soube que não era invisível para ele, que ele a via, afinal.

— Sejam bonzinhos com ela, meninos! Digam olá a Rosaleen.

Os dois cerraram os lábios, mas a mãe da menina ralhou com eles.

— Olá, Rosaleen — ambos resmungaram; Laurie, cabisbaixo, Artie, com um sorriso tímido.

A menina não tinha nome antes disso. Quando o ouviu passar pelos lábios de Laurie, parecia que fora batizada.

— Agora, fora daqui! — disse a cozinheira, e os meninos saíram correndo.

Rosaleen os seguiu.

Assim que se embrenharam na floresta, pararam de correr quando Laurie foi examinar um formigueiro.

— Sou Artie — disse o mais moço.

— Não fale com ela! — Laurie bufou de raiva, pegou um graveto no chão e o brandiu como se combatesse com o irmão.

Depois, os ignorou e se concentrou em espetar o buraco num tronco de árvore. De repente, ouviram vozes e Laurie, ouvidos aguçados, acompanhou o ruído. Ergueu a mão no alto, todos pararam, espiaram por entre as árvores e viram o zelador do terreno, Paddy, ajoelhado, remexer num arbusto espinhoso, e, no carrinho de mão, ao lado, uma menina de uns 2 anos, com cabelos louros claríssimos.

— Quem é aquela? — perguntou Laurie, e a voz transmitiu sinais de advertência ao coração de Rosaleen, mas, excitada por causa da primeira conversa de ambos, ela respondeu, com peito martelando, e consciente de sua voz, desejando que ela saísse toda perfeita para ele.

— Aquela é Jennifer Byrne — disse, sempre muito formal e correta, como falava a Sra. Kilsaney. — Paddy é o pai dela.

— Vamos chamá-la para brincar! — sugeriu Laurie.

— Ela não passa de um bebê! — protestou Rosaleen.

— É engraçada — disse Laurie, ao observá-la passar o tempo no carrinho de mão.

Daquele dia em diante, formou-se o quarteto. Laurie, Artie, Rosaleen e Jennifer brincavam juntos todos os dias. Jennifer, porque era convidada, Rosaleen, porque haviam sido obrigados. Rosaleen nunca se esqueceu disso. Mesmo quando Laurie a beijou nos arbustos, ou quando os dois namoraram por algumas semanas, ela sempre soube que a pequena Jennifer era sua preferida. Sempre fora. Conquistara-o. Fosse pelas coisas que ela dizia ou pela maneira de se locomover, Laurie extasiava-se, sempre queria estar ao lado da menina.

Jennifer foi ficando ainda mais linda a cada ano que passava, embora

continuasse totalmente alheia à sua beleza. Os seios grandes, a cintura fina, o quadril que, de repente, surgiu, durante um verão. Sem mãe desde os 3 anos, era a própria menina sapeca, se pendurava em árvores, corria atrás de Laurie e Artie, despia-se e mergulhava nos lagos sem uma única preocupação no mundo. Sempre tentava convencer Rosaleen a se juntar à brincadeira, nunca entendera por que a outra não queria. Por outro lado, Rosaleen esperava o momento propício. Sabia que o número de menina moleca se desgastaria com os meninos. Eles perderiam o interesse. Um dia, desejariam encontrar uma verdadeira mulher e esta seria ela. Talvez se tornasse parecida com a Sra. Kilsaney, poderia cuidar do castelo, preparar a comida, treinar os cachorros, certificar-se de que a freira lhe trouxesse nada menos que flores perfeitas. Sonhava que Laurie, um dia, seria dela, os dois morariam juntos no castelo, ela cuidaria dos cachorros e das flores, enquanto Laurie receberia inspiração, na sala de carvalho, dos antepassados nas paredes.

Quando os irmãos partiram para o internato, Laurie escrevia apenas para Jennifer. Artie, para as duas. Rosaleen jamais deixou que Jennifer soubesse disso. Fingia que também recebera uma carta, mas era pessoal demais para ler em voz alta. A outra não parecia se incomodar, pois tinha muita confiança na amizade, o que deixava Rosaleen ainda mais ciumenta. Então, quando os garotos foram para a faculdade, a esclerose múltipla da mãe da jovem começou a se agravar, o pai idoso adoecera, eles precisavam de dinheiro, e o irmão e a irmã dela moravam longe demais para ajudá-los. Em consequência, os pais passaram a depender da filha, que jamais haviam desejado, para cuidar deles. Rosaleen fora obrigada a abandonar a escola e a assumir o trabalho da mãe, no castelo, enquanto Jennifer continuou a prosperar, e viajava a Dublin para visitar os amigos.

Aqueles foram os piores dias para Rosaleen. As semanas eram longas e tediosas sem eles. Vivia para Laurie retornar; vivia na mente, sonhava com tudo o que existira no passado e criava tudo que poderia acontecer no futuro, enquanto ambos se achavam distantes na cidade, ocupados em atividades emocionantes — Laurie, na faculdade de Belas-Artes, enviava para casa seu trabalho em vidro; Artie estudava horticultura e Jennifer recebia propostas de

trabalhar como modelo todas as vezes que saía à rua. Quando eles retornavam para casa, durante as férias, a vida de Rosaleen não podia ser mais feliz, a não ser por ansiar que Laurie a olhasse como olhava para Jennifer.

Não sabia desde quando se desenrolava o romance dos dois. Podia supor apenas que começara em Dublin, enquanto ela ficava em casa depenando faisões e eviscerando peixes. Se perguntava se, algum dia, eles teriam contado a ela, se não fosse pelo constrangedor dia em que o levara à macieira para lhe dizer, afinal, como se sentia e lhe mostrara a inscrição na árvore: “Rose ama Laurie”. Tinha tanta certeza de que o deixaria tão estupefato que ele a veria pela primeira vez como ela, de fato, era, em que medida vinha fazendo o castelo progredir sem ele, como era competente e capaz! Imaginara aquele dia havia meses, anos.

Mas não aconteceu exatamente como ela imaginara durante todos aqueles anos e meses, enquanto ficava sozinha na cozinha do castelo. A vida se tornou sombria e fria então. O pai faleceu, os meninos retornaram da faculdade para comparecer ao enterro, a irmã mais velha tentara levar a mãe consigo, para Cork. Contudo, sem a mãe, Rosaleen nada tinha. Prometeu cuidar dela. Jennifer ofereceu-lhe uma firme amizade e ela a aceitou, embora o tempo todo a odiasse. Odiava tudo o que Jennifer dizia e fazia, odiava o fato de que Laurie houvesse se apaixonado por ela.

No outono de 1990, Jennifer engravidou. A vida de Rosaleen desmoronou. Jennifer foi acolhida em Kilsaney de braços abertos. A encantada Sra. Kilsaney mostrou a ela os guarda-roupas, o vestido de casamento, tudo o que devia ter sido de Rosaleen. A futura sogra convidava a jovem e seu pai para jantarem toda semana. Rosaleen cozinhava para eles. A humilhação ultrapassou o limite do suportável.

A criança nasceu duas semanas antes do prazo, sem tempo suficiente para chegar ao hospital. Rosaleen correra pela noite escura para buscar a idosa freira. Eles tiveram uma menina. Deram-lhe o nome de Tamara, em homenagem à mãe de Jennifer. Embora ainda não unidos pelo matrimônio, o casal passou a morar no castelo. Rosaleen e Arthur foram os padrinhos do batizado, que se realizou na capela do castelo.

Mas a vida no castelo não era nada fácil. Os Kilsaney enfrentavam dificuldades financeiras para continuar a sustentá-lo, o dinheiro não entrava, eles começaram a ficar desesperados. Todos aqueles aposentos para arrumar, aquecer, manter — todas as questões se tornavam demasiado incontornáveis. Iam se reunir no jantar para conversar a respeito. Rosaleen, embora escondida atrás das paredes, ouvira tudo.

Talvez abrissem o castelo ao público. Todos os sábados permitiriam ao público andar pela casa inteira, tirar fotografias das escrivaninhas do século 18 e da sala de carvalho, repleta de retratos, da capela e das cartas antigas de gerações passadas entre lordes e *ladies*, políticos e rebeldes, durante tempos de grande agitação.

— Não! — gritou a Sra. Kilsaney. — Não posso permitir que nos visitem como se fôssemos um zoológico. E, ainda assim, como vamos arcar com as despesas do lugar? Alguns ingressos de poucas libras por adulto não vão consertar o telhado, nem pagar o salário de Paddy, nem, tampouco, as contas de aquecimento.

Encontraram uma solução, contudo. Os empreiteiros Timothy e George Goodwin chegaram a Kilsaney, de Bentley, no mais lindo dia do ano, e não acreditaram em seus próprios olhos quando se descortinaram os terrenos, a paisagem, os lagos, os cervos, os faisões. Parecia um parque temático. Viam dinheiro em todos os lugares que contemplavam. Timothy Goodwin, um cavalheiro bem vestido, mas um tanto grosseiro, num terno de três peças e com um talão de cheques no bolso interno, apaixonou-se pela propriedade. George Goodwin se apaixonou por Jennifer Byrne. Foi o dia mais feliz da vida de Rosaleen. Enquanto os servia, durante o banquete na magnífica sala de jantar, não pôde deixar de observar que George Goodwin só tinha olhos para Jennifer, que quase não tinha nada a dizer a Laurie e muito tempo para brincar com a criança. Todos à mesa o notaram, com certeza Laurie também. Mas, ainda que Jennifer fosse delicada com o visitante, adorava Laurie.

Os Goodwin retornaram repetidas vezes para medir as terras, trazer construtores, arquitetos, engenheiros, supervisores. George voltara muito mais

vezes que o pai, ao assumir o comando do projeto. Rosaleen viu sua oportunidade de reconquistar Laurie. Uma noite, ela ouviu George oferecer a Jennifer o sol, a lua e as estrelas. Todos se apaixonavam por Jennifer. Era culpa dela — transmitia vibrações, colhia as pessoas em sua rede, não fazia a mínima ideia de quantas vidas arruinava ao fazer isso. Mas, embora achasse George Goodwin um homem simpático e amável, rejeitava seus avanços.

Porém, não aos olhos de Rosaleen.

Laurie a encontrara na copa a se debulhar em lágrimas e soluços incontroláveis. Não quis contar, a princípio, pois não desejava magoá-lo. Não queria se meter em assuntos que não lhe diziam respeito, Jennifer era sua amiga. Mas, com toda a delicadeza, ele a convenceu a contar o que vira. Rosaleen sentira-se mal por causar a dor que aflorara nos olhos dele. Tão mal, que quase retirou o que dissera ali, mas, quando Laurie tomou sua mão, deu-lhe um imenso abraço e disse que grande amiga ela sempre fora, como ele nunca a reconhecera, bem, nessas circunstâncias, como ela poderia voltar atrás?

Transcorreu uma longa noite numa longa briga. Rosaleen os deixou decidindo por si mesmos: suas próprias palavras, no entanto, causaram mais danos de que ela mesma jamais conseguiria. Laurie não disse à amada que fora Rosaleen quem lhe contara. Esta se alegrou ao saber e permitiu que a inocente amiga chorasse em seu ombro, ao mesmo tempo que lhe dava conselhos desanimados. Como Laurie não queria vê-la em lugar algum próximo dele, Jennifer dormiria na guarita naquela noite e foi ao encontro de Rosaleen com uma carta. Carta que esta leu e, embora nunca chorasse, as palavras da outra a comoveram a ponto de fazê-lo. O desejo de Jennifer era que ela a entregasse a Laurie, no dia seguinte.

Rosaleen queimou a carta, mas a criança, ao perambular, entrou na cozinha — a menina que mal começava a andar e se parecia tanto com o pai lhe deu um susto. Rosaleen sacudiu a carta, o fogo diminuiu, e ela a jogou na lata de lixo. Pegou a criança nos braços e tornou a deitá-la na cama. Em seguida, foi para casa.

Nessa noite, ocorreu o incêndio. Ela não tinha certeza de que fora a carta que

queimara que o causara, embora dissessem que o fogo viera da cozinha; no entanto, ninguém nunca a culpou. Laurie salvou a criança. Então, voltou para buscar alguns objetos valiosos do meio do fogo. Pelo que Jennifer soube, ele morrera naquele incêndio. Deformado, não quis que Jennifer o aceitasse de volta só porque tinha de fazê-lo. Segundo o que ele imaginava, George Goodwin conquistara seu coração e poderia oferecer-lhe mais. Embora fosse uma decisão que ele próprio tomara, um exame profundo de Rosaleen o ajudara a decidir o que era melhor. Nada lhes podia oferecer. Sem o castelo, as terras vendidas, e, além disso, perdera o uso de uma perna e de um braço. Sofrera queimaduras graves, ficara irreconhecível. Medonho, como se houvesse apodrecido. Artie não concordou, mas não conseguiu convencer o irmão a abandonar a decisão de enganar Jennifer. Os irmãos nunca mais voltaram a se falar, nem mesmo quando moravam um em frente ao outro, na mesma estrada.

Durante meses, Jennifer mergulhou em profundo luto, recusava-se a sair de casa, recusava-se a viver. Mas só se pode suportar até certo limite, sobretudo quando um belo e bem-sucedido homem batia na sua porta, queria resgatá-la e levá-la embora. Rosaleen, mais uma vez, estava no comando dessa decisão. Engendrou tudo de forma maravilhosa. Não tivera a intenção de desencadear o incêndio, nem pretendera ferir o infeliz Laurie daquele jeito, mas tudo acontecera e agira em favor dela. Artie se mudou para a casa de Paddy e os dois trabalhavam no terreno juntos. Laurie se mudou para o bangalô, onde Rosaleen podia cuidar, ao mesmo tempo, dele e da mãe. Embora lhe agradecesse todos os dias, ele não podia dar-lhe o que ela desejava. Não a amava. Dependia dela para mantê-lo vivo e a fez compreender, então, que jamais o teria exatamente como queria. Ela nunca se tornaria uma Kilsaney.

Quando Paddy morreu e Artie ficou morando sozinho na guarita, ela voltou a atenção para o caçula, ou retribuiu a atenção que ele lhe dava desde que era menina. Por fim, tornou-se uma Kilsaney e, embora, nunca usassem os títulos, ao menos Laurie continuava em sua vida e precisava dela. Rosaleen jamais gostara de ir à cidade; odiava ouvir os moradores fofocarem sobre coisas de que não tinham conhecimento. As únicas vezes em que aparecia eram para ir à missa e vender seus legumes. Fazia quaisquer compras na cidade vizinha, onde

ninguém a interrogava.

Isso acontecera há dezessete anos e tudo corria bem, não da forma perfeita como ela desejara, porém satisfatória, até que George Goodwin, valente até o fim, protegera o castelo e se recusara a deixar que o comprassem, e aquela terrível criança, tão parecida com o pai, que devia ter sido sua filha, retornara, vez por outra, à vida deles, para mergulhá-la, novamente, em desordem. Tudo teria dado certo se Jennifer parasse de fazer perguntas, se houvesse apenas sido capaz de se recuperar, de modo que ela e Tamara voltassem a seguir com suas vidas em Dublin. Mas a cunhada retornara ao tempo em que lamentava a perda de Laurie, e passara a ter o mesmo comportamento. Ficara confusa, chorava de dor pela perda da pessoa errada. Rosaleen queria apenas que se resolvessem os problemas financeiros das duas para que elas partissem o mais rápido possível.

Não podia enfrentar a perda de mais nada. Amava Laurie mais que qualquer pessoa na vida, mas a mentira que ele a obrigara a manter levara uma profunda infelicidade a muitas pessoas. Ela o via agora. E sentia-se cansada. Farta de brigar pelo seu casamento com o adorável e admirável Arthur, que jamais concordara com a decisão de Laurie e com o acordo de Rosaleen de levar aquilo adiante. Seu lindo, amável e brando marido, que todo dia se dilacerava por causa da mentira contada a Jennifer e a Tamara, e que merecia mais. Estava farta de manter o segredo, cansada de correr de um lado para o outro, farta de não conseguir olhar ninguém nos olhos na aldeia por temer que soubessem o que ela fizera, por temer que adivinhassem o que acontecia no bangalô e no galpão, de onde a fumaça se elevava noite e dia. Queria que tudo terminasse. Queria que desaparecesse aquele bangalô que sempre lhe parecera uma prisão, que se tornara também uma prisão para Laurie e para a mãe. Ela libertaria todos. Certificou-se de que a mãe estivesse segura antes de riscar o fósforo.

“Por que, Rosaleen, por quê?”, perguntaram-lhe repetidas vezes diante do bangalô em chamas. “Por quê?” Sem resposta, tinham de continuar a lhe perguntar. Tudo pelo que ela passara, sua silenciosa tortura. Mas esse era o porquê. Sempre fora este o motivo: desde menina até se tornar mulher adulta, sempre amara Laurie demais.

Capítulo 26

O que Aprendemos Hoje

Sexta-feira, 7 de agosto.

Ouvi mamãe e Laurie conversarem até o sol raiar. Não sei o que diziam, mas o tom melhorou muito desde o que tenho ouvido nas últimas duas semanas. Irmã Ignatius os ajudou, até poucos dias antes, a esclarecerem tudo. É como qualquer coisa ruim ou assustadora que acontece: quando você a termina ou a supera, sente-se tão aliviado que se esquece de como a circunstância foi terrível, de como você se sentia infeliz, e quer vê-la mais uma vez, ou apenas se lembrar das partes boas, ou dizer a si mesmo que aquilo o ajudou a chegar à nova parte de si mesmo.

Nem tudo é bom nessa família. Nem tudo é perfeito. Desapareceu, porém, o elefante do quarto. Libertaram-no, agora ele se descontrola pelas estradas enquanto tentamos, todos, domá-lo. É a mesma coisa quando aquele que dá as cartas, as embaralha — mistura-as, desfaz a ordem, apenas para distribuí-las —, mas o baralho acabará por encontrar o caminho ordenado de novo. Foi isso o que aconteceu conosco. Há muito tempo, embaralharam-se as coisas e recebemos, todos, nossas cartas. Agora, as arrumamos e tentamos entender o sentido de todas elas.

Não creio que mamãe nem eu, algum dia, perdoaremos Laurie, Rosaleen e Arthur por esconderem segredo tão grande de nós, por levarem adiante tamanha mentira durante tanto tempo. Só o que podemos fazer é tentar entender que Laurie o fez porque queria o melhor para nós, por mais equivocado que estivesse. Afirma-nos que o fez porque nos amava e que nós teríamos uma vida melhor. Não é uma boa razão, assim como não basta saber tudo o que Rosaleen disse a ele, que ela influenciara sua opinião, nutrira-o, a ele e a mamãe, com mentiras, para que se justifique o que faziam. Esse não é um motivo perdoável, mas temos de tentar entender. Talvez, quando eu entendê-lo direito, possa perdoá-lo. Talvez, quando eu puder entender por que mamãe e papai mentiram para mim a respeito de meu pai verdadeiro, consiga perdoá-los. Acho que tudo isso se acha distante demais de mim para imaginar. Mas posso agradecer a Laurie por ter me dado um pai tão maravilhoso: George Goodwin era um bom homem, um pai admirável, que pensou em nós, mais uma vez, não importa em que medida, nem de que forma equivocada, até o fim. Opôs-se ao pai, até o fim da vida deste, em relação ao empreendimento de Kilsaney. Sabia que era a única coisa que meu pai biológico poderia ter deixado para mim, se tudo houvesse ocorrido do jeito que devia, se ele não tivesse perecido no incêndio. Também era o lar de mamãe. O lugar onde fora criada, de onde trazia todas as suas lembranças, e quando os bancos começaram a bater na porta, papai não podia se desfazer da propriedade. Eu preferiria ter meu pai a Kilsaney, mas sei o quanto ele nos amava e o que tentava fazer. Ambos meus pais abriram mão de

muito por nós. Só posso agradecê-los e me sentir afortunada por ser tão amada por duas pessoas. Talvez isso pareça inteiramente incompreensível para qualquer pessoa, mas se trata de minha vida, de como aprendi a lidar com a situação.

Arthur vai e volta do hospital, todos os dias, para visitar Rosaleen. Ela tem sido a pessoa mais felizarda do mundo por tê-lo, e jamais se deu conta disso. Vai sabê-lo agora, quando todos os demais lhe viraram as costas e Arthur continua lá; apesar de ter descoberto tudo o que a mulher fez, ele continua tentando trazer de volta aquela a quem ele ama. Considero sua lealdade inconcebível; por outro lado, nunca me apaixonei. Parece que isso faz as pessoas agirem de modo estranho. Ele apenas quer vê-la melhorar, mas, aqui entre nós, acho que ela jamais sairá daquele lugar. Qualquer que seja o problema de Rosaleen, está tão enraizado que se estende desde o passado e avança muito em sua vida recente, extirpando tudo o que ali brota.

Arthur e Laurie se reuniram. Arthur jamais perdoará Laurie pelo que o irmão fez, por fazê-lo participar de toda essa história. Mas acho que o perdoará mais rápido do que a si mesmo. Atormentou-se cada dia por não ter tomado a iniciativa, por não ter impedido a continuidade do plano, por permitir que a mentira prosseguisse ao me ver crescer, enquanto meu pai se encontrava num quarto, no outro lado da estrada, observando minha mãe sofrer a perda de um ente amado, enquanto seu amor estava bem ali em frente. Diz que muitas coisas o impediram, mas o fato de se dar conta do quanto mamãe amava George e de que grande pai ele era foi o maior motivo de todos. Suponho que seja mais fácil encontrar a saída de tudo quando se encontra a saída desse labirinto. Quando você fica presa no meio, numa série de becos sem fim que formam círculos, é difícil compreender qualquer coisa. Conheço essa sensação.

Eu? Me sinto meio vacilante, mas o estranho é que também me sinto mais forte. Me despedi para sempre de Zoey e Laura, depois que elas me pediram fotos da mão queimada para pôr em suas páginas do Facebook. Planejo convidar Fiona, a menina que me deu o livro no enterro, a essa casa, muito em breve. Quando as coisas se acalmarem pelo menos um pouco.

Então, essa é a história. Toda a história. Como eu disse no início, não espero que você acredite, mas é a verdade, cada palavra dela. Todas as famílias têm seus segredos, a maioria jamais os conhecerá, mas sabe que há espaços, lacunas onde devem se encontrar as respostas, onde alguém deve ter se sentado, onde alguém se habituou a ficar. Um nome nunca proferido ou proferido uma vez e nunca mais. Todos temos nossos segredos. Pelo menos os nossos foram desenterrados agora, ou começam a sê-lo. Me pergunto com frequência quanto de minha vida eu teria sabido se não fosse pelo diário. Às vezes, acho que o teria encontrado cedo ou tarde; quase sempre acho que era este o propósito do diário, pois, com certeza, tinha um propósito. Me conduziu até aqui. Me ajudou a descobrir os segredos, mas também me tornou uma pessoa melhor. Sei que isso soa muito sentimentaloide, mas me ajudou a compreender a existência dos amanhãs. Antes, concentrava-me apenas no agora. Dizia e fazia coisas a fim de obter o que eu queria naquele instante. Nunca parei para pensar em como cairia o resto dos dominós. O diário me ajudou a ver como uma coisa influencia a outra. Como posso, de fato, fazer diferença em minha

vida e na de outras pessoas. Sempre me lembro de como me senti atraída àquele livro na biblioteca itinerante de Marcus, quase como se estivesse ali apenas para mim, naquele dia. Acho que a maioria das pessoas entra nas livrarias sem a menor ideia do que querem comprar. De algum modo, os livros ficam ali, quase que por magia, desejosos que as pessoas os escolham. A pessoa certa para o livro certo. Parece que já sabem de qual vida precisam fazer parte, em qual delas podem fazer diferença ou podem ensinar uma lição, pôr um sorriso no rosto no momento preciso. Penso em livros de forma muito diferente agora.

Quando cursava o Ensino Fundamental, a professora sempre nos pedia que escrevêssemos um parágrafo ao fim de cada dia, intitulado: “O que aprendi hoje”. Nessa circunstância, sinto que ficaria mais fácil dizer: “O que não aprendi”. E a resposta é: nada. Absolutamente nada porque aprendi muito, cresci muito e isso não para nunca.

Pensei que toda essa coisa — descobrir quem eu sou — fosse o propósito para o diário. Pensei, depois do incêndio, que o diário se tornaria, mais uma vez, um caderno de anotações e eu teria de devolvê-lo à biblioteca itinerante e repô-lo na prateleira de não ficção, permitindo que alguém mais se beneficiasse dele. Mas não posso fazer isso. Não posso largá-lo, pois continua a me dizer sobre o amanhã e eu continuo a vivê-lo e, às vezes, tento vivê-lo melhor.

Fechei o diário, deixei o castelo e me dirigi ao pomar, onde combinara de me encontrar com Weseley junto à macieira com as inscrições.

— Ai, não! — ele disse, ao ver o diário debaixo de meu braço. — O que há agora?

— Nada ruim.

Me sentei a seu lado, sobre a manta.

— Não acredito em você. De que se trata?

— Na verdade, de mim e você. — Ri.

— O que tem aí a nosso respeito?

Ergui as sobrancelhas, de um jeito sugestivo.

— Ah, não! — Lançou os braços para o alto num gesto teatral. — Então, agora, além de salvá-la de casas em chamas, tenho de beijá-la?

Encolhi os ombros.

— Seja o que for.

— Onde acontece? Aqui?

Assenti.

— Tudo bem. Então... — Olhou-me sério.

— Então — respondi.

Pigarreei. Me preparei.

— Diz aí que sou eu quem a beija ou é você que me beija?

— Sem a menor dúvida, você me beija.

— Tudo bem.

Calou-se por um instante e, em seguida, inclinou-se e me beijou com ternura nos lábios. No meio do mais gostoso e sensual beijo que já me deram até então, ele abriu os olhos e se afastou.

— Você inventou isso, não? — perguntou, com os olhos arregalados.

— O que quer dizer? — Ri.

— Tamara Goodwin, você inventou isso! — Também riu. — Dê-me este livro. — Arrancou o diário das minhas mãos e fingiu que ia golpear minha cabeça com ele.

— Temos de fazer nossos próprios amanhãs, Weseley! — provoquei-o.

Me deitei de costas na manta e olhei a macieira que tantas vezes já observara.

Weseley se curvou sobre mim, os rostos juntos, os narizes quase se tocando.

— O que foi que ele disse realmente? — perguntou baixinho.

— Que eu acho que ficará tudo bem. E que escreverei amanhã de novo.

— Você sempre diz isso.

— E sempre faço.

— Está pronta? — perguntou e me examinou com atenção.

— Acho que sim — sussurrei.

— Certo. — Sentou-se e me levantou com ele. — Eu trouxe isso.

Pegou um saco plástico ao lado e o estendeu, aberto. Larguei o diário dentro. Relutante, a princípio. Então, assim que o vi dentro do saco, soube que era a decisão certa.

Weseley embrulhou o diário no saco plástico e me entregou.

— Você faz.

Ergui os olhos para a macieira: as inscrições dos nomes de minha mãe, Laurie, Arthur, Rosaleen e de dezenas de outros, que tinham tantas esperanças para o amanhã sob essa árvore; em seguida, me ajoelhei, pus o diário no buraco que Weseley cavara e tornamos a enchê-lo de terra.

Não menti quando disse que não podia largá-lo. Não posso largá-lo. Inteiramente, não. Talvez um dia, quando me encontrar de novo em dificuldade, eu o desenterre e veja o que tem a dizer. Mas, enquanto isso, terei de encontrar meu próprio caminho.

Obrigada por ler minha história! Escreverei amanhã de novo.

Notas

1 Goodwin, em inglês, significa “vitória boa” (N. T.).

2 Mascote dos anúncios da consagrada marca de produtos congelados (sobretudo frutos do mar) Birds Eye, fundada por Clarence Birdseye, na década de 1970, e muito difundida na Europa e nos Estados Unidos (N. T.).

3 No original, em inglês, “clue”, pista, e “clew”, novelo (N. T.).

4 *Os Cinco* (*The Famous Five*, no original) é uma coleção de livros de mistério e aventura, para crianças, escrita por Enid Blyton. A coleção é composta por 21 títulos e já foi adaptada para o cinema e para a televisão (N. T.).

5 Em inglês, *Rest in Peace*, do latim *Requiescat in pace*: “Descanse em paz” (N. T.).



DIGITAÇÕES E TRADUÇÕES